UNE ✦ SACRA

Bruxaria e Wicca

Livro de São Cipriano

✦ ✦ ✦

Anônimo (atribuído a São Cipriano)

Lisboa, séc. XIX

Créditos

Autor	Anônimo (atribuído a São Cipriano)
Data	fim do séc. XIX
Idioma original	Português
Versão	Lisboa, séc. XIX
Edição	1.3
Fonte	Biblioteca Nacional de Portugal — O grande livro de S. Cypriano ou o thesouro do feiticeiro
Licença	CC BY-NC-SA 4.0 · original: Domínio público

Sobre:

O Livro de São Cipriano é o grimório mais famoso de Portugal e do Brasil. A lenda diz que Cipriano de Antioquia era feiticeiro, converteu-se por causa da jovem Justina e morreu mártir; o livro nada tem a ver com o santo, nem com Cipriano de Cartago.

Circula em muitas edições diferentes (capa preta, capa de aço...). Esta é O Grande Livro de S. Cypriano ou o Thesouro do Feiticeiro, publicada em Lisboa no fim do século XIX pela Livraria Económica de J. Andrade & Lino de Sousa, com a ortografia atualizada.

Traz a vida do santo, orações, exorcismos, modos de ler as cartas e a sina, listas de tesouros escondidos na Galiza, receitas de magia e contos populares. (Nas receitas, "feto" é a planta, a samambaia.)

Aviso: é um documento histórico da religião e da superstição popular. Há feitiços com maus-tratos a animais, receitas perigosas e preconceitos da época, que o Une Sacra publica para estudo e não recomenda.

Fonte: https://purl.pt/16504

Transcrito do exemplar digitalizado pela Biblioteca Nacional de Portugal (domínio público), com a ortografia atualizada. Ficaram de fora os índices.

Consulte a fonte indicada acima para os termos de uso desta versão. O desenho deste arquivo é da Une Sacra (CC BY-NC-SA 4.0); o texto segue a licença indicada acima.

Edição digital gerada em 26 de novembro de 2026 pela Une Sacra, biblioteca aberta de textos sagrados. · UneSacra.com

Sumário

Advertência

Vida de São Cipriano

Primeira parte, capítulo 1: Instruções aos religiosos

Primeira parte, capítulo 2: Orações das horas abertas

Primeira parte, capítulo 3: Arrependimento e virtudes de São Cipriano

Primeira parte, capítulo 4: Sinais de malefícios

Primeira parte, capítulo 5: Os fantasmas das encruzilhadas

Primeira parte, capítulo 6: Exorcismo

Primeira parte, capítulo 7: O desencanto dos tesouros

Primeira parte, capítulo 8: Novo sistema de deitar as cartas

Primeira parte, capítulo 9: Maneira de ler as sinas

Poderes ocultos, cartomancia, orações e esconjuros

Novo tratado de cartomancia

Segunda parte: A cruz de São Bartolomeu e o verdadeiro tesouro da mágica

Segunda parte: Mistérios da feitiçaria

Segunda parte: Arte de adivinhar pelo crânio e pela fisionomia

Segunda parte: Cartomancia cruzada

Segunda parte: Explicação dos sonhos

Terceira parte: Advertência

Enguerimanços, capítulo 1

Enguerimanços, capítulo 2

Enguerimanços, capítulo 3

Enguerimanços, capítulo 4

Enguerimanços, capítulo 5

Enguerimanços, capítulo 6

Enguerimanços, capítulo 7

Enguerimanços, capítulo 8

Enguerimanços, capítulo 9

Enguerimanços, capítulo 10

Enguerimanços, capítulo 11

Enguerimanços, capítulo 12

Enguerimanços, capítulo 13

Enguerimanços, capítulo 14

Os tesouros da Galiza

Espíritos diabólicos que infestam as casas

Poderes ocultos do ódio e do amor

Alquimia, ou arte de fazer ouro

A feiticeira de Évora, ou história da sempre noiva

ADVERTÊNCIA

✦

1 ADVERTÊNCIA

São muitas as edições que se hão publicado do Livro de S. Cipriano, e todas elas, ao que parece, têm sido bem acolhidas pelo público.

2 Todas essas edições, porém, são divididas em DOIS VOLUMES, ou duas partes, e não está por conseguinte, nenhuma delas completa.

3 A obra que damos a público, sob o título de Grande Livro de S. Cipriano ou Tesouro do Feiticeiro, consta de TRÊS VOLUMES, ou três partes distintas, a saber:

4 PRIMEIRO VOLUME

Vida de S. Cipriano.
Instruções aos religiosos.
Orações para o meio-dia, Trindades e meia-noite.
Maneira de desencantar tesouros e os lugares onde se encontram os mesmos.
Explicação dos fantasmas e sombras.
Arte de deitar as cartas.
Maneira de ler as sinas.
Poderes ocultos, etc.

5 SEGUNDO VOLUME

A cruz de S. Bartolomeu e S. Cipriano.
Verdadeiro tesouro da mágica preta e branca.

Segredos da feitiçaria, para o bem e para o mal.
Receitas para apressar casamentos, etc.

6 TERCEIRO VOLUME
Enguerimanços de S. Cipriano, ou prodígios do Diabo, história verdadeira acontecida no reino da Galiza.
Os tesouros da Galiza.
Espíritos diabólicos que infestam as casas com estrondos, e remédios para os evitar.
Buena-dicha, arte de ler o futuro na palma das mãos.
Alquimia ou arte de fazer ouro.
Poderes ocultos do ódio e do amor.
A feiticeira de Évora, ou história da sempre noiva, etc.

7 Prevenimos, pois, as pessoas que têm predileção por esta ordem de leituras, que o Grande Livro de S. Cipriano, se compõe de TRÊS VOLUMES, e quem não possuir toda a edição não poderá conhecer a fundo o extraordinário poder daquele notável mágico.

8 Devemos o original do 3.º volume, que completa o Livro de S. Cipriano, ao seu coletor, o nosso prezado amigo de Barcelona, D. Gumerzindo Ruiz Castillejo y Moreno, proprietário da Biblioteca Académica Peninsular Catalana, que nos vendeu o direito exclusivo de traduzi-lo em português. [Nota: Nota do primeiro editor. En la calidad de único dueño del libro titulado: ENGUERIMANZOS DE S. CYPRIANO, Ó SEA PRODIGIOS DEL DIABLO, con otras reglas concernientes al mismo asunto, hacemos público que los derechos de estamparlo por la imprenta en los dominios de Portugal quedanse propiedad del Sr. Domingos M. Fernandes, editor en Lisboa (Portugal). [Nota: Por escritura lavrada nas notas do tabelião Godi-

nho, passaram estes direitos para Frederico Napoleão de Vitória, livreiro-editor em Lisboa (Portugal).]

Barcelona el 25 marzo 1885.

D. Gumerzindo Ruiz Castillejo y Moreno.

(Signo del notario)]

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

VIDA DE SÃO CIPRIANO

✦

1 VIDA DE S. CIPRIANO EXTRAÍDA DO FLOS SANCTORUM OU VIDA DE TODOS OS SANTOS

Cipriano (denominado o Feiticeiro, para distinguir-se do célebre Cipriano, bispo de Cartago), nasceu em Antioquia, situada entre a Síria e a Arábia, pertencente ao governo da Fenícia. Seus pais, idólatras, e providos de copiosas riquezas, vendo que a natureza o dotara dos talentos próprios para conciliar a estimação dos homens o destinaram para o serviço das falsas divindades, fazendo-o instruir em toda a ciência dos sacrifícios que se ofereciam aos ídolos, de modo que ninguém, como ele, tinha tão profundo conhecimento dos profanos mistérios do bárbaro gentilismo.

2 Na idade de trinta anos fez ele uma viagem ao país da Babilónia para aprender a astrologia judiciária e os mistérios mais recônditos dos supersticiosos caldeus. E sobre a grave culpa de empregar em tais estudos o tempo que lhe era concedido para conhecer e seguir a verdade, aumentou Cipriano a sua malícia e a sua iniquidade, quando se deu inteiramente ao estudo da mágica, para conseguir por meio desta arte, um estreito comércio com os demónios; praticando ao mesmo tempo uma vida impura e absolutamente escandalosa.

3 E conquanto um verdadeiro cristão chamado Eusébio, que havia sido seu companheiro de estudos, lhe fizesse amiudadas vezes vigorosas censuras sobre a sua má vida procurando arrancá-lo do abismo profundo em que o via precipitado, não só desprezava ele as suas exortações e censuras, mas também ainda se valia do seu infernal engenho para ridicularizar os sacrossan-

tos mistérios e virtuosos professores da lei cristã, por ódio à qual chegou a unir-se com os bárbaros perseguidores, para obrigar os cristãos a renunciarem o Evangelho e renegarem a Jesus Cristo.

4 Tinha chegado a este estado a vida de Cipriano, quando a infinita misericórdia de Deus se dignou iluminar e converter este infeliz vaso de contumélias e ignomínias em um vaso de eleição e de honra; valendo-se e servindo-se da sua divina graça para obrar no coração de Cipriano este prodigioso milagre da sua omnipotência, do meio exterior que vamos historiar.

5 Vivia em Antioquia uma donzela de nome Justina, não menos rica do que bela, a quem seu pai Edeso e sua mãe Cledónia, educaram com muito cuidado nas superstições do paganismo. Porém, Justina, dotada como era, dum claro engenho, assim que ouviu as pregações de Prailo, diácono de Antioquia, abandonou as extravagâncias gentílicas; e abraçando a fé católica, conseguiu converter dali a pouco os seus próprios pais.

6 Constituída cristã, a ditosa virgem, tornou-se ao mesmo tempo uma das mais perfeitas esposas de Jesus Cristo, consagrando-lhe a sua virgindade, e procurando adquirir todos os meios de conservar esta delicada virtude, para cujo efeito observava cuidadosamente a modéstia, entregando-se às orações e ao retiro. Não obstante isto, vendo-a um pobre mancebo de nome Aglaide, lhe captou tanto os agrados, que logo a pediu a seus pais para esposa, ao que eles anuíram; e só não pôde, por mais diligências que fez o tal pretendente, obter o consenso da mesma Justina.

7 Valeu-se então Aglaide das indústrias de Cipriano, o qual, com efeito, empregou todos os meios mais eficazes da sua diabólica arte para satisfazer ao namorado amigo. Ofereceu aos demónios muitos e abomináveis sacrifí-

cios, e eles lhes prometeram o desejado sucesso investindo logo a santa com terríveis tentações e horríveis fantasmas.

7.2 Porém, ela, fortalecida pela graça de Deus, que tinha merecido com orações contínuas, rigorosas austeridades, e sobretudo, com o patrocínio da Santíssima Virgem (a quem ela chamava sua mãe amantíssima), ficou sempre vitoriosa.

8 Indignado Cipriano por não poder vencê-la, se levantou contra o demónio, que estava presente, e lhe falou desta maneira: «Pérfido, já vejo a tua fraqueza, quando não podes vencer a uma delicada donzela, tu, que tanto te jactas do teu poder e de obrar prodigiosas maravilhas! Dize-me, logo de onde procede esta mudança, e com que armas se defende aquela virgem para deixar inúteis os teus esforços?

9 Então o demónio, obrigado por uma divina virtude, lhe confessou a verdade, dizendo-lhe que o Deus dos cristãos era o supremo Senhor do céu, da terra e dos infernos; e que nenhum demónio podia obrar contra o sinal da Cruz com que Justina continuamente se armava. De maneira que, por este mesmo sinal, logo que ele lhe aparecia para a tentar, era obrigado a fugir.

10 — «Pois se isso assim é, (replicou Cipriano), eu sou bem louco em me não dar ao serviço dum Senhor mais poderoso do que tu. E assim, se o sinal da Cruz em que morreu o Deus dos cristãos te faz fugir, não quero já servir-me dos teus prestígios, antes renuncio inteiramente a todos os teus sortilégios, esperando na bondade do Deus de Justina que haja de me admitir por seu servo.»

11 Irritado então o demónio de perder aquele, por meio do qual fizera tantas conquistas, se apoderou do seu corpo. Porém, (diz S. Gregório), foi logo obrigado a sair, pela graça de Jesus Cristo, que estava senhor do seu coração. Teve pois Cipriano que suster vigorosos combates contra os inimigos da sua alma; mas o Deus de Justina, a quem ele sempre invocava, lhe valeu com o seu auxílio, e o fez ficar vitorioso.

12 Concorreu também muito para este efeito o seu amigo Eusébio, a quem Cipriano procurou logo, e lhe disse com muitas lágrimas: «Meu grande amigo, chegou para mim o ditoso tempo de reconhecer meus erros e abomináveis desordens, e espero que o teu Deus, que já confesso ser o único e verdadeiro, me admitirá no grémio dos seus ínfimos servos, para maior triunfo da sua benigna misericórdia.»

13 Muito satisfeito Eusébio por uma tão prodigiosa mudança, abraçou afetuosamente o seu amigo, e lhe deu muitos parabéns pela sua heroica resolução, animando-o a confiar sempre na infalível verdade do puríssimo Deus, que nunca desampara aos que sinceramente o procuram. E assim fortificado o venturoso Cipriano, pôde resistir com valor a todas as tentações diabólicas.

14 Para este efeito fazia ele, sem cessar, o sinal da Cruz, e tendo sempre nos lábios e no coração o sacrossanto nome de Jesus, não cessava de invocar a assistência da Santíssima Virgem.

14.2 Vendo, pois, os demónios inteiramente frustrados todos os seus artifícios, aplicaram o seu esforço maior em o tentar de desesperação, propondo-lhe, com viveza de espírito, estes e outros tais discursos e reflexões: «Que o Deus dos cristãos era sem dúvida o único Deus verdadeiro, mas que era um Deus de pureza, um Deus que punia com severidade extrema

ainda os menores crimes, de que a maior prova eram eles mesmos, que por um só pecado de soberba foram condenados a uma pena extrema. Em cujo suposto, como haveria perdão para ele, que pelo número e gravidade das suas culpas tinha já um lugar preparado no mais profundo do inferno.

14.3 E que portanto não tendo misericórdia que esperar, cuidasse unicamente em se divertir, satisfazendo à rédea larga todas as paixões da sua vida.»

15 Na verdade, esta tentação veemente, pôs em grande perigo a salvação de Cipriano. Mas o amigo Eusébio, a quem ele o referiu, o animou e consolou, propondo-lhe com eficácia benigna misericórdia com que Deus recebe e generosamente perdoa aos pecadores arrependidos, por maiores que sejam os seus pecados. Depois o mesmo Eusébio o conduziu à assembleia dos fiéis, aonde se admitiam as pessoas que desejavam instruir-se em tão luminosos mistérios.

16 Afirma o próprio S. Cipriano, no livro da sua Confissão, que a vista do respeito e piedade de que estavam penetrados os fiéis, adorando ao verdadeiro Deus, o tocou vivamente no coração. Diz ele: «Eu vi cantar naquele coro os louvores de Deus e terminar cada verso dos salmos com a palavra hebraica Aleluia; tudo com atenção tão respeitosa e com tão suave harmonia, que me parecia estar entre os anjos ou entre os homens celestes.»

17 No fim da função admiraram-se os assistentes de que um tal presbítero, como era Eusébio, introduzisse a Cipriano naquele sagrado congresso. E o mesmo bispo, que estava presidindo, muito mais o estranhou: porque não julgava sincera a conversão de Cipriano. Porém, ele, dissipou logo essas dú-

vidas, queimando na presença de todos, os seus livros de mágica, e introduzindo-se no número dos catecúmenos, depois de haver distribuído todos os seus bens aos pobres.

18 Instruído, pois, Cipriano, e com suficiente disposição, o bispo o batizou, e juntamente a Aglaide, apaixonado de Justina, que arrependido da sua loucura, quis emendar a vida e seguir a fé verdadeira. Tocada Justina destes dois exemplos da divina misericórdia, cortou os seus cabelos em sinal do sacrifício que fazia a Deus da sua virgindade, e repartiu também pelos pobres todos os bens que possuía.

19 Cipriano, depois disto, fez maravilhosos progressos nos caminhos do Senhor; a sua vida ordinária foi um perene exercício na mais rigorosa penitência. Via-se muitas vezes na igreja, prostrado por terra, com a cabeça coberta de cinza, rogando a todos os fiéis que implorassem para ele a divina misericórdia. E para mais se humilhar e suprimir a sua antiga soberba, obteve à força de muitos rogos, que se lhe desse o emprego de varredor da igreja.

20 Ele morava em companhia do presbítero Eusébio, a quem venerou sempre como a seu pai espiritual. E o divino Senhor, que se digna ostentar os tesouros da sua clemência sobre as almas humildes e sobre os grandes pecadores, verdadeiramente convertidos, lhe concedeu a graça de obrar milagres.

20.2 Isto junto à sua natural eloquência, concorreu muito para converter à fé um grande número de idólatras, servindo-se para isso do famoso escrito da sua Confissão, na qual, fazendo públicos os seus crimes e enormes excessos; animava à confiança, não só dos fiéis, mas dos maiores pecadores.

21 Entretanto o nome de S. Cipriano, o seu zelo, e as numerosas conquistas que fazia para o reino de Jesus Cristo, não podiam ser ignoradas dos imperadores. Diocleciano, que então se achava em Nicomédia, informado das maravilhas que obrava S. Cipriano, e da perfeita santidade da virgem Justina, passou ordem para serem presos, o que logo executou o juiz Eutolmo, governador da Fenícia.

22 Conduzidos, pois, à presença deste juiz, responderam com tanta generosidade e confessaram com tanta eficácia a fé de Jesus Cristo, que pouco faltou para converterem o ímpio bárbaro. Mas, para que não se julgasse que ele favorecia os cristãos, mandou logo açoutar com duras cordas, a santa Justina, e despedaçar com pentes de ferro as carnes de S. Cipriano, tudo com tamanha crueldade que até aos mesmos pagãos causou horror!

23 Vendo, então, o tirano que nem promessas, nem ameaças, nem aquele rigoroso suplício, nada abatia a firme constância dos generosos mártires, mandou lançar a cada um em uma grande caldeira cheia de pez, de banha e cera a ferver. Mas, o prazer e satisfação que se admirava no rosto e nas palavras dos mártires, davam bem a conhecer que nada padeciam com aquele tormento. E o caso é, que até se percebia que o mesmo fogo que estava debaixo das caldeiras, não tinha o mínimo calor.

24 O que visto por um sacerdote dos ídolos, grande feiticeiro, chamado Atanásio (que algum tempo fora discípulo do mesmo Cipriano), e julgando que todos aqueles prodígios procediam dos sortilégios do seu antigo mestre, e querendo ganhar nome e reputação maior entre o povo, invocou os demónios com as suas cerimónias mágicas e se lançou deliberadamente na mesma caldeira donde Cipriano foi extraído. Porém, logo perdeu a vida, e se lhe despegou a carne dos ossos.

25 Produziu este facto um novo resplendor às maravilhas do nosso santo, e esteve para haver naquela cidade um grande motim em seu favor. Intimado, pois, o juiz, tomou o partido de enviar os mártires a Diocleciano, que estava por esse tempo em Nicomédia, informando-o, por escrito, de tudo o que se havia passado.

25.2 Lida, que foi a carta do governador, mandou Diocleciano que sem mais formalidades dos processos do costume, fossem degolados Cipriano e Justina; o que se executou no dia 26 de setembro, nas margens do rio Galo, que passa pelo meio da referida cidade.

26 E chegando naquela ocasião um bom cristão chamado Teotisto, a falar em segredo a S. Cipriano, foi Teotisto condenado logo a ser também degolado. Era este venturoso homem um marinheiro que vindo das costas da Toscana desembarcara próximo de Bitínio.

26.2 Os seus companheiros, que eram todos cristãos, tendo notícia daquele sucesso, vieram de noite apreender os corpos dos três mártires e os conduziram a Roma, aonde estiveram ocultos em casa de uma pia senhora, até que no tempo de Constantino, o Magno, foram trasladados para a basílica de S. João de Latrão.

27 REFLEXÕES DOUTRINAIS

O grande padre da igreja S. Gregório Nazianzeno, elogiando em uma das suas melhores orações os dois santos mártires, Cipriano e Justina, convida não só às virgens, senão também às casadas, a que imitem aquela santa no glorioso esforço que observou nos seus combates. Diz o santo doutor:

28 «Vendo ela furiosamente acometido o candor da sua pureza, pelos impulsos dos homens lascivos e sugestões dos demónios impuros, recorreu às armas da oração e mortificação, macerando o corpo com jejuns, e invocando

com fervor e humildade o auxílio do seu celeste esposo, e o poderoso patrocínio da Santíssima Virgem.

29 Valham-se, pois, das mesmas armas quando se virem tentadas pelo poder das trevas. E o Senhor, certamente, as defenderá, para que não só não fiquem vencidas, senão ainda com maior mérito e com a prometida coroa a quem se porte com valor na batalha. E por fim, conclui o santo doutor, propondo a conversão admirável de S.

29.2 Cipriano, extraído do profundo abismo da iniquidade, para que anime e sirva de conforto aos pecadores (por mais oprimidos que se vejam de inumeráveis e enormes culpas), para confiarem sempre na divina misericórdia, que excede infinitamente a todos os pecados dos homens, e pode, por virtude da sua graça, abrandar os corações mais duros; e reduzindo-os logo ao exercício de uma sincera penitência, elevá-los, depois, a um eminentíssimo grau de eterna glória.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PRIMEIRA PARTE, CAPÍTULO 1: INSTRUÇÕES AOS RELIGIOSOS

✦

1 CAPÍTULO 1

Instruções aos religiosos e religiosas que vão tratar duma moléstia. Regra que todo o religioso deve estudar para saber se as moléstias de que vai tratar são ou não obra de feitiçaria ou do diabo

Não devemos, facilmente, crer que todas as moléstias são feitiços ou arte do demónio, pois estamos a ver, a cada passo, pessoas que padecem moléstias naturais; mas quando a doença se prolonga e não tem cura, atribuem-na a feitiços, quando é o contrário.

2 Costumam ir a casa de certas mulheres e certos homens, que pouco sabem conhecer o que é natural ou sobrenatural, que começam a fazer esconjurações e às vezes a amaldiçoarem espíritos que em nada são culpados. Essas impostoras e impostores ficam sendo amaldiçoados por Deus, como diz S. Cipriano na sua obra, cap. XVI.

3 Rogo, pois, de todo o meu coração, aos religiosos que estudem com atenção estas instruções, para não se exporem à maldição do Criador, isto, porque havemos de notar que tudo quanto fizermos é em nome de Jesus Cristo, e por esse motivo não o devemos ofender, mas sim invocar o seu Santo Nome para que nos assista à hora em que estivermos a orar pelo enfermo, para não sermos enganados, se a moléstia é ou não obra do feitiço ou dos espíritos infernais.

3.2 No fim destas instruções citarei uma oração em latim para ser lida junto ao enfermo por três vezes, porque se for feitiço ou espíritos benignos ou malignos eles falarão, declarando que estão dentro da criatura, pois logo ela principia a afligir-se convulsamente. Dado este caso tende a certeza de que a moléstia é sobrenatural e não natural e, portanto, logo devereis dizer:

4 «Eu te rogo espírito, em nome de Deus Todo-Poderoso, que me declares por que é que andas a molestar este corpo (aqui pronuncia-se o nome do enfermo), pois eu te conjuro para que me digas o que pretendes do mundo corporal? Aqui está o protetor que vai rogar ao Senhor por ti para que sejas purificado no reino da Glória.»

5 No fim desta invocação o religioso logo compreende se o espírito anda no mundo à procura de caridade, porque logo que lhe digam: «vou rogar por ti», o doente sossega e fica tranquilo. Se assim acontecer devem todos pôr-se de joelhos, e dizer em coro a seguinte oração:

6 ORAÇÃO PELOS BONS ESPÍRITOS PARA OS LEVAR A DEUS E DEIXAREM A CRIATURA
Quando se diz ao espírito: «Tu sossega que eu oro a Deus por ti», aflige-se a pessoa ainda mais e isto denota que o espírito que tem dentro é mau.

7 Faça-se, então, a esconjuração de S. Cipriano.

8 Mas, meu bom leitor, rogo-te, em nome de Deus, que não trates de nenhuma moléstia sem que primeiro tenhais estudado bem estas regras. É preciso notar que cada uma das orações que contém este livro tem a sua aplicação, e a que serve para uma cousa, não serve para outra. São cinco as orações que se encontram neste bom livro:

9 1.º Para rogar a Deus pelos espíritos bons.

2.º Para esconjurar espíritos maus.

3.º Para curar moléstias, mesmo naturais, sem que sejam obra de feitiço ou diabrura.

4.º Para esconjurar os encantos ou tesouros encantados.

5.º Para fechar uma morada em um corpo aberto, para que os espíritos não tornem a entrar naquele corpo.

10 São estas as principais orações, mas além disto este livro encerra muitíssimas coisas curiosas, com que o leitor, certamente, se identificará.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PRIMEIRA PARTE, CAPÍTULO 2: ORAÇÕES DAS HORAS ABERTAS

✦

1 CAPÍTULO II

Novas orações das horas abertas

PARA O MEIO-DIA

Ó Virgem dos Céus sagrados,
Mãe do nosso Redentor,
Que entre as mulheres tens a palma,
Traz alegria à minh'alma
Que geme cheia de dor,
E vem depor nos meus lábios
Palavras de puro amor;
Em nome do Deus dos mundos
E também do filho amado
Onde existe o sumo bem,
Seja para sempre louvado
Nesta hora bendita. Ámen.

2 PARA AS TRINDADES

Que a Santíssima Trindade
Sempre acompanhe a meus passos,
E me estenda amigos braços
Nas horas de infelicidade.
Que me ajude o Padre Eterno,
E me abençoe Jesus.

Que o espírito me dê luz
Contra as tentações do inferno.
Que eu passe toda a existência
A praticar sempre o bem,
E a Trindade Sacratíssima
Me guie na terra. Ámen.

3 PARA A MEIA-NOITE

Ó meu bom Anjo da Guarda,
Esteja ao meu lado agora.
E venha sempre a esta hora
Livrar-me de más visões;
E que Deus guarde a minh'alma
De algum pecado mortal,
E evite os sonhos e ideias
Que aos meus irmãos façam mal.
Ó meu bom Anjo da Guarda,
Pede à [...] nossa Mãe,
Que me afaste do pecado
Por toda esta vida. Ámen.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PRIMEIRA PARTE, CAPÍTULO 3: ARREPENDIMENTO E VIRTUDES DE SÃO CIPRIANO

✦

[1] CAPÍTULO III

Arrependimento e virtudes de S. Cipriano

Cipriano (o Feiticeiro, como já dissemos, porque desde tenra idade até aos 30 anos teve pacto com o diabo e relações íntimas com todos os espíritos infernais), nasceu em Antioquia, entre a Síria e a Arábia, pertencente ao governo da Fenícia. Seus pais idólatras e possuidores de grandes riquezas vendo que a natureza o dotara com talentos necessários para granjear a estima dos homens, o destinaram ao serviço das falsas divindades, mandando-o estudar toda a ciência dos sacrifícios que se ofereciam aos ídolos; de maneira que ninguém como ele conhecia a fundo os profanos mistérios do gentilismo. Depois de ter feito os 30 anos empreendeu uma viagem para ir ter com um religioso chamado Eusébio que fora seu companheiro de colégio, e que durante esse tempo o censurava por causa da sua vida errada, para ver se o afastava do abismo insondável em que o via. Mas Cipriano não quisera nunca atender às suas rogativas, e antes o desprezava e metia a ridículo.

[2] Porém, certo dia, Eusébio tanto orou a Deus, que as suas orações foram ouvidas no céu. A misericórdia divina dignou-se iluminar e converter esta infeliz vítima da astúcia de Satanás em uma criatura devotada à religião, servindo-se da sua divina graça para mostrar no coração de Cipriano este grande prodígio, pelo meio que vamos expor:

3 Achava-se em Antioquia uma donzela por nome Justina, tão rica de haveres como de beleza, à qual seu pai Edeso e sua mãe Cledónia educaram primorosamente nas superstições do paganismo. Porém, Justina, dotada como era dum claro engenho, assim que ouviu as pregações de Prailo, diácono de Antioquia, renunciou o gentilismo e abraçando a fé católica, converteu daí a pouco seus pais.

4 A ditosa Justina, depois de cristã, fez-se uma das mais perfeitas filhas de Jesus, consagrando-lhe a sua virtude e virgindade, e buscando adquirir por todos os meios esta delicada virtude, para cujo efeito observava com o máximo cuidado a modéstia e o retiro.

4.2 Mas, apesar disto, vendo-a um pobre mancebo de nome Aglaide, lhe conciliou tanto os agrados que a foi pedir em casamento a seus pais, no que eles concordaram, mas não o pôde efetuar o pretendente, por Justina se negar a dar o seu consenso. Foi, então, procurar Cipriano, o qual empregou todos os meios mais eficazes da sua arte diabólica para satisfazer ao empenho do amigo. De nada, porém, serviram os feitiços de Cipriano.

5 Então, Cipriano, cheio de desesperação, ofereceu aos demónios muitos abomináveis sacrifícios, e eles lhe prometeram tudo o que pretendia, investindo Justina com grandes tentações e fantasmas; porém, ela fortalecida com os auxílios da graça que havia merecido com orações e rigorosas austeridades e com o patrocínio da Santíssima Virgem, sempre ficou vitoriosa.

5.2 Agitado, Cipriano, pela inutilidade dos seus esforços, voltou-se para o demónio, que ali estava, e disse-lhe desta forma: «Maldito e pérfido, já vejo a tua fraqueza, pois não [...] vencer uma delicada donzela, tu que tanto blasonas do teu poder. Diz-me com que armas se defende aquela santa virgem para tornar inúteis os teus esforços?»

6 Então o demónio, obrigado por uma divina virtude, confessou-lhe a verdade, dizendo que o Deus dos cristãos era o supremo Senhor do céu, da terra e dos infernos, e que nenhum demónio podia operar contra o sinal da Santa Cruz com que Justina se armava, de sorte que, por este sinal, logo que ele aparecia para a tentar, era imediatamente obrigado a fugir.

7 Cipriano disse: «Pois se assim é, o Senhor tem mais poder do que tu, e se o sinal da Cruz te faz fugir, eu te esconjuro e aborreço em nome do Deus dos cristãos.» E Cipriano pôs os braços em cruz, em sinal da Cruz de Cristo. O demónio irritado, apoderou-se do feiticeiro e lançou-o no inferno. Mas, dali a pouco, foi o diabo intimado por S. Gregório a apresentar Cipriano no seu antigo estado, o que o Santo levou a efeito à força de orações.

8 Cipriano, daí em diante, foi-lhe difícil viver, porque o diabo estava sempre a aparecer-lhe para o tentar; porém, Cipriano, punha logo os braços em Cruz e afugentava-o sempre.

9 S. Gregório disse a [...] que se não salvaria enquanto se não desligasse de tudo a que se tinha ligado. Cipriano revestiu-se da graça de Deus e alugou uma pobre casa, com o fim de chamar ali todas as prestigiações do demónio. Passado pouco tempo foi Cipriano elevado pela graça de Deus ao reino dos justos. [Nota: Na 2.ª e 3.ª partes deste livro se encontra a descrição dos feitiços de que usou S. Cipriano enquanto mágico.]

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PRIMEIRA PARTE, CAPÍTULO 4: SINAIS DE MALEFÍCIOS

✦

1 CAPÍTULO IV

Sinais de haver malefícios nas criaturas.

Oração que se lê ao enfermo para se saber se a moléstia é natural ou sobrenatural, e a qual os religiosos devem estudar bem no Cap. 1 e nas instruções; sem isso não podem prestar bons serviços ao doente.

Esta oração deve dizer-se em latim para que o enfermo não possa usar de impostura; isto, porque, não sabendo o doente quando se há de mover ou estar quieto, não poderá enganar o religioso.

2 Damos em seguida uma oração em português, para o mesmo fim.

3 Sinais de haver malefícios nas criaturas:

Se o religioso entender que é demónio ou alma perdida, diga a ladainha; depois de a dizer ponha-lhe o preceito que adiante vai em português.

4 «Praecipitur in Nomine Jesu, ut desinat nocere aegroto, statim cesset delirium, et [...] discurrat. Si cadat, ut mortuus, et sine mora surget ad praeceptum Exorcistae factum in Nomine Jesu. Si in aliqua parte corporis sit dolor, vel tumor, et ad signum Crucis, vel imposito praecepto in Nomine Jesu cessat. Si sine causa velit sibi mortem inferre, se praecipitem dare. Quando imaginationi se praesentant res inhonestae contra Imagines Christi, et Sanctorum, et [...] eodem tempore sentiant in capite, ut plumbum, aut aquam frigidam, vel ferrum ignitum, et hoc fugit ad signum Crucis vel invocato Nomine Jesu.

4.2 Quando Sacramenta, Reliquias, et res sacras odit; quando nulla praecedente tribulatione, desperat, se dilacerat. Quando subito patienti lumen aufertur, et subito restituitur; quando diurno tempore nihil videt, et nocturno bene videt et sine luce legit epistolam: Et subito fiat surdus, et postea bene audiat, non solum materialia, sed spiritualia. Si per septem, vel novem dies nihil, vel parum comedens fortis est, et pinguis, sicut antea. Si loquitur de Mysteriis ultra suam capacitatem, quando non constat de illius sanctitate.

4.3 Quando ventus vehemens discurrit per totum corpus ad modum formicarum; quando elevatur corpus contra voluntatem patientis, et non apparet a quo levetur. Clamores, scissio vestium, [...] dentium, quando patiens non est stultus; vel quando homo natura debilis non potest teneri a multis. Quando habet linguam tumidam, et nigram, quando guttur inflatur, quando audiuntur rugitus leonum, balatus ovium, latratus canum, porcorum grunnitus, et similium. Si varie praeter naturam vident et audiunt, si homines maximo odio persequuntur; si praecipites se exponunt, si oculos horribiles habent, remanent sensibus destituti.

4.4 Quando corpus tali pondere afficitur, ut a multis hominibus [...] benedicti; quando ab Ecclesia fugit, et aquam benedictam non consentit; quando iratos se ostendunt contra Ministros superponentes Reliquias capiti (etiam occulte). Quando Imagines Christi, et Virginis Mariae nolunt inspicere sed conspuunt, quando verba sacra nolunt proferre, vel si proferant, illa corrupte, et balbutienter student proferre. Cum superposita capiti manu sacra ad lectionem Evangeliorum conturbatur aegrotus, cum plusquam solitum palpitaverit, sensus occupantur, guttae sudoris defluunt, anxietates sentit; [...] usque ad Caelum mittit, se prosternit, vel similia facit.»

PRECEITO

Ao demónio ou demónios para que não mortifiquem o enfermo durante o tempo em que se esconjura

Este preceito deve-se repetir muitas vezes, principalmente às mulheres grávidas, para que não tenham algum vómito com os fortes ataques que os demónios causam nesta ocasião:

«Eu, como criatura de Deus, feita à sua semelhança e remida com o seu santíssimo sangue, vos ponho preceito, demónio ou demónios, para que cessem os vossos delírios, para que esta criatura não torne a ser por vós atormentada com as vossas fúrias infernais.

«Pois o nome do Senhor é forte e poderoso, por quem eu vos cito e notifico que vos ausenteis deste lugar para fora. Eu vos ligo eternamente no lugar que Deus nosso senhor vos destinar; porque com o nome de Jesus piso, rebato e vos aborreço mesmo do meu coração para fora. O Senhor seja comigo e com todos nós, ausentes e presentes, para que tu, demónio, não possas jamais atormentar as criaturas do Senhor. Fugi, fugi, partes contrárias, que vencem o leão de Judá e a raça de David.

«Amarro-vos com as cadeias de S. Paulo e com a toalha que limpou o santo rosto de Jesus Cristo, para que jamais possais atormentar os viventes.»

Em seguida faça-se o ato de contrição.

Depois disto deve dizer-se a oração de S. Cipriano para desfazer toda a qualidade de feitiçaria e esconjurações dos demónios, espíritos malignos ou ligações que tenham feito homens ou mulheres, ou para rezar em uma casa

que se julgue estar possessa de espíritos malignos e mesmo para tudo que diz respeito a moléstias sobrenaturais.

11 Nesta oração deve dizer-se muitas vezes: «Eu, Cipriano, servo de Deus, desligo tudo quanto tenho ligado.» Mas o religioso não deve pronunciar o nome do santo, mas só falar em seu nome dizendo: «Eu... desligo tudo quanto está ligado.»

12 Invoca-se o Santo, mas não se lhe pronuncia o nome, porque nesta 1.ª parte vai só a vida de S. Cipriano, extraída do santo livro por ele mesmo escrito, e no qual há restrições a esse respeito. Nas duas restantes partes desta obra, porém, é o leitor posto ao corrente de tudo que o interessa.

13 Oração
«Eu, Cipriano, servo de Deus a quem amo de todo o meu coração, corpo e alma, e pesa-me por vos não amar desde o dia em que me deste o ser. Porém, vós, meu Deus e meu Senhor, sempre vos lembrastes um dia deste vosso servo Cipriano.

14 «Agradeço-vos, meu Deus e meu Senhor, de todo o meu coração os benefícios que de vós estou recebendo, pois agora, ó Deus das alturas, dai-me força e fé para que eu possa desligar tudo quanto eu tenho ligado, para o que eu invocarei sempre o vosso Santíssimo Nome. Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. Ámen.

15 «Vós que viveis e reinais por todos os séculos, Ámen. É certo, Nosso Deus, que agora sou vosso servo Cipriano, dizendo-vos: Deus forte e poderoso que morais no grande cume, que é o céu, onde existe o Deus forte e santo, louvado sejais para sempre.

16 «Vós que vistes as malícias deste vosso servo Cipriano e tais malícias pelas quais eu fui metido debaixo do poder do diabo; mas eu não conhecia o vosso Santo Nome. Ligava as mulheres, ligava as nuvens do céu, ligava as águas do mar para que os pescadores não pudessem navegar, para não pescarem o peixe, para sustento dos homens; pois eu pelas minhas malícias, minhas grandes maldades ligava as mulheres prenhes para que não pudessem parir e todas estas coisas eu fazia em nome do demónio.

16.2 Agora, meu Deus e meu Senhor, conheço o vosso nome e invoco e torno a invocar para que sejam desfeitas e desligadas as bruxarias e feitiçarias da máquina ou do corpo desta criatura (fulano). Pois vos chamo, ó Deus poderoso, para que rompais todos os ligamentos dos homens e mulheres. Caia a chuva sobre a face da terra para que dê seu fruto as mulheres tenham seus filhos, livres de qualquer ligamento que lhes tenham feito; desligue o mar para que os pescadores possam pescar. Livre de qualquer perigo desligue tudo quanto está ligado nesta criatura do Senhor; seja desatada, desligada de qualquer forma que o esteja.

16.3 Eu a desligo, desalfineto, rasgo, calço, descalço tudo, boneco ou boneca que esteja em algum poço ou levada, para secar esta criatura (fulano), pois todo o maldito diabo e tudo seja livre do mal e de todos os males ou maus feitos, feitiços, encantamentos ou superstições, artes diabólicas!

16.4 O Senhor tudo destruiu e aniquilou; o Deus dos altos céus seja glorificado no céu e na terra, assim como Emmanuel, que é o nome do Deus poderoso: Assim como a pedra seca se abriu e lançou água de que beberam os filhos de Israel, assim o Senhor muito poderoso com mão cheia de graça, livre este vosso servo (fulano), de todos os malefícios, feitiços, ligamentos e encantos em parte e em tudo que seja feito pelo diabo ou seus servos, e assim que tiver esta oração sobre si e a trouxer consigo ou tiver em casa, seja

com ela diante do paraíso terreal do qual saíram quatro rios, cinquenta e seis Tigres Eufrates, pelos quais mandaste deitar água a todo o mundo, por cujos vos suplico, Senhor meu Jesus Cristo, Filho de Maria Santíssima, a quem entristecer ou maltratar pelo maldito maligno espírito, nenhum encantamento, encanhamento nem maus feitos não façam nem movam coisa alguma má contra este vosso servo (fulano), mas todas as coisas aqui mencionadas sejam obtidas e anuladas para o qual eu invoco as setenta e duas línguas que estão repartidas por todo o mundo; a qualquer dos seus contrários, sejam aniquiladas as suas pesquisas, pelos Anjos; seja absoluto este vosso servo (fulano), com toda a sua casa e as coisas que nela estão, sejam todos livres de todos os malefícios e feitiços, pelo nome de Deus Padre que nasceu sobre Jerusalém, por todos os mais Anjos e Santos e por todos os que servem diante do Paraíso ou na presença do alto Deus todo Poderoso, para que o maldito diabo não tenha poder de empecer a pessoa alguma.

16.5 Qualquer pessoa que esta oração trouxer consigo ou lhe for lida ou onde estiver algum sinal do diabo de dia ou de noite, por Deus, Jacques e Jacob, inimigo maldito seja expulso para fora; invoco a comunhão dos santos Apóstolos, de N. S. J. C., S. Paulo, pelas orações das religiosas, pela limpeza, formosura de Eva, pelo sacrifício de Abel, por Deus unido a Jesus, seu Eterno Pai, pela castidade dos fiéis, pela bondade deles, pela fé em Abraão, pela obediência em Nossa Senhora quando ela livrou a Deus pela oração de Madalena, pela paciência de Moisés; sirva a oração de S. José para desfazer os encantamentos. Santos e Anjos valei-me, pelo sacrifício de Jonas, pelas lágrimas de Jeremias, pela

17 oração de Zacarias, pela profecia e por aqueles que não dormem de noite e estão sonhando com Deus Nosso Senhor J. C., e pelo profeta Daniel, pelas palavras dos Evangelistas, pela coroa que deu a Moisés, em línguas de fogo, pelos sermões que fizeram os Apóstolos, pelo nascimento de N. S. J.

17.2 C., pelo seu santo batismo, pela voz que foi ouvida do Padre Eterno, dizendo: «Este é meu filho escolhido e meu amado; deve-me muito apreço porque toda a gente o teme e porque faz abrandar o mar e faz dar frutos à terra.»

17.3 Pelos milagres dos Anjos que junto a ele estão, pelas virtudes dos Apóstolos, pela vinda do Espírito Santo que baixou sobre eles, pelas virtudes e nomes que nesta oração estão, pelo louvor de Deus que fez todas as cousas, pelo Padre †, pelo filho †, pelo Espírito Santo †, (fulano), se te está feita alguma feitiçaria nos cabelos da cabeça, roupa do corpo ou da cama, no calçado ou em algodão, seda, linho ou lã; em cabelos de cristão, de mouro ou de hereges; em ossos de criatura humana, de aves ou qualquer animal; em madeira, livros ou em sepultura de cristãos ou mouros, em fonte ou ponte, altar ou rio; em casa ou em paredes de cal; em campo ou em lugares solitários; dentro das igrejas ou repartimentos de rios; em casa feita de cera ou mármore; em figuras feitas de fazenda, em sapo ou saramantiga; em bicha ou bicho do mar ou rio; em lameiro ou em comidas e bebidas; em terra do pé esquerdo ou direito, ou em outra qualquer cousa em que se possa fazer feitiço...

18 «Todas estas cousas sejam desfeitas e desligadas deste servo (fulano) do Senhor, tanto as que eu Cipriano tenho feito, como as que têm feito essas bruxas servas do demónio; isto tudo seja tornado ao seu próprio ser que dantes tinha, ou em sua própria figura, ou em que Deus a criou.

19 «Santo Agostinho e todos os Santos e Santas, por santos nomes, façam que todas as criaturas sejam livres do mal do demónio. Amém.»

20 PRIMEIRA ESCONJURAÇÃO

Esta esconjuração deve ser feita pelo religioso com todo o respeito e fé, e quando vir que o enfermo está aflito e o demónio ou mau espírito não quer sair, deve-lhe tornar a ler o preceito do cap. IV, no fim da ladainha ou o que está em latim.

21 «Eu, Cipriano (ou eu fulano), da parte de Deus Nosso Senhor Jesus Cristo, absolvo o corpo de (fulano) de todos os maus feitiços, encantos, encanhos, empates que fazem e requerem homens e mulheres em nome de Deus N. S. J. C., Deus de Abraão, Deus muito grande e poderoso! Glorificado seja, para sempre sejam em seu santíssimo Nome destruídos, desfeitos, desligados e reduzidos ao nada todos os males de que padece este vosso servo (fulano); venha Deus com seus bons auxílios por amor de misericórdia que tais homens ou mulheres que são causadores destes males que sejam já tocados no coração para que não continuem com esta maldita vida!

22 «Sejam comigo os Anjos do céu, principalmente S. Miguel, S. Gabriel, S. Rafael e todos os Santos, santas e anjos do Senhor, e os Apóstolos do Senhor, S. João Batista, S. Pedro e S. Paulo, Santo André, S. Tiago, S. Matias, S. Lucas, S. Simão, Santo Anastácio, Santo Agostinho e por todas as ordens dos Santos Evangelistas, João, Lucas, Marcos, Mateus e por todos os querubins e serafins Miguéis, criados por obra e graça do divino Espírito.

22.2 Pelas setenta e duas línguas que estão repartidas pelo mundo e por esta absolvição e pela voz que deu quando chamou Lázaro do sepulcro, por todas estas virtudes seja tornado tudo ao seu próprio ser que dantes tinha

ou à sua própria saúde que gozava antes de ser arrebatado pelos demónios, pois eu em nome do Todo-Poderoso mando que tudo cesse do desconcerto sobrenatural.

23 «Ainda mais, pela virtude daquelas santíssimas palavras porque Jesus Cristo chamou: «Adão, Adão, Adão, onde estás?» Por estas santíssimas palavras absolvemos, por esta virtude de quando Jesus Cristo disse a um enfermo: «Levanta-te e vai para tua casa e não queiras mais pecar», de cuja enfermidade havia de estar três anos, pois absolva-te Deus † que criou o céu e a terra e ele tenha compaixão de ti criatura (fulano), pelo profeta Daniel, pela santidade de Israel, e por todos os Santos e Santas de Deus, absolvei este vosso servo ou serva (fulano), e abençoa toda a sua casa † e todas as mais cousas sejam livres do poder dos demónios, por Emmanuel, pois Deus seja com todos nós. Amém.

24 Pelo Santíssimo nome de Deus N. S. J. C., e todas coisas aqui nomeadas sejam desligadas, desenfeitiçadas, desalfinetadas de todos os empates que sejam formados por arte do demónio ou seus companheiros; seja tudo destruído, que o mando eu da parte do Omnipotente, para que já sem apelação sejam desligados e se desliguem todos os maus feitiços e ligamentos e toda a má ventura por Cristo Senhor Nosso. Amém.»

25 SEGUNDA ESCONJURAÇÃO

«Esconjuro-vos, demónios excomungados ou maus espíritos batizados, se com os laços maus, feitiços, encantamentos do diabo, da inveja, ou seja feita em ouro, prata ou chumbo, ou em árvores solitárias, seja tudo destruído e desapegado e não prenda coisa ao corpo de (fulano) ou casa, pois de aqui em diante se o feitiço ou encantamento está em algum ídolo celeste ou terrestre, seja tudo destruído da parte de Deus, pois todo o infernorium ou

toda a linguagem, eu confio em Jesus Cristo, nome deleitável; assim como J. C. aparta e expulsa da terra os demónios, e todos os seus feitos, assim por estes deliciosíssimos nomes de N. S. J. C. fujam todos os demónios, fantasmas e todos os espíritos malignos em companhia de Satanás e de seus companheiros para as suas moradas que são nos infernos e onde estarão perpetuamente em companhia de todos os feiticeiros e feiticeiras que fizeram a feitiçaria a esta criatura (fulano) ou nesta casa, e a tudo quanto a mesma casa encerra, fique desfeito e anulado, esconjurado, quebrado e abjurado, debaixo do poder da Santíssima Obediência, pelo poder do Creio em Deus Padre e das Três Pessoas da Santíssima Trindade e do Santíssimo Sacramento do Altar. Amém.

26 Com toda a Santidade eu vos esconjuro e degredo, demónios malditos, espíritos malignos, rebeldes ao meu e teu Criador!

27 Pois eu vos ligo e torno a ligar, prendo e amarro às ondas do mar coalhado, onde não canta galinha nem galo, ou para o vosso destino, ou lugares que Deus N. S. J. C. vos destinar.

28 Levanto, quero, abjuro e esconjuro todos os requerimentos, empates, preceitos e obrigas que fizestes a este corpo de (fulano). Desde já ficais citados, notificados e obrigados, tu e os teus companheiros, para seguirdes o caminho que Jesus vos destinar, isto sem apelação nem agravo pelo poder de Deus Nosso Senhor Jesus Cristo e de Maria Santíssima e do Espírito Santo e das Três Pessoas Divinas da Santíssima Trindade, e que é um só Deus verdadeiro em quem eu firmemente creio e por quem eu levanto pragas e raivas, vinganças e medos, ódios e más vistas; quebro e abjuro todos os requerimentos, embargos, empates, preceitos e obrigas pelo poder do Santo

Verbo Encarnado, pela virtude de Maria Santíssima e de todos os Santos e Santas, Anjos, Querubins e Serafins, criados por obra e graça do Espírito Santo. Amém.»

29 Quando o religioso acabar o que acima fica escrito, o demónio grita e diz: — «Eu não sou Satanás, mas sim uma alma perdida; porém ainda tenho salvação.»

30 O religioso pergunta-lhe: «Queres que ore por ti?» A alma responde: «Quero, sim.» Após esta resposta, ponham-se todos de joelhos e digam a Oração pelos bons espíritos, que vai neste livro, pois que muitas vezes acontece estar-se a esconjurar uma alma que precisa de orações e não de esconjurações.

31 O leitor deve estudar bem as instruções do capítulo 1, para que não cometa um absurdo dos que acabo de mencionar; porque este serviço não é uma brincadeira, mas sim uma obra, tanto para Deus como para os bons espíritos.

32 TERCEIRA ESCONJURAÇÃO

Eis a cruz † do Senhor; fugi, fugi, ausentai-vos, inimigos da Natureza!

33 Eu vos esconjuro em nome de Jesus, Maria, José, Jesus de Nazaré, rei dos judeus. Eis aqui a cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo. Fugi, partes inimigas, venceu o leão da tribo de Judá e a raça de David.

34 Aleluia, Aleluia, Aleluia, exaltado seja o senhor nos abençoe, nos guarde e nos mostre a sua divina face, se vire para nós com o seu divino rosto e se compadeça de nós. O rei David veio em paz, assim como Jesus se fez homem e habitou entre nós e nasceu de Santa Maria Virgem pela sua bendita misericórdia.

35 Santos Apóstolos, bem-aventurados do Senhor, rogai ao Senhor que me valha a mim Cipriano, para que eu possa destruir tudo quanto tenho feito.

36 S. João, S. Mateus, S. Marcos, S. Lucas, eu vos rogo que vos digneis livrar-nos e conservar-nos livres de todos os acontecimentos dos demónios.

37 Tudo esperamos de quem vive e reina com o Padre e Espírito Santo, por todos os séculos dos séculos. Amém.

38 A bênção de Deus Omnipotente, Padre, Filho e Espírito Santo, desça sobre nós e nos abençoe continuamente.

39 Jesus, Jesus, a vossa paz e a vossa virtude e Paixão, o sinal da Cruz †, a inteireza da bem-aventurada Virgem Maria, a bênção dos Santos escolhidos de Deus, o título do Salvador nosso na Cruz.

40 Jesus de Nazaré Rei dos Judeus, seja triunfante hoje e todos os dias entre os meus inimigos visíveis e invisíveis, contra todos os perigos da nossa vida e do nosso corpo, e em todo o tempo e lugar. Eu terei o sumo gosto e alegria em Deus meu Salvador.

41 Jesus, Jesus, Jesus, sede por nós. Jesus, Jesus, Criador e compreendedor, Jesus do universo porá os maus sobre os infernos, e impedirá que o demónio atormente jamais as suas criaturas, Jesus, Filho de Maria, Salvador do mundo pelos merecimentos da Bem-aventurada Maria Virgem e dos Santos Anjos, Apóstolos, Mártires, Confessores e das Virgens, pois o Senhor seja contigo para que te defenda e esteja dentro de ti para que te conserve, te conduza e te acompanhe e guarde, e esteja sobre ti

42 para que te abençoe, o qual vive e reina em uma perfeita unidade com o Padre e o Espírito Santo, pelos séculos dos séculos. Amém.

43 A bênção do Deus Omnipotente, Padre, Filho e Espírito Santo, desça sobre nós e permaneça continuamente.

44 Virgem Santíssima, Nossa Senhora do Amparo, eu o maior dos pecadores, vos peço que rogueis a vosso amado Filho que quebre todas as forças aos demónios para que jamais possam atormentar esta criatura.

45 Dou fim a esta santa oração, e darão fim as moléstias nesta casa pela bichação dos espíritos malignos.

46 Oração ao Senhor, ou louvores por ter livrado o enfermo do poder de Satanás ou dos seus aliados, a qual se deve rezar de joelhos e com devoção.
Senhor meu Jesus Cristo, dou-vos infinitas graças, pois pelos merecimentos de vossa Paixão Santíssima, de vosso precioso Sangue, e por vossa bondade infinita vos dignastes livrar-me do demónio, ou feitiços e de seus malefícios; e assim vos peço, e suplico agora, vos digneis de preservar-me, e guardar-me para que o demónio daqui por diante não possa jamais molestar-me de modo algum; porque eu pretendo e quero viver e morrer debaixo da proteção de vosso Santíssimo Nome. Amém.

47 P. N. A. M.

48 AVISO AO RELIGIOSO
Quando no fim de todas estas orações o enfermo não ficar de todo livre, o religioso, no fim de três dias deve ir perguntar pelas melhoras do enfermo. Quando veja que ainda está possesso do demónio, (e para o saber deve tornar-lhe a ler os sinais que estão em latim, certo de haver malefícios), então, neste caso, é uma morada aberta, e deve logo tratar de a fechar da forma que se segue, depois de lhe tornar a ler a oração de S. Cipriano.

49 MODO COMO SE HÁ DE FECHAR A MORADA

Tome-se uma chave de aço, em ponto pequeno, e deite-se a bênção da forma seguinte:

50 «O Senhor lance sobre ti a sua Santíssima bênção e o seu Santíssimo poder para que te dê a virtude eficaz, para que toda a morada ou porta por onde entra Satanás, que por ti seja fechada, jamais o demónio ou seus aliados por ela possam entrar, pois abençoada seja, em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. Amém. Jesus seja contigo.»

> Nota
> *(Deita-se água benta em cruz sobre a chave).*

52 Palavras santíssimas que o religioso deve dizer quando estiver a fechar a morada. A chave deve estar sobre o peito do enfermo como se estivessem a fechar uma porta.

«Ó Deus Omnipotente, que do seio do Eterno Pai vieste ao mundo para salvação dos homens, dignai-vos, pois, Senhor, de pôr preceito ao demónio ou demónios, para que eles não tenham mais o poder e atrevimento de entrar nesta morada». Seja fechada a sua porta, assim como Pedro fecha as portas do céu às almas que lá querem entrar, sem que primeiro expiem as suas faltas.

> Nota
> *(O religioso finge que está a fechar uma porta no peito do enfermo).*

54 Dignai-vos, Senhor, permitir que Pedro venha do céu à terra fechar a morada onde os malditos demónios querem entrar, quando muito bem lhes parece.

55 Pois eu (fulano), em vosso Santíssimo nome ponho preceito a esses espíritos do mal para que desde hoje para o futuro não possam mais fazer morada no corpo de (fulano), que lhe será fechada esta porta perpetuamente, assim como lhe é fechada a do reino dos espíritos puros. Amém.

56 No fim da oração que fica dita, escrevam em um papel o nome de Satanás e queimem-no, dizendo: «Vai-te, Satanás, desaparece assim como o fumo da chaminé.»

57 No fim de tudo que fica dito, se o enfermo ainda não estiver curado tornem a dizer-lhe a oração de S. Cipriano.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PRIMEIRA PARTE, CAPÍTULO 5: OS FANTASMAS DAS ENCRUZILHADAS

✦

1 CAPÍTULO V

Sobre os fantasmas que aparecem nas encruzilhadas, ou almas do mundo espiritual que por missão de Deus vêm a este mundo corporal buscar orações para serem purificadas dos erros que cometeram neste mundo contra Deus Nosso Senhor.

2 O que são fantasmas?

São visões que aparecem a certos indivíduos fracos de espírito, e crentes em que vêm a este mundo almas daqueles que já deixaram de existir. Pois os fantasmas aparecem só aos crentes nos seres espirituais e não aos incrédulos, porque disso nada aproveitam, ou antes pelo contrário, recebem maldições.

3 Ah! que será daquele que assim obrar! Infeliz neste mundo, que não tratou senão de escarnecer dos servos do Senhor, que vêm a este mundo buscar alívio e encontram penas? Dobram-se-lhe os tormentos!

4 Ah! que será de vós no dia em que fordes sentenciados? Se não tiverdes bons amigos que tenham pedido por vós ao Juiz Supremo; se não tiverdes [...] sereis punidos com todo o rigor da justiça.

5 Pois cultivai, cultivai bons amigos para que naquele tremendo dia hajam bons amigos a rogarem ao Criador por vós; fazei como faz o lavrador que para colher no S. Miguel muito fruto, deita na terra bons elementos.

6 Notai bem, irmãos, estas palavras que não são obra do bico da pena, mas sim inspiradas do fundo do coração: Quando vos aparecer uma visão, não a esconjureis porque então ela vos amaldiçoará, vos impedirá em todos os vossos negócios, e tudo vos correrá torto; porém quando sentirdes uma visão recorrei à oração, que neste livro vai mencionada com o título — Oração pelos bons espíritos — porque logo aliviareis aquele mendigo que busca esmolas, pelas pessoas caritativas.

7 Olhai, irmãos: o diabo poucas vezes aparece em fantasma, porque os demónios eram anjos e não têm corpos, para se revestir; por isso vos recomendo que quando virdes um fantasma em figura de animal, então é certo ser demónio, e deveis esconjurá-lo e fazer-lhe uma cruz [...]. Mas, se o fantasma for em figura humana, não é o demónio, mas sim uma alma que busca alívio às suas penas.

7.2 Deveis logo fazer a oração que vai neste livro, porque não perdeis nada com isso, pois que aquela alma que vós livrastes é convosco sempre que a chamardes. Se não vos fieis em mim, fazei a experiência e depois vereis.

8 Orai, orai por esses desgraçados espíritos e invocai-os em todos os vossos negócios e em tudo que vos aprouver que sereis bem-sucedidos; eu o juro.

9 Feliz da criatura que é perseguida pelos espíritos, porque é certo essa pessoa ser boa criatura [...] os espíritos a perseguem para que ela ore ao Senhor por eles, que é digna de ser ouvida do Criador. É por esta razão que uns são mais perseguidos de fantasmas.

9.2 Ora há muitos espíritos que não adotam o sistema de aparecer em fantasmas, mas aparecem nas casas dos seus parentes, fazendo de noite barulho, arrastando cadeiras, mesas e tudo quanto há na casa; um dia matam

um porco, outro dia uma vaca, e assim corre tudo para trás naquela casa por falta de inteligência dos habitantes, porque se recorressem logo às orações, eram livres do espírito e cometiam uma obra de caridade, e no último dia da sua vida lhe seriam abertas as portas do céu.

9.3 Notai bem, irmãos, estas palavras e consagrai-as no vosso coração, que eu pretendo que por causa desta obra se salvem muitas almas, e não pretendo que se cometam absurdos.

10 Orações para pedir a Deus pelos bons espíritos que vêm a este mundo buscar orações para serem purificados do mal que fizeram neste mundo, e restituir alguma dívida ou roubo.

«Sai, alma cristã, deste mundo em nome de Deus Padre Todo-Poderoso que te criou; em nome de Jesus Cristo, Filho do Deus vivo, que por ti padeceu; em nome do Espírito Santo, que copiosamente se te comunicou. Aparta-te deste corpo ou lugar em que estás, porque o Senhor te recebe no seu reino; Jesus, ouve a minha oração e sê meu amparo como és amparo dos Santos Anjos e Arcanjos; dos tronos e dominações; dos Querubins e Serafins; dos Profetas, dos Santos Apóstolos e dos Evangelistas; dos Santos Mártires, Confessores, Monges, Religiosos e Eremitas; das Santas Virgens e esposa de Jesus Cristo, e de todos os Santos e Santas de Deus, o qual se digne dar-te lugar de descanso, e gozo da paz eterna na cidade santa da celestial Sião, onde o louves por todos os séculos. Amém.» [Nota: Deve rezar-se esta oração em qualquer lugar que seja preciso, ou em que ande algum espírito ou fantasma. No fim desta oração reza-se o Credo e o Ato de Contrição.]

11 OREMOS

Deus misericordioso, Deus clemente, Deus que segundo a grandeza da vossa infinita misericórdia perdoais os pecados deste espírito que tem dor

de os haver cometido, e lhes dais liberal absolvição das culpas e ofensas passadas; ponde os olhos da vossa piedade neste vosso servo que anda neste mundo a penar; abre-lhe, Senhor, as portas do céu, ouvi-o propício e concedei-lhe o perdão de todos os seus pecados; pois de todo o coração vo-lo pede por meio da sua humilde confissão. Renovai e reparai, ó Pai piedosíssimo, as quebras e ruínas desta alma, e os pecados que fez e contraiu, ou por sua fraqueza, ou pela astúcia e engano do demónio. Admiti-o e incorporai-o no corpo da vossa Igreja Triunfante. Como membro vivo dela, remida com o sangue precioso de vosso Filho, compadecei-vos, Senhor, dos seus gemidos, que as suas lágrimas e seus soluços vos movam, que as suas e nossas súplicas vos enterneçam. Amparai e socorrei a quem não tem posto sua esperança senão na vossa misericórdia, e admiti-o em vossa amizade e graça, pelo amor que tendes a Jesus Cristo vosso amado Filho, que convosco vive e reina por todos os séculos dos séculos. Amém.

12 Ó alma que andas a expiar tuas faltas, te encomendo a Deus Todo-Poderoso, irmão meu caríssimo, a quem peço te ampare e favoreça como a criatura sua; para que acabando de pagar com a morte a punição desta vida, chegues a ver o Senhor todo soberano artífice, que do pó da terra te formou; quando tua alma sair do corpo, te saia a receber o exército luzido dos Santos Anjos para acompanhar-te, defender-te e festejar-te; o glorioso colégio dos Santos Apóstolos te favoreça, sendo juízes defensores da tua causa; as triunfantes legiões dos invencíveis mártires te amparem; a nobilíssima companhia dos ilustres confessores te recolham no meio, e com a suave fragrância dos lírios e açucenas que trazem nas mãos, símbolo da fragrante suavidade de suas virtudes, te confortem; os coros das Santas Virgens alegres e contentes, te recebam; toda aquela bem-aventurada companhia de celes-

tiais e cortesãos com estreitos abraços de verdadeira amizade te deem entrada no seio glorioso dos Patriarcas; a face do teu Redentor Jesus Cristo se te represente piedosa e aprazível, e esse te dê lugar entre os que para sempre assistem em sua presença.

12.2 Nunca chegues a experimentar o horror das trevas eternas, nem os estalos de suas chamas, nem as penas que atormentam os condenados. Renda-se o maldito Satanás com todos os seus aliados, e ao passardes por diante dele, acompanhado de Anjos; trema o miserável, e retire-se temeroso às espessas trevas de sua escura morada.

13 Vai, alma; acabe-se o teu martírio, que já não pertences a este mundo corporal, mas sim ao celestial. Livre-te Deus que é em teu favor, e desbarate todos os inimigos que o aborrecem; fujam de sua presença, desfaçam-se como o fumo no ar e como a cera no fogo, os rebeldes e malditos demónios; e os justos alegres e contentes contigo se assentem seguramente à mesa de seu Deus.

13.2 Confundam-se e retirem-se afrontados os exércitos infernais, e os ministros de Satanás não se atrevam a impedir o teu caminho para o céu. Livre-te Cristo do inferno, que por ti foi crucificado; livre-te desses tormentos em que andas neste mundo a atormentares e a seres atormentado.

14 Cristo, que por ti deu a vida, ponha-te Cristo, Filho de Deus vivo, entre os prados e florestas do Paraíso, que nunca se secam nem se murcham, e como verdadeiro pastor te reconheça por ovelha do rebanho.

14.2 Ele te absolva de todos os teus pecados, e te assente à sua mão direita entre os escolhidos e predestinados; faça-te Deus tão ditoso, que assistindo sempre em sua presença, conheças com bem-aventurados olhos a verdade

manifesta da sua divindade, e em companhia dos cortesãos do céu gozes da doçura da sua eterna contemplação por todos os séculos. Amém.

15 Oração útil para curar todas as moléstias, ainda que sejam naturais, a qual deve ser lida com muito respeito em Jesus Cristo, com quem estamos falando.
(FAÇA-SE O SINAL DA CRUZ)
Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. Amém. Jesus, Maria e José.

16 Eu (fulano) como criatura de Deus, feito à sua semelhança e remido com o seu sangue, ponho preceito aos teus padecimentos, assim como Jesus Cristo aos enfermos da Terra Santa e aos paralíticos de Sidónia; pois assim eu (fulano), vos peço, Senhor meu Jesus Cristo, que vos compadeçais deste vosso servo (fulano), não o deixeis Senhor, sofrer mais as tribulações da vida!

16.2 Lançai antes sobre este vosso servo a vossa Santíssima Bênção e eu (fulano) direi com autorização do teu e meu Senhor que cessem os teus padecimentos. Amabilíssimo Senhor Jesus, verdadeiro Deus, que do seio do Eterno Pai Omnipotente fostes mandado ao mundo para absolver os pecados, absolvei, Senhor, os que esta miserável criatura tem cometido; vós que fostes mandado ao mundo para remir os aflitos, soltar os encarcerados, congregar vagabundos, conduzir para a sua pátria os peregrinos; pois eu (fulano), vos suplico, Senhor, que conduzas este enfermo ao caminho da salvação e da saúde, porque ele está verdadeiramente arrependido; consolai, consolai, Senhor, os oprimidos e atribulados; dignai-vos livrar este servo desta moléstia de que está padecendo, da aflição e tribulação em que o vejo, porque vós recebestes de Deus Padre Todo-Poderoso o género humano para

o [...] ; e feito homem prodigiosamente, nos comprastes o Paraíso com o vosso precioso sangue, estabelecendo uma inteira paz entre os Anjos e os homens.

16.3 Assim, pois, dignai-vos, Senhor, estabelecer uma paz entre meus humores e alma; para que (fulano) e todos nós, vivamos com alegria, livres de moléstias, tanto do corpo como da alma.

16.4 Sim, meu Deus, e meu Senhor; resplandeça pois a vossa paz, a vossa misericórdia sobre mim e todos nós; assim como praticaste com Isaías tirando-lhe toda a aversão que tinha contra seu irmão Jacob, estendei Senhor Jesus Cristo, sobre (fulano), criatura vossa, o vosso braço e a vossa graça, e dignai-vos livrá-lo de todos os que lhe têm ódio, como livrastes Abraão da mão dos caldeus; seu filho Isaac, da consciência do sacrifício; José, da tirania dos seus irmãos; Noé, do dilúvio universal; Lot, do incêndio de Sodoma; Moisés e Arão, vossos servos, e ao povo de Israel, do poder de Faraó e da escravidão do Egito; David, das mãos de Saul e do gigante Golias; Susana, do crime e testemunho falso; Judite, do soberbo e impuro Holofernes; Daniel, da cova dos leões; os três mancebos Sidrath, Misach e Abdemago, da fornalha do fogo ardente; Jonas, do ventre da baleia; a filha da Cananeia, da vexação do demónio; Adão, da pena do inferno; Pedro, das ondas do mar e Paulo das [...]

17 [...] dos cárceres; assim pois, amabilíssimo Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus Vivo, atendei também a mim, (fulano), criatura vossa, e vinde com presteza em meu socorro; pela vossa Encarnação; pelo vosso nascimento; pela fome, pela sede, pelo frio, pelo calor, pelos trabalhos e aflições, pelas salivas e bofetadas; pelos açoites e coroa de espinhos; pelos cravos, fel e vinagre; pela cruel morte que por nós padecestes; e pela lança que trespassou

o vosso peito e pelas sete palavras que na cruz dissestes, em primeiro lugar a Deus Padre Omnipotente: «Perdoai-lhes, Senhor, que não sabem o que fazem.»

17.2 Depois ao bom ladrão, que estava convosco crucificado: «Digo-te na verdade que hoje estarás comigo no Paraíso.» Depois ao Pai: «Heli, Heli, lamma sabatani?» que vem a dizer: «Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?» Depois a vossa Mãe: «Mulher, eis aqui o teu filho.»

17.3 Depois ao discípulo: «Eis aqui a tua mãe» (mostrando que cuidavas de vossos amigos) «Tenho sede», porque desejavas a nossa salvação e das almas santas, que estavam no Limbo. Dissestes depois a vosso Pai: «Nas vossas mãos encomendo o meu espírito.» E por último exclamastes, dizendo: «Tudo está consumado.» Porque estavam concluídos todos os vossos trabalhos e dores.

17.4 Dignai-vos, pois, Senhor, que desde esta hora por diante jamais esta criatura (fulano) sofra desta moléstia que tanto a mortifica, pois vos rogo por todas estas coisas, e pela vossa descida ao Limbo, pela vossa ressurreição gloriosa, pelas frequentes consolações que destes aos vossos discípulos, pela vossa admirável ascensão, pela vinda do espírito, pelo tremendo dia do juízo, como também por todos os benefícios que tenho recebido da vossa bondade, (porque vós me criaste do nada, e vós me concedestes a vossa santa fé); pois por tudo isto, meu Redentor, Meu Senhor Jesus Cristo, humildemente vos peço que lanceis a vossa bênção sobre esta criatura enferma.

18 Sim, meu Deus e meu Senhor, compadecei-vos dela. Ó Deus de Abraão, ó Deus de Isaac e Deus de Jacob, compadecei-vos desta criatura vossa (fulano); mandai, para seu socorro, o vosso Santo Miguel Arcanjo, que lhe dê

saúde e a defenda desta miséria da carne e do espírito. E vós, Miguel Santo, Santo Arcanjo de Cristo, defendei e curai esta serva ou servo do Senhor, que vós merecestes do Senhor seres bem-aventurado e livrar as criaturas de todo o perigo.

19 Eis aqui a cruz do Senhor, que vence e reina.

20 Ó Salvador do mundo, salvai-o; Salvador do mundo, ajudai-me vós, que pelo vosso sangue e pela vossa Cruz me remistes, salvai-nos e curai-nos de todas as moléstias, tanto do corpo como da alma; eu (fulano) vos peço tudo isto por quantos milagres e passadas destes sobre a terra, enquanto homem.

21 Ó Deus Santo! ó Deus forte! ó Deus imortal! tende misericórdia de nós. Cruz de Cristo, salvai-me; Cruz de Cristo protegei-me; Cruz de Cristo, defendei-me em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, Amém.

> Nota
> *(Digam de joelhos o Credo e a Salve Rainha a N. Senhora e deitem água benta na moléstia do enfermo).*

23 Esta oração pode dizer-se a quem padecer de qualquer moléstia: seja pelo padecimento que for principalmente erisipela, fogo, bichas ou bicho; finalmente, para todas as misérias da vida.

24 NB. — Quando um religioso entender que qualquer moléstia não é feitiço nem diabrura, é bom também ler a Oração de S. Cipriano, porque assim o enfermo fica mais satisfeito e a fé de que fica possuído, ajuda muito a cura. Assim o diz S. Cipriano no seu livro, Cap. I.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PRIMEIRA PARTE, CAPÍTULO 6: EXORCISMO

✦

1 CAPÍTULO VI

Exorcismo para expulsar o diabo do corpo

Este exorcismo foi encontrado em um livro muito antigo, escrito por frei Bento do Rosário, religioso descalço da ordem de Santo Agostinho.

2 «Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo; em nome de S. Bartolomeu, de Santo Agostinho, de S. Caetano, de Santo André Avelino, eu te arrenego, anjo mau, que pretendes introduzir-te em mim e perverter-me. Pelo poder da Cruz de Cristo, pelo poder das suas divinas chagas, eu te esconjuro, maldito, para que não possas tentar a minha alma sossegada. Amém.»

3 Deve ser dita três vezes, e outras tantas fazer-se o sinal da cruz sobre o peito.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PRIMEIRA PARTE, CAPÍTULO 7: O DESENCANTO DOS TESOUROS

✦

CAPÍTULO VII

Desencanto dos Tesouros

TRIÂNGULO

Todas as pessoas para assistirem ao desencanto do tesouro, metam-se dentro dum triângulo, como representa a gravura acima que deve ser riscado no chão, pois que estando dentro não lhe acontece mal algum.

Oração e esconjuração para se desencantarem os tesouros

Rezem primeiro a Ladainha dos Santos, em voz alta. Podendo ser rezada de joelhos melhor será.

Primeira conjuração e desligação da terra

«Terra, tudo darás e tudo comerás» — Disse o Senhor nosso Deus.

LADAINHA DOS SANTOS

Kyrie eleison.

Christe eleison.

Sancta Maria. Ora pro nobis.

Sancta Dei Genitrix. Ora pro nobis.

Sancta Virgo Virginum. Ora pro nobis.

Sancte Michael. Ora pro nobis.

Sancte Gabriel. Ora pro nobis.

Sancte Raphael. Ora pro nobis.

Omnes Sancti Angeli, et Archangeli. Ora pro nobis.

Omnes Sancti Beatorum Spiritum Ordines. Ora pro nobis.
Sancte Joannes Baptista. Ora pro nobis.
Omnes Sancti Patriarchae et Prophetae. Ora pro nobis.
Sancte Petre. Ora pro nobis.
Sancte Paule. Ora pro nobis.
Sancte Andrea. Ora pro nobis.
Sancte Jacob. Ora pro nobis.
Sancte Joannes. Ora pro nobis.
Sancte Thomaz. Ora pro nobis.
Sancte Phillippe. Ora pro nobis.
Sancte Bartholomae. Ora pro nobis.
Sancte Simon. Ora pro nobis.
Sancte Thadeu. Ora pro nobis.
Sancte Mathie. Ora pro nobis.
Sancte Barnabé. Ora pro nobis.
Sancte Luca. Ora pro nobis.
Sancte Marce. Ora pro nobis.
Omnes Sancti Apostoli, et Evangelista. Ora pro nobis.
Omnes Sancti Discipuli Domini. Ora pro nobis.
Omnes Sancti Innocentes. Ora pro nobis.
Sancte Stephane. Ora pro nobis.
Sancte Laurente. Ora pro nobis.
Sancte Vicenti. Ora pro nobis.
Sancte Fabiane et Sebastiane. Ora pro nobis.
Sancti Joannes de Paule. Ora pro nobis.
Sancti Cosme et Damione. Ora pro nobis.
Sancti Gervasi et Protasi. Ora pro nobis.

Omnes Sancti Martyres. Ora pro nobis.
Sancte Sylvester. Ora pro nobis.
Sancte Gregori. Ora pro nobis.
Sancte Ambrosi. Ora pro nobis.
Sancte Augustine. Ora pro nobis.
Sancte Hieronymo. Ora pro nobis.
Sancte Martine. Ora pro nobis.
Sancte Nicolae. Ora pro nobis.
Omnes Sancti Pontifices et Confessores. Ora pro nobis.
Omnes Sancti Doctores. Ora pro nobis.
Sancte Antoni. Ora pro nobis.
Sancte Benedicte. Ora pro nobis.
Sancte Bernarde. Ora pro nobis.
Sancte Pater Dominice. Ora pro nobis.
Sancte Pater Francisce. Ora pro nobis.
Omnes Sancti Monachi et Eremitae. Ora pro nobis.
Omnes Sancti Sacerdotes et Levitae. Ora pro nobis.
Sancta Maria Magdalena. Ora pro nobis.
Sancta Agatha. Ora pro nobis.
Sancta Lucia. Ora pro nobis.
Sancta Agnes. Ora pro nobis.
Sancta Cecilie. Ora pro nobis.
Sancta Catharina. Ora pro nobis.
Sancta Anastacia. Ora pro nobis.
Omnes Sanctae Virgines et Viduae. Ora pro nobis.
Omnes Sancti et Sanctae Dei, Intercedite. Ora pro nobis.
Propitius esto. Parce [...] Domine.

Ab omni peccato. Libera nos.

Ab ira tua. Libera nos.

A subitanea et improvisa morte. Libera nos.

Ab insidiis diaboli. Libera nos.

Ab ira, odio, et omni mala voluntate. Libera nos.

A spiritu fornicationes. Libera nos.

A morte perpetua. Libera nos.

Per Mysterium Sanctae Incarnationes tuae. Libera nos.

Per adventum tuum. Libera nos.

Per Nativitatem tuam. Libera nos.

Per Baptismum et Sanctum jejunium tuum. Libera nos.

Per Crucem et Passionem tuam. Libera nos.

Per mortem et sepulturam tuam. Libera nos.

Per sanctum Resurrectionem tuam. Libera nos.

Per admirabilem Ascensionem tuam. Libera nos.

Per Adventum Spiritus Sancti Paraclite. Libera nos.

In die judicii. Libera nos.

Peccatores, Te rogamus audi nos.

Ut ei indulgeas. Te rogamus audi nos.

Ut hanc creaturam tuam a cruciatibus daemonum liberare digneris. Te rogamus.

Ut hanc creaturam tuam pretioso tuo Sanguine redemptam ab infestatione daemonum liberare digneris. Te rogamus.

Ut hanc creaturam tuam a potestate daemonum liberare benedicere, et conservare digneris. Te rogamus.

Fili Dei. Te rogamus audi nos.
Christe audi nos.
Christe exaudi nos.

5 Antiphona. Ne reminiscaris, Domine, delicta nostra, vel parentum nostrorum, neque vindictam sumas de peccatis nostris propter nomen tuum. Pater noster, etc. V. Et ne nos inducas in tentationem. R. Sed libera nos a malo. Amen.

6 SEGUNDA ESCONJURAÇÃO
Ecce crucem Domine [...] Radix [...] in nomine Jesu omne genus [...] coelestum terrestrum infernorum et omnis Lingua [...] quia [...] Jesu Christus in gloria est Dei patri [...] Deus ille crucem Domine de tribu Juda Radix David fugite partes adversae [...] in nomine Jesu omne genus [...] coelestum terrestrum infernorum omni Lingua [...] quia Dominus Jesu Christus in gloria est Pater, amen; o Senhor seja comigo e com todos nós: Amém.

7 Jesus, Maria, José, em nome de Deus Padre, Deus Filho e Deus Espírito Santo. Amém.

8 «Em virtude de Deus Padre Santo, três pessoas distintas e um só Deus verdadeiro, por virtude da Virgem Maria e de todos os Santos Apóstolos Evangelistas, Patriarcas, Profetas, Mártires e Confessores, por virtude de Santo Ubalde [...], eu, criatura de Nosso Senhor Jesus Cristo remido com o seu santíssimo sangue e feito à vossa semelhança, em vosso santíssimo nome desencanto este tesouro que está diante de mim enterrado; eu te mando debaixo do santo poder de obediência, que se abra já esta terra onde está depositado um tesouro que os mouros aqui enterraram; eu, pela vista

desta luzes, mando que já me sejam entregues todos os tesouros que aqui estão debaixo desta terra em poder de Lúcifer e seus companheiros, mandando já em nome de S.

8.2 Cipriano, que me sejam entregues debaixo do poder de Nosso Senhor Jesus Cristo, Jesus, Jesus, Jesus, sede comigo, vinde em meu socorro! Jesus, Jesus, ouvi minha oração, e chegue a vossos ouvidos os rogos deste grande pecador. Jesus, valei-me, Jesus, acudi-me! Jesus, vinde de novo em meu socorro. Jesus, Jesus, mil vezes Jesus, sede comigo, Jesus, sem vós nada posso fazer, Jesus, eu com o vosso Santíssimo poder mando que já seja aberto este tesouro.

9 Mando em nome de todos os Santos, do Deus de Abraão, do Deus de Jacob e do Deus de Isaac, e em virtude de todos sejam desatadas e desligadas todas as coisas deste mundo, para que eu encontre o que procuro. Amém.»

10 Quem ler esta oração, ou a fizer ler toda, lhe aparece Deus pelas portas da misericórdia, acompanhado pelo anjo Rafael e todos os mais Santos e Arcanjos, Principados e Virtudes dos céus; e às ordens de Deus, os bem-aventurados S. João Batista, S. Tomé, S. Filipe, S. Marcos, S. Mateus, S. Simão, S. Judas, S.

10.2 Martinho e todos os Santos que no céu estão; todas as ordens dos mártires S. Sebastião, S. Damião, S. Cosme, S. Fabião e S. Cipriano. Sejam comigo S. Dionísio com seus companheiros por todas as ordens das Virgens Mártires, Confessores de Deus e pela coroação do rei David e pelos quatro Evangelistas João, Marcos, Mateus e Lucas, e pelas quatro colunas do céu, que lhe não impede nada, e pelas 72 línguas que estão repartidas pelo mundo, e por esta absolvição, e pela que deu Nosso Senhor quando chamou Adão dizendo: «onde estás?» e por esta virtude e pela qual se le-

vantou Adão quando lhe disse: «Levanta-te e toma o hábito, vai-te daqui e não tornes mais a pecar», e daquela enfermidade em 28 anos doente e paralítico, salvo por Nosso Senhor que todos os Santos louvaram, porque todos recebiam caridosamente do seu fruto pela mão de Jeremias Profeta e pela humildade de José, e pela paciência de Job, e pela graça de Deus, e mais por todos os Santos de Deus, absolve-o então Deus de todas as coisas más e seja louvado Emmanuel, por ser Deus connosco e pelo Santíssimo nome de Deus e de todas as coisas que estão aqui nomeadas e são já desatadas e desligadas deste para se ver, e aparte-se da má ventura e de todos os mais males feitos pelos mouros ou pelo demónio; retira-te Satanás daqui para fora que te mando com todo o poder que tenho, de quem é mais do que tu.

11 «Vai já para as profundas do inferno! Abra-se a terra já; Jesus, Jesus, defendei-me destes fantasmas que me estão a rodear para que eu não possa conseguir o que desejo; Jesus, Jesus, vinde em meu socorro. Retira-te, Satanás, que estás vencido!

12 «Quebrei as tuas astúcias com o santo poder de Nosso Senhor Jesus Cristo: Retirai-vos, fantasmas inimigos da natureza humana; eu vos esconjuro em nome do milagroso S. Cipriano e pelo Santo Lenho da Cruz em que Nosso Senhor Jesus Cristo foi crucificado; por esta mesma cruz eu te mando: Retira-te, Satanás, fantasma inimigo de Deus e dos homens.»

13 PREVENÇÃO

No fim de fazer esta oração aparecem-vos imensos fantasmas, para experimentar se deixais ficar a riqueza e fugir, mas não tenhais o mínimo susto, porque quando o demónio vir que assim fazeis, logo foge e vos deixa tudo

à vossa disposição. No fim de tirardes a riqueza, mandai em nome de Jesus e de S. Cipriano que torne tudo ao seu estado natural, e no fim reparti a riqueza, sem que haja soberba, porque foi dada por Deus e por S. Cipriano.

14 LUGARES ONDE EXISTEM OS ENCANTOS 1.

No castelo de Castro, desterrando o mesmo Castro da parte do Nasc., encontrar-se-á um fojo debaixo da mesma parede onde existem 2 telhas de ouro.

2. Na fonte da Soalheira, por baixo da fonte, 9 passos, está uma fraga enterrada, aonde há um azado de moedas de ouro.

3. Na fonte da Moura, 25 passos da fonte, há um azado de ouro.

4. Na fonte Frasqua, por cima do Nasc., há um cofre de joias.

5. Nas três fontes dos Navalhos, no Castro Feimano, em cada uma delas seu haver.

6. Na fonte que está no Castro, que chamam Navalho, está debaixo da estrada um grande haver.

7. No castelo que está defronte do Norte, entre a figueira, ao pé da Edreira, dois estados de homem, está a caveira dum homem, e aí acharão um caixão de canto, e dentro 9 barras de ouro.

8. Na frente de Mirandela, ao longo da parede do serrado, junto do pilar, acharão um azado de cobre cheio de moedas de ouro.

9. No castelo do Sírio, ao pé da fonte, estão defronte, ao meio-dia, no meio da torre, dois tornos metidos na parede; aí acharão as armas de D. Teludo Seminadas, e quatro dobras de ouro.

15 10. No mesmo castelo, no portal por onde entra o sol, na couceira da porta, acharão um azado de ouro.

16 11. No Castro do Mau Vizinho, ao nascer do sol, debaixo da parede, digo peneda, 61 passos do castelo onde está uma mão pintada, a três estados de um homem, acharão em um caixão metido em uma tina muita moeda de ouro.

17 12. Na fonte Ferradosa, defronte ao Nasc., por cima da fonte, ao longo do castanheiro, acharão um pouco de barro e 2 barras, metido em um tacho.

18 13. Na fonte do Vale, limite do Castro do Mau Vizinho, que nasce defronte, ao meio-dia, aproximadamente 12 passos, está um vestido com enfeites de ouro.

19 14. Na fonte do Cavaleiro, limite do Castro, defronte do nascer do sol, ao pé de um ervideiro, tem uma peneda que desce ao Castro, e por baixo no meio da peneda, dois estados, acharão 4 capilhos de ouro; e o que está vivo não o matem.

20 15. Na fonte do Cavaleiro, defronte do Norte, por cima [...] dentro do prato, está uma pedra com um letreiro; acharão aí um caixão com moedas de ouro.

21 16. Na mesma fonte do Castro de Cumun, que há ao longo da dita, acharão ídolos dos deuses.

22 17. Na Fonte de El-Rei acharão uma baixela de prata encantada.

23 18. Na peneda do Gato, descendo ao rio Fragoso, defronte ao norte, acharão em cima da peneda, meio estado de um homem, um caixão esmagaçal cheio de ouro.

24 19. Na fonte do Castro de Ameias, defronte, ao meio-dia, por onde sai água pela boca de um leão, acharão um grande haver.

25 20. Na fonte da mesma Terronha, defronte, ao Nasc., 50 passos do Ciprião, por cima da fonte está um grande azado de ouro.

26 21. Na Fonte do Vale Grande, ao longo do Horto de Famiro, por cima da fonte 19 passos, está um ervideiro e ao pé dele uma pia cheia de areia; debaixo, a estampa de um homem de pedra moenha, e no fundo uma tinalha cheia de ouro.

27 22. No Castro do Solhão, por baixo do Castro, defronte, ao meio-dia, por cima da fonte, 15 passos, onde está um forno de telhas, está um caixão cheio de prata.

28 23. No Adoratório do Castro, no chão, debaixo do altar, acharão três palmos de pedra moenha de diante, debaixo acharão um caixão cheio de pedra, por baixo outro de moedas de ouro.

29 24. No Castro Piloto, defronte, ao meio-dia, ao Nasc., em uma fonte de pequena nascente, onde há por cima seixos brancos, encontrarão debaixo um haver muito grande.

30 25. Na Fonte das Navalhas, à mão de cima, acharão três marcos, ao meio deles fica uma lousa; tirem-na e debaixo acharão um grande haver.

31 26. Na Fonte do Bazadouro acharão uma pedra mármore, acima da fonte uma passada, e no meio da pedra duas caras feitas ao pico; cavem à mão esquerda, altura de uma lança, acharão uma lousa muito grande e debaixo dela um seixo enorme onde está um grande haver.

32 27. Na Fonte dos Lagoalhos acharão um lameiro, em meio dele e por cima da fonte duas passadas, acharão cantos, em um deles está um letreiro, debaixo dele um grande haver.

33 28. Na Fonte das Lamas acharão uns penedos, e por baixo deles uns seixos brancos, e um outro branco fora da terra, e ao pé dele cavarão um pouco abaixo e acharão um grande haver.

34 29. Na Fonte Encantada, por cima da fonte dois passos e meio, entre muitas silvas, acharão muitos ladrilhos argamassados, e debaixo deles acharão 33 pedras fincadas, e atrás destas uma pedra redonda, e debaixo os haveres de um rei mouro.

35 30. Na Fonte do Salgueiro, por cima do ribeiro, 3 passos à mão de cima, estão salgueiros em frente dele, e têm debaixo um manto que vale 2 milhões.

36 31. No Castro do Mau Vizinho, águas vertentes para um ervideiro, tem ao pé um penedo mármore, acharão nele uma lousa furada e debaixo um haver muito grande.

37 32. No Castro Quintal, onde se juntam os ribeiros, acharão quatro marcos juntos, estando um fora da terra; em meio deles acharão uma pedra de canto e debaixo ladrilhos com bastante ouro.

38 33. Na pedra dos Namorados, ao pé onde está uma figueira da mesma pedra, e uma estátua na terra, cavem uma braça e acharão uma urna de madeira cheia de moedas.

39 34. Na fonte do Mouro, defronte ao meio-dia, sai água por um cano, e no extremo do dito acharão 450 saquinhas de ouro.

40 35. Na fonte da Serra do Gato, no cabo do nascedouro de água, se achará um penedo alto de cinco quinas e junto do penedo há um cofre de moedas de ouro.

41 36. Na mesma fonte, quase no meio, está uma torre pequena com tornos metidos, e debaixo da parede, ou no chão, acharão quatro barras de ouro.

42 37. A quatro passos da mesma Serra do Gato, acharão um cavado, onde está o cavado não há nada, mas onde está um desabrido de 17 passos do cavado acharão uma mó de moinho, e debaixo uma talha de pedra cheia de moedas de ouro.

43 38. Na Peneda do Cavado, por cima da fonte, ao longo de um pedestal, acharão portas de ouro.

44 39. Na Fonte Seca, para o meio-dia, por cima da fonte, acharão uma peneda desfeita e por debaixo uma carga de ouro.

45 40. Na Fonte do Cavado, junto do cavado, está um sino de ouro.

46 41. Na Ribeira dos Namorados, debaixo do altar ou rezatório, acharão 15 saquinhas de ouro.

47 42. Na Fonte da Ferradosa, junto da fonte, ao pé do penedo acharão grande haver.

48 43. No passo do Cavado, ao longo de uma figueira preta, se acha um haver.

49 44. No Castelo de Ervideiro, em Val de Martim, lançado contra uma carvalheira, ao pé do oratório, acharão um cavalo de ouro.

50 45. Na Fonte de Meijoadas, mais ao través da fonte três passos, ao longo da Carvalheira, se acha um cofre de ouro.

51 46. No castelo de Ervideiro, as joias de um rei.

52 47. Na Fonte da Vila Velha, na mesma cantaria, fica um azado de moedas de ouro.

53 48. Nas mesmas pedras de outra fonte fica outro azado de moedas de ouro.

54 49. No caminho debaixo do Canacho, nove passos, está um grande haver.

55 50. Na fonte da estrada, ao Nasc., fica um caixão com muita soma de ouro.

56 51. Nos Barreiros, fica em baixo do Andouro, um haver muito grande; para o achar é necessário desviar a água.

57 52. No castelo das Passadas, e ao redor do castelo, três passos, fica um azado de ouro.

58 53. Na fonte dos Navalhos, que nasce ao Nasc. do Lamacego, em uma lameira, mete-se um ribeiro junto ao moinho, e junto da lameira, três marcos, está um carneiro, em uma lameira, ao meio-dia, está debaixo um grande haver.

59 54. No Penedo Pilheiro, está em cima do penedo um enorme caixão ao pico que contém muita soma de moedas antigas.

60 55. Na Fonte do Rego, a nove passos fica um grande haver.

61 56. No Penedo Salgoso, derrubada parte da muralha, encontram-se os haveres de D. Gurina, proprietária que foi do Penedo.

62 57. Nas margens do Caramelo, ao pé da fonte, treze passos da parede, por baixo da fonte, está a ponta de uma relha feita em uma fraga aonde há muita soma de ouro.

63 58. Na Fonte da Leda, nove passos do caminho ao Nasc., existe um caixão onde estão os haveres de D. Caprina.

64 59. Na Fonte dos Salgueiros há um grande haver, e outro no corredouro da mesma fonte.

65 60. Na Fonte do Seixo, 11 passos do Ciprião, fica ao Nort. uma cobra de pedra, debaixo da mesma corrente de água, olhando para um tesouro.

66 61. Na Silveira, onde se junta água de um ribeiro, está um grande haver.

67 62. Na Fonte de Valongo, por cima da Fonte do Nascedouro existe um fojo na terra ao norte, e está aí um grande haver.

68 63. Na Fonte do Ervideiro, por cima da fonte doze passos de Ciprião, estão doze colos de ouro.

69 64. No Castro, [...] no fundo, está muita soma de ouro destemperado.

70 65. Nas fragas velhas, onde havia antigamente água, fica a cadeira de um rei.

71 66. No Penedo das Pombas existe um fojo em cima do penedo, onde há muita soma de ouro.

72 67. Na Fonte da Rima, por cima da fonte, dezoito passos ao norte, há um caixão feito de ladrilhos, cheios de joias e seda acharoada.

73 68. No penedo da Edra, por onde sai a água por umas frestas, estão cinco barras de ouro e cinco de prata, o que faz a água muito má.

74 Soma dos haveres do Porto de D. Gazua rios e águas vertentes
69. Entre ambos os rios, no castelo da cidade, vizinho do Castro das Lamas, à mão de cima dez passos, está uma fraga, e debaixo um haver muito grande.

75 70. Na mesma cidade, no portal do Sol, por debaixo da porta, estão muitas barras de ouro.

76 71. Ao longo da mesma cidade, para a parte do Poente, na fonte ao pé dela, estão uns riscos em pedra, e debaixo um jogo de bolas de ouro.

77 72. No mesmo Castro, junto ao rio, para a parte do meio-dia, está uma fraga que tem umas ferraduras, estado de um homem; por baixo está um haver.

78 73. Na fonte do Castro, três passos à mão de cima, está um pico de ouro.

79 74. No Castelo Vizinho, descente ao rio, está uma pedra que tem uns riscos feitos ao pico, e debaixo um caixão de latão cheio de ouro.

80 75. No portal do meio-dia está uma soma de ouro.

81 76. Na fonte do mesmo Castelo, para a parte do Nasc., está uma pedra metida no chão, debaixo uma lousa, e por baixo um grande haver.

82 77. Na fonte dos Lagoalhos, no meio, está uma pedra de canto, e debaixo um estado de um homem, por baixo muitas barras de ouro.

83 78. Indo para o Vale, está uma pedra com um letreiro, debaixo, estado de um homem, um grande haver.

84 79. Ao pé da fonte do Sereijal, se achará uma caixa de ouro.

85 80. Na fonte do Castelo está um pico de ouro.

86 81. Na fonte do Salgueiro está uma carga de ouro.

87 82. Ao pé da peneda dos Namorados, a Sindeira, debaixo de um penedo se achará um grande haver de D. Moura.

88 83. No penedo do Castelo do Ervelino, no corredor, ao pé de uma figueira, penedo honroso; acharão uma Narcega; na ponta de lá está uma dobra de ouro.

89 84. No brosco do Castelo, ao Poente, acharão uma baixela de prata.

90 85. Na fonte de El-Rei, por baixo do castelo, ao Nasc., está um grande haver.

91 86. No Terreiro do Castelo se acharão uns chapins de ouro cheios de moedas.

92 87. Na fonte da Mó, ao meio-dia, por baixo da parede de D. Maria, por cima da parede 17 passos, se achará um cofre argênteo cheio de moedas de ouro.

93 88. No Castelo adiante de Carrazeda, há cinco penedas [...], e cada uma delas da altura de um homem; por cima da fonte, altura de uma vara, acharão um azado de moedas de ouro.

94 89. Na fonte adiante de Carrazeda, por cima da fonte dezassete passos, acharão uma caixa cheia de moedas de ouro.

95 90. No Castelo das Seilhadas, a doze passos adiante, ao Poente, está muito ouro.

[96] 91. Aos estevais da mesma fonte velha, quinze passos ao corrente, fica um azado de ouro.

[97] 92. Ao Tresgajo, está à borda do ribeiro uma mula de pedra e debaixo dela um grande haver.

[98] 93. Na encruzilhada, ficam a 12 passos do caminho, pérolas de ouro e diamantes encantados.

[99] 94. No penedo do Corvo, ao Nasc., quinze passos do Ciprião, está um caixão de argamassa onde estão dez guias de ouro.

[100] 95. No penedo Cernateiro, para a porta do Sol, ao pé do penedo, uma caldeira de ouro.

[101] 96. Na fonte antiga, passando o pontão direito, ao Norte, um haver muito grande.

[102] 97. No Seixo dos Anciães, na mesma fonte, está um seixo e debaixo dele há um azado de cobre cheio de ouro.

[103] 98. No mesmo Castelo de Anciães, na esquina que olha para o Nasc., existe um caixão de argamassa feito na mesma torre onde estão sete dobrões de ouro.

[104] 99. Seguindo-se a outra fonte do mesmo Castelo, no corredouro da agra, há uma talha coberta com a mó de um moinho cheia de moedas de ouro.

[105] 100. No Sombreiro de Roldão, fica uma cabra pintada que está olhando para um haver.

106 101. Aos Manadouros, por onde sai a água por uma fresta de uma fraga está uma telha e por baixo um haver grande.

107 102. Na Olha Velha, no poço do mesmo, por baixo vinte e cinco passos, ao Poente, ao pé de um alcorno, fica um caixão cheio de joias.

108 103. Na Palha Parda, barca antiga da desembarcação, onde estão umas cadeias pintadas, aí acharão uma talha cheia de barras de ouro.

109 104. Na fonte do Pingão está um grande haver.

110 105. No sítio de Cabrões, na peneda do Lagarto, distância dois passos da parte do Norte, acharão uma [...] com a cara ao Nascente, e daí a dez passos da mesma cara acima, acharão debaixo da torre dois estados e meio de um homem, uma arca feita de argamassa, que serão necessárias três bestas para tirarem as moedas que tem.

111 106. Na fonte da Costa, dezasseis passos, acharão uma cabra em cima de uma peneda de meio estado de um homem, e daí a nove passos, cara ao Poente, está uma talha de moedas de ouro, que com facilidade se descobrirá.

112 107. Na fonte de Ouro, a nove passos, está meio estado, uma panela com dinheiro à porta do Norte.

113 108. Na fonte da Teixeira, à porta do Nasc., estado e meio de um homem, muito ouro e prata.

114 109. Na fonte das Navalhas, dez passos da fonte, cara ao Sul, meio estado de um homem, está valia de mais de mil cruzados.

115 110. Na fonte da Sibra, ao lado esquerdo, à parte, debaixo da mesma fonte, altura de um homem, está uma panela cheia de joias preciosas.

116 111. No Castro de cima, às cinco portadas, está enterrada uma panela de ouro a dois estados de um homem.

117 112. No sítio da mesma porta, cara ao meio-dia, próximo do Canaleiro, distância de um tiro, a 15 passos, estado e meio de um homem, está uma pia de peças de ouro.

118 113. No Castelo do Mau Vizinho está uma pedra de três esquinas e defronte da mesma pedra, oito passos, está uma tina de prata e debaixo está muito ouro, cara ao Sul.

119 114. Na pedra do Corvo, no lado da mesma pedra há um caixão argamassado com moedas de ouro.

120 115. No sítio da Peneda Redonda, cara ao meio-dia, vinte e sete passos, estado de um homem, há muita soma de ouro e prata lavrada.

121 116. No sítio de Castro Sucher, acharão um caixão de seis palmos de alto onde está muita soma de riquezas.

122 117. Na fonte do Monte Frio, estado 20 palmos, cara ao Poente, acharão a dezasseis passos, uma tina de ouro e debaixo está muita serventia de prata.

123 118. Na fonte do Carvalho, estado de um homem, cara ao Norte, acharão mais de doze mil cruzados de ouro e prata, distância de seis palmos.

124 119. No sítio do Castro Troncado, cara ao Sul, a dez passos, ao entrar na primeira portada, estão duas cadeiras de ouro com muita valia.

125 120. Na peneda do rio Fragoso, está uma cabra em volta, cara ao meio-dia, e da outra parte, cara ao Nasc., a dezoito passos; está a arte de um ferrador, tudo de ouro.

126 121. Desterrando o Castro, onde fica muita riqueza, dentro do mesmo castelo, que tudo vale mais de cem mil cruzados em peças de ouro.

127 122. Na peneda de Olho Redondo, ao virar o sol, a quinze passos, está muita riqueza.

128 123. No Castelo do Mau Vizinho, defronte do meio-dia, debaixo da portada, acharão um grande haver.

129 124. À porta do Sabugueiro, da casa do Calador, está um grande haver na mesma porta, que são quarenta barras de ouro.

130 125. Defronte do Penedo Furado, sete braças, estão quarenta barras de ouro e quarenta de prata.

131 126. No Cabeço da Velha está um sinal que é a cabeça de um cavalo, ao pé dele está uma cabrita de ouro e vinte barras de prata.

132 127. Ao pé do Seixo Branco estão sete barras de ouro.

133 128. No Castro Bolha, ao longo da fonte sete passos, está o haver de um rei; sete milhões de ouro em moedas.

134 129. Perto da Calçada, ao pé de uma fraga, da banda do Castelo, está um grande haver, mil escudos de ouro e vinte e nove barras de prata, defronte da fonte que está da outra parte, espetada na mesma fraga a cara de um homem pintada.

135 130. No poço que fica por cima de Goadramil, em cima da terra, tem dentro de si duas [...] de peças de ouro e prata, e mil quintais de ferro por cima, e tem de um lado um buraco por onde se esgota a água.

136 131. Nas rachas, em uma fonte que tem um salgueiro, ao pé de onde nasce a fonte, estão quarenta barras de ouro e vinte de prata metidas em um caixão no cabo da fonte.

137 132. No penedo da Mira, ao pé dele, à parte do Nasc., está um tesouro, e tem em cima um marco, e são duzentas barras de ouro e quinhentas de prata.

138 133. Na Penha em Varge, está um grande haver que não tem conta, tem a cabeça de um cavalo pintada e debaixo está o haver.

139 134. Nas fontes do Navalho, em cada uma delas há seu haver, e por cima da principal, oito passos, está uma tinalha cheia de ouro.

140 135. Na outra fonte do Navalho, onde está uma ferradura desenhada em uma pedra, entre a fonte e a ferradura fica um grande haver e o que acharem vivo não o matem.

141 136. Na outra fonte do Navalho, ao Norte, entre a estrada e a fonte, tanto para uma como para outra parte, fica um azado de ouro.

142 137. Na salgueira está um grande haver, que são quinhentas barras de ouro.

143 138. Na fonte do Velho, um pico de ouro.

144 139. No limite do Castro Socham, está uma fornalha de fazer telha, na quina dela, para o Sul está uma cadeira de pedra e debaixo dela uma tina de pérolas e diamantes e quinze barras de ouro.

145 140. Na fonte da Sagraça, da parte de cima da fonte, estão quarenta marcos fincados, e no meio destes está uma tina de ouro, altura de um homem.

146 141. Na fonte da Moura, a três passos, está uma tina de ouro da altura de um homem.

147 142. No Vale dos Namorados, está uma barra branca na fonte, e tem uma silveira na ilharga, para a parte do Norte tem um seixo branco, a quinze passos está uma mão e debaixo dela estão quatro capelas de ouro, que andou um azemel quinze dias a acarretar e tudo vale quatro milhões, e tem um ídolo dos deuses.

148 143. No vale de Valbom está um penedo furado, na parte do Poente, há cento e quarenta saquinhas de ouro, altura de um homem.

149 144. O Castelo de Vorim, na fonte de El-Rei, para a parte do Nasc., tem um seixo branco com uma medalha pintada, ao direito dele, a um passo, está uma cova redonda cheia de moedas de ouro, altura de dois homens.

150 145. No mesmo limite, por baixo do Castelo, está um lameiro; onde se apartam os dois ribeiros está uma mesa redonda de pedra pintada, na outra parte uma ferradura e por baixo, a vinte e cinco palmos de alto, está a prata e ouro de uma viúva.

151 146. No limite do Vale Curto está uma laje grande, debaixo dela estão quatro arrobas de ouro, altura de um homem.

152 147. No Castelo do Mau Vizinho, nas portas ao Poente, por baixo delas está um penedo redondo aonde acharão duas pias metidas na fraga, uma de ouro, outra de prata.

153 148. No mesmo limite, ao Penedo do Vale, sai água debaixo dele, aí acharão duas ferraduras pintadas; por cima de onde sai a água, a seis passos para o Norte, acharão uma tina de diamantes e uma barca de ouro, altura

de dois homens.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PRIMEIRA PARTE, CAPÍTULO 8: NOVO SISTEMA DE DEITAR AS CARTAS

✦

[1] CAPÍTULO VIII

Sistema de deitar as cartas

A ciência das conjecturas, conhecida pelos sacerdotes das mais antigas nações do mundo, e dos adivinhos e profetas de todas as religiões idólatras, foi depois passando para o domínio de todos os que, desde então até aos nossos dias, se têm lembrado de predizer o futuro duma pessoa ou da sociedade, em geral, pela simples inspeção de coisas de nenhuma importância. Os arúspices ou áuspices, os adelites, os áugures e os druidas, tão decantados por Seiller, todos liam o porvir no voo e canto das aves nas entranhas dos animais. Foi daí que veio a «Ornitomancia e a alectriomancia».

[2] A adivinhação pelos números e pelos nomes não é menos antiga, porque a adivinhação pelos números remonta à origem do mundo, e foi muito em uso entre os magos e caldeus, e a adivinhação pelos nomes, chamada ciência anagramática, foi praticada pelos discípulos de Pitágoras ou pitagóricos. À primeira dá-se o nome de «Aritmomancia» e à segunda o de «Onomatomancia».

[3] A adivinhação pelos sonhos, conhecida pelo nome de «Oneirocrítica», que é um dos ramos mais importantes da ciência das conjecturas, e provavelmente, veio do Oriente, deve ser posta a par da astrologia ou astronomancia em antiguidades. Os árabes, os persas, os peruvianos, todos os po-

vos da antiguidade procuravam o seu futuro no firmamento, e muitos homens célebres das eras passadas, consideravam a astrologia como uma arte respeitável.

4 Eram muitos os objetos de que os antigos se serviam para conhecimento do futuro. As varinhas, os ramos, a peneira, o ar, o fogo, o fumo, a água, a luz, a cera, as plantas e árvores, os livros, a mão, os espelhos, anéis, ovos, animais, peixes, pedras, tudo servia para explicar o porvir do indivíduo que consultava o adivinho, como os cometas e os eclipses para marcar grandes calamidades no futuro das nações.

5 A «Cartomancia» ou adivinhação pelas cartas de jogar, é mais moderna, porque antes de Carlos V ainda não se haviam inventado as cartas. Este ramo da ciência das conjecturas, ainda hoje praticado por muita gente, e sinceramente acreditado por muita mais, é o grande recurso das enamoradas, apertadas por ciúmes ou desconfianças, ou pelas saudades do objeto amado.

5.2 A cartomancia praticava-se com 32 cartas, ou com o jogo de setenta e oito. Hoje, entre nós, só se faz uso de quarenta, cada uma das quais tem a significação que passamos a expor:

6 OUROS
O ás, uma prenda.
O dois, brevemente.
O três, com alegria.
O quatro, igreja.
O cinco, novidade.
O seis, dinheiros pequenos.
O sete, dinheiros grandes.

7 ESPADAS

O ás, afirma.

O dois, cortando.

O três, más palavras.

O quatro, na cama.

O cinco, doença.

O seis, desvio.

O sete, paixão de alma.

8 COPAS

O ás, fandango.

O dois, uma carta.

O três, boas palavras.

O quatro, por a porta da rua.

O cinco, lágrimas.

O seis, por caminhos.

O sete, a horas de comidas e bebidas.

9 PAUS

O ás, por noite.

O dois, a caminhos vagarosos.

O três, a caminhos breves.

O quatro, nesta casa.

O cinco, com cinco sentidos.

O seis, zelos.

O sete, com muito gosto.

10 A dama de espadas é uma mulher de má língua, e o rei e valete de espadas o corpo e pensamento dum homem de justiça, advogado, juiz, procurador ou coisa que o valha.

11 A dama de ouros representa a consultante da feiticeira, e o rei e valete de ouros, o corpo e pensamento do consultador ou do indivíduo de quem se pretende saber alguma coisa.

12 As outras figuras servem para marcar qualquer pessoa que tenha de figurar nesta nigromancia, entendendo-se que os valetes representam os pensamentos dos indivíduos marcados nos reis do mesmo naipe.

13 A disposição das cartas, depois de baralhadas e partidas em cruz, acompanhando tudo com certas palavras a que se deve ligar grande importância, e em que se pede a S. Cipriano que se digne revelar pelas cartas o que se pretende saber, faz-se por esta forma:

14 Suponhamos nós que é uma enamorada que está consultando a feiticeira, e que as cartas saíram como representa a gravura que apresentamos ao leitor. A feiticeira, começando — em cruz — pelo três de copas e ás de ouros, diz:

15 — Dando boas palavras com uma prenda, com alegria e muito gosto, este senhor de corpo e pensamento com esta senhora e com fandango...

16 Santo nome de Jesus! a boa da velha adivinhou um segredo terrível, um segredo que faz desmaiar e cair a consultante, que nunca imaginara que uma carta pudesse revelar a perda de sua inocência, que lhe fora roubada tanto às escondidas...

17 E a velha, depois de borrifar com uma pouca de água fria as pálidas faces da sua cliente, continua com a sua nigromancia...

18 — Com brevidade, com um papel por igreja, a caminhos breves... (A menina casa muito breve com esse sujeito, porque me sai aqui papel e igreja com brevidade...) Com cinco sentidos em dinheiros grandes e dinheiros pequenos pela porta da rua... etc., etc.

19 Depois continua com a maior volubilidade, tirando as cartas em cruz das outras duas carreiras, e passa ao meio.

20 — Temos uma novidade, porque a carreira do meio não tem figuras. Vejamos, pois. O que quer que eu peça a esta novidade?

21 — O que eu desejo saber é se ele me é infiel?

22 — Está bem. A novidade o dirá.

23 E a feiticeira diz em voz baixa:

24 «Cartas, pelo poder de S. Cipriano, que sete anos no mar andou, e sete sortes por sua divina esposa deitou, dizei-me se este senhor guarda fé e lealdade a esta senhora. Se lhe é fiel saia ele com ela com muito gosto, mas se é infiel saia com outra mulher, tendo desvio desta senhora.»

25 Então estende 21 cartas com as costas para cima sobre as oito da carreira do meio, e põe aos lados desta carreira 8 cartas, a duas e duas em cruz, de modo que fica só com três na mão. Se estas três não dizem nada, começa a tirar as 8 do lado em cruz, e a ler o que elas dizem, e passa depois à carreira das 21, tirando uma de uma extremidade, outra da outra, e assim até acabar.

25.2 Se o acaso lhe não dá ocasião de satisfazer a curiosidade da menina, torce a significação de duas ou três cartas, amoldando-se o melhor que pode ao que ela deseja saber, e tem concluída a sua tarefa.

26 É preciso saber-se que se sair o quatro de ouros com o quatro ou cinco de espadas, é sinal de morte próxima.

27 E o dois de copas com o quatro de ouros é um sinal de casamento.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PRIMEIRA PARTE, CAPÍTULO 9: MANEIRA DE LER AS SINAS

✦

1 CAPÍTULO IX

Maneira de ler as sinas

Desde os tempos mais remotos da antiguidade que se tem feito, em quase todos os povos, o uso da quiromancia, ou arte de adivinhar pelas linhas da mão a fortuna ou desgraça das pessoas.

2 A leitura da buena-dicha, estando hoje tão generalizada, até nas mais pequenas povoações, merece entrar também neste livro.

3 Apresentamos todas as sinas distribuídas pelos doze meses de que se compõe o ano, para se encontrar com facilidade o que pertence a cada nascimento.

4 Feita esta explicação começaremos a leitura da buena-dicha em

5 JANEIRO.

Os indivíduos nascidos sob a influência deste signo, são de caráter honesto, mas inconsiderados e tímidos a tal ponto que se tornam inábeis para tratarem ou dirigirem qualquer negócio de responsabilidade.

6 Os homens prometem ser trigueiros, de cabelos pretos, olhos azuis, e pela maior parte de aspeto soberano. Serão desconfiados com tudo e com todos, e por isso perderão muitos negócios vantajosos.

7 As mulheres serão trigueiras, de altura vulgar e muito elegantes e espirituosas. Hão de ser amantes do luxo, mas boas esposas e boas mães. Terão cinco filhos, pelo menos. O seu temperamento será bilioso, assim como o dos homens.

8 FEVEREIRO
Todos os que nascem sob este signo, são de génio arrebatado e muito sanguíneos.

9 Os homens devem ser pálidos e de compleição nervosa, mas pacíficos. Usarão sempre de pouca sinceridade, mesmo com os seus amigos.

10 As mulheres serão muito desmazeladas e volúveis, terão os olhos e cabelos negros, e serão de uma formosura e elegância extraordinárias.

11 Não convém o casamento entre pessoas nascidas ambas neste mês, porque será grande desgraça essa união.

12 MARÇO
Quem vier ao mundo durante a passagem deste signo é dum caráter blasonador e desconfiado. E será duma inteligência pouco vulgar, mas egoísta. Amará tudo quanto lhe proporcione a consumação dos seus prazeres e caprichos, sem se importar dos meios de o conseguir; será capaz até de praticar indignidades, para não dobrar o dorso a trabalho honesto.

13 Quer homens, quer mulheres, serão sedutores, persuasivos, e em geral, fazem-se amar com facilidade. Uns e outros são de temperamento muito nervoso.

14 ABRIL

Os que nascem neste signo são tristonhos. Têm grande amor ao trabalho, para fazerem a vontade às mulheres de quem gostam, porém, são dumas exigências ridículas e dum ciúme insuportável. São fortes, vigorosos, mais altos que baixos, olhos castanhos e cabelos da mesma cor.

15 As mulheres costumam sair excelentes governadeiras, esposas fiéis e mães extremosas, embora pouco elegantes. Serão sanguíneas e fortes.

16 Os homens serão nervosos.

17 MAIO

Os que nascem debaixo desta influência são de compleição delicada e pusilânimes; altura mais que vulgar, olhos cor do mar e linfáticos. Os homens são, de ordinário, bondosos e dados ao descanso. Vulgarmente apreciam mais o conchego da família do que a convivência estranha. São pouco aptos para empresas de grande movimento; mas, geralmente, estimados pelo seu excelente comportamento.

18 Quanto às senhoras, são baixas e roliças, buliçosas e amigas de bailes e outros divertimentos; e farão, por vezes, desesperar os maridos, ainda que sejam estrénuas respeitadoras dos seus deveres.

19 JUNHO

Os que veem a luz durante este signo são biliosos e muito achacados de incómodos cerebrais. Costumam ser pouco reservados nas suas palavras e dum génio bondoso e meigo.

20 Tanto homens como mulheres são inteligentes e habilidosos, muito leais em os seus negócios e capazes de se sacrificarem pelas pessoas amigas.

21 Os homens são de grande corporatura e as mulheres, também, altas e de olhos pretos e grandes.

22 JULHO

Os nascidos debaixo da força deste signo são inconsiderados e teimosos, ao ponto de praticarem atos indecorosos para levarem a efeito os seus caprichos. Têm o sestro de andar atrás das mulheres sem se importarem das categorias delas. São de temperamento bilioso e valentes. De ordinário têm os olhos castanhos e cabelo alourado.

23 As mulheres são franzinas, meigas e delicadas, e apenas têm três defeitos: ruins filhas, péssimas esposas e piores mães.

24 AGOSTO

Os que nascem influenciados por este signo são pouco inteligentes e nada delicados.

25 Os homens, morenos e vigorosos, são quase, geralmente, dados aos negócios em larga escala, no que costumam ajuntar boas fortunas em pouco espaço de tempo. Pela maior parte são enfatuados e pouco propensos a obsequiar qualquer amigo, por muito probo que o considerem.

26 As mulheres são, geralmente, ativas, porém pouco meigas com os maridos, embora lhes tenham muito amor; o seu ideal é a vida sossegada do lar. São de temperamento débil.

27 SETEMBRO

Os que nascem debaixo da influência deste signo são todos vulgares; não têm qualidades físicas nem morais que os distingam entre si. Uma quali-

dade, apenas, os torna distintos entre os nascidos sob outros signos; é que todos são trabalhadores e honrados. O homem será bom filho, bom marido e, por via de regra, bom pai.

28 OUTUBRO

Os que virem a luz neste mês são desmazelados e propensos a caprichos extraordinários; são quase todos alegres e folgazãos. As mulheres costumam ser formosas, com uns olhos tentadores, dum negro inexcedível. Devem ser muito inteligentes e namoradeiras, mas pouco constantes, começando por atraiçoarem os namoros e acabando nos maridos. Os homens são inteligentes e cheios de energia. As mulheres são fracas e não chegam a concluir os oitenta anos.

29 NOVEMBRO

Os que nascem neste mês são dados à guerra e a tudo quanto é luta, são de mau génio e por tudo se abespinham. Os homens abandonarão coisas de importância por frívolos prazeres. São grossos, cheios de vigor e elegantes.

30 As mulheres serão delgadinhas, bem feitas, extremamente bonitas e louras ou ruças. Apesar de serem boas donas de casa serão muito atreitas ao pecado da carne, e bom será guardá-las.

31 Excetuam-se as nascidas desde o dia 12 a 20 deste mês.

32 DEZEMBRO

Os que nascerem sob este signo, têm um caráter muito mudável; tão depressa choram como riem. Terão predileções por modos de vida que raramente poderão levar a efeito. Gostarão de viajar e não conseguirão nunca sair do país.

33 Os homens terão uma altura regular e cabelos pretos, olhos dum castanho claro e simpáticos.

34 As mulheres devem ser altas, de olhos azuis, rosto redondo e engraçado. Homens e mulheres serão duma dignidade pouco vulgar e extremamente amáveis. O seu temperamento será bilioso, e procriarão muita prole.

35 A máxima parte dos casamentos contraídos entre pessoas nascidas no mesmo mês não dão resultados satisfatórios, e por este motivo será bom evitar essas uniões, porque podem daí resultar grandes desequilíbrios domésticos.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PODERES OCULTOS, CARTOMANCIA, ORAÇÕES E ESCONJUROS

✦

[1] PODERES OCULTOS
CARTOMANCIA, ORAÇÕES E ESCONJUROS
I
Como Deus permite que o demónio atormente as criaturas
1.º É para que um homem, obstinado em culpas, sirva de terror e exemplo aos outros homens.
2.º É para que os que não são obstinados, sejam só castigados neste mundo pelas suas culpas.
3.º É para que o homem vendo-se castigado pelo demónio, fuja de ofender a Deus.
4.º É para castigar alguma culpa leve, da qual se quer satisfazer logo a justiça de Deus.
5.º É para que os que estão em graça não descaiam dela.
6.º É para que se arrependam os pecadores, vendo com os seus olhos, o açoite da justiça divina.
7.º É para manifestar o poder de Deus.
8.º É para mostrar a santidade de algumas criaturas.
9.º É para aumentar os merecimentos às criaturas viciadas.
10.º É para purificar mais os seus escolhidos.
11.º É para que as criaturas tenham o purgatório neste mundo, e se confundam, vendo que dos seus males resultam para os outros tantos bens.

2 Nomes dos demónios que atormentam as criaturas, e porque é que Deus lhes consente que eles as mortifiquem — Quantas castas há de demónios ou criaturas viciadas

Há obsessos, possessos e malfisiados. Destes, uns são malfisiados e possessos, outros são malfisiados, possessos, reptísios, pitónicos, lunáticos e fascinados.

3 Os obsessos são aqueles que o demónio atormenta, estando da parte de fora.

4 Os possessos são aqueles que têm o demónio dentro do corpo.

5 Os malfisiados são aqueles que o demónio apoquenta ou molesta com dores e moléstia por concurso de alguma feitiçaria.

6 Os malfisiados possessos são os que estão enfeitiçados e juntamente possuídos do demónio.

7 Os malfisiados obsessos são aqueles a quem o demónio persegue de fora.

8 Os reptísios são os que o demónio suspende ou arrebata pelo ar, que são os que têm pacto.

9 Os pitónicos são os que têm espírito que adivinha.

10 Os lunáticos são os que nos crescentes ou minguantes da lua são atormentados.

11 Os fascinados são aqueles a quem o demónio move a obrar ou falar sem que saibam o que dizem.

12 Modo de preparar uma peneira para adivinhar, como fazia S. Cipriano, depois que era Santo

Pegue-se numa peneira, crave-se-lhe uma tesoura no arco, que fique bastante aberta, depois pegue-se com os dedos, (isto é, um de cada lado, cada um em seu anel), em seguida reze-se o credo em cruz sobre ela, ambos os que querem adivinhar, dizendo depois: «Peneira que peneirais todo o pão da humanidade, peço-vos eu, Senhor, pelas três pessoas distintas da Santíssima Trindade, que me não faltes à verdade, para gelão, traga matão, vais do panto a chião, a molitão, possa esperar para entregar ao príncipe Lúcifer.»

13 Depois de ter dito estas palavras, falai para a peneira deste modo: «Quero que me digas se isto é verdade ou se eu tenho de ser casado; se tenho, vira-te para acolá, se não tenho, vira-te para ali.»

14 Enfim, perguntai o que desejais saber: só não adivinha o que não está para acontecer.

15 IV

Para adivinhar com seis paus de alecrim

Pegai em seis pauzinhos de alecrim, e à noite, ao deitar, fazei tiras de papel; embrulhai-os nas ditas tiras de maneira que se juntem as pontas do papel, depois dobrai-os para trás de maneira que fique o pauzinho bem embrulhado; em seguida pedi a S. Cipriano desta forma:

16 «Meu milagroso S. Cipriano, eu vos peço, por aquela hora quando tiveste o arrependimento, que fizeste logo com que o demónio vos entregasse a escritura que lhe tínheis feito da vossa alma, pois eu vos peço, meu

milagroso S. Cipriano, que me declareis se eu tenho de fazer isto ou aquilo.»

17 O segredo deste mistério só S. Cipriano o sabe, se os paus saírem de dentro da dobra e se mudarem sem que se rompa o papel, é verdade o que se lhe pediu; devem-se, porém, deixar ficar até pela manhã.

18 Note-se que os paus devem ser pequenos.

19 V

Modo de deitar as cartas tal qual as deitava S. Cipriano

SIGNIFICAÇÃO DAS CARTAS

OUROS

O ás, uma prenda.

O dois, brevemente.

O três, com alegria.

O quatro, igreja.

O cinco, novidade.

O seis, dinheiros pequenos.

O sete, dinheiros grandes.

[Nota: Veja-se o Capítulo IV.]

20 ESPADAS

O ás, afirma.

O dois, cortando.

O três, más palavras.

O quatro, na cama.

O cinco, doença.
O seis, desvio.
O sete, paixão de alma.

21 COPAS

O ás, fandango.
O dois, uma carta.
O três, boas palavras.
O quatro, por a porta da rua.
O cinco, lágrimas.
O seis, por caminhos.
O sete, a horas de comidas e bebidas.

22 PAUS

O ás, por noite.
O dois, a caminhos vagarosos.
O três, a caminhos breves.
O quatro, nesta casa.
O cinco, com cinco sentidos.
O seis, zelos.
O sete, com muito gosto.

23 Para se saber como se há de ler o que as cartas revelam a quem as consulta

A dama de espadas é uma mulher de má fama ou de mau signo. O rei e valete de espadas é o corpo e pensamento de um homem de justiça. Se uma senhora quer consultar as cartas deve ser representada pela dama de ouros, e o rei e valete do mesmo naipe representam o cargo e pensamento do indivíduo de quem a consultante quer saber. Se é homem deve ser represen-

tado pelo rei e valete de ouros, e a pessoa consultada deve ser representada pela dama do mesmo naipe. As outras figuras servem para marcar qualquer pessoa que tenha de figurar nesta nigromancia, entendendo-se que os valetes representam os pensamentos dos indivíduos marcados nos reis do mesmo naipe.

24 Maneira de dispor as cartas
Depois das cartas baralhadas e partidas em cruz, devem estas ficar em cinco porções iguais, em linhas de três porções, ficando por esta forma, em cruz, e será toda a operação acompanhada do responso, tal qual como S. Cipriano o fazia para que as cartas não lhe falhassem no que desejava saber.

25 Suponhamos que é uma namorada que consulta as cartas, e que elas, depois de baralhadas e espalhadas saem da forma seguinte:

26 Colocadas e estendidas as cartas sobre uma mesa ficam em cinco linhas, de oito cartas cada linha, e estão, por exemplo, desta forma em cada linha:
1.ª linha — Ás, 7 de paus, valete de ouros, dama de ouros, ás de copas, 2 de paus, 5 de ouros e 4 de espadas.
2.ª linha — Rei de paus, valete de espadas, 2 de espadas, rei de espadas, 7 de espadas, dama de copas, rei de copas e 6 de paus.
3.ª linha — 5 de ouros, 5 de copas, 2 de paus, 7 de copas, 5 de espadas, 4 de paus, ás de paus e ás de espadas.
4.ª linha — Valete de paus, 4 de espadas, rei de espadas, 3 de espadas, dama de paus, rei de copas, 7 de espadas e 6 de copas.
5.ª linha — 6 de ouros, 6 de paus, 4 de ouros, 2 de ouros, ás de copas, rei de ouros, 3 de ouros e 3 de copas.

27 Se as cartas saírem conforme vos acabamos de indicar, deveis lê-las desta forma, mas se elas não representarem assim, deveis estudar como elas se hão de ler, porque sem que vós saibais o que elas significam, não podeis tirar delas fruto algum.

28 Começaremos agora a tomar as cartas das duas carreiras dos lados, em forma de cruz, pelo 3 de copas e ás de ouros, e tomando verdadeiro sentido nelas, vê-se que nos dizem estas palavras: uma prenda com alegria e noite de gosto. «Este senhor com o pensamento nesta senhora e com ideias que traz para ela, com um papel por igreja a caminhos breves, com cinco sentidos em dinheiros grandes e dinheiros pequenos, vem pela porta da rua.»

29 Já se vê que tem de casar breve com o indivíduo acerca do qual consultou, provindo desse consórcio, boa fortuna, tendo de receber antes uma prenda que ele lhe oferece. Principiaremos com a mesma operação, e pelo mesmo modo nas outras mesmas carreiras, colhendo delas o mesmo sentido que nos dão; chegando à carreira do meio, vemos que há uma novidade, porque não tem figura; quando isto acontece podemos pedir a essa novidade qualquer coisa, por exemplo: a senhora que consulta, deseja saber se a pessoa a quem ama lhe guarda fidelidade; passará, então, as 32 cartas já consultadas e baralhadas.

30 No fim disto deixai estar as cartas na mão até que digais o responso de S. Cipriano; depois de o acabardes, estendereis em seguida 21 cartas com as costas para cima, sobre as 8 da carreira do meio, e poreis ao lado desta carreira 8 cartas a duas em cruz, de modo que fiqueis com 3 cartas na mão; se estas 2 não disserem nada, começai a tirar as 8 dos lados em cruz e a ler o que elas dizem; depois passai à carreira das 21, tirando uma de cada extremidade, e assim até acabar.

30.2 É preciso saber-se que se sair o 4 de ouros ou 5 de espadas é sinal de morte próxima, e o 2 de copas com o [...] ouros é um anúncio de alegria, que a pessoa brevemente saberá.

31 Consta-nos que há por aí muitas pessoas que deitam cartas; mas de que serve isto se elas não possuem o Grande Livro de S. Cipriano ou O tesouro do feiticeiro, para estudarem e decorarem o responso que devem dizer, tal qual como o dizia este Santo?

32 Eis como S. Cipriano inventou as cartas: Este Santo, depois de se arrepender da má vida que tinha, foi para longe da sua pátria e por lá andou sete anos. Como este Santo tinha muito amor à sua querida esposa e filhos e não sabia o que seria feito de seus pais, resolveu-se a inventar as cartas. Dizia o Santo: «Eu quando era senhor das astúcias de Satanás deitava as cartas pelo poder do meu senhor que era Lúcifer, porém, agora, não sei o que hei de fazer.»

33 Ficou pensativo e à noite foi-se deitar. Apareceu-lhe um Anjo do Senhor e disse: — Cipriano, que andas tu a pensar? Porventura esse maldito que tu deixaste, tem mais poder do que o teu Deus, que manda sobre tudo que cobre o sol? A tua fé ainda não é verdadeira? E o Anjo fugiu.

34 S. Cipriano acordou e disse: Esta noite tive um sonho muito agradável; pois quem é que tem mais poder do que Deus? Ainda me lembra quando um dia eu mandei cair fogo do céu à terra pelo poder de Lúcifer.

35 E uma mulher só com dizer — Jesus! — fez cessar o fogo de cair. Grande é o poder de Nosso Senhor Jesus Cristo!

36 Estava pensando nisto e disse: Pois vou deitar as cartas em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo; e assim fez.

37 S. Cipriano grandes virtudes fez às cartas para que elas lhe adivinhassem tudo que queria; por isso, todo aquele que assim não fizer, não lhe valerá de nada o deitar as cartas. Se o fizer é por impostura.

38 Cipriano pegou no baralho das cartas e foi passá-las por sete pias de água benta, cada uma na sua igreja, depois disso disse sobre elas o credo em cruz, isto é, fez nas cartas cruzes com a mão direita, em seguida passou-as pelas ondas do mar, sete vezes embrulhadas, e não se molharam.

39 Depois disto adivinhava como passava a sua família, e muitas outras coisas que ele desejava.

40 VI

Responso que se deve dizer quando se está para deitar as cartas

«Ó! meu amantíssimo Senhor, vós que sois o Deus do universo, permiti que estas cartas me declarem o que eu quero saber, porque, Senhor, não tenho mais a pedir; o senhor seja comigo e me ajude e me socorra; Maria Santíssima, minha mãe, socorrei-me por intervenção de vosso amado Filho. Senhor meu, a quem com uma vivíssima fé, amo de todo o meu coração, corpo, alma e vida. Cartas, vós não me haveis de faltar a isto pelo sangue derramado de Nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.»

41 Desta forma é como se deitam as cartas, e quem assim o não fizer não obterá bom resultado.

42 VII

PRIMEIRA MÁGICA

O poder oculto ou meio de obter o amor das mulheres

Na vida de S. Cipriano, assim como nos «Milagres de S. Bartolomeu», conta-se que para um homem se fazer amar pelas mulheres, sejam quais fo-

rem, necessita pegar no coração dum pombo virgem e fazê-lo engolir a uma cobra, e conservar esta presa por espaço de quinze dias. A cobra, como se vê, não resiste por muito tempo.

43 Logo que ela morra, corte-se-lhe a cabeça e seque-se sobre uma brasa ou borralho e lance-se-lhe em cima 30 gotas de láudano hanoveriano; em seguida pise-se tudo e deite-se num frasco de vidro novo. Enquanto isto se conservar assim, o dono do frasco pode ter a certeza que será amado por quantas mulheres quiser.

44 MODO DE USAR

Esfreguem-se as mãos com uma pequena porção, dizendo as seguintes palavras:

45 «Izelino Belzebuth, canta-galen-se-chando-quinha, é a própria xime, é golote.»

46 É tão forte esta mágica, que para se atrair uma criatura à outra, é mais que admirável!

47 O leitor ou leitora pode usá-la sem escrúpulo, que aqui não entra pecado, pois o mesmo S. Cipriano a ensinava a seus servos, a quem livrava do poder de Satanás, que com as suas malditas prestigiações desgraçou uma cidade inteira.

48 Na segunda parte deste livro mostra-se, mais claramente, a razão dos poderes ocultos.

49 VIII

SEGUNDA MÁGICA

O poder oculto ou o segredo da varinha de aveleira

Deve ser admirabilíssima esta mágica: pois tão admiráveis maravilhas deve obrar, que se me gela o sangue nas veias em a publicar, não por ofender ao Todo-Poderoso, mas sim com receio de que algum estouvado use dela, sem que primeiro se revista de coragem.

50 Sim, dizemos coragem, porque com o medo lhe podem acontecer muitas consequências graves. Por causa do medo e nada mais; porque aqui não entra o poder do demónio com a criatura; pois que neste livro não se trata de ter comunicação com os demónios, mas sim livrar-nos deles com a nossa bondade.

51 É por isso que não revelamos esse segredo.

52 IX

TERCEIRA MÁGICA

Os poderes ocultos ou o dinheiro encantado

Uma moeda de boa prata, posta debaixo de pedra de ara, por espaço de três dias, de modo que se digam três missas, em cima, sem que o padre o saiba (só o deve saber o depositante da moeda e mais ninguém), pode trocar-se em qualquer parte, que quando se chegar a casa encontrar-se-á no bolso; é tal o encanto, que será bom que o leitor não experimente; só se for por brincadeira.

53 Os meses mais favoráveis são fevereiro, abril, junho, setembro e dezembro.

54 O leitor que estiver a fazer a operação não tema, veja o que vir, e mande que se faça o que lhe parecer, segundo as suas ideias, e quando acabar, diga com os olhos levantados ao céu: Fica-te em paz! Amém.

55 X

Oração do Anjo Custódio

A oração do Anjo Custódio foi ensinada a S. Cipriano, por S. Gregório, seu companheiro, virtuoso varão que tanto pregou por esses templos, anunciando a virtude e o procedimento de S. Cipriano e o seu grandioso arrependimento daquela vida cheia de iniquidades. Diz S. Gregório: — Olhai, meus irmãos, foi chegado o dia feliz em que eu com as minhas orações venci Satanás e salvei Cipriano, que há três dias é escravo do Nosso Senhor Deus, e tenho toda a certeza de que não torna a ser escravo do demónio!

56 — Como se poderia salvar Cipriano? — dizia o povo.

57 — Com orações! — respondeu S. Gregório.

58 Ide ao monte Samão, ao lugar da Ermida, lá vereis o sítio donde o demónio, tomando o corpo de Cipriano, o precipitou nas profundas do inferno; e a virtude daquela donzela a quem ele, com seus feitiços, tentou conquistar e convencer para um seu amigo.

59 Mas, a virtude desta donzela não se perdeu, e não só perdoou a Cipriano, como pediu a Deus que o não castigasse e que lhe perdoasse também.

60 Pois a oração do Anjo Custódio é tão eficaz que toda a criatura que a disser uma vez por dia, não só se livra do poder e astúcia de Satanás, como lhe forma um obstáculo que à distância de doze léguas não pode entrar em criatura alguma. Por isso todo o fiel cristão a deve aprender de cor, para melhor a dizer quando quiser.

61 XI

Um episódio da vida de S. Cipriano

Diz S. Cipriano, num capítulo do seu livro, que numa sexta-feira, passando

por um lugar deserto, viu tantos fantasmas em volta de si, que tremeu de susto e perdeu todas as forças para lhes poder resistir; porém os fantasmas eram bruxas que se queriam salvar. Logo se chegou uma delas a Cipriano, e lhe disse:

62 — Salva-nos, se entendes que depois desta vida temos outra.

63 — Como vos hei de salvar? — perguntou Cipriano.

64 — Como te salvaste tu, infame?!

65 — Sim... sou escravo do Senhor! Sou escravo do Se...

66 Não acabou a palavra.

67 Caiu num profundo sono.

68 De repente, Cipriano viu diante dele quatorze bruxas.

69 — Quem sois? — perguntou-lhes Cipriano.

70 — Maria e Gilberta, ambas irmãs — responderam duas delas.

71 — E o resto dos fantasmas? — replicou Cipriano.

72 — São minhas filhas, e como eu, todas escravas de Lúcifer — disse Maria.

73 — Que desejais? — perguntou Cipriano.

74 — Queremos salvar-nos e seremos, como tu, escravas do Senhor — responderam elas em coro.

75 Cipriano salvou todas estas bruxas, e com a oração do Anjo Custódio ligou todos os demónios, para que nunca mais as apoquentassem.

[76] Diz S. Cipriano que esta oração não só serve para o bem como para o mal, porém, para o mal, é preciso não se acabar.

[77] XII

Lúcifer e o Anjo

— Anjo Custódio, amigo meu, queres salvar-te?

— Sim quero, e... Sou o Anjo Custódio, teu amigo, não sou?

— Queres ter salvação?

— Sim, quero.

— E quais são as principais virtudes do céu que te podem salvar?

— São:

1.º O sol mais claro que a lua;

2.º As duas tábuas de Moisés, onde Nosso Senhor pôs os seus sagrados pés;

3.º As três pessoas da Santíssima Trindade e toda a família da cristandade;

4.º São os quatro Evangelistas, João, Marcos, Mateus e Lucas;

5.º São as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo, que tanto sofreu para te quebrar as tuas forças, Lúcifer!

6.º São os seis círios bentos que iluminaram em torno da sepultura de Nosso Senhor Jesus Cristo, e me iluminam a mim para me livrar das astúcias de Lúcifer, o deus dos infernos;

7.º São os sete Sacramentos da Eucaristia, porque sem eles ninguém tem salvação;

8.º São as oito bem-aventuranças;

9.º São os nove meses em que a Virgem Maria trouxe no ventre seu amado Filho Jesus Cristo, e por esta virtude somos livres do teu poder, Satanás!

10.º São os dez mandamentos da Lei de Deus, porque, quem neles crer, não entra nas profundezas infernais;

11.º São as onze mil virgens que pedem incessantemente ao Senhor por todos nós;
12.º São os doze apóstolos que acompanharam sempre Nosso Senhor Jesus Cristo até à hora da sua morte e depois na sua eterna redenção;
13.º São os treze raios do sol que eternamente te esconjuram a ti, Satanás!

78 Nesta ocasião Satanás submergiu-se, acompanhado dum trovão e relâmpago enviado por Deus Nosso Senhor.

79 Prevenimos que esta oração é dita toda, e sendo necessário, repete-se três vezes.

80 XII

Oração para assistir aos enfermos na hora da morte

Esta oração é tão eficaz, que diz S. Cipriano, nenhuma alma se perde, quando esta oração é dita com devoção e fé em Jesus Cristo.

81 Diz S. Cipriano, no capítulo XII, que é de tanta virtude esta oração, que de todos os enfermos a quem a lia lhe tirava um cabelo da cabeça e o lançava em um vidro de água, para com esta água lavar as chagas dos doentes, cujas moléstias eram incuráveis pela medicina; lançando-lhe uma gota e dizendo: — «Eu, Cipriano, te curo em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. Amém.»

82 ORAÇÃO

Jesus, meu Redentor, em vossas mãos, Senhor, encomendo a alma deste servo para que vós, Salvador do mundo, o leveis para o céu na companhia dos Anjos.

83 Jesus, Jesus, Jesus, seja contigo, para que te defenda; Jesus esteja na tua alma, para que te assente; Jesus esteja diante de ti para que te guie; Jesus esteja na tua presença para que te guardes; Jesus, Jesus reina, Jesus domina, Jesus de todo o mal te defenda. Esta é a cruz do divino Redentor: fugi, fugi, ausentai-vos, inimigos das almas remidas com o sangue preciosíssimo de Jesus Cristo.

84 Jesus, Jesus, Jesus; Maria, Mãe de graça, Mãe de misericórdia, defendei-me do inimigo e amparai-me nesta hora. Não me desampareis, Senhora, rogai por este vosso servo (fulano), a vosso Amado Filho, para que com vossa intercessão saia livre do perigo de seus inimigos e das suas tentações.

> Nota
> *[Nota: Deita-se água benta.]*

86 Jesus, Jesus, Jesus; recebei a alma deste vosso servo (fulano), olhai-o com os olhos de compaixão: abri-lhe esses braços; amparai-o, Senhor, com a vossa misericórdia, pois é feitura de vossas mãos, e a alma imagem vossa.

87 Jesus, Jesus, Jesus; de vós, meu Deus, lhe há de vir até o remédio; não lhe negueis a vossa graça nesta hora, pois eu (fulano), vos chamo, ó Deus Poderoso, para que venhais sem demora receber esta alma nos vossos santíssimos braços; vinde, Senhor, vinde em meu socorro, assim como viestes em socorro de Cipriano quando andava em batalha com Lúcifer.

88 Jesus, Jesus, Jesus! Creio, Senhor, firmemente, em tudo quanto manda crer a Igreja Católica Apostólica Romana; fortalecei, pois, a alma deste vosso servo (fulano). Vinde, Jesus, ó vida verdadeira de todas as almas! Li-

vrai-o, Senhor, de seus inimigos; como médico soberano, curai todas as suas enfermidades; purificai-o, meu Jesus, com o vosso precioso sangue, pois prostrado a vossos pés clamo pela vossa misericórdia.

89 Jesus, Jesus, Jesus! Ó Maria Santíssima, Mãe de Nosso Senhor; agora, Senhora, é tempo que mostreis que sois Mãe sua e de todos nós. Socorrei-o nesta tão arriscada hora, pois em vossas mãos temos posto o importante negócio da nossa salvação. Tirai-o deste conflito e agonia em que se vê, e ponde-lhe a sua alma na presença de vosso Amado Filho.

90 Jesus, salvai-o; Jesus, socorrei-o; Jesus, amparai-o: ó meu Deus, meu Senhor, tende compaixão de todos nós; livrai-nos de todas as coisas, assim como o cervo deseja as fontes das águas, vos deseja minha alma a vós, meu Jesus. Quando chamareis por mim? Oh! ouçam já meus ouvidos de vossa sagrada boca aquelas palavras: — «Entra e vem, alma minha, no gozo do teu Senhor!»

91 Jesus, Jesus, em vossas mãos, Deus meu, ofereço e ponho o meu espírito; que justo é que torne a vós o que de vós recebi; sede, pois, por nossa alma, justo, e salvai-a das trevas.

92 Defendei-a, Senhor, de todos os combates, para que eternamente vá cantar no céu as vossas infinitas misericórdias.

93 Misericórdia, dulcíssimo Jesus; misericórdia, amabilíssimo Jesus, misericórdia e perdão para todos os vossos filhos, pelos quais sofreste na cruz. É pois justo que nos salvemos. Amém.

94 XIV

Grande requerimento que fez S. Cipriano para castigar Lúcifer, que sempre o tentava nas suas orações

Quando S. Cipriano viu o bem que ia gozar no céu e o mal que lhe sobrevinha se não deixasse a Lúcifer, resolveu-se a ir castigá-lo para um deserto medonho.

95 S. CIPRIANO SAIU DO SEU PALÁCIO PARA CASTIGAR A LÚCIFER

Eis aqui como S. Cipriano requereu o demónio:

96 «Eu, Cipriano, servo de Deus, a quem amo de todo o meu coração, há dez anos, me pesa, Senhor de vos não ter amado desde o dia em que nasci. Levanta-te, Lúcifer, lá desses infernos, vem já à minha presença, traidor e falso deus, a quem eu amava tanto por ignorância.

97 «Mas, agora que estou desenganado que o Deus que adoro é um Deus verdadeiro; poderoso e cheio de bondade, por quem eu te obrigo, Lúcifer, que me apareças, sob pena de desobediência; quando me não queiras obedecer serás castigado mil vezes mais do que eu tenciono. Aparece, prontamente, Lúcifer, que eu te obrigo da parte de Deus, de Maria Santíssima e do Padre Eterno, eu te esconjuro pela força do céu e pela graça de Deus, que está nas alturas com os braços abertos e pronto para receber aqueles seus filhos que deixam de adorar os ídolos e os falsos deuses, a quem eu, Cipriano, amava já há trinta anos; porém, agora, com a ajuda de Jesus Cristo, já deixei essas falsas divindades e adoro a um Deus Poderoso que está no céu, com quem eu tenho agora todo o pacto, e o terei até à morte; e por este mesmo pacto, que eu tenho com Jesus Cristo te cito e te obrigo, Lúcifer, que me apareças prontamente.

98 «Abram-se já as portas do inferno. Vem, Satanás, à minha presença. Vem da parte do Oriente em figura de criatura humana.»

99 Dito isto, apareceu Lúcifer, cercado de todos os demónios do inferno, como diz S. Cipriano no seu livro, capítulo VIII, pág. 116.

100 «Cheguei a contar três mil demónios em volta de mim, porém, debalde os demónios tentaram iludir-me, e vendo eles que nada podiam fazer, revoltaram-se contra mim, a tal ponto que fizeram cair fogo lá dos astros, e com tanta abundância que parecia que ardia todo o mundo. Tudo isto para ver se podiam sepultar-me entre as chamas de fogo, porém, eu, invocava o nome de Jesus Cristo e nunca o fogo me pôde chegar nem molestar.»

101 Vendo o demónio que Cipriano já tinha grande poder debaixo de Deus, resolveu-se a desobedecer-lhe e retirar-se para o inferno e não obedecer a Deus nem a Cipriano, porém, antes tal não fizesse o demónio, porque mil vezes mais foi castigado por S. Cipriano.

102 No fim deste requerimento ensinaremos como se prepara a vara com que S. Cipriano castigou o demónio.

103 Continua o requerimento como S. Cipriano fez retirar segunda vez o demónio do inferno, e vir à sua presença, para ser castigado com a varinha de condão

S. Cipriano, vendo que o demónio se tinha retirado para o inferno e fechado as portas, pensou um instante no que havia de fazer ou a maneira como havia de principiar a requerer a Lúcifer e castigá-lo como merecia.

104 XIV

Como S. Cipriano começou a requerer o demónio

«Eu Cipriano precepitur in nomine Jesus.»

105 «Vós, que estais na glória de Deus Padre, de Deus Filho e Deus Espírito Santo e no poder e virtude de Maria Santíssima, e do Verbo Divino Encarnado, e no poder dos Anjos do céu e dos Querubins e Miguéis, cercados por obra e graça do divino Espírito Santo, e por toda esta santidade mando, sem apelação nem agravo, sejam abertas as portas do inferno, e que venha já Lúcifer à minha presença, para que seja cumprida e executada a minha ordem conforme eu lhe ordenei.

106 «Apareça, prontamente, Lúcifer em figura de pessoa humana, sem estrépito nem mau cheiro.

107 «Sejam já abertas as portas do inferno, assim como se abriram as portas do cárcere onde estavam presos alguns dos Apóstolos, quando lhes apareceu um Anjo, que foi do mando de Deus, e logo que o Anjo chegou ao cárcere foram abertas as portas e fugiram os Apóstolos, e o Anjo foi elevado ao céu, como Jesus Cristo lhe tinha determinado.

108 «Jesus, Jesus, eu peço-vos e mando em vosso Santíssimo Nome, ao demónio, que venha já à minha presença, sem que ofenda a minha pessoa, nem o meu corpo, nem a minha alma.

109 «Aparece, prontamente, Lúcifer, que eu te requeiro pelo poder do grande Adónis, e pelo poder e virtude daquelas santas palavras que disse Jesus Cristo, quando estava a dar o último suspiro na cruz, que elevando os olhos ao céu, exclamou angustiosamente: — Meu Deus, meu Deus, perdoai aos que me crucificam, que não sabem o que fazem.

110 «Por estas santas palavras te esconjuro e requeiro, Lúcifer, imperador do inferno; vem à minha presença, sem apelação nem agravo, que eu te obrigo em nome de Jesus e Maria José, e te mando em virtude de Santo

Ubaldo Francisco, por estas santas palavras, pela virtude dos doze Apóstolos e por todos os Santos do Deus de Abraão, de Jacob e de Isaac, e em virtude do Anjo S. Rafael, de todos os mais Santos e virtudes dos céus e ordens dos bem-aventurados: eu te requeiro, Lúcifer, pela virtude do bem-aventurado S. João Batista, S. Tomé, S. Filipe, S. Marcos, S. Mateus, S. Simão, S. Judas, S. Martinho, e por todas as ordens dos mártires S.

110.2 Sebastião, S. Fabião, S. Cosme, S. Damião, S. Dionísio com todos os seus companheiros, confessores de Deus, e pela adoração do rei David, e pelos quatro Evangelistas: João, Lucas, Marcos e Mateus.

111 «Eu te requeiro que me apareças, Lúcifer, sem apelação nem agravo, que obrigo pelas quatro colunas do céu, que me não faltes à obediência.

112 «Eu, criatura de Deus, te obrigo pelas setenta e duas línguas que estão repartidas pelo mundo e por todos estes poderes e virtudes. Aparece, prontamente, desviado de mim quatro passos. Se não apareceres neste momento serás já castigado com maldições.»

113 Neste momento aparece Lúcifer de repente, e diz:

114 — Que é que me queres, Cipriano?

115 — Quero castigar-te como mereces — respondeu S. Cipriano.

116 — Então, Cipriano, não te lembras do bem que te fiz? Não te lembras das donzelas a quem profanaste a honra, e que tudo isso foi por mim arranjado? Esqueces o bem que te fiz? Eu que arranjei com que fosses senhor de todo o reino...

117 — Infame! O culpado de tudo isso sou eu! Se fosse menos generoso para contigo...

118 — Desça já, já, fogo sobre este homem, e seja reduzido a cinzas. Eis aqui a escritura do pacto que fizeste comigo; eis aqui o tratado que nós fizemos e que não cumpriste. Infame, és tu! Caia já fogo sobre ti! — disse Lúcifer.

119 No momento em que Lúcifer disse estas palavras, eram tantos os raios, os coriscos e os trovões, que faziam tremer a terra.

120 Porém, S. Cipriano de nada teve medo porque o seu poder era forte contra Lúcifer. Cipriano disse a Lúcifer:

121 — Sossega e suspende esses trovões e esses raios que estão caindo das alturas.

122 Lúcifer mandou logo cessar toda a trovoada.

123 — Vais ser castigado com três mil varadas dadas com a vara boleante — disse S. Cipriano a Lúcifer.

124 — Perdoa, perdoa, Cipriano, não me castigues — disse Lúcifer.

125 Cipriano não lhe obedeceu.

126 Cipriano prendeu Lúcifer com uma cadeia feita de chifres ou cornos de carneiro virgem, e depois de o ter amarrado, disse-lhe:

127 — Estás preso maldito, traidor! Tentaste roubar a minha alma, que Jesus Cristo tantos tormentos passou por causa de mim; porém, Jesus, como bom, perdoou-me os meus pecados, e por isso vou castigar-te com três mil varadas por causa de seres o culpado de eu ofender ao meu bom Jesus.

128 Cipriano castigou Lúcifer, e no fim de o castigar pôs-lhe preceito dele nunca mais fazer pacto com pessoa alguma.

129 É este preceito que não deixa o demónio aparecer-nos, só sendo obrigado por Deus ou por todos os Santos.

130 MODO COMO SE HÁ DE PREPARAR A VARA BOLEANTE PARA CASTIGAR O DEMÓNIO

Cortai uma vara de aveleira, que tenha grossura suficiente que possa aguentar com três pregos do comprimento de um centímetro, depois de preparada a dita vara, isto é, sem que tenha os pregos.

131 MODO DE PREPARAR OS PREGOS

Matai um carneirinho virgem com uma faca de aço, e logo que esteja morto o carneiro levai a faca a um ferreiro, que vos faça dela três pregos, e cravai-os na vara, um no pé e dois na ponta, todos três no meio, e desta forma podereis castigar o demónio facilmente.

132 Declaramos que a faca deve meter-se no fogo com o sangue do carneiro. As cadeias para prenderem o demónio podem ser de chifres de carneiro ou melhor será um cordão de S. Francisco benzido, ou uma estola com que um padre tenha dito missa, pelo menos, dezoito vezes.

133 XVI

Oração para pôr preceitos aos demónios

Esta oração faz-se quando se esconjura uma mulher grávida, porque pode acontecer-lhe algum mal com as grandes convulsões. É também bom pôr este preceito a qualquer pessoa que esteja atacada de moléstia, para que ela não continue:

134 «Mando, em virtude do Santíssimo Nome de Jesus, ao demónio ou demónios, que me causam tal ou tal enfermidade, ou aflição ou dor (nomeia-se), a não movam mais e que dela desistam, deixando-me os humores, que

de qualquer parte movem, ou têm movido, em sua igualdade, com todas as mais operações livres, para servir a meu bom Deus. E se a tal aflição é movida por qualquer humor, ainda que natural ou elementar, em virtude do Santíssimo Nome de Jesus, com toda a fé, lhe mando se componham e cessem seu desconcerto, para que assim, sem esta aflição e dor, possa mais servir e louvar, com todo o coração, a meu Deus e Senhor Jesus Cristo, por cujo amor só vivo, e quero saúde, como de meu Redentor.»

135 V. Omnis, qui invocavit nomen Jesu.
R. Hic in tribulatione salvus erit.

136 ORAÇÃO DO JUSTO JUIZ

Justo Juiz de Nazaré, filho da Virgem Maria, que em Belém foste nascido entre as idolatrias, eu vos peço, Senhor, pelo vosso sexto dia, que meu corpo não seja preso, nem ferido, nem morto, nem nas mãos da justiça envolto, Pax Tecum, Pax Tecum, Pax Tecum. Cristo assim disse aos seus Discípulos: se os meus inimigos vierem para me prender, terão olhos, não me verão; terão ouvidos, não me ouvirão; terão boca, não me falarão; com as armas de S. Jorge, serei armado; com a espada de Abraão, serei coberto; com o leite da Virgem Maria, serei borrifado; com o sangue de meu Senhor Jesus Cristo, serei batizado; na arca de Noé, serei arrecadado; com as chaves de S. Pedro serei fechado aonde me não possam ver, nem ferir, nem matar, nem sangue do meu corpo tirar. Também vos peço, Senhor, por aqueles três cálix bentos, por aqueles três padres revestidos, por aquelas três Hóstias consagradas, que consagrastes ao Terceiro dia desde as portas de Belém até Jerusalém, que com prazer e alegria eu seja tão bem guardado de noite, como de dia, assim como andou Jesus Cristo no ventre da Virgem Maria, Deus diante, paz na guia, Deus te dê a companhia, que Deus deu à sempre Virgem

Maria desde a casa santa de Belém até Jerusalém, Deus é teu Pai, a Virgem Santa Maria tua Mãe, com as armas de S. Jorge serás armado, com a espada de S. Tiago serás guardado para sempre. Amém. [Nota: Apesar desta oração não ser de S. Cipriano, publicamo-la aqui por ser muito milagrosa.]

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

NOVO TRATADO DE CARTOMANCIA

✦

1 NOVO TRATADO DE CARTOMANCIA
No qual se pode aprender o modo de deitar as cartas sem recorrer a sonâmbulos ou a outros adivinhadores.

2 O quadro seguinte indica o valor e significação das cartas; para recorrer a elas basta baralhá-las muitas vezes e voltá-las depois uma a uma.

3 OUROS
Rei — Homem de bem que se ocupa de vós.
Dama — Uma amiga procura fazer-vos mal; não o conseguirá.
Ás — Boa notícia no próximo correio.
Valete — Um homem que vos trairá se o atenderdes.
Dez — Surpresa agradável.
Nove — Má notícia em tempo incerto.
Oito — Bom êxito.
Sete — Melhoria de posição.

4 PAUS
Rei — Homem [...] que deve ser escutado.
Dama — Vizinha de má língua que procura fazer-vos mal.
Ás — Grande desgosto, mas de pouca duração.
Valete — Mancebo em boa posição de fortuna, que casará convosco.
Dez — Esforços coroados de bom resultado.

Nove — Satisfação da família.

Oito — Má conduta, paixão violenta.

Sete — Um casamento feliz.

5 ESPADAS

Rei — Homem de lei; negócios de [...] importância.

Dama — Mulher que vos fará muito mal.

Ás — Indisposição sem perigo.

Valete — Processo e condenação.

Dez — Obstáculos ao vosso casamento.

Nove — Más notícias.

Oito — Viagem e bom resultado nos vossos esforços.

Sete — Bom êxito nos negócios.

6 COPAS

Rei — Homem que quer fazer a vossa felicidade; há de consegui-lo.

Dama — Mulher de bom coração que vos prestará serviços.

Ás — Ides receber dinheiro.

Valete — Pessoa que vos ama.

Dez — Muitas prosperidades.

Nove — Discórdia de pouco tempo com uma amiga.

Oito — Perda de algum dinheiro.

Sete — Acontecimento feliz e inesperado.

7 Rei e Dama — Casamento.

Dois Reis — Dois pretendentes à vossa mão.

Três Reis — Triunfo e grande resultado.

Quatro Reis — Felicidade passageira.

Dama e Valete — Sois traída.

Duas Damas — Ciúme, rivalidade.

Três Damas — Concórdia de pouca duração.

Quatro Damas — Grande maledicência.

Ás e Valete — Incerteza.

Dois Ases — Amizade sólida.

Três Ases — Felicidade progressiva.

Quatro Ases — Felicidade absoluta. Nada a desejar.

Valete e Dez — Astúcia, soalheiro.

Dois Valetes — Suspeita.

Três Valetes — Traição, preguiça.

Quatro Valetes — Desgosto de toda a espécie.

Dez e Nove — Distração.

Dois Dez — Doença de pouca gravidade.

Três Dez — Intrigas amorosas.

Quatro Dez — Muito dinheiro.

Nove e Oito — Novos amores.

Dois Noves — Teimosia.

Três Noves — Posição muito mais vantajosa.

Quatro Noves — [...] ao país.

Oito e Sete — Arrufos, desavenças.

Dois Oitos — Grande desgosto.

Três Oitos — Inquietações.

Quatro Oitos — Isolamento.

Sete e Rei — Mau humor.

Dois Setes — Demora de dinheiro.

Três Setes — É um militar que vai partir.

Quatro Setes — Esperanças realizadas.

Seis e Sete — Um vizinho benévolo.

Dois Seis — Felicidade duradoura.

Três Seis — Prazeres levados até à embriaguez.

Quatro Seis — Companhia agradável.

Seis e Rei — Entrevista sem resultado vantajoso.

Seis e Dama — Uma rival pouco perigosa.

Seis e Oito — Acontecimentos lamentáveis.

Seis e Valete — Ventura efémera.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

SEGUNDA PARTE: A CRUZ DE SÃO BARTOLOMEU E O VERDADEIRO TESOURO DA MÁGICA

✦

1 VERDADEIRO TESOURO DA MÁGICA PRETA BRANCA OU Segredos da feitiçaria
A cruz de S. Bartolomeu e de S. Cipriano
Num livro muito estimado e muito desconhecido, até da maior parte das pessoas estudiosas, que tem por título Vida e Milagres de S. Bartolomeu, achámos a maneira de fazer a cruz deste Santo, assim como a forma de a usar.

2 As explicações que vamos dar aos nossos leitores merecem toda a fé, não só por serem extraídas de um livro cheio de unção mística, mas por terem já sido praticadas por pessoas do nosso conhecimento, com os resultados mais satisfatórios.

3 MODO DE FAZER A CRUZ
Cortem-se três pedaços de pau de cedro, um mais comprido e dois mais curtos para formarem os braços da cruz; cubram-se depois os três pedaços com alecrim, arruda e aipo, e coloque-se em cada braço, em cima e em baixo da parte mais comprida, uma maçã pequena de cipreste; deixe-se em água benta por três dias seguidos, e retire-se da mesma água ao dar da meia-noite, dizendo-se as seguintes palavras:

4 «Cruz de S. Bartolomeu, a virtude da água em que estiveste, e das plantas e madeira de que és formada, que me livre das tentações do espírito do mal, e traga sobre mim a graça de que gozam os bem-aventurados. Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo. Amém.»

5 Estas palavras devem ser ditas quase impercetivelmente, e hão de repetir-se quatro vezes.

6 MODO DE USAR A CRUZ

Esta cruz pode trazer-se dentro dum saquinho de seda preta, benzida, ou mesmo andar unida ao corpo, suspensa do pescoço por um cordão de retrós preto. A pessoa que a trouxer deve fazer o mais possível por ocultá-la a toda a gente; e quando desconfie que alguém lhe lançou mau-olhado, deve, na ocasião em que se deitar, beijar três vezes a cruz e dizer a espécie de oração que já deixámos indicada no Modo de fazer a cruz.

7 Ao levantar deve também beijar três vezes a cruz e rezar em seguida um Padre-Nosso e uma Ave-Maria.

8 Grande mágica das favas

Matai um gato preto, enterrai-o no vosso quintal, metei-lhe uma fava em cada olho, outra debaixo da cauda e outra em cada ouvido. Depois de tudo isto feito, cobri-o de terra, e ide regá-lo todas as noites, ao dar a meia-noite, com muito pouca água até que as favas, que devem ter rebentado, estejam maduras; e quando vires que assim estão cortai-as pelo pé.

9 Depois de cortadas, levai-as para casa e metei uma por cada vez na boca. Quando, porém, vos parecer que estais invisíveis, é porque a fava que tendes na boca tem a força da mágica precisa, e assim, se vos apetecer entrar

em qualquer parte sem que ninguém vos veja, metei primeiro a dita fava na boca.

10 Isto obra por uma virtude oculta, sem ser necessário fazer pacto com o demónio, como fazem as bruxas...

11 AVISO A QUEM FIZER USO DESTA MÁGICA

Quando fordes regar as favas hão de aparecer-vos muitos fantasmas, com o fim de vos assustarem, para não conseguirdes o vosso intento. A razão disto é muito simples. É porque o demónio tem inveja de quem vai usar desta mágica, sem que primeiro se entregue a ele em corpo e alma, como fazem as bruxas, a que chamam mulheres de virtude. Porém, não vos assusteis que eles não vos farão mal algum, e para isso deveis fazer primeiro que tudo o sinal da Cruz, e dizer ao mesmo tempo o Credo.

12 Mágica do osso da cabeça do gato preto

Fazei ferver uma panela de água com vides brancas e com lenha de salgueiro, e logo que a água esteja a ferver, metei-lhe dentro um gato e deixai-o cozer até que se lhe apartem os ossos da carne. Depois de tudo isto estar pronto, coai todos os ossos por um pano de linho e colocai-vos diante dum espelho; metei depois um osso por cada vez na boca, não sendo necessário introduzi-lo todo, mas pô-lo só entre os dentes, de maneira que quando desaparecerdes de diante do espelho guardai o osso que tendes entre os dentes porque é esse que tem a mágica. Quando quiserdes ir para qualquer parte, sem serdes visto, metei o citado osso na boca e dizei desta maneira: «Quero já estar em tal parte, pelo poder da mágica preta liberal.»

13 Outra mágica do gato preto

Quando um gato preto estiver com uma gata da mesma cor, isto é, quando ligados pela cópula carnal, deveis logo ter uma tesoura pronta e cortar um bocado de pelo do gato, e outro da gata. Misturai depois esses pelos, e queimai-os com alecrim do norte, pegai na sua cinza, deitai-a dentro de um vidro com um pouco de espírito de sal amoníaco, e tapai bem o vidro para conservar-se esse espírito sempre muito forte.

14 Depois de tudo isto estar pronto devereis pegar no vidro com a vossa mão direita e dizer, então, as seguintes palavras:

15 «Cinza, com a minha própria mão foste queimada, com uma tesoura de aço foste do gato e da gata cortada, toda a pessoa que te cheirar comigo se há de encontrar. Isto pelo poder de Deus e de Maria Santíssima. Quando Deus deixar de ser Deus é que tudo isto me há de faltar; e para golão, traga matão, vais do pauto chião a molitão.»

16 Logo que tudo isto esteja cumprido fica o vidro com uma força de feitiço, mágica e encanto, que quando tiverdes desejo de que qualquer rapariga vos tenha amizade basta desrolhar o vidro e sobre qualquer pretexto dar-lho a cheirar.

17 Suponhamos que um indivíduo deseja que uma sua namorada tome o cheiro do dito vidro, mas não encontra maneira própria para o levar a efeito. Neste caso começa a conversar sobre qualquer assunto, de maneira que faça qualquer alusão à água de Colónia. Feito isto, tira o vidro da algibeira e diz com toda a seriedade:

18 — Quer ver que cheiro tão agradável, menina?

19 Ora, como em geral, as mulheres são muito curiosas, ela cheira imediatamente o conteúdo do vidro e podeis contar com o seu amor. Desta forma podeis cativar todas as pessoas que vos aprouver. Note-se que este encanto, tanta virtude encerra, fazendo-o o homem à mulher, como a mulher ao homem.

20 IV. Outra mágica do gato preto para fazer mal

Ponhamos na nossa ideia que uma pessoa qualquer deseja vingar-se de um seu inimigo, mas não quer que ele seja sabedor da vingança que lhe arma. Vinga-se, facilmente, fazendo da seguinte forma:

21 Pega-se num gato preto, que não tenha nem um só cabelo branco, amarram-se-lhe as pernas e as mãos com uma corda de esparto, (daquelas com que se fazem tapetes). Depois desta operação executada, levai-o a uma encruzilhada de monte e logo que chegueis ali dizei da maneira seguinte:

22 «Eu, fulano, (deve dizer-se o nome da pessoa), da parte de Deus Omnipotente, mando ao demónio que me apareça aqui já, debaixo da santa pena de obediência e preceitos superiores. Eu, pelo poder da mágica preta liberal, mando-te, demónio ou Lúcifer, ou Satanás ou Barrabás, que te metas no corpo desta pessoa a quem eu desejo mal, e de lá não te retires enquanto eu te não mandar, e me faças tudo aquilo que eu te propuser durante a minha vida.»

> Nota
> *(Aqui diz-se o que se deseja que ele faça à criatura.)*

24 «Ó grande Lúcifer, imperador de tudo que é infernal, eu te prendo e amarro no corpo de (fulano), assim como tenho preso este gato. No fim de me fazeres tudo aquilo que eu quiser, ofereço-te este gato preto; trago-lo

aqui quando tudo isto estiver pronto.»

25 ADVERTÊNCIA

Quando o demónio se desempenhar da obrigação que lhe impuseste ide ao lugar onde o requereste, e dizei duas vezes: «Lúcifer, Lúcifer, aqui o tens o que te prometi»; e ditas que sejam estas palavras, soltai o gato.

26 V. Outra mágica do gato preto, e a maneira de gerar um diabinho com os olhos do gato

Matai um gato preto e, depois de morto, tirai-lhe os olhos e metei-os dentro de um ovo de galinha preta, mas, notando-se, que cada olho deve ficar separado em cada ovo. Depois de feita esta operação, metei-os entre uma pilha de estrume de cavalo, e torna-se preciso que o estrume esteja bem quente para ali ser gerado o diabinho.

27 Diz S. Cipriano que se deve ir todos os dias junto da dita pilha de estrume, isto por espaço de um mês, tempo que leva a nascer o diabinho.

28 PALAVRAS QUE SE DEVEM DIZER JUNTO DA PILHA DE ESTRUME ONDE ESTÁ O DIABINHO

«Ó grande Lúcifer, eu te entrego estes dois olhos de um gato preto, para que tu, meu grande amigo Lúcifer, me sejas favorável nesta apelação que faço a teus pés. Meu grande ministro e amigo Satanás e Barrabás, eu vos entrego a mágica preta para que vós lhes ponhais todo o vosso poder, virtude e astúcias que vos foram dadas por Jesus Cristo; pois eu vos entrego estes dois olhos dum gato preto, para deles nascer um diabo para ser minha companhia eternamente. Minha mágica preta, eu te entrego a Maria Pandilha, a toda a sua família e a todos os diabos do inferno, mancos, [...], alei-

jados e a tudo quanto for infernal, para que daqui nasçam dois diabos para me dar dinheiro, porque quero dinheiro pelo poder de Lúcifer, meu amigo e companheiro de ora avante.»

29 Fazei tudo isto que vos acabamos de indicar, e no fim dum mês, mais dia menos dia, nascer-vos-ão dois diabinhos com a figura dum lagarto [...]. [...] que esteja nascido o diabinho, metei-o dentro dum canudinho de marfim ou bucho e dai-lhe de comer ferro ou aço moído...

30 Quando estiverdes senhores dos dois diabinhos podeis fazer tudo que vos agradar; por exemplo: desejais dinheiro? Basta abrir o canudo e dizer assim: «Eu quero já aqui dinheiro», que imediatamente vos aparece, com a condição, única, de que não podeis dar esmolas aos pobres nem com ele mandar dizer missas, por ser dinheiro dado pelo demónio.

31 Leitor ou leitora: Não nos é possível descrever nesta 2.ª parte do «Grande Livro de S. Cipriano ou Tesouro do Feiticeiro», todos os factos acontecidos a este Santo, pois para isso teríamos de fazer um grande volume, que não poderia ser comprado por todas as classes, em consequência do elevado preço em que devia importar.

32 Limitamo-nos, pois, a ensinar-vos todas as mágicas que usou S. Cipriano durante a sua vida de feiticeiro, e vós, leitores, bem haveis de compreender o que uma criatura poderá conseguir tendo o maravilhoso poder da arte mágica.

33 VI

Maneira de obter um diabinho tomando pacto com o demónio

MODO DE TOMAR PACTO

Tomai um pergaminho virgem, depois fazei a escritura da vossa alma ao demónio, com o vosso próprio sangue.

34 Deveis dizer da seguinte maneira:

35 «Eu, com o próprio sangue do meu dedo mendinho, faço escritura a Lúcifer, imperador do inferno, para que ele me faça tudo quanto eu desejar nesta vida, e se a isto me faltar lhe deixarei de pertencer.»

36 Fulano.

37 Depois de escreverdes tudo isto no dito pergaminho, pegai no ovo duma galinha preta castiçada dum galo da mesma cor, e escrevei no dito ovo a escritura que fizesteis no pergaminho.

38 Depois de tudo estar pronto, abri um pequeno buraco no ovo e deitai-lhe dentro uma gota de sangue do dedo mendinho da mão direita, depois embrulhai o ovo em algodão em rama e metei-o entre uma pilha de estrume ou debaixo duma galinha preta. Deste ovo nascerá um diabinho, que, depois guardareis dentro de uma caixa de prata, com pó da mesma prata, e introduzireis todos os sábados, dentro da caixa, o dedo mendinho para ele mamar.

39 Depois de o possuirdes, podeis ter tudo quanto quiserdes neste mundo.

40 Mas sobre esta prática, diz S. Cipriano, em o capítulo XLV do seu santo livro:

41 «Todo o filho de Deus que entregar a sua alma ao demónio será na mesma hora amaldiçoado por quem o criou e lhe deu o ser, que foi Nosso Senhor Jesus Cristo.»

42 É preciso declarar que não expomos estas receitas diabólicas para que os leitores as pratiquem, deixamo-las aqui, porque entendemos ser de utilidade saber-se de tudo quanto é bom e mau, para que aqueles que tomarem mau caminho, se desviem dele a tempo, e nos agradeçam a intenção boa que fazemos transparecer nas páginas deste bom livro, e também alimentamos a esperança de que Deus abençoará a nossa obra.

43 VII

Feitiçaria que se faz com dois bonecos, tal qual a fazia S. Cipriano enquanto feiticeiro e mágico

Preparai um boneco ou uma boneca, feitos com panos de linho ou algodão; depois de estarem prontos deveis uni-los um ao outro muito abraçados.

44 Em seguida a esta operação, pegai em um novelo de linhas brancas e começai a enrolá-las em volta dos ditos bonecos dizendo o que se segue, dando primeiro o nome da pessoa que se quer enfeitiçar:

45 «Eu te prendo e te amarro em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, Padre, Filho e Espírito Santo, para que debaixo deste santo poder não possas comer nem beber, nem estar em parte alguma do mundo sem que estejas na minha companhia (fulano).

45.2 Eu (fulano), aqui te prendo e amarro, assim como prenderam a Nosso Senhor Jesus Cristo no madeiro da Cruz; e o descanso que tu terás enquanto para mim te não virares, será o que terão as almas no fogo do purgatório penando continuamente pelos pecados deste mundo, e como o que tem o vento no ar, as ondas no mar, sempre em contínuo movimento, a maré a subir e a descer, o sol que nasce na serra e que vai pôr-se no mar.

45.3 Será esse o descanso que eu te dou enquanto para mim te não virares com todo o teu coração, corpo, alma e vida; debaixo da santa pena de obediência e preceitos superiores, ficas preso e amarrado a mim, assim como ficam estes dois bonecos amarrados um ao outro.»

46 Estas palavras devem ser repetidas nove vezes, à hora do meio-dia, depois de se rezar a oração das «Horas Abertas», que está na primeira parte desta obra.

47 VIII

Encantos e mágica da semente do feto e suas propriedades

Eis aqui o que se há de fazer para se apanhar a semente do feto na noite de S. João.

48 Na noite de S. João, ao bater da meia-noite, em ponto, poreis uma toalha debaixo dum feto, onde deveis já ter um signo-saimão, riscado debaixo do feto, o qual deveis abençoar em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, para que o demónio não possa lá entrar dentro do dito risco.

49 Depois de feita a mesma operação, metereis dentro do risco, o qual deve ser da largura precisa, as pessoas que assistirem a esta cerimónia.

50 Adverte-se que as pessoas que pretenderem a dita semente devem dizer a Ladainha dos Santos, que está publicada na 1.ª parte desta obra. A Ladainha deve ser dita em voz alta, para fazerem retirar o demónio, que virá assustar-vos, para que não consigas o que desejais: mas, cantando a Ladainha toda, logo os demónios se retirarão. No fim desta operação reparti a dita semente, sem que haja soberba nem contendas, de contrário fica a semente sem virtude alguma.

51 PALAVRAS QUE TODOS DEVEM DIZER COM O ROSTO SOBRE A SEMENTE DO FETO

«Semente do feto que na noite de S. João foste colhida à meia-noite em ponto. Foste obtida e caíste em cima de um signo-saimão, assim me servirás para toda a qualidade de encantos; e assim como Deus é em ponto divino de S. João o Pai, e em ponto humano de S. João o Primo, assim toda a pessoa por quem tu fores tocada se encante comigo.

52 «Tudo isto será cumprido pelo poder do grande Deus Omnipotente, por quem eu (fulano), te cito e notifico que me não faltarás a isto pelo sangue derramado de Nosso Senhor Jesus Cristo, e o poder e virtude de Maria Santíssima, seja comigo e contigo. Ámen.»

53 No fim destas palavras diz-se o credo em cruz sobre a semente, isto é, fazendo cruzes com a mão direita sobre a dita semente. Desta forma fica a semente com todo o poder e virtude. Passa-se depois por uma pia de água benta.

54 Depois de tudo isto feito, metei-a em um vidro, mas que fique muito bem tapado.

55 EXPLICAÇÃO DAS VIRTUDES E MARAVILHAS DE QUE É DOTADA A DITA SEMENTE

1.º — Toda a criatura que obtiver esta semente, se tocar com ela uma outra pessoa com má intenção, pecará mortalmente pelo motivo de se servir dum mistério divino para contrair ofensas contra a humanidade, como tocar uma qualquer mulher casada ou solteira, para a levar a qualquer parte com má intenção.

2.º — Incorre na pena de excomunhão qualquer pessoa que tocar com esta

semente uma outra criatura para lhe azangar os seus negócios ou encantar-lhe os seus trabalhos para não lhe correrem bem.

3.º — A semente tem virtude para qualquer espírito mau do qual uma criatura esteja possuída, tocando a dita criatura com um grão de semente, com viva fé em Jesus Cristo.

4.º — A semente tem virtude de curar qualquer enfermidade, tocando-a com a dita semente, mas com vivíssima fé em Jesus Cristo.

5.º — A semente tem virtude de nos defender do inimigo ou de suas astúcias, trazendo-a connosco.

6.º — A semente tem uma virtude oculta, e que obra por um poder quase divino, e vem a ser da maneira seguinte: Suponhamos que há uma menina com a qual um qualquer indivíduo simpatiza, mas a inocente menina não sente por ele afeição alguma. É muito fácil fazer com que a sobredita menina se apaixone por ele, obrando da seguinte maneira.

56 Quando estiver a conversar com ela atire-lhe com três grãos de semente de feto, e verá que essa menina jamais se negará a fazer-lhe muitas meiguices e a obedecer-lhe em tudo.

57 7.º — A semente do feto tem uma virtude oculta, que só lhe pode dar crédito quem experimentar e que vem a ser a seguinte:

58 Quando passardes por qualquer pessoa tocai-a com a dita semente que a mesma pessoa que se toca vos seguirá, e quando quiserdes que deixe de vos seguir, tornai-a a tocar.

59 8.º — A semente do feto tem tantas propriedades que não se podem explicar. Só quem possuir a dita semente é que pode dar explicações.

60 E por agora, amáveis leitores, achamos razoável parar com explicações sobre a semente do feto, e diremos concludentemente:

61 Esta maravilhosa semente encerra virtude para tudo o que o possuidor desejar conseguir.

62 IX

A mágica do trevo de quatro folhas, cortado na noite de S. João ao dar da meia-noite

Leitores, o trevo de quatro folhas tem as mesmas virtudes que a semente do feto, por isso será escusado estar a enfadar-vos mais sobre esta matéria.

63 Entendemos que isto será bastante para ficarem convictos e sabedores das virtudes do trevo de quatro folhas.

64 Para obterdes o trevo fazei da maneira seguinte:

65 Na véspera de S. João procurai pelos campos uma febra de trevo que tenha quatro folhas. Logo que a encontrardes fazei um signo-saimão em volta dela e deixai-a ficar até à noite. Quando, porém, os sinos tocarem à Santíssima Trindade, voltai junto dela e dizei a oração seguinte.

66 Começai por fazer o credo em cruz sobre o trevo, isto é, a dizer o credo e a fazer cruzes com a mão sobre o dito trevo.

67 ORAÇÃO

«Eu, criatura do Senhor, remida com o seu Santíssimo Sangue, que Jesus Cristo derramou na Cruz, para nos livrar das fúrias de Satanás, tenho uma vivíssima fé nos poderes edificantes de Nosso Senhor Jesus Cristo. Mando ao demónio que se retire deste lugar para fora e o prendo e amarro no mar

coalhado, não perpetuamente, mas sim até que eu colha esse trevo, e logo que eu o tenha colhido te desamarro da tua prisão. Tudo isto pelo poder e virtude de Nosso Senhor Jesus Cristo. Ámen.»

68 PREVENÇÃO

Quando se estiver a prender o demónio no mar coalhado, se ele vos aparecer naquele momento e vos disser: «Criatura vivente, filho de Deus, peço-te que não me prendas, vê lá o que queres de recompensa», então, vós, respondei-lhe: «Retira-te, Satanás, dez passos ao largo e ausenta-te de mim.»

69 O demónio logo se ausenta, e depois pedi-lhe aquilo que quiserdes, que ele tudo vos fará para não ir preso. Depois de lhe dizerdes o que quereis que vos faça, obrigai-o a fazer um juramento, do contrário ficais enganado, porque o demónio é o pai e a mãe das mentiras; porém fazendo-vos o juramento não vos pode faltar porque Deus não consente que ele engane uma criatura batizada e remida com o seu Santíssimo Sangue.

70 No fim de tudo isto bem executado, apossai-vos do trevo com que podeis fazer tudo quanto desejardes, porque assim está escrito por S. Cipriano, no seu livro, capítulo CXLV.

71 X

Mágica ou feitiçaria que se faz com dois bonecos para fazer mal a qualquer pessoa

72 Observai com atenção o que vos vamos ensinar, para esta mágica ser bem feita.

73 Fazei dois bonecos; um deles significa a criatura a quem se vai fazer o feitiço, e o outro significa o que vai enfeitiçar.

74 Depois que os ditos bonecos estejam prontos, deveis uni-los um ao outro, de maneira que fiquem muito abraçados. Depois de tudo isto pronto atai-lhes a ambos uma linha em volta do pescoço como quem os está a esganar, e depois de feita esta operação pregai-lhe cinco pregos, nas partes indicadas:

1.º — Na cabeça, que vare um e outro.

2.º — No peito, da mesma maneira.

3.º — No ventre, que vare de um lado ao outro.

4.º — Nas pernas, que as vare de um ao outro lado.

5.º — Nos pés, de modo que lhos fure de um lado ao outro.

75 Desta sorte fica aquela criatura sofrendo as mesmas dores como se tivesse os pregos espetados no seu próprio corpo.

76 Há ainda uma condição, e é, que os ditos pregos devem ser pregados com acompanhamento das seguintes invocações nos diferentes sítios em que se espetam:

1.º prego — «Fulano ou fulana, eu, fulano, te prego, amarro e espeto o teu corpo, tal e qual como espeto, amarro e prego a tua figura.»

2.º prego — «Fulano ou fulana, eu, fulano, te juro debaixo do poder de Lúcifer e Satanás, que de hoje para o futuro não hás de ter nem uma hora de saúde.»

3.º prego — «Fulano ou fulana, eu, fulano, te juro debaixo do poder da mágica malquerença, que não hás de hoje para o futuro ter uma hora de sossego.»

4.º prego — «Fulano ou fulana, eu, fulano te juro debaixo do poder de Ma-

ria Pandilha, que de hoje para o futuro ficarás possesso de todo o feitiço.»
5.º prego — «Fulano ou fulana, eu, fulano, te prendo e amarro dos pés até à cabeça pelo poder da mágica feiticeira.»

77 Desta forma a criatura enfeitiçada nunca mais poderá ter uma hora de saúde.

78 Leitores, não vos assusteis com isto, porque Deus, assim como deu ao homem poder e sabedoria para fazer os feitiços, também deu remédio para se combater contra eles, como se explica na 4.ª parte desta obra, que ensina a desfazer toda a sorte da feitiçaria — que vem a ser a vida de S. Cipriano, enquanto Santo, e é por isso que recomendamos a todos os cristãos que não deixem de possuir este livro.

79 DECLARAÇÃO
Para que não duvideis deste feitiço que acabais de ler, será bom dar-vos uma explicação, e consiste no seguinte:

80 Precisam ser os dois bonecos unidos um ao outro tanto o que vai ser enfeitiçado como o que enfeitiça; significando, o que enfeitiça, que está abraçado ao enfeitiçado a querer matá-lo ou espetá-lo com pregos.

81 XI
Mágica de um cão preto e suas propriedades
Um cão preto tem muita força de mágica: assim o diz S. Cipriano no capítulo CXLV. Ora há muitas pessoas que dizem que a mágica se faz com palavras mágicas; porém, isso é falso, não há mágica que obre por palavras, o que se pode afirmar é que sem palavras nada se pode dizer; porém, nem as palavras valem sem certas coisas que têm força de mágica, nem tão pouco as mesmas valem sem nada mais.

82 Eis aqui a primeira mágica do cão preto:

83 Principiaremos pelos olhos do cão: Quando um cão estiver morto, tirai-lhe o olho direito, sem que o esmigalheis; depois colocai-o dentro duma caixinha e trazei-o no bolso, e quando passardes por um cão tirai-a do bolso e mostrai-lha que o dito cão segue-vos para toda a parte que vós fordes, ainda que o dono não queira. Quando vós quiserdes que o cão se retire, fazei-lhe três acenos com a dita caixinha.

84 XI

Segunda mágica ou feitiçaria do cão preto

Com um cão preto pode-se fazer uma feitiçaria das mais fortes; assim o assevera S. Cipriano no capítulo CCL, vol. XII.

85 Faça-se da maneira seguinte:

86 Corte-se as pestanas de um cão preto, corte-se-lhe as unhas, corte-se-lhe um bocado de pelo do rabo, juntem-se estas três coisas e queimem-se com alecrim do norte. Depois de tudo isto reduzido a cinza recolham-na dentro de um vidro bem tapado com uma rolha de cortiça, por espaço de nove dias, no fim dos quais está pronto o feitiço.

87 MODO DE SE APLICAR

Suponhamos que é uma criatura, homem ou mulher, que deseja amar uma outra criatura, com bom ou mau sentido, e não o pode conseguir por qualquer motivo. Facilmente satisfará o seu intento.

88 Pegue nos três objetos já ditos e misture uma pequena porção com tabaco e faça um cigarro, o qual deve ser dos mais fortes; quando estiver falando com a dita pessoa a quem deseja enfeitiçar, deite-lhe umas fumaças, e

verá que essa pessoa fica logo enfeitiçada; isto deve-se fazer por três vezes ou cinco, ou sete, ou nove, ou mais, porém deve a conta ficar sempre nones.

89 Declaramos mais que se for mulher e não possa fazer o feitiço, por não fumar, faça da seguinte maneira.

90 Pegue em um sinal qualquer da pessoa a quem deseja enfeitiçar e embrulhe as tais espécies de que já falámos dentro do jornal, depois com um fio de retrós verde comece a enrolá-lo em volta do dito sinal, dizendo as seguintes palavras:

> Nota
> *(Primeiro dá-se o nome da pessoa a quem se quer enfeitiçar).*

92 «Eu te prendo e te amarro com as cadeias de S. Pedro e S. Paulo, para que tu não tenhas sossego nem descanso, em parte alguma do mundo, debaixo da pena de obediência e preceitos superiores.»

93 Depois destas palavras ditas nove vezes, está a pessoa enfeitiçada; porém, se este feitiço que nós vos acabamos de ensinar, não for bastante para obterdes o que desejais, não vos assusteis com isso, nem tão pouco deveis perder a fé, porque muitas coisas não se fazem por falta de uma vivíssima fé.

94 Bem deveis saber, leitores, que muitas criaturas não entra com elas a feitiçaria, por causa de alguma oração que digam todos os dias ao deitar e ao levantar da cama.

95 Eis a história de S. Cipriano e Clotilde:

96 No dia 15 de janeiro do ano 1009, estando S. Cipriano a conversar com o príncipe Satanás, lhe disse S. Cipriano:

97 — Ó meu amigo Satanás, tu, que ceia me dás hoje em paga de eu te ser tão fiel?

98 Respondeu Satanás.

99 — Vou hoje dar-te uma ceia, ou antes, um gosto de que tu, Cipriano, te vais gozar.

100 Mostrou Cipriano um semblante de alegria e de prazer, e disse a Satanás:

101 — Meu amigo e senhor, a quem eu amo há dez anos, com tanta fidelidade e com tanto prazer, que me parece que não estou contente senão quando estou junto de ti...

102 Sorriu-se Satanás e disse-lhe:

103 — Pois já que me estimas e me és tão fiel, hei de corresponder-te da mesma sorte; e com isto mete a tua fava na boca e segue-me.

104 Desapareceram logo Satanás e Cipriano.

105 Oito minutos depois estavam sobre o palácio do rei da Pérsia.

106 Satanás abriu um buraco ao lado direito do quarto da princesa Clotilde, depois voltou-se para Cipriano e disse-lhe:

107 — Tu vês aquela princesa tão bela?

108 Respondeu-lhe Cipriano:

109 — Creio que não haverá menina tão formosa que se lhe possa assimilhar.

110 Disse-lhe Satanás:

111 — Pois já vês, Cipriano, meu servo, que eu sou teu amigo, e que te estimo de todo o meu coração.

112 Cipriano, ouvindo estas palavras, prostrou-se aos pés de Satanás, e disse-lhe:

113 — Meu amigo e senhor, a quem pertenço de todo o meu coração, corpo, alma, e vida, se vós podeis fazer com que eu goze aquela donzela, dou-vos um juramento de vos estimar ainda mais do que até aqui.

114 Satanás respondeu:

115 — Deixo-a ao teu alcance. Convence-a com as tuas astúcias e artes, que eu aqui estou pronto para tudo quanto quiseres.

116 Depois disto Cipriano tratou logo de lhe fazer uma feitiçaria para fazer com que a princesa o seguisse ou o mandasse chamar; porém, Cipriano nem com todos os seus feitiços pôde convencer a princesa.

117 Vendo-se desesperado, entrou um dia no palácio, foi ao gabinete do rei e não o encontrou.

118 Irritado com isto, pensou meia hora no que havia de fazer.

119 De repente, entrou o rei pela porta do gabinete, e bradou em voz alta:

120 — Acudam-me! Acudam-me!

121 Nisto Cipriano mete a mão na algibeira direita para tirar a fava e fugir, porém, baldado esforço, não a encontrou. Meteu a mão na algibeira esquerda e tirou um canudinho de prata onde tinha um diabinho (dos que já vos falei).

122 — O que quer? — disse o diabinho.

123 Retorquiu-lhe Cipriano:

124 — Quero já quatro castelos em volta de mim.

125 — Executarei as suas ordens num momento.

126 No mesmo instante chegou cavalaria e escoltas de soldados, porém, nada fizeram. Foi tão forte o combate que o palácio ficou completamente destruído.

127 O rei prostrou-se aos pés de Cipriano e lhe suplicou que lhe perdoasse, pelo amor daquele a quem mais quisesse.

128 Cipriano disse-lhe:

129 — Saberás que eu sou um bispo, e além de ser um bispo, tenho arte diabólica. Tu vês que este palácio está em nada; que me dás tu, se eu tornar a pô-lo tal qual estava, e isto num instante?

130 Depois Cipriano disse as palavras seguintes:

131 «Eu mando já pelo poder da mágica preta liberal, que tudo faz, mando já, já, que este palácio seja levantado e fique no seu próprio natural e para golão traga matão vais de pauto a chião a molitão, pexeda ispera regra retragarão, ont prontual finis.»

132 No fim de Cipriano dizer estas palavras ficou o palácio tal e qual como estava. O rei que viu Cipriano fazer tantas maravilhas, assustado cada vez mais, se lançou segunda vez aos pés de Cipriano e lhe disse:

133 — Eu te peço, e rogo, senhor, que me perdoes se achas que estás ofendido pela minha pessoa.

134 Cipriano disse-lhe:

135 — Levanta-te, que estás perdoado, mas com a condição de que me hás de dar a princesa, que é tua filha Clotilde.

136 O rei, ouvindo estas palavras, tremeu e ficou imóvel, sem que pudesse dar uma única resposta.

137 Cipriano segunda vez bradou:

138 — Já te disse! Queres dar-me a tua filha Clotilde? Do contrário, tudo será reduzido a nada.

139 O rei nada respondeu.

140 Tornou Cipriano:

141 — Então, que digo eu?

142 O rei tornou a ficar silencioso.

143 Cipriano, irado, deu um forte grito e disse:

144 — Por toda a força da minha arte mágica preta e branca, mando que fique, desde já, todo este reino encantado, reduzido a penedos e o rei e a rainha em duas pedras de mármore!

145 Foi executada a sua ordem, em cinco minutos.

146 Só não pôde encantar Clotilde por causa duma oração que ela dizia todos os dias. Cipriano assim que viu tudo encantado, menos Clotilde, ficou irado contra Lúcifer e bradou em voz alta:

147 — Lúcifer? Lúcifer? Aparece-me, meu Lúcifer?

148 — Aqui estou às tuas ordens, amigo Cipriano, — disse Lúcifer.

149 — Quero que me digas, — tornou Cipriano — a razão por que eu não posso satisfazer os meus apetites com esta linda princesa.

150 A princesa, que ouviu estas palavras, disse em voz baixa:

151 — Se tu és o demónio, eu te invoco em nome do Senhor, para que só diga a verdade.

152 Aqui o demónio, obrigado por uma força divina, disse a S. Cipriano:

153 — Amigo meu, saberás que há um Deus poderoso, que cobre o céu e a terra e tem poder sobre tudo. Se ele quiser, tu e eu não nos movemos daqui, porque ele é poderoso. A princesa invocou o seu santo nome e eu não pude deixar de confessar a verdade, além de que a princesa diz uma oração todos os dias a qual a livra de tudo quanto for tentação minha ou dos meus filhos queridos.

154 Cipriano, de repente, prostrou-se em terra e disse:

155 «Senhor dos altos céus, quem sois vós, que eu não vos conheço? E tu, Satanás, espírito maligno, demónio maldito, maldito, maldito, maldito, que foste a minha perdição? Maldita seja a hora em que eu fui concebido; maldito seja o ventre que me gerou; maldito seja o pai e a mãe de quem eu sou descendente; maldita seja a hora em que eu nasci; maldito seja o leite que eu mamei; maldito seja quem tal criação me deu; malditos sejam quantos passos tenho dado nesta vida! Meu Deus, meu Deus, fazei já abrir as portas do inferno para tragar este maldito homem; desapareça para sempre! Jesus, Jesus, Jesus, se ainda tenho salvação, respondei-me dos altos céus.»

156 Cipriano ouviu uma voz que lhe disse: «Filho, continua com essa vida que tens, que eu te avisarei, com um ano de antecipação, da tua morte, para cuidares da tua salvação.»

157 Cipriano beijou a terra e agradeceu a Deus os benefícios que lhe fazia.

158 Porém, foi engano de Cipriano, porque aquela voz que ele ouviu foi o mesmo demónio, para o enganar, que subiu aos astros para significar que era Deus que respondia aos rogos de Cipriano.

159 Cipriano, como inocente, deu crédito à voz que ouviu. Muito inocente devia ele ser para não se lembrar que aquela voz não podia ser a de Deus.

160 Porém, Jesus Cristo, como bondoso e justo, não deixou de perdoar a Cipriano os pecados cometidos pela ambição desmedida, que a ilusão pelo poder de Satanás lhe havia causado. Cipriano retirou-se do palácio, e quando ia já distante ouviu uma voz que lhe disse:

161 — Cipriano, Cipriano, vale-me nesta aflição, pelo amor daquele grande Deus dos altares.

162 Cipriano tremeu e caiu por terra.

163 A boa da princesa Clotilde chegou junto de Cipriano e disse-lhe:

164 — Eu mando em nome de Deus! Levanta-te!

165 Cipriano, de repente, levantou-se e fitou os olhos na linda princesa, dizendo-lhe:

166 — Que pretendes?

167 A princesa respondeu:

168 — Invoco o Santo Nome de Jesus, para que tu, homem, não te movas daqui sem que vás restituir a vida a meu pai e mãe e desencantar tudo quanto tens encantado neste reino, por uma arte oculta e poderosa.

169 — Eu, — disse Cipriano — tudo isso te faço, peço-te, porém, que me digas qual é a oração que dizes todos os dias, por causa da qual eu nunca pude levar por diante os meus depravados desejos, usando de todos os meus feitiços e encantos?

170 — A oração que digo — respondeu a princesa — é muito simples e de muito boa vontade vo-la ensino.

171 Escutai:

172 ORAÇÃO

«Eu me entrego a Jesus e à Santíssima Cruz, ao Santíssimo Sacramento, às três relíquias que tem dentro, às três missas do Natal, para que me não aconteça nenhum mal. Maria Santíssima seja sempre comigo, o Anjo da minha guarda me guarde e me livre das astúcias de Satanás, P. N., A. M.»

173 Cipriano foi em seguida ao lugar do palácio, desencantou tudo quanto tinha encantado e disse para a princesa:

174 — Pede sempre por mim nas tuas orações.

175 A princesa assim o fez e obteve de Nosso Senhor Jesus Cristo o perdão dos pecados de Cipriano, que não andou senão mais um ano naquela vida enganosa.

176 Salvou-se Cipriano porque Deus não reserva ódio a seus filhos, aos quais muitas vezes deixa seguir caminho errado para em ocasião oportuna lhes mostrar o seu poder.

177 Por tudo o que fica exposto, já vedes, leitores, que o demónio não pode empecer a quem diz alguma oração como a que dizia a princesa, de que vos acabamos de falar. Fazei a diligência para imitar esta filha de Deus, para que não sejais perseguidos pelo demónio, nem pelas bruxas e feiticeiros.

178 Pedimos, pois, a todas as pessoas dedicadas a esta espécie de leituras, que se queiram furtar a encantos e ciladas perigosas, que conservem sempre na memória esta milagrosa oração.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

SEGUNDA PARTE: MISTÉRIOS DA FEITIÇARIA

✦

1 MISTÉRIOS DA FEITIÇARIA
EXTRAÍDOS DE UM MANUSCRITO DE MAGIA PRETA QUE SE JULGA DO TEMPO DOS MOUROS
Procedendo-se a umas escavações na aldeia de Penacova, no ano de 1410, encontrou-se ali um manuscrito em perfeito estado de conservação.

2 Neste pergaminho precioso encontraram-se coisas muito curiosas, algumas das quais vamos apresentar aos leitores, convictos de que lhes prestamos um bom serviço.

3 Foi este pergaminho, hoje existente na biblioteca de Évora, que deu assunto a um livro de enguerimanços muito aceite hoje no Brasil, intitulado o Livro do Feiticeiro.

4 Aí vai parte desses mistérios.

5 XII
Receita para obrigar o marido a ser fiel
Tome-se a medula dum pé de cachorro preto, desses de raça pelada, e encha-se com ela um agulheiro de pau. Envolva-se depois o agulheiro num pedaço de veludo encarnado, perfeitamente justo e cosido. Depois, descosendo-se a parte do colchão, que fica entre o marido e a mulher, introduza-se o agulheiro, porém, de modo que não venha a incomodar de noite.

6 Feito isto a mulher deve tornar-se muito amável e condescendente com o marido, concordando em tudo com a sua suprema vontade. Procurará rir quando ele, por acaso, estiver triste, prometendo ajudá-lo se, por fatalidade, a sorte lhe for adversa, e deve, também, resignar-se, quando desconfiar que ele tem alguma amante, fingindo até que o não sabe.

7 À noite, à hora de deitar, e de manhã, ao levantar da cama, dar-lhe-á umas vezes uma comida ou bebida com bastante canela e cravo, e outras um chocolate com grande porção de baunilha, canela e cravo.

8 Dormirá completamente despida, encostando, o mais que puder, o seu corpo ao do marido para lhe transmitir o calor e suor.

9 Todas as vezes que ele entrar em casa, dar-lhe-á alguma coisa, e dirá que pensou nele. O mimo poderá ser fruta ou doce de que ele goste, uma flor, e na falta destas coisas, um abraço acompanhado de um beijo.

10 Se ele tiver mau génio, se for grosseiro e áspero, deverá não o contrariar nunca; antes deve ameigá-lo. Se ele for dócil, mas inconstante, deve sempre apresentar-se superior a ele em todos os atos da vida e em todos os sentimentos.

11 Esta receita, sendo observada com atenção, as formalidades que aqui deixamos expostas são de um efeito incontestável.

12 Experimentem as leitoras, e darão por bem empregado o tempo.

13 XIV

Receita para obrigar as senhoras solteiras, e até mesmo as casadas, a dizerem tudo que fizeram ou tencionam fazer

Tome-se o coração dum pombo e a cabeça de um sapo, e depois de bem secos e reduzidos a pó, encha-se um saquinho que se perfumará, juntando ao pó um poucochinho de almíscar.

14 Deita-se o saquinho debaixo do travesseiro da pessoa, quando estiver a dormir, que passado um quarto de hora saber-se-á o que se deseja descobrir.

15 Logo que a pessoa deixar de falar, ou poucos minutos depois, tire-se-lhe o saquinho debaixo do travesseiro para não expor a pessoa a uma febre cerebral que poderá causar-lhe a morte.

16 XV

Receita para ser feliz nas coisas que se empreendem

Tome-se um sapo vivo, corte-se-lhe a cabeça e os pés numa sexta-feira, logo depois da lua cheia do mês de setembro; deitam-se esses pedaços de molho por espaço de 21 dias em óleo de sabugueiro, retirando-se depois deste prazo às doze badaladas da meia-noite; expondo-se depois por espaço de três noites seguidas aos raios da lua, calcinem-se [...] pote de barro, que não tenha ainda servido, [...] depois, igual quantidade de terra de cemitério, mas juntamente do lugar em que esteja enterrada alguma pessoa de família a quem se destina a receita.

17 A pessoa que a possuir pode ter toda a certeza de que o espírito do defunto velará pela sua pessoa e por todas as coisas que empreender, por causa do sapo que não perderá de vista os seus interesses.

18 XVI

Receita para fazer-se amar pelas mulheres

Antes de tudo convém estudar, embora pouco, o caráter e o génio da mu-

lher que se quer requestar, e regular e dirigir a norma de conduta e modos em relação ao conhecimento que se tiver obtido a esse respeito.

19 Inútil será recomendar, conforme os recursos de cada qual, um trajo, não direi já elegante ou rico, porém sempre de uma limpeza inexcedível. O homem enxovalhado não pode cativar as mulheres. A limpeza no fato é, portanto, indispensável, e ainda mais a recomendamos no que diz respeito às partes do corpo, que exigem asseio especial.

20 Logo que seja observada esta primeira condição tome-se, seis meses depois, o coração dum pombinho virgem, e faça-se engolir por uma cobra. A cobra no fim de mais ou menos tempo, virá a morrer; tome-se a cabeça dela e seque-se no borralho ou sobre uma chapa de ferro bem quente, a um fogo brando.

20.2 Depois reduza-se a pó, pisando-a, num almofariz, no fim de lhe haver juntado algumas gotas de láudano; e quando se quiser usar da receita, esfreguem-se as mãos com uma parte desta preparação, como já ensinámos aos nossos leitores, na 1.ª parte desta obra.

21 XVII

Receita para fazer-se amar pelos homens

A receita aconselhada aos homens para se fazerem amar pelas mulheres, e que precede esta, é, debaixo de todos os pontos de vista, a que devem, primeiramente, empregar as mulheres que desejarem fazer-se amar pelos homens; porém, a eficácia desta receita depende de certas práticas que se não devem desprezar nem esquecer.

22 Vamos apontá-las:

23 A mulher procurará obter do homem que escolheu, uma moeda, medalha, alfinete ou qualquer outro objeto ou fragmento, contanto que seja de prata, e que ele o tenha trazido consigo por espaço de 24 horas, pelo menos. Aproximar-se-á do homem, tendo a prata na mão direita, oferecendo-lhe com a outra um cálice de vinho em cujo cálice se tenha desmanchado uma bolinha do tamanho de um caroço de milho, da seguinte composição:

24 [...] duas gotas
Cabeça de enguia — uma
Sementes de cânhamo — um dedal

25 Logo que o indivíduo tenha bebido um cálice deste vinho, há de, forçosamente, amar a mulher que lho tiver dado ou mandado dar; não lhe sendo jamais possível esquecê-la enquanto durar o encanto, cujos efeitos se podem renovar, sem o menor inconveniente.

26 Se, por acaso, o homem for tão forte, que resista à ação do medicamento, ou o medicamento o não apaixonar imediatamente, a mulher, então, se o tiver junto de si, e a sós, dê-lhe a beber uma xícara de chocolate, na qual deitará ao bater dos ovos:

27 Canela em pó — duas pitadas
Dentes de cravo — cinco
Baunilha — dez gramas
Noz-moscada, rapada — uma pitadinha

28 Depois de pronto, tiram-se os dentes do cravo e deita-se:

29 Tintura de cantáridas — duas gotas

30 Se o indivíduo quiser ou pedir alguma coisa para comer, deve dar-se-lhe de preferência pão de ló.

31 Às vezes, e se a mulher não tiver muita pressa de prender o homem, basta o chocolate com o cravo, baunilha e canela.

32 O chocolate pode ser substituído pelo café; porém, neste caso, prepara-se o café com erva-doce, e junta-se, simplesmente, uma gota de tintura de cantáridas.

33 Não ocultaremos à leitora, que o indivíduo logo desconfia que o querem enfeitiçar.

34 Se a mulher recear que o homem lhe escape, e deseja conservá-lo apaixonado por muito tempo, repetirá o primeiro medicamento de quinze em quinze dias, e nos intervalos, convidando-o para almoçar ou cear, deve dar-lhe:

35 Ao almoço, uma fritada ou omeleta preparada da seguinte maneira: Batam-se os ovos bem batidos, depois lançando-os do alto da espinha nua, deixam-se escorregar por extensão, indo em seguida apará-los em baixo, onde acaba a espinha. Faz-se depois a fritada, e põe-se na mesa ainda quente.

36 Ao jantar, picando e pisando a carne para almôndega, deitem-se os ovos batidos, e depois, antes de levar os bolos ao fogo, passam-se um a um, no corpo suado, peito, costas e barriga, fazendo-os demorar um pequeno espaço debaixo dos sovacos.

37 O café, que se lhe der ao almoço, e no fim do jantar, será coado pela fralda da camisa da própria mulher; com essa camisa deve ter dormido, pelo menos, duas noites.

38 Afiançam que esta receita tem concorrido para a felicidade de muitas mulheres.

39 XVIII

Verdadeira oração para enxotar o demónio do corpo

A importância desta oração, nalgumas combinações cabalísticas, é conhecida por todos aqueles que se entregam ao estudo das ciências chamadas ocultas.

40 Vamos aqui repeti-la, em toda a sua pureza, com toda a sua exatidão e verdade:

41 «Imortal, eterno, inefável e santo; Pai de todas as coisas, que de carro rodante caminhas sem cessar por esses mundos que giram sempre na imensidade do espaço: dominador dos vastos e imensos campos do éter, onde ergueste o teu poderoso trono que despede luz e luz, e de cima do qual teus tremendos olhos descobrem tudo e teus largos ouvidos tudo ouvem! Protege os filhos que amaste desde o nascimento dos séculos, porque longa e eterna é a sua duração. Tua majestade resplandece acima do mundo e do céu das estrelas!

41.2 Tu te elevas acima delas, ó fogo cintilante; e te alumias e te conservas a ti mesmo pelo teu próprio resplendor, saindo de tua essência correntes inesgotáveis de luz que alimentam teu espírito infinito! Este espírito infinito produz todas as coisas, e constitui esse tesouro imorredouro de matéria, que não pode faltar à geração que ela rodeia sempre pelas mil formas de

que se acha cercada, e com a qual a revestiste e encheste desde o começo. Desse espírito tiram, também, sua origem esses santíssimos reis que se acham de pé ao redor do teu trono e que compõem a tua corte; ó Pai universal, ó único Pai dos bem-aventurados mortais e imortais!

41.3 Tu tens, em particular, poderes que são maravilhosamente iguais ao teu eterno pensamento e à tua adorável essência. Tu os estabelecestes superiores aos Anjos que anunciam ao mundo tuas vontades. Finalmente, tu criaste mais uma terceira ordem de soberanos nos elementos.

42 «A nossa prática de todos os dias é louvar-te e adorar as tuas vontades. Ardemos em desejos de possuir-te. Ó Pai! ó Mãe! terna Mãe, a mais terna de todas as mães! Ó Filho, o mais carinhoso dos filhos! Ó forma de todas as formas! Alma, espírito, harmonia, nomes e número de todas as coisas, conserva-nos e sê-nos propício. Amém.»

43 XIX

Oração que preserva do raio

Passa-se uma fita branca no braço, pescoço ou cintura de Santa Bárbara, logo no começo da trovoada, e acenda-se uma vela de quarta.

44 Feito isto, de hora em hora, depois de ter lavado a boca três vezes com três bochechos de água, dir-se-á:

45 «Eu vos peço, Senhora, que intercedais por mim junto Daquele que por nós morreu resignado. Como essa fita que cingis ao pescoço, tenho a alma pura e puras as intenções. Livrai-me, Senhora, a mim que sou digno (ou digna) da vossa proteção, contra os terríveis efeitos do raio. Amém.»

[46] XX

Mágica das uvas e suas propriedades

É muito interessante esta mágica, segundo diz S. Cipriano a pág. 14 da sua obra.

[47] Satanás é o mais astuto de todos os demónios; isto é, o príncipe Belzebuth, o mais sábio de todos os seus companheiros.

[48] Esta mágica, descoberta pelo demónio, é muito simples de fazer e deve executar-se da maneira seguinte:

[49] Tomai uma garrafa que tenha o bojo bastante largo. Depois de preparada a dita garrafa, deitai-lhe dentro decilitro e meio de azeite virgem e colocai a garrafa numa latada que tenha os cachos a nascer, e metei um dos cachos dentro do gargalo da dita garrafa e prendei-a à videira, do melhor modo que puderdes, de maneira que o cacho há de vingar dentro da garrafa com o azeite.

[50] É preciso notar que o cacho não deve tocar no azeite.

[51] Logo que estejam maduros os cachos da latada cortai o que está dentro do gargalo da garrafa, e fica pronta esta operação.

[52] Explicação das virtudes e propriedades deste azeite e do cacho que fica dentro da garrafa

1.º — Acendendo uma luz com o dito azeite, aparecem todos os arvoredos que estão em torno da latada donde saía o dito cacho e aparecem as uvas maduras e veem-se algumas pessoas que, por acaso, se encontravam no mesmo sítio donde se cortou o cacho; finalmente, aparecem todos os objetos daqueles lugares: casas, fruteiras, pássaros, árvores, e tudo mais que próximo dos cachos se encontrava.

53 Aviso para esta condição: Quando aparecer a fruta e os cachos não os cortem para comer, do contrário arriscam-se a levar uma bofetada do demónio. Logo que se apague a luz, desaparece todo aquele arvoredo e mais objetos.

54 2.º — O azeite tem virtude para curar qualquer ferida nova ou antiga, deitando-lhe em cima uma pinga de azeite e pondo-lhe fios de linho.

55 3.º — Este azeite tem a virtude e poder de fazer sair as almas do purgatório e virem falar à pessoa que as chama à porta da igreja, ao dar da meia-noite. Acendendo a luz e dizendo: «Eu, pelo poder desta luz, mando que já me falem as almas que estão no purgatório, aquelas que os seus corpos têm sido sepultados nesta casa.» Imediatamente aparecem as almas, mas é preciso ter muito ânimo, do contrário pode disso resultar a morte à pessoa que as chama.

56 6.º — O azeite tem a virtude e o poder de fazer uma feitiçaria a uma outra pessoa, fazendo da maneira seguinte, tal qual como a fez S. Cipriano, na [...] de Cartagena a uma menina de nome Adelaide.

57 Cipriano, feiticeiro, desejou possuir o amor de uma menina chamada Adelaide e foi pedi-la a seus pais, porém, debalde, porque eles negaram-lha.

58 Desesperado, com a resposta dos pais de Adelaide, se irou de tal maneira contra eles que mandou ao seu diabrete, que sempre trazia na algibeira, que destruísse, sem perda de tempo, as casas e todos os bens dos pais de Adelaide.

59 Foram, imediatamente, executadas as suas ordens.

60 Logo que Adelaide viu os seus haveres destruídos dirigiu-se a Cipriano e disse-lhe:

61 — Homem, que mal te fez meu pai para que tu obrasses para com ele com tanta ingratidão?

62 Cipriano respondeu-lhe:

63 — Tu não vês, Adelaide, que te amo tanto que nada vejo senão o lugar onde tu habitas?

64 Respondeu Adelaide a Cipriano:

65 — Se é verdade o que me dizes, faze de conta que de hoje em diante sou tua escrava, mas não tua mulher; porque não sou digna de ser desposada por ti.

66 — Por que razão, — disse [...] — [...] razão dizes tu que não és digna de ser minha esposa?

67 — Pois sendo tu um santo, — respondeu Adelaide, — canonizado por Deus, como posso eu ser tua mulher, se eu sou a maior pecadora do mundo, como outra igual não julgo existir?

68 [...] voltou-se para Adelaide e disse-lhe:

69 — Menina, pois se tu tanto adoras a Deus e ainda assim dizes que és a maior pecadora do mundo, que Deus de vingança tu adoras?

70 Adelaide, ouvindo estas palavras, ficou como que pasmada e duvidando do que tinha ouvido, disse consigo: «Que Deus será o que adora este homem? Porventura haverá outro Deus, sem ser o meu?! Não é possível!» Revestiu-se de curiosidade e disse a Cipriano:

71 — Homem, obrigo-te, da parte de Deus, a quem adoro, que me digas que Deus estranho é esse que tu adoras e que te obriga a renegar o meu?

72 Respondeu Cipriano:

73 — O Deus que adoro é a Lúcifer, dos infernos!

74 Adelaide, ouvindo isto, benzeu-se por três vezes e disse-lhe:

75 — Eu te obrigo e esconjuro da parte de Deus, a quem adoro, que me restituas os meus haveres, tal e qual eles estavam.

76 Cipriano, obrigado pela força do Deus Omnipotente, tornou a restituir os bens aos pais de Adelaide, e no fim de tudo isto retirou-se sem se gozar dela.

77 Lúcifer aparecendo-lhe, disse a Cipriano estas palavras.

78 — Meu amigo Cipriano, não me andes sempre a incomodar; já te ensinei a fazer todos os feitiços e toda a arte mágica. Já tens todo o poder que eu tenho, porém, como amigo teu, que sempre fui, sou e hei de ser, vou dar-te um conselho para tu te poderes gozar de Adelaide...

79 Cipriano disse a Lúcifer:

80 — Tu, meu amigo, a quem eu amo de todo o meu coração, corpo e alma, dize lá o que hei de fazer neste caso?

81 — Pega na tua garrafa mágica, — disse Lúcifer — e mete a tua fava na boca e torna-te invisível. Neste mesmo instante, vai a casa de Adelaide, e logo que tu lá chegues, deita um pouco de azeite da tua garrafa em uma

das luzes que lá vires, que tanto Adelaide, como seus pais, ficam assustados dos prodígios que observarem, e tu, Cipriano, aproveita essa ocasião para te gozares de Adelaide.

82 Cipriano foi, infelizmente, executar assim as ordens de Lúcifer, espírito de maldade.

83 Depois de cinco minutos já Cipriano se tinha gozado de Adelaide e estavam satisfeitos os seus desejos.

84 Depois de lerdes, donzelas, o que aconteceu à pobre Adelaide, rogai ao Senhor e a Maria Santíssima que vos livre das astúcias de Satanás, porque o demónio tantos enredos arma aos cristãos que eles não lhes podem fugir.

85 E demais, amáveis leitores, por que não andais vós sempre bem encomendados a Jesus e a Maria Santíssima?

86 XXI

História de Cipriano e Elvira

A mágica dos bichos é uma mágica de que o demónio e Cipriano se serviram para convencer a filha única de um marquês, intitulado marquês de Sória e o mais estimado do rei da Pérsia. Esta menina chamava-se Elvira.

87 Cipriano vendo-a um dia a passear com seus pais, supôs que não havia segunda donzela que se lhe assemelhasse.

88 Pôs logo em prática a sua arte diabólica, demonstrando ao marquês que desejava sua filha Elvira.

89 O marquês encarando bem a pessoa de Cipriano viu que era um homem vulgar, e disse-lhe:

90 — Tu, homem, que pretendes de minha filha?

91 — Eu — respondeu Cipriano — pretendo amar Elvira e fazê-la minha...

92 O marquês, ouvindo estas palavras, irou-se contra Cipriano, porém tudo foi inútil para o marquês, porque Cipriano apressou-se a dizer as seguintes palavras:

93 — Eu quero já, por artes diabólicas e mágicas, A. M. N. O. P., que sejam o marquês e a marquesa feitos em pedra mármore!

94 Foi logo feita a sua vontade.

95 Cipriano voltou-se para Elvira e disse-lhe:

96 — Vês, menina, o que eu fiz a teus pais? Outro tanto te farei se não estiveres pelo meu contrato.

97 Elvira, assustada com o que acabava de ouvir, disse a Cipriano:

98 — Que é que queres, homem?

99 Respondeu Cipriano:

100 — Eu quero que me sigas e deixes de adorar o falso Deus que adoras, e ames só as minhas leis e mandatos.

101 Elvira, ouvindo estas palavras, prostrou-se por terra e fez a Jesus Cristo a seguinte oração:

102 «Senhor, se é de vossa vontade que eu siga este homem, dizei-mo lá das alturas, que eu estou pronta a seguir as vossas determinações.»

103 Cipriano, ouvindo a súplica de Elvira, indignou-se contra ela e a encantou, com as mesmas palavras com que tinha encantado seus pais.

104 Ficou Cipriano satisfeito com a sua vingança, porém, tal não fizesse Cipriano, que esteve em riscos de perder a vida.

105 O rei, como era muito amigo do marquês, deu logo pela sua falta e admirou-se muito de o não ver, e disse consigo mesmo: «Que será feito do marquês, de sua filha Elvira e de toda a sua família?»

106 Por mais que fizesse procurá-los por todo o seu reino, todos os seus esforços foram baldados.

107 Daí a um mês apareceu no palácio uma mulher mal vestida e disse que queria falar a sua majestade. Foram dar parte ao rei, que estava ali uma pobre mulher que pretendia falar-lhe. O rei respondeu ao vassalo:

108 — Dize a essa mulher que entre.

109 A mulher entrou e não se prostrou em terra, como era de costume.

110 O rei, vendo que a mulher era tão altiva, disse-lhe: «Porventura, tu, mulher, não mereceste já ser degolada neste lugar, por faltares ao respeito devido ao rei?»

111 — Que é que dizes, rei bárbaro? — respondeu a mulher. — Derramar o sangue de uma mulher quando ela te vem trazer uma boa nova e te vem aliviar paixões que trazes tão entranhadas no teu

112 [...]

113 O rei, então, lembrou-se que, talvez, aquela mulher lhe viesse trazer novas do marquês e de sua família, e disse-lhe com voz suplicante: «Mulher, desculpa-me, bem vês que a minha paixão pelo marquês é que me faz estar zangado!»

114 — Hoje mesmo — respondeu a mulher — verás o marquês e toda a sua família, mas com a condição que hás de mandar matar um homem de nome Cipriano.

115 — Cipriano feiticeiro? — disse o rei.

116 — Sim, esse mesmo — respondeu a pobre — e vou aconselhar-vos como haveis de fazer.

117 — Sim, mulher, dize tu como entendes que eu deva fazer.

118 — Chamai-o aqui e dizei-lhe que vos apresente o marquês e sua família; e que se o não fizer, o pagará com a própria vida.

119 O rei, acreditando nos conselhos da mulher, fez o que ela lhe disse.

120 Mandou logo chamar Cipriano à sua presença.

121 Apenas chegou Cipriano à presença do rei, disse-lhe este: «O que quereis, real senhor?»

122 — Quero — disse o rei — que me apresentes aqui o marquês e sua família, sob pena de te mandar cortar a cabeça.

123 — Com quem cuidais que falais — disse Cipriano.

124 — Falo com um feiticeiro, — respondeu o rei — que tem pacto com Lúcifer, o príncipe do inferno.

125 Dito isto pelo rei, Cipriano invocou os espíritos malignos e ordenou que todo o palácio, bem como o rei e toda a sua família, ficassem encantados.

126 Então, o rei lança-se de joelhos aos pés de Cipriano, dizendo:

127 — Perdão, perdão, grande e poderoso Cipriano! Não me encanteis nem à minha família, porque eu não sou o culpado disto.

128 — Pois quem é culpado? — perguntou Cipriano, muito zangado.

129 — O culpado disto — respondeu o rei — é uma mulher que está escondida no meu palácio.

130 — Essa mulher — diz Cipriano — que venha sem demora à minha presença.

131 O rei mandou aparecer imediatamente a mulher.

132 — Então tu, mulher, com que prazer querias que o rei derramasse o sangue de um homem prudente e sem crimes?

133 — Sem crimes do que tu? — respondeu a mulher — que encantaste uma família que era tão estimada do rei, meu senhor? E ainda dizes que não tens crimes! Ah! infame! És digno de mil mortes, se possível fosse. Aqui está quem tem poder sobre todos os teus poderes e todas as tuas astúcias.

134 Cipriano, ouvindo o que acabava de proferir a desconhecida, estremeceu e disse-lhe:

135 — Que poder tens tu contra as minhas astúcias?

136 — Tenho o poder sobre tudo, porque sou uma feiticeira de maior idade. Fui das primeiras que tomaram pacto com Lúcifer, e por isso, tenho poder sobre todas as feiticeiras.

137 — Como pertences à minha lei — disse Cipriano — não te quero fazer sentir a força dos meus feitiços. O que pretendes de mim, mulher?

138 — Quero que restituas ao rei o marquês e toda a sua família, e que os tragas já à presença do rei.

139 Cipriano, pensou um momento, e de repente disse-lhe:

140 — Sim, eu tudo isso faço com a condição de que Elvira há de ser minha e eu a estimarei como devo.

141 Respondeu a mulher:

142 — Pois apresenta-os e Elvira será tua.

143 A simplicidade de Cipriano fê-lo acreditar nos conselhos da mulher. Foi logo muito contente desencantar o marquês, a marquesa e a filha.

144 CONVERSAÇÃO QUE TEVE A MULHER COM O REI ENQUANTO CIPRIANO NÃO VOLTOU

— Real senhor — disse a mulher — nós havemos de matar hoje mesmo Cipriano.

145 — Tu não vês — disse o rei — que Cipriano tem o grande poder da arte mágica e que nos pode encantar a todos com uma só palavra?

146 — Não, real senhor; que eu tenho também poder bastante para obstar a todos os seus encantos e artes diabólicas.

147 Dito isto, a mulher tratou logo de defumar todo o palácio, porém tudo foi debalde, porque Cipriano tinha grande força diabólica.

148 Contudo, alguma coisa fez contra ele.

149 CHEGADA DE CIPRIANO

Poucos momentos depois chegou Cipriano, e o marquês, a esposa e Elvira, que haviam sido desencantados.

150 O rei ficou cheio da mais viva satisfação e disse a Cipriano:

151 — Retira-te já daqui, homem sem coração, que tens sobre ti o peso dos mais horrendos crimes, pela tua perversa malvadez e infâmia.

152 Cipriano, enfurecido pelo que acabava de ouvir, disse arrogante ao rei:

153 — Então é esse o pago que me dás de desencantar aqueles que estimavas? Já vejo que não me conheces bem. Espera que já te arranjo.

154 Cipriano meteu, de repente, a mão na algibeira e tirando um diabrete disse-lhe: «Eu quero já dez castelos às minhas ordens.»

155 Foram logo cumpridas as ordens de Cipriano, depois do que ele pegou fogo ao palácio, mas tudo foi inútil, em consequência da feitiçaria da mulher quando defumou o palácio.

156 Cipriano reconheceu logo que a feiticeira tinha obstado a que conseguisse o seu intento, e vendo que nada podia fazer, exasperou-se, e ainda mais, pela falsidade com que o rei tinha usado com ele.

157 ENCONTRO DE CIPRIANO COM LÚCIFER

Estava Cipriano pensando, tristemente, na traição do rei e dizendo até consigo mesmo que devia deixar este mundo, quando lhe aparece Lúcifer, que pondo-lhe a mão no ombro, lhe diz:

158 — Não cismes, Cipriano, amigo meu, que Elvira é tua.

159 — Não pode ser — respondeu Cipriano.

160 — Julguei que confiavas mais em mim, meu Cipriano. Sossega, que tudo tem remédio.

161 Tranquilizou-se Cipriano com as palavras conciliadoras de Lúcifer, o qual conduziu Cipriano a um deserto e lhe disse:

162 — Já vês, caro amigo, que o palácio foi defumado com alecrim e incenso, e por isso não podemos lá entrar com as nossas artes diabólicas, porém, não será bastante para que Elvira não seja tua, hoje mesmo.

163 — Que é preciso fazer para a possuir? — disse Cipriano, que parecia estalar de satisfação.

164 — Pilha à mão, — disse Lúcifer — todos os bichos do mundo, com especialidade sapos, aranhas, ratos, cobras, sardões, formigas, moscas, sardaniscas, enfim, todos os mais que quiseres ou puderes; mete-os num grande caldeirão, lança-lhe quartilho e meio de azeite virgem e faz-lhe fogo de maneira que os bichos se derretam e se tornem em óleo, com a condição, única, de que os deves lançar vivos dentro do caldeirão. Depois traz-me o óleo em um vidro muito bem tapado e não deves tomar-lhe o cheiro.

165 Cipriano fez tudo o que Lúcifer lhe ordenou, e apenas viu que estava tudo pronto foi dar-lhe parte.

166 Apenas Cipriano contou a Lúcifer que havia concluído a sua obra e como a havia feito, ele lhe disse:

167 — Sabes o que hás de fazer agora a esse óleo?

168 — Ouvirei o teu conselho — respondeu com ar de curiosidade Cipriano.

169 — Prepara uma luz com o óleo dos bichos e depois de tudo preparado mete a tua fava na boca e dize-lhe que queres entrar no palácio sem que sejas visto por pessoa alguma.

170 Cipriano, antes de fazer o que lhe disse Lúcifer, perguntou-lhe:

171 — Que devo fazer quando lá chegar?

172 — Apenas tenhas entrado no palácio, acende a tua luz mágica que logo ficam assustados todos que estiverem no palácio: tu, Cipriano, mete uma fava na boca da feiticeira, que ainda lá deve estar, e outra na de Elvira e diz: «Favas, acompanhai-me.» Assim que tiveres elevado a grande altura a feiticeira, deixa-a cair, porque foi ela quem te meteu nestes trabalhos.

173 Cipriano fez conforme lhe indicou Lúcifer. Depois de haver lançado de enorme altura a feiticeira, levou Elvira para um deserto e disse-lhe:

174 — O que queres, menina Elvira, que te faça?

175 Elvira, respondeu: «Faz-me aquilo que for da tua vontade.»

176 É escusado dizer o que fez Cipriano, porque os leitores hão de imaginá-lo forçosamente.

177 Cipriano só com o óleo dos bichos é que pôde convencer Elvira e a pôde roubar. Preparou-lhe um palácio muito rico para que entrasse nele tão formosa pomba como era Elvira.

178 Como vedes, leitores, o diabo depois de começar a enredar uma criatura, não a deixa sem que primeiro consiga o que tem na vontade; por isso recomendamos a todos os cristãos que se não esqueçam de fazer o sinal da santa cruz todos os dias, três ou quatro vezes.

179 Será bom agora declarar-vos, leitores, como é que se faz a mágica dos bichos, para que vós, mais facilmente, a saibais fazer e ensinar, porque não é preciso ter pacto com Lúcifer para se conhecer todas as mágicas de que aqui vos falamos.

180 Elas foram descobertas pelo demónio e Cipriano publicou-as por todo o mundo, e por isso, para obtermos tudo isto agora, não temos precisão alguma dos conselhos de Lúcifer ou Satanás.

181 MODO DE PREPARAR O ÓLEO MÁGICO

Pilhem-se todos os bichos que puderem (os que são mais peçonhentos têm mais mágica); depois de estarem todos presos metam-se vivos dentro duma caçarola a qual deve ter dentro quartilho e meio de azeite virgem; obrigue-se a ferver bem até ficar em metade, depois guarde-se o óleo que ficar e acenda-se com ele uma luz, e todas as pessoas que estiverem presentes, naquela ocasião, ficam tão assustadas que não se movem do sítio.

182 A razão do susto é porque aparecem ali grandes fantasmas, há tremores de terra e os bichos que foram fervidos aparecem, também, dando grandes chiadelas e a quererem ferrar nas pessoas que ali estão; porém, não se deve ter medo, porque tudo aquilo é por causa da luz que está a arder.

183 XXI

Feitiçaria que se faz com um sapo para obrigar a amar contra vontade

É muito simples de fazer este feitiço, sendo um que tem poder sobre todos os feitiços, pois que assim o afirma S. Cipriano na sua obra, pág. 84.

184 No livro da sua vida enquanto feiticeiro, diz ele que a razão porque o sapo tem grande força de mágica e feitiço, é porque o demónio tem parte com ele, por ser a comida que Lúcifer dá às almas que estão no inferno.

185 Por este motivo, leitores, podeis fazer com o sapo quanta qualidade de feitiçaria quiserdes, conforme aqui vos ensinamos.

186 XXIII

Feitiço do sapo com os olhos cosidos

Agarrai um sapo dos maiores, que seja macho, se o feitiço for para homem.

187 Depois de o terdes seguro pegai-lhe com a mão direita e passai-o por baixo do ventre cinco vezes, dizendo as seguintes palavras:

188 «Sapo, sapinho, assim como eu te passo por debaixo do meu ventre, assim (fulano), não tenha sossego nem descanso, enquanto para mim não se virar com o seu coração, corpo, alma e vida.»

189 Depois de se dizerem as palavras acima, pega-se em uma agulha das mais finas, enfia-se-lhe um fio de retrós verde e depois cosem-se os olhos ao sapo de modo que lhe não ofendam a menina do olho, de contrário fica cega a pessoa a quem se quer enfeitiçar. Só se cose a pelinha de fora dos olhos, reunindo a de baixo à de cima, de maneira que o sapo fica com os olhos escondidos sem ficar ofendido.

190 XXIV — Palavras que dizem ao sapo depois de ter os olhos cosidos

«Sapo, eu pelo poder de Lúcifer, o príncipe Belzebu, cosi os teus olhos, o que devia fazer a fulano (o nome da pessoa), para que ele (ou ela) não tenha sossego nem descanso em parte alguma do mundo sem a minha companhia e ande cego para todas as mulheres (ou homens). Só unicamente me veja a mim e só em mim tenha o pensamento.»

191 Deitai depois o sapo em uma panela grande e dizei:

192 «Fulano (dá-se o nome da pessoa), aqui está preso e amarrado sem que vejas sol nem lua, enquanto me não amares. Aqui não te soltarei; aqui estás preso e amarrado assim como está este sapo.»

193 PREVENÇÃO PARA OS QUE FIZEREM ESTA MÁGICA

A panela ou vasilha onde esteja o sapo deve ter água que se renovará todos os dias com outra água mais fresca.

194 XXV — Feitiçaria do sapo com a boca cosida a retrós preto quando se quer que o feitiço faça mal e não bem

Eis aqui a receita para fazer este feitiço:

195 Pegue-se num sapo, cosa-se-lhe a boca com retrós preto, e depois de estar a boca cosida digam-se as palavras seguintes: «Sapo, eu pelo poder de Lúcifer, de Satanás, Barrabás, Caifás e do diabo manquinho e, principalmente, em nome do príncipe Belzebu e Roberto do Diabo, por todos te rogo, fulano (diz-se o nome da pessoa a quem se quer enfeitiçar), que não tenhas mais uma hora de saúde, e a tua vida prendo dentro da boca deste sapo, e assim como ele vai falecendo e perdendo a saúde, assim a ti te aconteça o mesmo pelo poder de Lúcifer.»

196 Desta forma fica pronto o feitiço. Prendei depois o sapo dentro de uma panela onde ele não tenha que comer.

197 AVISO DE MUITA IMPORTÂNCIA

Suponhamos que depois de haverdes preparado o feitiço vos arrependeis de o ter aplicado. Facilmente se desfaz tudo: tira-se o sapo para fora da panela e dá-se-lhe a beber leite de vaca, por espaço de cinco dias, com a boca descosida. É só desta forma que fica desmanchada a feitiçaria.

198 XXVI — Feitiçaria do sapo para amar contra vontade a quem não quer, ou para fazer casamentos

Suponhamos que uma namorada deseja casar com o seu namorado o mais

breve possível, mas o dito namorado não tem grande pressa de se casar, ou porque se não quer ainda cativar ou porque a não quer para esposa. Facilmente a namorada o obriga a casar com ela com a maior brevidade possível.

199 Faça-se da maneira seguinte:

200 Pega-se em um objeto do namorado ou namorada e ata-se em volta da barriga dum sapo; depois de feita esta primeira operação atam-se os pés ao sapo com uma fita vermelha e mete-se dentro duma panela com terra misturada com algum leite de vaca. Depois de feitas todas as operações de que já falámos digam-se as seguintes palavras, com o rosto sobre a panela:

201 Primeiro dá-se o nome da criatura.

202 «Fulano, assim como eu tenho este sapo preso dentro desta panela, sem que veja sol nem lua, assim tu não vejas mais mulher alguma, nem casada, nem solteira, nem viúva. Só terás o pensamento em mim; e assim como este sapo tem as pernas presas, assim tu tenhas as tuas, e não possas dar passadas senão para a minha porta, e assim como este sapo vive dentro desta panela, consumido e mortificado, tal e qual viverás tu enquanto comigo te não casares.»

203 Logo no fim de estarem ditas as palavras acima tapai a panela muito bem tapada para que o sapo não veja a claridade do dia; depois, quando vós a receberdes, soltai o sapo e deitai-o para o mato, de maneira que o não molesteis, do contrário fica molestada a pessoa a quem se fez o feitiço.

204 XXVII — Receita para ganhar ao jogo

Manda-se fazer uma figa de azeviche, recomendando, essencialmente, que a façam com uma faca nova e de aço fino.

205 Leva-se logo em seguida, a figa ao mar, suspensa de uma fita de Santa Luzia, passa-se com ela três vezes, sete vezes ou vinte e uma vez pela espuma das ondas.

206 Enquanto assim se está procedendo, reza-se três vezes o credo, muito baixinho, quase impercetivelmente, e oferece-se a Santa Luzia uma vela de quarta.

207 O jogador deverá trazer a figa ao pescoço, quando jogar, tendo, porém, o cuidado de não se deixar cegar pela ambição, nem tão pouco arrastar pela cobiça, para tirar desta receita um resultado satisfatório.

208 XXVIII — Talismã que faz voltar cedo para a terra natal, rico e feliz
É ainda a mesma figa de azeviche, da receita anterior; somente com a diferença de que o indivíduo deve conservar-se casto, o máximo tempo que puder, ou no último extremo, só se juntará à mulher no fim de seis meses, ou de três em três meses, se a sua saúde não permitir que leve mais longe o sacrifício.

209 De três em três noites, ao deitar, de joelhos na cama, enviará a Deus três Padres-Nossos e duas Ave-Marias.

210 XXIX — Receita para converter o bom no mau feitiço
Pegue-se num sapo preto, cuja boca se coserá com retrós de seda preta.

211 Depois ata-se, um a um, os dedos do sapo com fio de linha grossa, também preta, e formando uma figura como a dos paraquedas, prende-se a linha principal no fumeiro, de modo que o sapo fique de barriga para cima.

212 À meia-noite em ponto, chama-se pelo diabo, em cada uma das doze badaladas, e depois, fazendo girar o sapo, dir-se-ão as seguintes palavras:

213 «Bicho imundo, pelo poder do diabo, a quem vendi o meu corpo e não o meu espírito, peço-te que não deixeis (diz-se o nome da pessoa), gozar de uma só hora de felicidade na terra; a sua saúde prendo-a dentro da boca deste sapo; e assim como ele definha e morre, o mesmo aconteça a (diz-se o nome da pessoa), que esconjuro três vezes em nome do diabo, diabo, diabo.»

214 Logo na manhã seguinte meta-se o sapo numa panela de barro e tape-se hermeticamente.

215 Para desmanchar os efeitos desta feitiçaria, quando, por acaso, a pessoa venha a ter pena do enfeitiçado, tira-se o sapo da panela e dá-se-lhe a beber leite de vaca fresco, por espaço de sete dias, mas já com a boca descosida.

216 XXX — Receita para fazer com que o homem só goze com a mulher com quem faz vida, ou vice-versa

Pega-se num sapo e cosem-se-lhe os olhos com retrós de seda preta, mas de modo a não lhes ferir as meninas dos olhos. Faz-se o mesmo que na receita antecedente, substituindo, porém, as palavras proferidas que são estas:

217 «Bicho imundo, em nome do diabo, a quem vendi o meu corpo e não o meu espírito, cosi os teus olhos, o que devia ter feito a (o nome da pessoa), para que ele (ou ela), não goste de outra pessoa, senão de mim, e ande cego para todas as mulheres.»

218 Suspende-se em seguida o sapo no fumeiro, por doze horas, metendo-se depois ainda vivo na panela, que deve ficar hermeticamente fechada.

219 As palavras que se proferem, enquanto isto se prepara, são as seguintes:

220 «Fulano, (diz-se o nome da pessoa), estás aqui preso e atado, e não mais verás a luz do sol nem o baço clarão da lua sem que me ames. Fica, diabo, diabo, diabo.»

221 Tanto nesta como na outra receita, refrescar-se-á o sapo todos os dias com água.

222 XXXI — Receita para apressar casamentos

Pega-se num sapo preto e ata-se-lhe em volta da barriga qualquer objeto do namorado ou da namorada, com duas fitas, uma escarlate e outra preta, mete-se, depois, o sapo na panela de barro, e proferem-se estas palavras com a boca encostada à tampa:

223 «Fulano (o nome da pessoa), se amares a outrem que não a mim, ou dirigires a outrem os teus pensamentos, ao diabo, a quem consagrei a minha sorte peço que te encerre no mundo das aflições como acabo aqui de fechar este sapo, e que de lá não saias senão para unir-te a mim, que te amo com todo o meu coração.»

224 Proferidas estas palavras, tape-se bem a panela, refrescando o sapo todos os dias com uma pouca de água; e no dia em que o casamento se ajustar solte-se o bicho, junto de algum charco, e com toda a cautela, porque se o maltratarem, o casamento, por muito bom que tivesse de ser, tornar-se-ia intolerável; seria uma união desgraçada, tanto para o marido como para a mulher.

225 XXXII — História do anel maravilhoso

Conta a história que Candaule, o decantado rei da Lídia, mostrou um dia a Giges, que era o seu oficial mais favorito, sua mulher, a rainha completamente nua. A encantadora rainha viu Giges, e ou fosse por amor ou por

vingança, deu ordem a esse oficial para matar-lhe o marido, prometendo-lhe em recompensa desse crime a sua mão e a sua coroa. Giges ficou sendo, por conseguinte, depois de praticar o assassínio, o rei da Lídia, no ano de 718 antes de Jesus Cristo.

226 Platão conta diferentemente esta usurpação. Diz que, abrindo-se a terra, Giges, pastor do rei, desceu ao fundo do abismo, e que lá encontrou um grande cavalo. Montava no dito animal um homem de formas hercúleas, que tinha no dedo indicador um anel mágico, dotado da grande virtude de tornar o indivíduo invisível. Giges tirou-lhe o anel grande e serviu-se dele para, sem risco algum, matar o rei Candaule, e substituí-lo no trono.

227 Faremos aqui um ligeiro esboço do precioso talismã. Tinha dois engastes: num, em forma de sol, havia um grande topázio; no outro, em forma de lua, uma esmeralda. O anel era de prata e tinha muitos sinais cabalísticos, gravados em redor.

228 Ainda hoje os grandes feiticeiros procuram descobrir as palavras mágicas que se pronunciavam para o indivíduo ficar invisível, com o auxílio deste anel. Se chegarem, como esperamos, ao nosso conhecimento, não nos demoraremos em transmiti-las aos nossos leitores, logo que este livro torne a imprimir-se, nesta edição de 3 volumes.

229 Em Portugal existiu um fanático, que com perto de noventa anos de idade, ainda trabalhava incessantemente para descobrir as palavras necessárias para tornar fácil aquele desencanto. Infelizmente, morreu, sem alcançar o que desejava.

230 XXXII

Modo de adivinhar por meio da mágica ou do magnetismo

Quando uma pessoa estiver a dormir e esteja sonhando, ponha-se-lhe de repente a mão sobre o coração e pergunte-se-lhe tudo quanto se deseja saber.

231 Se for mulher e se for o marido que lhe ponha a mão sobre o coração neste caso pode-lhe perguntar se ela lhe tem sido fiel ou não; enfim, pode-lhe perguntar tudo quanto lhe acudir ao pensamento.

232 PREVENÇÃO PRECIOSA

A pessoa que estiver a fazer a operação que acabais de ler, deve ter muito cuidado em reparar se a pessoa que está a sonhar não está em convulsões, isto é, não esteja aflita, e quando assim suceda deve logo retirar a mão, acordá-la e dar-lhe a beber água fresca.

233 Isto é, pelo motivo de poder causar a morte à pessoa, se assim o não fizer.

234 A razão deste perigo é porque o demónio, naquele caso, está ao lado a ver se pode arrebatar a alma da pessoa que está a dormir, porque é uma ocasião arriscada.

235 XXXIV

Mágica do azevim e suas virtudes, ou força de encanto, cortado em a noite de S. João Batista (24 de junho)

À meia-noite em ponto, cortai o azevim com faca de aço, e depois que o tiverdes cortado, abençoai-o em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo; depois de tudo isto levai-o junto à praia e passai-o pelas sete ondas

do mar; e enquanto estiveres fazendo a dita operação, deveis dizer o Credo sete vezes, fazendo sempre cruzes com a mão direita sobre as ondas e o azevim.

236 VIRTUDES E PROPRIEDADES DO AZEVIM

1.º — Quem trouxer na sua companhia o azevim tem fortuna em todos os negócios que fizer e em tudo que diz respeito à felicidade do homem.

2.º — Quem trouxer consigo o azevim e tocar com ele uma outra pessoa, com a fé viva de que a dita pessoa já tocada o há de seguir imediatamente; a dita pessoa o segue para toda a parte que a pessoa que o tocou muito bem desejar.

237 Este segredo temo-lo nós experimentado algumas vezes e sempre fomos vitoriosos; disto, porém, estamos bem arrependidos, por certas circunstâncias que aqui não vão mencionadas.

238 3.º — O azevim tem virtude para tudo que o possuidor desejar. Qualquer que possuir o azevim e o tenha pendurado na loja, isto é, se for pessoa estabelecida, deve todos os dias de manhã, quando chegar à loja dizer: «Deus te salve, azevim, criado por Deus», e desta forma a dita loja é muito afortunada. Tem sido por este sistema que têm enriquecido muitos negociantes em Portugal e Brasil.

239 XXXV

Mágica do vidro encantador

MODO DE PREPARAR O VIDRO

Preparai um vidro de pequeno tamanho, para se tornar mais cómodo a quem o trouxer na algibeira e deitai-lhe dentro os seguintes ingredientes:

1.º — Espírito de sal amoníaco.

2.º — Pedra de ara.

3.º — Alecrim.

4.º — Funcho.

5.º — Pedra mármore.

6.º — Semente de feto.

7.º — Semente de malvas.

8.º — Semente de mostarda.

9.º — Sangue do dedo mendinho.

10.º — Sangue do dedo polegar e dito do pé esquerdo.

11.º — Uma raiz de cabelo da cabeça.

12.º — Raspa das unhas dos pés e das unhas das mãos.

13.º — Raspa de um osso de defunto, se for da caveira melhor será.

240 No fim de estar preparado tudo que aí fica dito, deitai-o dentro do vidro, de maneira que fique meio e não cheio. Declaramos que de todos os ingredientes de que já falámos deve ser a menor porção possível, porque produz melhor efeito.

241 Depois que o vidro estiver preparado, dizei as palavras seguintes:

242 «Tu, vidro sagrado, que pela minha própria mão fosse preparado, o meu sangue em ti está preso e amarrado à raiz do meu cabelo e dentro em ti foi derramado. Toda a pessoa que por ti for tocada, comigo há de ficar encantada. A. N. R. V. Ignoratus tuum vos assignaturum meo.»

243 Depois de tudo pronto, exatamente como já acabámos de explicar, guardai o vidro muito bem guardado e depois podeis encantar a quem muito bem vos parecer. Dando-o a cheirar a qualquer criatura logo vos seguirá para toda a parte que vós quiserdes.

244 Declaramos mais que o dito vidro, não só tem poder para encantar, como também tem poder para fazer mal.

245 Tudo vai do pensamento da pessoa que o dá a cheirar; se for para bem, o bem sucede-lhe; se for para mal, sucede-lhe o mal.

246 XXXVI

A mágica da agulha passada três vezes por um defunto

É muito simples esta mágica e afirma S. Cipriano em o capítulo XXI da sua obra, que ela foi descoberta por um demónio ou espírito pitónico do século XII.

247 Enfiai uma linha feita de linho galego pelo fundo de uma agulha, depois passai a agulha por entre a pele de um defunto três vezes, dizendo as seguintes palavras:

248 «Fulano (diz-se o nome do defunto), esta agulha no teu corpo vou passar, para que fique com força de encantar.»

249 Depois de feita a dita operação guardai a agulha e obrareis com ela as seguintes feitiçarias:

250 1.º — Quando passardes por uma rapariga e desejares que vos siga, basta só dar-lhe um ponto no vestido ou em outra qualquer parte, e deixar-lhe uma ponta de linha; seguir-vos-á para toda a parte que vós quiserdes.

251 Quando tiverdes vontade que a dita menina vos não siga, deveis tirar-lhe a ponta da linha que ficou pregada ao fato.

252 É preciso muito segredo com esta mágica para que vos não suceda como já me aconteceu a mim, que estive para passar mal por fazer a dita mágica e ter declarado a maneira porque o fiz; por isso nunca se deve revelar a nin-

guém este segredo.

253 2.º — Quando desejardes que uma vossa namorada vos não deixe de amar e não ame a outro, fazei da maneira seguinte: Pegai em um objeto da dita namorada ou namorado e dai-lhe três pontos em forma de cruz, dizendo as palavras seguintes: (primeiro chamai pelo nome do defunto por quem passaste a agulha). Primeiro ponto: «Fulano, quando tu falares é que fulano me há de deixar.»

253.2 Segundo ponto: «Fulano, quando Deus deixar de ser Deus é que fulano me há de deixar.» Terceiro ponto: «Fulano, enquanto estes pontos aqui estiverem dados e o teu corpo na sepultura, fulano não terá sossego nem descanso enquanto não estiver na minha companhia.»

254 Desta forma podeis enfeitiçar ou encantar todas as pessoas que vos parecer.

255 Asseveramos que este feitiço não só tem poder para fazer bem, como também tem poder para fazer mal. Tudo vai do palavreado da pessoa: em lugar de se dizer: «Quando este defunto falar é que hás de deixar», diga-se: «Quando este defunto falar é que tu, fulano, hás de viver e ter saúde», e tudo o mais assim. Cap. XXXVII.

256 XXXVII

Erva mágica e suas propriedades

Diz S. Cipriano a pág. 82, cap. XII do seu livro: «A erva mágica tem tanto poder e virtude que se não pode mencionar; nem mesmo o demónio a quis descobrir.» Porém não foi isso bastante para que S. Cipriano não fosse sabedor desta mágica, [...] lha descobriu um pastor, por nome Barnabé.

257 Cipriano, andando um dia a passear em uma montanha, via um pastor a brincar com um besouro — que vulgarmente se chama vaca-loura.

258 O caso é que Cipriano, pela sua curiosidade esteve observando o que o pastor fazia à dita vaca-loura, e viu que o rapaz a matava e tornava a ressuscitá-la.

259 Cipriano disse de si para consigo, com grande admiração: «Que será isto, ou que virtude terá aquele rapaz para fazer ressuscitar um bicho depois de o ter esmigalhado com o pé?»

260 Cipriano, chegou-se ao pastor e disse-lhe:

261 — O que é que fazes, bom pastor?

262 — Ando a guardar o meu rebanho — respondeu o pastor — Quem sois vós? perguntou o pastor a Cipriano.

263 — Eu sou Cipriano — respondeu este com ar de riso.

264 — Ai, ai! — disse o pastor. — Serás porventura o bispo de Cartagena, ou serás Cipriano, o Feiticeiro?

265 Cipriano, ouvindo estas palavras, disse para o pastor:

266 — O que me fazias se eu fosse Cipriano, o Feiticeiro?

267 — Ai, pobre feiticeiro! — respondeu o pastor. — O que seria de ti hoje nesta montanha!

268 Cipriano tremeu e disse para o pastor:

269 — Sossega, sossega, pastor, que eu não sou o Feiticeiro, mas sim o bispo de Cartagena.

270 O pastor de repente lançou-se de joelhos sobre a terra e disse:

271 — Bom pastor, padre da Igreja, ouve os meus pecados e absolve-me deles, que tens poder para isso.

272 Cipriano pensou consigo: Por boas maneiras vou saber o segredo deste pastor.

273 O simples pastor, ajoelhado sobre a terra, fez a sua confissão da forma seguinte:

274 — Eu me confesso ao bispo de Cartagena, que tem poder de me perdoar os meus pecados.

275 — Segundo a nossa doutrina — disse no fim o falso bispo — perdoados te são os teus pecados, bom pastor.

276 Findou desta forma a confissão que era assim o estilo naquela terra.

277 No fim da confissão, Cipriano, fingindo bispo, disse para o pastor:

278 — Que foi o que fizeste àquele besouro que depois de morto ressuscitou?

279 — Curei-o com uma erva — respondeu o pastor — que se cria no monte, que só os besouros, levandiscas e as andorinhas conhecem.

280 — Então, como foi que tu a descobriste? — perguntou o fingido bispo.

281 — Andando eu a brincar — respondeu o pastor — vi um desses besouros e matei-o; daí a alguns minutos vi chegar um outro besouro, com uma erva entre os cornos e poisá-la sobre o besouro morto e este ressuscitar logo; eu, então, tirei-lhe a erva; e agora tenho matado muitos bichos; mas logo que lhes toque com esta erva eles ressuscitam.

282 — Que grande virtude tem essa erva! — disse o fingido bispo.

283 — Esta erva — disse o pastor — tem virtude para tudo que se deseja nesta vida; se vós desejais possuir esta erva eu a vou apanhar para vo-la dar.

284 — Como é que se pode apanhar? — perguntou o fingido bispo.

285 — Muito facilmente — respondeu o pastor.

286 COMO O PASTOR APANHOU A ERVA

Procurou um ninho de andorinhas que tivesse já os ovos todos e estivessem no choco, e depois que o encontrou cozeu os ovos em água a ferver e tornou-os a pôr no ninho sem que as andorinhas dessem por ele.

287 As andorinhas, no fim de tempo viram que a criação não nascia, foram buscar a dita erva e puseram-na sobre os ovos para fazer nascer a criação.

288 O pastor, que estivera à espreita, foi ao lugar onde estava o ninho, tirou-lhe a erva e foi levá-la de presente a Cipriano, o fingido bispo de Cartagena.

289 No livro de S. Cipriano nada mais se encontra a respeito das virtudes desta erva maravilhosa. Porém nós, pela nossa parte, dizemos que grandes virtudes tem esta erva que ressuscita os mortos e faz dar criação aos ovos depois de cozidos.

290 Notai bem, leitores, esta maravilha, e esperamos que algum curioso faça todo o possível para obter esta erva, e será o homem mais feliz de todo o mundo.

291 XXXVII

Mágica da pomba preta encantada

Criai em casa uma pomba preta, não lhe dando mais nada a comer senão a

semente de boiamento, e de beber água benta.

292 Depois que ela estiver criada a ponto de poder voar, escrevei uma carta a qualquer pessoa, contendo ou pedindo qualquer coisa.

293 Feita a operação, metei a carta no bico da pomba e defumai-a com incenso, mirra e assafétida, depois, ponde o vosso pensamento na pessoa a quem quiserdes que a carta seja entregue e soltai a pomba.

294 Afirmamos que a dita pomba vai levar a carta aonde é destinada e torna a voltar a casa do seu dono; e que a pessoa que receber a carta forçosamente há de resolver o que se lhe pede nela.

295 Note-se que se não [...] mandar a pomba senão às 10 horas da manhã até às 2 da tarde. [Nota: Foi a leitura deste capítulo que sugeriu a ideia dos pombos-correios, que hoje tão excelentes resultados dão, tanto na paz como na guerra.]

296 XXXIX

Os dias mais aziagos do ano, em que se não podem fazer feitiçarias que seja para bem senão para mal

Janeiro — 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 13, 15, 16, 23, 24, 26, 30.
Fevereiro — 2, 4, 10, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 23, 28, 29.
Março — 10, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 28, 29.
Abril — 3, 5, 6, 10, 13, 15, 18, 20, 29, 30.
Maio — 2, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 17, 19, 20.
Junho — 1, 4, 6, 10, 16, 20, 21, 24.
Julho — 2, 4, 5, 8, 10, 13, 16, 17, 19, 20, 27.
Agosto — 2, 3, 8, 9, 13, 19, 27, 29.
Setembro — 1, 13, 15, 16, 17, 18, 22, 24.

Outubro — 1, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 16, 21, 27.
Novembro — 2, 6, 7, 14, 15, 16, 17, 18, 22, 25.
Dezembro — 1, 6, 7, 9, 15, 21, 28, 31.

297 É preciso notar-se que os feitiços que forem feitos nos dias acima mencionados, não dão resultado.

298 Podem, porém, fazer-se nos outros dias que não estão mencionados aqui, que produzirão o desejado efeito.

299 XL
Mágica do ovo, feita na noite de S. João Batista (24 de junho)
Na noite de S. João Batista deixai ao relento um ovo de galinha preta. O ovo deve ficar quebrado dentro dum copo com água; de manhã, ao nascer do sol, ide vê-lo, que vereis a vossa sorte e os trabalhos que tendes a passar.

300 Da mesma maneira se pode fazer esta mágica nas noites de Santo António e de S. Pedro.

301 Feitiçaria que se faz com cinco pregos tirados dum caixão de defunto, isto é, quando já tenha saído da sepultura
Entrai num cemitério e trazei de lá cinco pregos dum caixão de defunto, mas sempre com o pensamento fixo no feitiço que ides fazer.

302 Depois riscai sobre uma tábua um signo-samão onde deveis ter um sinal da pessoa que ides enfeitiçar; este sinal deve ficar pregado sobre o dito signo-samão.

303 MODO COMO SE HÃO DE PREGAR OS PREGOS E AS PALAVRAS QUE DEVEM DIZER-SE QUANDO SE ESTÃO A PREGAR
1.º prego (diz-se o nome da pessoa que se está a enfeitiçar). — Fulano ou

fulana, eu te rogo, em nome de Satanás, Barrabás e Caifás, que fiques preso ou presa a mim, assim como Lúcifer está preso nas profundas do inferno.
2.º prego — Fulano ou fulana, eu te prendo e amarro dentro deste signo-samão; assim como a Cruz de Jesus Cristo dentro deste risco foi enterrada e o sangue de Jesus nela foi derramado, assim eu (fulano), te cito e notifico para que tu me não faltes a isto, pelo sangue derramado de Jesus Cristo.
3.º prego — Fulano ou fulana, te ligo a mim, eternamente, assim como Satanás está ligado ao inferno.
4.º prego — Fulano ou fulana, eu fulano te prendo e amarro dentro deste signo-samão, para que tu não tenhas sossego nem descanso senão quando estiveres na minha companhia, isto pelo poder de Satanás e de Maria Pundilha e de toda a sua família.
5.º prego — Fulano ou fulana, só quando Deus deixar de ser Deus e o defunto a quem serviram estes pregos falar, é que tu me hás de deixar.

304 Declaramos que quando se diz a última palavra se deve dar uma grande pancada no prego.

305 No fim de tudo isto guardai a tábua e quando quiserdes desfazer o feitiço queimai-a.

306 XLII

Receita para ligar namorados

Entre-se numa loja e peça-se uma vara de fita. Saia-se e olhando para o céu, vá-se dizendo: «Três estrelas no céu vejo, e a de Jesus quatro, e esta fita à minha perna ato, para que fulano não possa comer, nem beber, nem descansar, enquanto comigo não casar.»

307 Isto deve dizer-se três vezes seguidas.

308 XLIII

Receita infalível para casar

Esta oração deve dizer-se seis dias a seguir, vindo no último o namorado pedir a mão à sua querida.

309 «Fulano, S. Manso te amanse e o manso cordeiro, para que não possas beber, nem comer nem descansar, enquanto não fores meu legítimo companheiro.»

310 Se puder ser, pegue-se, quando se disser isto, no retrato da pessoa em que se tem o pensamento.

311 XLIV

Modo de requerer às almas do purgatório para as obrigar a fazer aquilo que se deseja

Em uma terça-feira, à meia-noite em ponto, deveis ir à porta principal de uma igreja, e assim que lá chegardes batei três pancadas na porta, dizendo em voz alta estas palavras:

312 «Almas, almas, almas! Eu vos obrigo, da parte de Deus e da Santíssima Trindade, que me acompanheis.»

313 Ditas estas palavras dai três voltas em roda da igreja, mas não olheis para trás porque pode resultar-vos um grande susto e ficardes tolhido da fala para sempre.

314 Depois de dares as três voltas rezai um Padre-Nosso e uma Ave-Maria, e podeis ir-vos embora.

315 Deveis fazer este requerimento nove vezes, e na última as almas perguntar-vos-ão:

316 — Que quereis vós que se vos faça?

317 E nesta ocasião podeis pedir-lhe tudo quanto quiserdes, porque elas tudo vos farão.

318 Tornamos a observar que nunca deveis olhar para trás, e não deveis assustar-vos com coisa alguma, porque do contrário não pode produzir bom efeito a operação.

319 XLV

Cipriano e S. Gregório tiveram um encontro no qual disputaram acerca da Santa Fé Católica, onde S. Gregório ficou vencedor

Estando S. Gregório a pregar em um templo passou Cipriano da parte de fora e disse em voz alta:

320 — Que pregação estará fazendo aquele impostor?...

321 Um dos ouvintes disse para Cipriano:

322 — É Gregório.

323 — Ai, ai! — disse Cipriano — que Deus adora este judeu! Em lugar de estares a escutar esse impostor, melhor fora que estivesseis em vossas casas ocupando-vos nos vossos serviços.

324 S. Gregório que observou a conversação de Cipriano, sorriu-se e continuou com a sua prática.

325 No fim da dita prática foi S. Gregório ao encontro de Cipriano e lhe disse:

326 — Homem falto de fé e de temor de Deus, não acabarás com essa vida de pecado?

327 — Ai, com a vida do pecado! — disse às gargalhadas Cipriano.

328 — Sim, com a vida do pecado — disse S. Gregório — tu, Cipriano, andas tão iludido com essa arte do demónio que a não queres deixar.

329 — Dize-me, amigo Gregório, que Deus é o dos cristãos, e o teu, que são tantas as maravilhas que tenho ouvido contar dele?

330 — O Deus que tu adoras é Lúcifer, e o que eu adoro é um Deus poderoso, que criou o céu e a terra e tudo mais que o sol domina.

331 Cipriano respondeu logo a S. Gregório com um semblante cheio de indignação.

332 — Pois se tu, Gregório, adoras um Deus mais poderoso do que o meu, defende-te lá com ele das minhas astúcias; e se tu ficares vitorioso acreditarei no teu Deus, porém se eu ficar, serás vítima neste mesmo instante.

333 S. Gregório tremeu e disse para consigo: «Se Deus me desampara, que será de mim! Maldita seja a hora em que vim encontrar-me com Cipriano. Meu Deus, meu Deus! — disse S. Gregório — se agora me não valeis, que será de mim?»

334 Cipriano indignado com S. Gregório pelas súplicas que estava fazendo, gritou em voz alta por todos os demónios do inferno, e em poucos instantes eram tantos os demónios que cobriam a terra em distância de um quarto de légua em quadrado, porém S. Gregório levantou os olhos ao céu e bradou em voz alta:

335 — Jesus, Jesus, sede comigo neste momento de aflição!

336 Instantaneamente se ouviu um forte trovão que deu lugar a que as portas do inferno se abrissem, e, imediatamente, todos os demónios se precipitaram nas profundezas do medonho abismo.

337 Cipriano, vendo o acontecido, tão digno de espanto, caiu sobre a terra e assim esteve prostrado por espaço de um quarto de hora.

338 No fim de alguns minutos, sentiu S. Gregório um grande tremor de terra que o fez admirar.

339 Era Lúcifer, a sair do seio da terra, com um caixão de fogo e quatro leões a pegarem nele, e à vista deste espetáculo, ficou S. Gregório estupefacto, porém animou-se com a ajuda do Senhor e disse para Lúcifer:

340 — Eu te esconjuro, maldito, da parte de Deus; e dize o que queres daqui?

341 — Venho buscar Cipriano — respondeu Lúcifer.

342 — Porventura — tornou S. Gregório — tu maldito tens poder de te apossares das criaturas viventes?

343 — Eu — respondeu Lúcifer — aposso-me de Cipriano que já morreu, e ele é meu em corpo e alma; assim o temos ajustado.

344 S. Gregório, ouvindo o que disse Lúcifer, orou ao Senhor e disse depois para Lúcifer:

345 — Eu te esconjuro para as profundas do inferno, que Cipriano não morreu!

346 S. Gregório tocou a Cipriano nos ombros e lhe disse:

347 — Levanta-te, Cipriano.

348 Cipriano levantou-se e logo lhe disse S. Gregório:

349 — Ainda te não arrependes, Cipriano, dessa vida do pecado? É preciso que um homem seja muito malvado, vendo na mão de Deus o querer salvá-lo e ele sempre a seguir o caminho da perdição.

350 — E tu, Gregório — respondeu Cipriano — não sabes que eu pertenço a Lúcifer porque tomei pacto com ele, e por isso não posso entrar no céu, se lá entram só os justos e aqueles que não seguem o caminho do inferno? Então retira-te da vista dos meus olhos, quando não, usarei dos meus [...]

351 [...] e das minhas artes diabólicas.

352 S. Gregório irou-se contra Cipriano e lhe disse com palavras mui severas:

353 — Homem indigno, retira-te da minha presença quando não, usarei também dos meus meios.

354 Cipriano a estas palavras indignou-se tanto contra S. Gregório, que de repente se cobriu o céu de nuvens, turbaram-se os ares, tremeu a terra e grandes raios pairaram sobre o solo que parecia estar o mundo incendiado; porém S. Gregório com o nome de Jesus pisava e destruía as astúcias de Cipriano.

355 Cipriano vendo que nada fazia, irou-se contra Lúcifer, porém Lúcifer apareceu a Cipriano e disse-lhe:

356 — Amigo meu, que queres tu de mim, que estás tão irado contra o teu senhor?

357 Cipriano disse-lhe:

358 — Tu, demónio, que poder tens, que não podemos destruir a Gregório?

359 A estas palavras acudiu o demónio e disse-lhe desta maneira:

360 — Não sabes que Gregório me disse que se eu nunca me embaraçasse com ele, daqui a um ano me dava a sua alma? Por isso, amigo Cipriano, não me faz conta combater com ele desta forma; retira-te Cipriano e deixa Gregório.

361 Cipriano meteu a fava na boca e retirou-se para a cidade onde era a sua habitação.

362 Sobre este caso não achei mais nada escrito.

363 REFLEXÕES SOBRE O QUE ACABAIS DE LER

Quando o demónio disse a Cipriano que deixasse a Gregório, que nada lhe podia fazer, segundo um contrato que tinha feito, era somente para enganar a Cipriano para que não continuasse a fazer guerra contra S. Gregório, porque o demónio tinha receio que S. Gregório convertesse a Cipriano e foi esta a razão porque o demónio mentiu a Cipriano.

364 XLVI

Feitiço que se faz com um morcego para fazer amar

Suponhamos que uma namorada deseja casar-se com o seu namoro com grande brevidade. Faça-se da maneira seguinte:

365 Agarrem um morcego e passem-lhe pelos olhos uma agulha enfiada numa linha.

366 Depois de feita esta operação a agulha e a linha ficam com grande força de feitiço.

367 MODO DE ENFEITIÇAR

Pegai em um objeto da pessoa que quiserdes enfeitiçar e dai-lhe cinco pontos em cruz, dizendo as palavras seguintes:

368 «Fulano ou fulana, eu te enfeitiço pelo poder de Maria Pandilha e de toda a sua família para que tu não vejas sol nem lua enquanto não casares comigo, isto pelo poder da mágica feiticeira da meia idade.»

369 Depois de tudo isto executado, como fica escrito, a pessoa enfeitiçada não tem uma hora de sossego enquanto não casar.

370 Se por acaso já não quiserdes casar com a pessoa a quem enfeitiçastes, deveis queimar o objeto em que se fez o feitiço.

371 XLVII

Outra mágica do morcego

Matai um morcego e uma morcega de maneira que se lhe aproveite o sangue, depois juntai o sangue de um e de outro, misturai-lhe um pouco de espírito de sal amoníaco e deitai tudo isto em um pequeníssimo vidro, o qual deveis trazer sempre na algibeira.

372 Quando desejardes encantar uma menina ou uma menina encantar o seu amante, basta só dar-lhe o vidro a cheirar.

373 Desta forma fica a pessoa que cheirou o vidro encantada, que nunca mais a pode deixar.

374 XLVIII

Feitiçaria que se pode fazer com malvas colhidas em um cemitério ou no adro de uma igreja

Colhei três pés de malvas, levai-as para casa e metei-as debaixo do colchão da cama, dizendo todos os dias ao deitar:

375 «Fulano, (dá-se o nome da pessoa a quem se quer enfeitiçar), assim como estas malvas foram colhidas no cemitério e debaixo de mim estão metidas, assim (fulano) a mim esteja preso e amarrado pelo poder de Lúcifer e da mágica liberal, e só quando os corpos do cemitério ou igreja de onde vieram estas malvas falarem, é que tu me hás de deixar.»

376 As palavras que aqui ficam mencionadas devem ser repetidas por espaço de nove dias a seguir, para produzirem bom efeito.

377 XLIX

Feitiço maravilhoso das batatas greladas postas ao relento

Quando uma senhora desconfiar que seu marido ou amante anda perdido por maus caminhos, com mulheres, e queira desviá-lo disso, não precisa fazer mais do que o seguinte:

378 Pega em seis batatas, que tenham, pelo menos, quatro grelos cada uma, e depois de se benzer com elas, uma por uma, coloca-as em um tacho vidrado, que ainda não servisse, cobre-as bem com água benta e deita-lhe em cima um fio de azeite virgem, dizendo:

379 «Satanás, pela virgindade deste azeite, requeiro ao teu grande poder que o meu homem torne a haver a antiga amizade para comigo.»

380 Põe depois o tacho ao relento, por espaço de três noites, e havendo luar, mais poder terá esta mágica.

381 Passadas as três noites cozerá as batatas e guisando-as com um borracho virgem, dá-las-á a comer ao marido ou amante, com brócolos ou grelos bastante apimentados.

382 Quando se for deitar, introduzirá dentro da bota do enfeitiçado a cabeça do pombo com a tripa de evacuação metida no bico.

383 Esta mágica vem no livro 3.º de Abraão Zacuto, judeu que praticou bruxarias admiráveis no século XV.

384 L

Remédio contra os marrecos

Para evitar que os nossos negócios corram mal [...] de manhã se encontra algum marreco, diz Cipriano que se faz da maneira seguinte:

385 «Golfinho, corcunda, que entortas para a frente, vai, vai, diligente, e deixa-me em paz. Golfinho, golfinho, não mais me persiga: aí vai uma figa, não olhes para trás.»

386 Nisto faz-se uma figa com a mão esquerda e estende-se o braço direito com a mão aberta, fazendo menção de apanhar uma borboleta.

387 Depois continua-se a andar com a mão fechada até encontrar qualquer destes sujeitos:

Outro marreco.

Um soldado da municipal.

Um cavalo branco.

Um coxo.

Um maneta.

Um gato preto.
Um cão, idem.
Um homem albino.

388 Logo que se encontre qualquer destes sujeitos, abre-se a mão dizendo ato contínuo:

389 — «Vai-te em nome de Maria Pandilha e de toda a sua família, para onde não azangues nem a rico nem a pobre, nem a ninguém que o céu cobre. Amém.»

390 Esta esconjuração é infalível: já a temos usado em várias ocasiões e sempre evitamos o atravesso dos corcundas, que são fatídicos para quem os vê, embora eles não tenham culpa disso.

391 PREVENÇÃO IMPORTANTE
Para esta receita produzir efeito salutar é necessário não ficar com ódio ao marreco, do contrário, tudo correrá mal à pessoa.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

SEGUNDA PARTE: ARTE DE ADIVINHAR PELO CRÂNIO E PELA FISIONOMIA

✦

1 ARTE DE ADIVINHAR AS PAIXÕES E TENDÊNCIAS DAS PESSOAS PELO CRÂNIO E PELA FISIONOMIA

Gall, o notável médico e fisionomista francês, falecido em 1828, é o autor deste engenhoso sistema, que ensina a descobrir, por um modo claríssimo, as inclinações, vícios, paixões e virtudes de todas as pessoas, pelo simples exame da configuração do crânio.

2 É certo que as senhoras, que por um instinto natural, procuram sempre rodear-se de mistérios, têm querido furtar-se a esta investigação, se atendermos à maneira porque elas dispõem os cabelos; os homens, pelo contrário, menos receosos dos progressos da ciência, deixam o campo completamente livre para qualquer exame.

3 Não se pode pôr em dúvida a lógica deste sistema. E, francamente, não há ninguém que se não tenha alguma vez na vida sentido impressionar pelo aspeto da cabeça de uma ou outra pessoa.

3.2 Os homens mais notáveis, tanto por seus talentos como por seus crimes, raras vezes apresentam cabeças regulares ou vulgares, e a razão é que sendo a cabeça a sede de todos os nossos pensamentos e de todas as nossas ideias, é bem natural que certos e determinados lóbulos do cérebro se desenvolvam mais ou menos, conforme o maior ou menor uso que fizermos dessa faculdade, e que por consequência o crânio perca a sua primitiva uni-

formidade para apresentar diferentes protuberâncias, tanto mais salientes quanto mais fortes forem no indivíduo os sentimentos que elas representam.

4 Foi depois de sérios e demorados estudos feitos sobre grande quantidade de pessoas de todos os países e de todas as classes, idades e condições, que o sapientíssimo Gall apresentou o sistema de localização das faculdades do homem. Estas faculdades são em número de trinta, e aqui as apresentamos por ordem numérica:

5 1.º Sentido das cousas, memória viva dos factos; vocação muito pronunciada para tudo quanto é instrução.
2.º Espírito filosófico; órgão da intuição e da observação indutiva; faculdade de descobrir as leis gerais e suas consequências.
3.º Órgão da poesia; sentimento apurado do belo, do grande e do sobrenatural.
4.º Noções gerais do justo e do injusto; doçura de caráter, bondade extrema.
5.º Amor de aprovação e de glória; desejo de agradar.
6.º Firmeza de caráter; perseverança.
7.º Amor dos filhos ou amor de todas as crianças em geral.
8.º Amor físico; instinto libidinoso e da propagação.
9.º Amizade; sentido apurado das grandes simpatias.
10.º Órgão da finura e da manha; esperteza e dissimulação.
11.º Tendência pronunciada para tudo quanto é maravilhoso e sobrenatural; credulidade completa em tudo.
12.º Amor da autoridade; espírito de dominar; vaidade, orgulho.
13.º Espírito de imitação; mímica.
14.º Consciência, retidão, circunspeção, previdência.

15.º Órgão do espírito jocoso; propensão para a sátira; génio folgazão e cheio de frases picantes.
16.º Instinto carnívoro; pronunciada tendência sanguinária.
17.º Sentido dos números; espírito do cálculo; talento matemático.
18.º Talento musical; sentido da melodia e harmonia.
19.º Profundidade de espírito; penetração [...].
20.º Órgão das localidades e do espírito; desejo de viajar; cosmopolitismo.
21.º Faculdade de conservar a lembrança das pessoas.
22.º Sentido das cores e dos seus efeitos; gosto pelos quadros e pela pintura.
23.º Instinto de acumular, da usura, da avareza e até de nos apoderarmos do alheio.
24.º Instinto da defesa pessoal e da propriedade.
25.º Facilidade de elocução; vivacidade de espírito; eloquência popular.
26.º Sentimento da existência de Deus; tendência para a religião.
27.º Facilidade em conservar os nomes e os sinais das palavras; localidade.
28.º Instinto fino para escolher as habitações.
29.º Sentido da linguagem articulada, manifesta disposição para cultivar línguas.
30.º Sentido da mecânica e das construções: órgão das artes e da indústria.

[6] Estas bossas são duplas, isto é, as do lado esquerdo reproduzem-se exatamente do lado direito e têm a mesma significação.

[7] Estas protuberâncias não se acham todas reunidas na mesma cabeça; mas há pessoas nas quais grande parte dessas bossas são de tal forma salientes que despertam a atenção aos menos perspicazes. Em alguns criminosos a

bossa 16.º é tão visível que torna a cabeça deles mais disforme. Os que não amam as crianças têm posteriormente a cabeça chata e quase em linha reta com o pescoço, falta a esses indivíduos a bossa 7.º

8 O estudo da frenologia completa o da fisionomia.

9 Os olhos rasgados em forma de amêndoa indicam caráter indolente, melancólico e terno.

10 Os olhos redondos e grandes denotam vivacidade, espírito, leviandade, indiscrição.

11 Os olhos encovados anunciam paixões violentas e más. Os vesgos raras vezes dão ideia de bom caráter.

12 Geralmente pode-se depositar confiança nos indivíduos cujo olhar é direito e desanuviado, e ao mesmo tempo comedido; mas não no dos que nunca olham de frente e parecem querer evitar as nossas vistas.

13 Os olhos pequenos são indício de caráter vingativo e teimoso, coração insensível, espírito muito egoísta.

14 Olhos pouco abertos, com as pálpebras pesadas e quase a fecharem-se, são indício de génio indolente, espírito sem franqueza; pelo contrário os olhos grandes e muito abertos, de pálpebras finas e em que se distinguem as veias, dão a nota da vivacidade, coração ardente, imaginação altiva, alma generosa.

15 Nariz redondo indica um caráter fraco, temperamento sensual, com especialidade se tem o extremo avermelhado, e as fossas muito abertas.

16 Nariz comprido e delgado mostra teimosia, espírito satírico, curiosidade; mas se por acaso for curvo na extremidade, denota espírito limitado, e contudo muita propensão para as ciências naturais.

17 Nariz pequeno e arrebitado é sinal da astúcia e também do espírito, da inteligência e da alegria.

18 Nariz rombo indica a obstinação reunida à fraqueza do espírito, grande amor-próprio e má cabeça, defeitos associados a uma obstinada propensão para a crápula.

19 Nariz comprido e grosso é sempre acompanhado por boca e beiços grossos, e os que tiverem estes sinais, tornam-se notáveis pela sua muita bondade, meiguice e caridade sem limites.

20 Fronte larga, de altura regular e levemente arqueada, anuncia espírito pouco vulgar; os que forem assim favorecidos prometem vir a ter grandes influências; far-se-ão distinguir por seus méritos e talentos, e poderão subir às mais altas dignidades. Serão firmes em seus princípios e nunca se desviarão do caminho da honra.

21 As testas esguias e estreitas demonstram espírito limitado, coração frio e temperamento propenso à devassidão.

22 Fronte elevada, mas estreita, indica espírito, imaginação e ao mesmo passo imprudência e falta de cálculo; serão sonhadores ou poetas, porém péssimos maridos e maus pais.

23 Testa quadrada e direita denota coração árido, muito agenciadores, mas egoístas; pela sua perseverança conseguirão adquirir boas posições na sociedade, mas não prestarão serviços a ninguém; não conhecerão amor nem

amizade.

24 Os que tiverem a fronte baixa e estreita e o cabelo das sobrancelhas quase junto, serão de limitado espírito, terão, porém, em compensação grande habilidade para trabalhos manuais, e amor ao trabalho e à economia. Entre estes, alguns chegam a fazer-se avarentos.

25 Boca grande e beiços grossos indicam gulodice, génio falador e mentiroso.

26 Boca grande, beiços delgados e descorados é prenúncio de coração falso, egoísta, malvado, espírito desordeiro e língua depravada.

27 Boca muito pequena, raras vezes denota espírito; na maior parte dos casos, só se poderá depositar confiança na pessoa cuja boca não seja nem muito grande nem muito pequena, com beiços redondos e bem coloridos, porque são estes os sinais de um bom caráter, de um coração terno, de um espírito jovial, franco e sincero.

28 Os dentes também têm a sua significação. Não poderá ser feliz um homem que se apaixonar por uma mulher cujos dentes sejam curtos e pontiagudos; não há dinheiro que satisfaça as exigências, os caprichos das mulheres que possuem tal espécie de dentes. Dentes caninos muito pronunciados e fora do nível dos outros dentes, denunciam instintos baixos e vulgares, espírito inconstante.

29 Dentes fortes, brancos, bem dispostos, mas pouco unidos, são indício de boa saúde, grande predisposição para a avareza; são, também, sinal de tendência para a loucura.

30 Queixo redondo e pontiagudo anuncia coração seco, espírito sardónico.

31 Queixo comprido indica bondade, sensualidade e ausência de espírito, o que não acontece, tendo uma covinha.

32 Queixo saído para fora e revirado indica coragem, génio desordeiro, temperamento ardente e voluptuoso.

33 Queixo estreito e metido para dentro é sinal de espírito acanhado e tímido, mas coração sensível e franco.

34 Queixo largo e quadrado é prova de que o homem é forte, mas não tem nenhuma delicadeza de sentimentos.

35 Queixo em linha reta, desde o lábio inferior até à extremidade das faces, denota rigidez de espírito e dureza de coração; encontra-se vulgarmente nas pessoas cuja testa é plana e lisa, tendo os olhos pequenos e encovados, os beiços finos e descorados.

36 Deve-se evitar todo o contacto com as pessoas que tiverem estes sinais.

37 Orelhas grandes, mal contornadas e arredadas da cabeça, são indício de preguiça e curiosidade.

38 Orelhas redondas, pequenas, bem contornadas, anunciam génio estudioso, independente, caráter amável.

39 Mãos compridas, secas, enrugadas e magras, denotam maus instintos, avareza, dando-se o caso de os dedos serem recurvados.

40 Os pés estão quase sempre em relação com as mãos; são preferíveis os estreitos e bem arqueados, ainda que sejam compridos; devemos, porém, fugir dos pés largos e chatos, que de ordinário, fazem perder a forma a toda a qualidade de calçado.

41 Não nos ocuparemos dos cabelos nem das sobrancelhas. Toda a gente sabe que os cabelos encaracolados indicam vaidade e luxúria; os cabelos corredios, ternura, afabilidade; os cabelos ruivos, designam a maledicência, a inveja e o espírito [...]

42 [...]; os cabelos pretos, indicam o gênio e a valentia; os louros, a fraqueza e a ternura.

43 Finalmente, as sobrancelhas espessas denotam grande caráter e grande energia; as muito rareadas, imaginação ardente e leviandade; as unidas, violência e ciúme.

44 Na generalidade, os homens altos, brancos, um pouco gordos, são de caráter tímido, brando, fraco e têm tão pouca energia como força física.

45 Os baixos, quer brancos quer morenos, são violentos, arrebatados, mas suscetíveis de afeições profundas e duradouras, de empresas importantes e sérias; mas têm o contra de penderem para a vaidade e para o ciúme.

46 Os homens altos, trigueiros e pálidos são muito desembaraçados no falar, porém indolentes e tanto mais fracos de caráter, quanto mais energia aparentam; são fanfarrões, faladores, mas cobardes; amam os prazeres, o luxo, as mulheres e a mesa lauta.

47 As mulheres muito altas raras vezes têm as qualidades do seu sexo; pelos gostos aproximam-se mais dos homens, com os quais se assimilham um pouco.

48 As mulheres baixas, pelo contrário, são graciosas, amáveis, encantadoras; mas, ordinariamente, namoradeiras, de gênio bulhento; têm mais energia e vivacidade que as mulheres altas, e sabem melhor suportar os reveses da

fortuna. Em geral parecem débeis, porém são robustas.

49 Afinal, para darmos o arremate a este capítulo, daremos de conselho aos homens que escolham para companheira uma mulher de estatura regular, cabelos castanhos, olhos azuis-escuros ou pretos aveludados, sobrolhos levemente arqueados, testa larga e um pouco curva, nariz um tanto redondo, lábios vermelhos, boca bem rasgada, guarnecida de dentes brancos, barba arredondada e ornada de uma covinha, e conseguindo encontrar pessoa que reúna todos estes requisitos, poderão contar com aquela felicidade que é permitida aos homens gozar sobre a terra.

50 Às mulheres aconselharemos: Escolham um homem de mais que regular estatura, sem contudo chegar à de tambor-mor, que tenha o cabelo liso e um tanto ondeado, a fronte alta, o olhar franco, aberto e um pouco altivo, o nariz comprido e direito, a boca grande e risonha, a barba abundante; as sobrancelhas espessas, mas não unidas, e terão um marido amável, afetuoso, enérgico, trabalhador e constante.

51 A natureza, porém, parece que obra por contraste. Os homens altos gostam das mulheres baixas, os baixos das mulheres altas, e vice-versa, os trigueiros das brancas e os brancos das trigueiras.

52 Apesar disso, e para concluir, leitores amigos, segui os nossos conselhos porque vos afiançamos que não vos dareis mal.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

SEGUNDA PARTE: CARTOMANCIA CRUZADA

✦

1 CARTOMANCIA CRUZADA

Maneira de deitar cartas até hoje ignorada e usada por S. Cipriano

Na misérrima choça que albergava S. Cipriano, sua última moradia antes da condenação, e num falso compartimento que lhe servia de dormitório foi achado um manuscrito com esta nova Arte de deitar as cartas, a que demos o nome de Cartomancia cruzada, e que parece o Santo começou a fazer uso depois de se ter indisposto com Satanás.

2 Bastantes anos depois da morte de S. Cipriano foi este manuscrito descoberto e levado para Roma, aonde foi condenado a ser queimado, depois de com ele se ter feito a experiência da sua verdadeira autoridade em matéria de adivinhação. Foi tal a importância que lhe descobriram, que receosos o quiseram inutilizar pelo fogo.

3 Não tinha felizmente de ser assim, talvez devido à vontade do Santo, cuja alma já tinha voado para junto do Senhor. O fâmulo encarregado de inutilizar o manuscrito substituiu-o por outro que lançou no fogo, à vista dos circunstantes, guardando porém o verdadeiro. Mais tarde apareceu o manuscrito na biblioteca de Roma, ignorando-se quem lá o deixou.

3.2 Supôs-se que o seu guardador ou parentes, ali o foram depositar. Nada porém se pode precisar ao certo. Que é o verdadeiro, não resta a menor dúvida porque está junto a ele o auto da sua condenação.

3.3 Devido à amabilidade de um amigo, que visitou ultimamente a cidade santa, e que a curiosidade levou à biblioteca onde existe o precioso manuscrito, que ele copiou, podemos, nesta nova edição do Grande Livro de S. Cipriano, dá-lo a conhecer ao leitor.

4 O baralho, composto de 40 cartas, deve ter sido passado pelas águas do mar, ao meio-dia de sexta-feira, proferindo-se nessa ocasião as seguintes palavras:

5 «Que os espíritos celestes vos ponham a virtude.»

6 VALOR DAS CARTAS
OUROS
Ás — Promessas.
Dois — Matrimónio.
Três — Mimo de amor.
Quatro — Apartamento.
Cinco — Sedução.
Seis — Fraca fortuna.
Sete — Riqueza.

7 COPAS
Ás — Constrangimento.
Dois — Reconciliação.
Três — Simpatia.
Quatro — Banquete.
Cinco — Ciúmes.
Seis — Demora.
Sete — Surpresa.

8 ESPADAS

Ás — Paixão.

Dois — Correspondência.

Três — Lealdade.

Quatro — Na habitação.

Cinco — Enredo.

Seis — Brevidade.

Sete — Desgosto.

9 PAUS

Ás — Vício.

Dois — Traição.

Três — Desordem.

Quatro — Leviandade.

Cinco — Fora de casa.

Seis — Cativeiro.

Sete — Obstáculos.

10 Os ases e os setes também têm o nome especial de — Tentações.

11 FIGURAS

São quatro as indispensáveis: a dama de ouros, que representa a consultante; o rei de ouros, o namorado (ou marido); a dama de espadas, um rival, e o valete de copas uma pessoa intermediária, que tanto pode ser uma mulher como um homem.

12 As figuras restantes só servem quando tenham de representar outras pessoas, de quem a consultante, porventura, possa suspeitar.

13 Qualquer das damas será indicada pelas palavras: esta mulher, e um rei ou um valete pelas palavras este homem, — exceto o valete de copas que será denominado: esta pessoa.

14 Deve compreender-se que é necessário trocar as figuras, se é um homem que faz a consulta. Isto é: o consultante será representado pelo rei de ouros, a amante (ou esposa) pela dama de ouros; o valete de espadas será um rival, e só não é substituído o valete de copas, que significará sempre uma pessoa intermediária, sem nunca se lhe definir o sexo.

15 Temos, pois, que, ordinariamente, só servem 4 figuras, que, com as outras 28 cartas, perfazem 32; mas, neste caso, as que se deitam são apenas 24.

16 Primeiramente põe-se de parte as figuras que não servem.

17 Depois separam-se os ases e os setes, e baralhadas estas 8 cartas (que são as tentações) colocam-se juntas, ao meio da mesa, com a frente para baixo. Ficam, portanto, 24 cartas na mão.

18 Seguidamente baralham-se estas 24, e deitam-se sobre a mesa com a frente para cima, formando uma cruz, cujo meio fica preenchido pelas tentações. Começa-se por esta ordem:

19 [...]

20 Deve haver o maior cuidado em observar o que indicamos, para não ficar inútil a consulta.

21 E continua-se até se estender o resto sobre aquelas, ficando, por consequência, às três e três, como indica a seguinte gravura.

22 [...]

23 É nesta ocasião, enfim, que fica tudo na ordem, que se deve começar a descortinar os segredos da Cartomancia cruzada. E assim, erguendo os olhos, pondo o pensamento no céu e procurando possuir-se da mais viva fé, estende-se a mão sobre o centro da cruz, rezando em voz baixa a seguinte oração a S. Cipriano, a qual também se deve proferir todas as vezes que se baralharem as cartas:

24 «Que estas cartas, pelo poder de S. Cipriano, hoje Santo e outrora feiticeiro, digam a verdade, para glória do mesmo Santo e satisfação da minha alma.»

25 Logo que se tenham deitado as primeiras oito cartas, benze-se com as restantes, dizendo: «S. Cipriano seja comigo.»

26 E estas quatro palavras devem ser acompanhadas, respetivamente, com os movimentos da mão. Isto é, ao levar a mão à testa deve dizer: «São». — Ao pôr a mão no peito, dirá: «Cipriano», — com a mão no ombro esquerdo, continua: «seja» — e com a mão no ombro direito, conclui: «comigo».

27 Depois deita as segundas oito cartas e benze-se com as que lhe ficam, repetindo as mesmas palavras. Seguidamente, está compreendido que se deitam as restantes.

28 Cremos, em suma, ter explicado, o mais claramente possível, a cerimónia e a ordem porque as cartas se deitam, até ficarem na disposição que a gravura representa.

29 A Cartomancia cruzada pode ser aplicada ao desvendamento de todos os mistérios; basta para isso personalizar as cartas com o nome das pessoas que se supõe tomarem parte no que se deseja saber.

30 Para as levantar segue-se então uma ordem diferente. Começa-se tirando uma carta de cada extremo da cruz, passando às que estiverem imediatas aos extremos, e logo que se tenham levantado oito, tira-se uma tentação. Quer dizer levantam-se por esta ordem:

31 [...]

32 Poucas vezes será preciso levantar todas as cartas. Logo ao levantar as primeiras nove deve estar satisfeita a curiosidade. Mas se desejar saber mais alguma coisa, continua fazendo sempre paragem numa tentação.

33 Quando for preciso levantar todas as cartas e que estas deem um sentido confuso, faz-se o seguinte:

34 Baralham-se de novo as tentações colocam-se no seu lugar, baralha-se o resto das cartas e, enfim procede-se a nova operação, tudo como de princípio.

35 1.º EXEMPLO (PARA SENHORA)
Uma jovem não tem recebido notícias do seu amante, e deseja saber o que a este respeito dizem as cartas. Suponhamos que saíram estas:

36 Quatro de paus — (Leviandade).
Seis de copas — (Demora).
Dois de espadas — (Correspondência).
Rei de ouros — (Este homem).
Quatro de espadas — (Na habitação).
Três de copas — (Simpatia).
Cinco de ouros — (Sedução).
Quatro de copas — (Banquete).
Ás de espadas — (Paixão).

37 Coordenada a significação das cartas, saberá, pouco mais ou menos:

38 — Por leviandade, demora a correspondência este homem, porque se entretém na habitação de alguém com quem tem simpatia (isto é, a rival da consultante), e tem sedução em banquete (quer dizer: come e bebe com a dita rival), sendo isto devido a uma paixão.

39 — Se deseja saber se essa paixão é por parte dele ou por parte dela, continua levantando as cartas (mas desta vez não inclui as tentações), seguindo a mesma ordem, até sair a dama de ouros ou a dama de espadas; se for a primeira a paixão é da parte da rival; se for a segunda, é ele o apaixonado.

40 2.º EXEMPLO (IDEM)
Agora suponhamos que já tinham saído as duas damas. Isto é, façamos de conta que nas primeiras nove cartas tinha havido esta diferença:

41 Rei de ouros — (Este homem).
Seis de copas — (Demora).
Dois de espadas — (Correspondência).
Dama de ouros — (Esta mulher).
Três de copas — (Simpatia).
Dama de espadas — (Esta outra mulher).
Quatro de copas — (Banquete).
Seis de paus — (Cativeiro).
Ás de espadas — (Paixão).

42 Este homem demora a correspondência a esta mulher (consultante) por simpatia com esta mulher (rival) com quem tem banquete e cativeiro (ou está cativo) por causa duma paixão.

43 Neste caso, se ainda a consultante quiser saber de qual dos dois parte a paixão, (e visto já terem saído a dama de ouros e a dama de espadas), junta de novo as vinte e quatro cartas, baralha-as, torna a deitá-las e a levantá-las a uma e uma (sempre da mesma forma estendendo a mão antes que as levante e rezando a oração), até que saia uma das mencionadas damas; e conforme a primeira que sair, dirá qual dos dois é o apaixonado, segundo já explicámos.

44 Como esta operação tem por fim procurar uma das damas; por isso é desnecessário continuar a levantar as tentações.

45 Advirta-se mais, que — se as duas damas estiverem juntas, que estão ambas igualmente apaixonadas pelo mesmo homem.

46 3.º EXEMPLO (PARA CAVALHEIRO)
Um mancebo deseja saber o comportamento da sua amante.

47 Saíram as seguintes cartas:

48 Dama de ouros — (Esta mulher).
Quatro de paus — (Leviandade).
Dois de espadas — (Correspondência).
Valete de espadas — (Este homem).
Cinco de ouros — (Sedução).
Três de ouros — (Mimos de amor).
Quatro de copas — (Banquete).
Cinco de paus — (Fora de casa).
Sete de espadas — (Desgosto).

49 Pode ler-se depois nas cartas:

50 Esta mulher teve a leviandade de se corresponder com este homem, por quem é seduzida com mimo de amor, em banquete fora de casa.

51 E se levantar nona carta (que é uma tentação), saberá:

52 Que se continuar a dar atenção a tal mulher arrisca-se a sofrer algum desgosto.

53 4.º EXEMPLO (IDEM)
A consulta é de um sujeito abandonado pela esposa.

54 Suponhamos que saíram estas cartas:

55 Dama de ouros — (Esta mulher).
Quatro de oiros — (Apartamento).
Cinco de copas — (Ciúmes).
Cinco de espadas — (Enredo).
Valete de copas — (Esta pessoa).
Seis de espadas — (Brevidade).
Dois de copas — (Reconciliação).
Rei de ouros — (Este homem).
Sete de copas — (Surpresa).

56 Querem dizer as cartas:

57 Esta mulher teve apartamento por causa de ciúmes, movidos por enredo desta pessoa; mas com brevidade virá reconciliar-se com este homem, apresentando-lhe uma surpresa.

58 ADVERTÊNCIA FINAL
O três de ouros (mimo de amor) pode significar carinhos e afagos, ou então uma prenda; o ás de copas (constrangimento), pode às vezes significar vio-

lência (uma mulher violentada, por exemplo); o dois de espadas (correspondência), pode representar uma carta; e o ás de paus (cativeiro), quer dizer prisão de amor ou representa a prisão na cadeia civil, num calaboiço, etc., tudo conforme as circunstâncias da consulta.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

SEGUNDA PARTE: EXPLICAÇÃO DOS SONHOS

✦

1 EXPLICAÇÃO DOS SONHOS E APARIÇÕES NOTURNAS
ABADE — Traição, desonra, perda de saúde, mulher comprometida.

2 ABELHAS — Benefícios e dignidades. Se elas vos picarem contai com uma traição; se as matares, deveis esperar grandes males; herança se as vires sobre as flores. Se as vires providas de mel denota que haveis de ser feliz, casando bem e sendo pai de muitos filhos.

3 AURORA — Amor sem esperança, perda dum filho de tenra idade.

4 ABRAÇOS — Traição, mau proceder, prazeres ilícitos.

5 ATOR — Lamentar-se-á o tempo passado nos prazeres.

6 ALECRIM — Boa nomeada, prazeres próximos.

7 ALEGRIA — Tranquilidade de consciência, gosto.

8 ALFINETE — Ordem, economia e abundância.

9 BALOUÇO — Casamento feliz com muitos filhos.

10 BANDIDOS — Fortuna adquirida em pouco tempo.

11 BEXIGAS — Orgulho abatido, falsa [...].

12 BIFES — Desejos infundados, perda de parentes.

13 BISCOITO — Comê-lo, proveito, boa saúde.

14 BOLACHA — Próxima viagem, fortuna grande.

15 BOTÕES — Fortuna com pouco trabalho.

16 BRINCOS — Amor correspondido, satisfação.

17 [...] — Encomendas, compras baratas.

18 BULE — Casamento feliz com um homem de trabalho.

19 CADÁVER — Alegria e boa saúde, amizade.

20 CADEIRA — Vida sossegada e pacífica, celibato.

21 CALDEIRÃO — Boas notícias da aldeia, proveito.

22 CALDO — Melhores alimentos, fortuna inesperada.

23 CAMARÕES — Gozos de pouca importância.

24 CAMELO — Riquezas, poderio, dignidades.

25 CAMPAINHA — Agitá-la, desordem na família.

26 CANÁRIO — Grande viagem com grande ventura.

27 CÂNTICOS — Vida sossegada, amores sinceros.

28 CETRO — Feliz prosperidade que será abençoada pelo céu.

29 CÉREBRO — Sabedoria, altas dignidades.

30 CEREJAS — Vermelhas, notícia agradável; pretas, morte de parente ou pessoa conhecida; verdes, esperança malograda; maduras, herança ou presente próximo; comê-las, nascimento de menino parente.

31 CERIMÓNIA — Religiosa, rezai por vossos parentes; pública, mortificação e desgostos.

32 CÓLERA — Inimigos poderosos a vencer.

33 CRUZ — Trazê-la, longa aflição; vê-la, presságio dos mais felizes.

34 CIPRESTE — Infortúnio, dores de alma, morte súbita.

35 DIABO — Vê-lo aparecer, notícia de inúmeros e cruéis tormentos; vê-lo no inferno, prenúncio de infelicidade; brigar com ele, perigo iminente; derribá-lo, triunfo certo; ser notificado por ele, infelicidade, doença ou morte próxima do que sonha, se não tiver o cuidado de ao deitar e ao levantar, se recomendar ao Anjo da Guarda.

36 DADOS — Jogá-los, perda dos haveres; estando-se a ganhar, é herança próxima de parente.

37 DAMASCO (Tecido) — Luxo ruinoso, pobreza.

38 DAMASCOS — Comê-los, prazer, contentamento; secos, desgosto sério, mortificação.

39 DAMASQUEIRO — Carregado de frutos maduros, felicidade constante; de frutos verdes, grandes dificuldades a vencer; sem frutos, reveses, perdas.

40 DANÇAR — Bom sucesso, ganho certo.

41 ECLESIÁSTICO — Vergonha, miséria próxima.

42 ELETRICIDADE — Carta esperada com ansiedade.

43 ELEIÇÃO — A política nunca dá proveito.

44 ELEFANTE — Perigo de morte; dar-lhe de comer, amizade entre parentes; possuí-lo, fim de tormentos.

45 EMBAIXADOR — Logro dos administradores dos nossos negócios.

46 FÁBRICA — É bom recear das sociedades.

47 FACA — Desunião, inimizade; duas em cruz, briga, morte.

48 FALÊNCIA — Resultados prósperos no comércio e na indústria.

49 FAMÍLIA — Prosperidade, amor conjugal, saúde duradoura.

50 FARINHA — Riqueza, abundância devida ao trabalho; queimá-la, ruína súbita.

51 FAVAS — Contendas, dissensões.

52 FORTUNA — Honrosa, obras de caridade a praticar; mal adquirida, fim desgraçado; prometida, não virá.

53 FRIO — Boas notícias.

54 FRUTA — Comê-la, prazer, felicidade.

55 GAFANHOTO — Invasão de inimigos no país ou colheitas estragadas por animais daninhos; desgraças públicas e particulares.

56 GAGO — Um filho que será grande orador.

57 GALINHA — Muitos filhos, opulência; morta, doença.

58 GALINHOLA — Afeição mal empregada.

59 GALO — O zelo dá o bem-estar; combate de galos, questões, disputas por causa de mulheres.

60 GANGRENA — Família numerosa, posição medíocre, trabalhos mal retribuídos.

61 GANHO — Herança mal adquirida.

62 HARPA — Felicidade destruída pela inveja.

63 HERA — Filhos para amparo da velhice.

64 HERANÇA — Sucessão roubada.

65 ERVAS — Comê-las, pobreza, doença; cruas, dores, embaraços nos negócios.

66 HOMEM — Alto, ciúme; baixo, conquistas; trigueiro, casamento; louro, fatalidade; rico, miséria; velho, desonra; novo, bom êxito; bonito, adulação; feio, bom futuro.

67 IGNORÂNCIA — Estudar muito faz mal à saúde.

68 ILHA — Aborrecimento, afeição não retribuída.

69 ILUMINAÇÃO — Felicidade, riquezas inesperadas, herança.

70 IMAGENS — Afáveis recordações; prendas e cartas.

71 IMPINGEM — Recompensa generosa da parte de alguém a quem se salvará a vida.

72 INCÊNDIO — Desastre para quem o vê.

73 JANELA — Demanda vencida; descê-la, tristeza.

74 JARDIM — Prosperidade próxima.

75 JOGO — Ganhar, mau sinal; perder, declaração de amor; ver jogar, traição; jogos de crianças, grande satisfação.

76 JOIAS — Dá-las, amizade fingida; recebê-las, amor iludido; perdê-las, desonra.

77 LÃ — União de família, trabalho proveitoso.

78 LACAIOS — Inimigos ocultos.

79 LAÇOS — Discrição; preso neles, embaraços.

80 LADRÃO — Infâmia, desonra.

81 LAGARTA — Más colheitas, perda de dinheiro.

82 LAGARTO — Amizade superficial.

83 LAGOSTA — Dor, desunião.

84 LUA — Vê-la clara, felicidade demorada; pálida e vacilante, tormentos imaginários; [...], grande perigo.

85 MACA — Desastre na rua.

86 MACACO — Infidelidade, malícia.

87 MACARRÃO — Conversas inconsideradas.

88 MACEIRA — Cheia, abundância; vazia, penúria.

89 MÁQUINA — Em movimento, fortuna na indústria; parada, invenções que não aproveitam ao inventor.

90 MAGREZA — Ver gente [...] é sinal de cedo engordar.

91 MALVAS — Submissão, humildade.

92 MORTO — De criança, nascimento de parentes; abraçar um [...], longa vida; ser agarrado por ele, moléstia perigosa.

93 NABOS — Cura de doença, lucro em negócios.

94 NADAR — Em água clara, bom resultado, depois de obstáculos; turva, mau sucesso, perigo.

95 NAMORO — Tempo perdido.

96 NARIZ — Muito grande, abundância; perdê-lo, adultério; ver dois, discórdia e contenda.

97 NASCIMENTO — Casamento, herança, bom presságio.

98 NAUFRÁGIO — Vê-lo, dificuldade nos negócios, casamento desfeito, existência em perigo; naufragar, presságio funesto.

99 NAVALHA DE BARBA — Dobrada, vigilância com filhos e criados.

100 OBRAS — Rudes e grosseiras, escravidão.

101 OBRIGAÇÃO — Lucros mal administrados.

102 OCULISTA — Cegueira na escolha de afeições.

103 OFICINA — Riqueza pelo trabalho e economia.

104 OLIVEIRA — Felicidade conjugal, bom negócio.

105 ORGULHO — Altivez que prejudica o bem-estar próprio e o alheio.

106 OVO — Clara, alegria; gema, contrariedade; fresco, boa notícia; estragado, doença em parente ou em pessoa muito íntima; quebrado, desavença.

107 PÁ — Maus vizinhos de que se deve desconfiar.

108 PADEIRO — É tempo de se fazer economias.

109 PADRE — Protetores interesseiros.

110 PAI — Alegria, consideração.

111 PALÁCIO — Indigência; habitá-lo, auxílio dos grandes; destruí-lo, poder usurpado; real, intriga.

112 PALHA — Em feixes, fortuna; espalhada, desgraça.

113 [...] — Mau sinal.

114 FANTASMA — Preto, penas e miséria; branco, alegria e abundância.

115 QUADRO — Amor pelas artes.

116 QUEIJO — Saúde inalterável pela sobriedade.

117 QUESTÕES — Constância na amizade; de homens, inveja; de mulheres, grandes tormentos.

118 QUINQUILHARIAS — Mediocridade.

119 RATO — Inimigo oculto.

120 RIQUEZA — Presságio de ruína.

121 SANGUE — Dores de cabeça, fortuna abundante.

122 SAPATEIROS, SAPATOS — Vida laboriosa, viagem por causa de uma herança.

123 SAPO — Nojo, má digestão, calúnia.

124 SERPENTE — Perigos, doença.

125 SOL — Brilhante, glória; sombrio, perigos; cor de fogo, morte de pessoa de sangue real.

126 TABACO — Fumá-lo, loucura, desordens; cheirá-lo, velhice prematura; mascá-lo, preguiça.

127 TABERNA — Alteração na paz doméstica.

128 TABULETA — Prosperidade no comércio.

129 TAMANCOS — Orgulho excessivo.

130 TAMBOR — Coragem fictícia, muita bulha por coisa nenhuma.

131 TANQUE — Ver cavalos a beber nele, notícia inesperada e satisfatória; seco, mistério.

132 TEMPESTADE — Ultrajes a receber, fortuna ameaçada, perigo iminente.

133 TREMOR DE TERRA OU TERREMOTO — Ruína, miséria, morte.

134 UIVOS — Ouvi-los, morte de parente, pessoa de casa ou muito conhecida.

135 URNA — Cheia, casamento; vazia, celibato; funerária, nascimento.

136 UVAS — Lágrimas; sorte mofina.

137 VACA — Brava, inimizade de mulher, imperícia de homem; mansa, traição próxima do ente amado; gorda, abundância; magra, esterilidade.

138 VENTO — Suave, destino favorável; forte, aflições e reveses; frio, coração indolente; quente, coração ardente.

139 VINHO — Riqueza, saúde.

140 VIÚVO OU VIÚVA — Grande satisfação, liberdade recuperada.

141 VOZ — Que nos chama: de menino, mudança do sono; de [...], recompensa; de homem, fortuna inesperada.

142 XAROPE — Saúde perfeita.

143 ZANGÃO — Amor sincero, próximo casamento.

144 ZERO (Cifra) — [...] trabalho, [...] consideração.

145 ZIGUEZAGUE — Ver ziguezagues: dúvidas, tormentos, perplexidade, caminho errado que conduzirá à perdição.

FIM DA SEGUNDA PARTE

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

TERCEIRA PARTE: ADVERTÊNCIA

✦

[1] ADVERTÊNCIA

O original deste 3.º volume, que completa a obra de S. Cipriano, devemo-la ao seu coletor, o nosso prezado amigo de Barcelona, D. Gumerzindo Ruiz Castillejo y Moreno, proprietário da Biblioteca Académica Peninsular Catalani, que nos vendeu o direito exclusivo de traduzi-lo em português. [Nota: En la calidad de único dueño del libro titulado ENGREMANZOS DE S. CYPRIANO, Ó SEA PRODIGIOS DEL DIABLO, con otras reglas concernentes al mismo asunto, hacemos publico que los derechos de estamparlo por la imprenta en los dominios de Portugal quedanse propriedade del Sr. Domingos M. Fernandes, livreiro-editor en Lisboa (Portugal).

Barcelona, el 25 de Março de 1885.

D. Gumerzindo Ruiz Castillejo y Moreno.

(Signo del Notario)] [Nota: Por escritura lavrada nas notas do tabelião Godinho, passaram estes direitos para o sr. F. Napoleão de Vitória, livreiro-editor, em Lisboa (Portugal).]

[2] Registado para garantia de propriedade literária.

Artigo 604.º do Código Civil.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ENGUERIMANÇOS, CAPÍTULO 1

✦

1 INGUERIMANÇOS DE S. CIPRIANO
ou
OS PRODÍGIOS DO DIABO
HISTÓRIA VERDADEIRA
ACONTECIDA NO REINO DA GALIZA
CAPÍTULO 1
Dum livro muito estimado em França, intitulado As Ciências Ocultas, por mr. Zalotte, extraímos a história que vai ler-se:

2 Victor Siderol era lavrador na aldeia de Court, desviada cinco léguas de Paris. Este homem tinha uma grande inteligência, e entendendo, que as terras da sua aldeia não eram dignas dum arroteador tão instruído, começou por deixar parte delas sem cultivo, resultando daí ter sempre uma diminuta colheita.

3 Os agricultores, seus vizinhos, que recolhiam S. Miguel avultado, faziam-lhe negaças e chamavam-lhe calaceiro, epíteto que, dia a dia, o desgostava mais.

4 Uma tarde sentindo Siderol um grande mal-estar, ao concluir a sementeira, soltou os bois, deixou o jugo atravessado em cima do timão do arado e disse:

5 «Aí te deixo para sempre, meu velho arado; que te leve o diabo, assim como todos os mais petrechos de lavoura que tenho em casa.»

6 Quando Siderol acabou de proferir estas interjeições, ouviu reboar no espaço estas palavras, que lhe pareceram saídas da entranha da terra:

7 «Tira-lhe o jugo, que eu não quero nada com a cruz.»

8 O lavrador, tremendo de susto, colocou o jugo sobre o cachaço dos bois, estugou-os e fugiu para casa com os cabelos em pé, e quase sem fala.

9 No dia seguinte, logo ao romper de alva, levantou-se e indo ao alpendre da sua casa viu que todos os utensílios de lavoura, tinham desaparecido como que por encanto.

10 Dirigiu-se, então, ao local onde deixara o arado e nem sombras dele apareceram.

11 Poucos dias depois vendeu a casa rústica e todas as suas terras. Terminado isto, dirigiu-se a Paris, alugou um quarto na rua de Saint-Honoré, e levantando uma tábua do solho para esconder o pouco dinheiro que levava, encontrou entre duas traves um pequeno livro de inguerimanços, de que já tinha ouvido falar muito, na sua aldeia, mas que inteiramente desconhecia.

12 Eram os Inguerimanços de S. Cipriano.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ENGUERIMANÇOS, CAPÍTULO 2

✦

[1] CAPÍTULO II

Nesse livro surpreendente viu Siderol que se podia pôr em relações estreitas e mágicas com o espírito imundo.

[2] «Este comércio oculto, disse Victor, nada tem de satisfatório para um homem de bons sentimentos, mas, também não deslustra a nobreza de pessoa alguma, e por isso talvez eu faça a minha fortuna pactuando com Lúcifer. O rei do Averno deve ser meu amigo, visto que tão liberalmente lhe dei o arado e a coleção de ferramentas.»

[3] Depois de estudar bem o livro mágico desceu ao pátio da sua morada, onde uma velha criava galinhas que lhe produziam excelentes ovos frescos, abriu cautelosamente, a porta da capoeira, lançou mão duma galinha preta, inteiramente própria para as esconjurações diabólicas, levou-a pela porta fora, apesar dos seus cacarejos desesperados, e marchou sem demora ao lugar em que se cruzavam os caminhos da Revolta e Nevilly; porque o diabo infecta singularmente as cruzes formadas pelos quatro caminhos.

[4] Neste sítio parou, riscou um círculo com uma vara de aveleira, em torno de si, pôs a galinha no centro, e à meia-noite em ponto, pronunciou três palavras que vos não ensinarei neste lugar, porque bastantes espíritos tentadores temos entre nós e não quero promover-vos já no princípio da história a fantasia de lhe aumentares o número.

[5] Apenas pronunciadas as três palavras, começou a galinha a estrebuchar e morreu cantando harmoniosamente os louvores de Deus.

6 Neste comenos tremeu a terra, e logo depois desta convulsão, a lua, toda manchada de laivos de sangue, desceu, rapidamente, sobre a encruzilhada de Nevilly, e apenas tornou a subir para o seu lugar, um grande senhor apareceu fora do círculo, no qual a virtude das palavras mágicas lhe vedava a entrada.

7 O corpulento senhor, mais alto do que Siderol, por toda a grandeza do barrete de Sganarello, tinha grandes e revoltados cornos de carneiro sobre a cabeça, um enorme rabo de macaco que graciosamente movia por entre as pernas, pés de bode e em cima de tudo isto uma cabeleira de bolsa e um vestido escarlate agaloado de ouro, porque é sempre neste aparato que o diabo costuma aparecer às criaturas.

8 Se alguma vez chamardes por ele, vereis, cheios de horror, a figura que vos acabo de mostrar.

9 Assim que o aldeão viu este grande senhor, sentiu-se acometido dum frio extraordinário, e ao certo, nenhum homem por mais afoito que se julgue, teria coragem suficiente para encarar de face o rei das aventesmas. Assim que o grande senhor falou, aumentou-lhe mais o susto, pois que o diabo tem muito de aterrador no metal da voz.

10 Logo que o grande senhor se calou, o aldeão ficou todo atordoado e sentiu fortes embaraços para lhe responder, pois em verdade, não tinha o ânimo preparado para conversar com tão estranha visita.

11 Todavia a pergunta dirigida a Siderol era tão simples como curta, e por isso ninguém teria nada que lhe cortar:

12 — Que queres tu de mim?...

13 É isto o que o demónio costuma perguntar aos que o obrigam a aparecer.

14 Siderol hesitou muito tempo antes de se resolver a pedir, porque tinha muitas coisas na imaginação que desejava possuir, e em tais circunstâncias queria escolher um objeto que o fizesse venturoso, visto que é de regra que o demónio só concede uma cousa de cada vez às criaturas que o chamam.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ENGUERIMANÇOS, CAPÍTULO 3

✦

[1] CAPÍTULO III

O francês tão depressa pendia para uma cousa como para outra; e não se decidia. E o grande senhor esperava, com ar submisso e reverente, que ele se resolvesse, finalmente, e lhe dissesse o que pretendia.

[2] O aldeão recordou-se, afinal, de que o «futuro» para ele tão rico, belo e sedutor, tinha abusado da sua boa-fé, e que dependia da sua vontade ler nele tão facilmente como na cartilha de doutrina que em criança decorara na escola.

[3] Pensou que o dom de adivinhar tinha umas vantagens que se estendiam a tudo, e por este sistema regularia, seguramente, a sua conduta e os seus atos, e conseguiria, portanto, levar a cabo a posse de todos os bens que imaginasse.

[4] É por esta forma que, depois de reflexões e combates titânicos, conseguem os homens assentar definitivamente as suas predileções.

[5] Um homem do campo pediria a neve sobre todos os campos vizinhos do seu; um pobre sacerdote pediria o restabelecimento dos bens do clero; um déspota, a restauração do antigo regime; uma velha enrugada, o regresso dos seus perdidos atrativos; um libertino estragado, o retorno do seu vigor antigo; um fornecedor do exército, a eternidade da guerra e um visionário a imortalidade, cousa que nenhum demónio lhe poderia dar.

6 Vítor pediu, pois, ao grande senhor que lhe descortinasse o futuro ao ouvido, todas as vezes que ele lho exigisse, no que o demónio concordou, de muito boa vontade e com muito boas maneiras.

7 Tirou, pois, da algibeira um quarto de papel marcado, sobre o qual estava escrita uma doação em forma, da alma do doador. Picou com o seu esporão o dedo mínimo do lavrador, que com o próprio sangue assinou aquela escritura, e o diabo desapareceu-lhe da vista, depois de lhe fazer uma larga cortesia.

8 Mas, o lavrador, antes de se resolver a pôr em prática a arte que acabava de comprar em troca da alma, sentiu que estava sem comer, e não se lembrara de trazer dinheiro de casa.

9 Perguntou, pois ao seu demónio familiar onde encontraria àquela hora uma refeição que a ninguém pertencesse, pois embora tivesse ânimo de se dar ao diabo, faltavam-lhe as forças para roubar qualquer cousa, por insignificante que fosse.

10 O espírito respondeu-lhe:

11 — A esta hora fatídica para a humanidade não convém que enchas o estômago. Às quatro horas da manhã, disse-lhe o espírito, em voz muito baixinha, sai da tua casa, marcha ao levantar do sol e encontrarás um montão de pedras. Uma delas é talhada em pilastra. Ergue-a e toma conta do que lá achares.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ENGUERIMANÇOS, CAPÍTULO 4

✦

1 CAPÍTULO IV

O ex-lavrador não podia convencer-se de que, debaixo dum montão de pedras poderia encontrar uma refeição preparada, que não pertencesse a pessoa alguma.

2 Porém, como tinha a certeza de que o diabo não falta nunca aos prometimentos que faz a quem lhe entrega a alma, e um estômago vazio ordena fé, praticou exatamente o mandado do seu oráculo.

3 Chegada a hora aprazada dirigiu-se ao local e andou muito tempo sem encontrar o montão das pedras, e já muito desesperado, chamou novamente o seu diabo.

4 O espírito mau segredou-lhe ao ouvido:

5 — Tens ainda pouca fé no meu poder, e é por isso que não achas as pedras de que te falei. Vês aquele palácio ao longe e aquelas pedras amontoadas ao canto?

6 — Vejo.

7 — Pois é ali mesmo; vai e come à tua vontade.

8 De facto o aldeão achou ali o que o seu estômago precisava.

9 Depois de ter feito alguns giros encontrou a pilastra, ao pé da qual estava uma alavanca. Deu-lhe volta e encontrou por baixo três bocados de tábuas. Levantou estas e encontrou um buraco onde deparou com um enorme

prato tendo dentro um peru, duas galinhas e seis codornizes assadas. Ao lado da porta estavam dois grandes queijos, um pão e dois biscoitos de Saboia, asseadamente embrulhados numa rica toalha, e duas garrafas de vinho das Canárias.

10 O faminto aldeão, extasiado diante de tão belas coisas, tirou da algibeira um lenço no qual embrulhou, como pôde, parte do conteúdo que estava no bem-aventurado buraco e a passos precipitados tomou o seu caminho.

11 Chegando a casa comeu com grande apetite as codornizes, parte das galinhas e parte do peru, e bebeu-lhe em cima as duas deliciosas garrafas de vinho.

12 Mas, embora o estômago não reclamasse já alimento, Siderol não queria limitar-se tão somente àquele gozo.

13 Para adquirir o resto, chamou o seu demónio e perguntou-lhe se sabia onde parava algum tesouro escondido que não pertencesse a pessoa alguma.

14 — Nas entranhas do monte Carballo está uma mina de ouro desconhecida.

15 — E como poderei explorá-la?

16 — Com a cabalística dos mouros.

17 — E onde existe ela?

18 — Eu ta darei brevemente. Mas, diz-me, tu gostas de dar esmolas aos pobres?

19 — Gosto.

20 — Pois então dar-lhes-ás todo o dinheiro que tens, pois enquanto possuíres um cêntimo que seja, a terra não se abrirá para te dar a riqueza que se esconde nas suas entranhas.

21 — Bem, disse o aldeão, amanhã farei sair de casa tudo quanto possuo. Mas, meu amigo Belzebu, dize-me onde haverá mais algum tesouro?

22 — Na aldeia de Meirol há uma talha de diamantes que se abrirá com duas palavras da minha cabalística.

23 — Ó meu senhor, diz-mas lá...

24 — Espera, disse o diabo; primeiro saberás onde os tesouros descansam, depois te entregarei a chave para os abrir.

25 — Vá, amigo Lúcifer, por quem é, diga-me já onde para um tesouro que eu possa explorar hoje mesmo e eu lhe prometo de ser fiel toda a vida e ainda depois da morte.

26 — Não te disse, alma vendida, que primeiro tens que dar tudo que possuis aos pobres?

27 — Ah! sim, sim; perdoai, meu bom amigo, meu bondoso Satanás.

28 — Pois bem; um onzeneiro de Baiona, que é o dono de tudo que há, umas três léguas para aquém daquelas ilhas, enterra todos os anos muitos centos de dobrões de ouro no interior duma bouça que tem em Baigreza. Por isso já vês que ali ficará um rico tesouro de que te poderás apropriar, facilmente, sem teres de usar palavras minhas.

29 — Mas esse dinheiro é de seu dono e não o quero eu. A mim só me pode servir o dinheiro que já não tenha possuidor.

30 — Que te importam os meus desígnios? Tu hoje és completamente minha propriedade, e posso ordenar-te que faças o que me aprouver?

31 E nisto Lúcifer começou a murmurar umas palavras ininteligíveis, às quais o aldeão caiu de joelhos, a implorar-lhe perdão.

32 — Sossega, lhe disse Lúcifer, eu bem sei o que me convém fazer em teu benefício. Este velho usurário deve morrer na noite que vem, de repente, e como ele se esconde dos seus colaterais, de quem tem medo, pois que o não hão tratado bem, eles não têm, nem nunca terão, conhecimento deste tesouro, que esta mesma noite ficará debaixo do meu poder, assim como a alma do velho de Baiona.

33 — Mas, aonde fica essa terra que guarda tal riqueza?

34 — Fica próximo da estrada de Santiago, muito ao norte, lá para as bandas do mar.

35 — Meu amigo Satanás, eu pergunto como se chama esse país?

36 — É na planície hispânica, no último extremo do norte...

37 — Então nunca lá chegarei, porque morrerei de fome antes de meio caminho.

38 — Não sejas louco. Em chegando aos Pirenéus, sentas-te na estrada e esperas que passem os peregrinos que vêm de Roma para Compostela, aqueles vis cães danados que nunca me quiseram vender a alma em troca do meu condão. Podes assim, acompanhá-las e acharás o tesouro do moribundo. Anda, marcha, sem demora.

39 — Não; vai-mo tu antes descobrir, disse-lhe o ex-lavrador com humildade.

40 — Eu não; respondeu o diabo. Nós não convencionámos que eu obrasse. Tu pediste-me o dom de adivinhar, já o tens; acabaram aqui os meus compromissos.

41 — Diabo, diabo! Farei o que me ordenas; mas não conheces mais tesouro algum?

42 — Conheço; naquele reino longínquo há mais ouro enterrado do que em todos os outros departamentos onde se fala a língua filha dos árabes e dos mouros.

43 — Nomeia-me os locais, meu bondoso Belzebu.

44 — Se lá chegares com vida, indaga dos povos que te vou nomear:

45 «Rubióz, Outeirello, Taboejo, Lafias, Infesta, Hyga Buena, Guilhade, Sobroso, Pojeros, Budinhedo, Aranza, Guinza, Caritel, Mondim, [...], Celeiros, Foçara, Borbem, Mondariz, e...

46 — Tantos, meu senhor! interrompeu Vítor Siderol, espantado de tamanha cópia de haveres.

47 — Muitas mais! Há naquele país mais de uma centena de tesouros encantados. Acharás nesse país a riqueza de mais de seis reinos. Vai, pois, ao teu destino e chama-me quando precisares do meu auxílio. Já que me deste a alma hei de fazer-te feliz.

48 — Mas como farei [...] a terra para lhe extrair todo esse ouro?

49 — Transporta-te aos lugares que te indiquei, e aqui tens esta lanterna. Acende-a, sempre que desejares alguma coisa e serás imediatamente servido.

50 O ex-lavrador despediu-se de Lúcifer e foi distribuir pelos pobres todo o dinheiro que possuía.

51 Depois de não ter nem um cêntimo, saiu e atravessou uma larga praça. Apesar de ir distraído, a pensar no diabo, reparou para uma loja onde havia o seguinte letreiro: «Extrai-se amanhã a loteria Gaulesa.»

52 Vítor lembrou-se de arranjar fortuna por meio dum bilhete da loteria, mas não tinha dinheiro nem donde ele lhe viesse.

53 Entregue a este pensamento começou a passear pelas ruas ao acaso, e como naquele dia findava o arrendamento da sua morada, à noite recolheu-se às ruínas duma casa velha no arrabalde S. Martinho.

54 Como a noite estava escura acendeu a sua lanterna. De repente, viu ao pé de uma couceira da porta, carcomida pelo tempo, uma moeda de ouro da era de Clóvis I.

55 Siderol, ficou grandemente surpreendido, porque já se olvidara das virtudes que o demónio lhe dissera estarem conglobadas na lanterna.

56 Guardou o dinheiro e de manhã, muito cedo, chamou logo o demónio em seu auxílio e perguntou-lhe, com certo ar de humildade:

57 — Meu amigo, quais são os números que vão ser mais premiados no jogo de hoje?

58 — Os cinco prémios maiores, disse-lhe o demónio, saem hoje nos números 7, 32, 49, 65 e 81.

59 — E os outros prémios? Não sabes em que número eles devem cair?

60 — Sei; mas esses deixa-os para os pobres. Não sejas ambicioso, não queiras tudo para ti.

61 Conformou-se o aldeão com a resposta de Lúcifer e foi comprar um bilhete. Deram-lhe o número 7. O lojista quando Vítor pagou começou a rir-se para ele com cara de grande velhacaria.

62 — Porque está o senhor a rir-se dessa maneira?

63 — É porque esse número sai branco, respondeu o cambista, rindo cada vez mais.

64 — Sim?!... Pois logo verá!

65 E Vítor Siderol saiu da loja cumprimentando o cambista com toda a urbanidade.

66 De facto, ao meio-dia extraíram-se os prémios e a deusa Fortuna cumpriu os seus decretos porque o diabo usou de toda a fidelidade no cumprimento dos seus deveres.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ENGUERIMANÇOS, CAPÍTULO 5

✦

1 CAPÍTULO V

Aquele afortunado bilhete assegurou-lhe setenta e cinco mil cunhos de ouro que corresponde a duzentos e quarenta contos de réis.

2 Quando Siderol de tarde voltou ao cambista, já este se não riu; ofereceu-lhe uma cadeira para se assentar e pagou-lhe o prémio.

3 A primeira coisa que fez Vítor foi ir comer a uma casa de pasto das melhores. Depois de jantar como um príncipe, dirigiu-se ao alfaiate, vestiu-se com o melhor fato que encontrou, barbeou-se, e assentando a sua residência num bom hotel, chamou o seu protetor Lúcifer.

4 — Que desejas mais? perguntou o demónio.

5 — Meu amigo, aonde encontrarei uma donzela nova, bonita e amante?

6 — No teatro grego, onde se representa hoje uma tragédia de Ésquilo, respondeu o seu interlocutor.

7 O querido filho da fortuna encheu as algibeiras de ouro e foi ao lugar indicado.

8 Era o primeiro teatro que tiveram os franceses.

9 Entre o grande número de pessoas, pela maior parte nobres, encontrou ali duas mulheres, uma já idosa e outra no esplendor da mocidade, cujo composto pareceu ao enamorado aldeão o que no mundo se podia imaginar de mais sedutor.

10 Aproximou-se delas, com o desembaraço que inspira a opulência. A jovem recebeu-o com grande timidez; fingiu uma cara de ingénua e com algum esforço conseguiu corar.

11 Vítor ficou satisfeitíssimo ao vê-la assim com um todo tão honesto.

12 Declarou-lhe as suas intenções e ela respondeu-lhe com excessiva candura. A velha, que se intitulava mãe, abeirou-se deles, e disse a Siderol que levava muito em gosto a união da menina com tão distinto cavalheiro.

13 Acabada que foi a representação, Siderol vendo-se tão bem acolhido pelas duas mulheres, ofereceu o braço à rapariga, o que ela aceitou sem a menor hesitação.

14 Uma liteira rica, esperava-os no vestíbulo do teatro. Logo que chegaram a casa, elas convidaram-no para cear e serviram-no com toda a cortesia e urbanidade.

15 Durante a ceia soube Siderol que aquelas senhoras eram provincianas e estavam em Paris tratando do processo de uma herança e deram-lhe a entender que o juiz não recusaria receber dois mil cunhos de ouro para resolver o pleito em favor delas. Vítor ofereceu-lhes bizarramente aquela quantia.

16 Elas, porém, recusaram com certa reserva, que o fez suspeitar que o não julgavam capaz de fazer aquele negócio com dinheiro à vista.

17 Siderol como tinha a algibeira recheada, insistiu e apresentou o dinheiro.

18 Acederam; mas com a cláusula de que fariam uma declaração em forma.

19 Ele concordou.

20 A mãe passou ao seu gabinete para escrever a declaração e deixou o nosso homem com a encantadora Rosa.

21 Siderol pensou que após um empréstimo de dois mil cunhos de ouro se podiam tomar algumas liberdades e assim fez.

22 A rapariga resistiu-lhe com firmeza, mas ao mesmo tempo sem azedume. A virtude é sempre assaz forte para se impor às expansões do vício.

23 Todavia, o amor e o vinho fizeram-no empreendedor e atrevido.

24 Rosa, incapaz desses espalhafatos que prejudicam sempre uma mulher, contentava-se em opor mãos muito ativas aos muitos ataques do temerário.

25 Defendendo-se daquela insistência, recuou, insensivelmente, sobre a cauda do vestido e tropeçou.

26 Siderol aproveitou o ensejo e empurrou-a suavemente. Ela com este impulso foi cair sobre o sofá, e depois... eles é que podiam confessar o que sucedeu.

27 O leitor deve supô-lo, certamente. Eu, por minha parte, faço ideia...

28 A pobre pequena chorou. Ele correu a enxugar-lhe as lágrimas e, prometendo casar com ela, pediu-lhe que nada dissesse à mãe.

29 Rosa encolheu os ombros em sinal de assentimento.

30 A velha voltou pouco depois e de nada desconfiou.

31 Se ela era de tão boa-fé...

32 Entabularam nova conversa e Siderol convidou-as para irem jantar no dia seguinte em sua [...] no salão que tinha alugado num hotel.

33 Foram.

34 Ele tinha ajustado com o tabelião para que estivesse lá à noite, e de tarde foi comprar um cofre de joias para oferecer à sua noiva, no que foi tão pródigo, que ao voltar para casa só lhe restavam uns quinhentos cunhos de ouro.

35 Entregou o cofre a Rosa e foi procurar o tabelião, que se demorava, para lavrar a escritura que o devia ligar àquela que tanto lhe enlouquecera os sentidos.

36 A mãe e filha despediram-se dele com toda a cordialidade e pediram-lhe que não se demorasse.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ENGUERIMANÇOS, CAPÍTULO 6

✦

1 CAPÍTULO VI

Vítor só no fim duma hora é que voltou acompanhado do tabelião.

2 Entrou muito jovial no salão do hotel e... nem vivalma! Percorreu a casa, chamou o dono do hotel, perguntou-lhe pelas duas senhoras e soube que tinham saído.

3 Siderol teve um pressentimento.

4 Foi ao armário; o seu cofre tinha partido com as senhoras e, em lugar das joias e dinheiro, encontrou um bilhete concebido nestes termos: «Quando uma rapariga esperta encontra um asno, um papalvo, prega-lhe o mono; a regra é esta. De futuro antes de se meter nesses assuntos, estude-os primeiro. Desejamos que a lição lhe seja profícua.»

5 O infeliz Vítor começou a vociferar contra o diabo.

6 Satanás apareceu e perguntou-lhe:

7 — Eu fui por acaso quem te inculcou essa mulher?

8 — Não, respondeu Siderol.

9 — Então, não tens que te queixar de mim. Para um homem ser feliz e gozar da minha estima, é preciso que não se meta com mulheres dessa qualidade. Dize-me cá: já te constou que eu fosse namorador?

10 — Não, respondeu Vítor.

11 — É por esse motivo que consigo tudo quanto desejo. Se metesse mulheres nos meus negócios, de certo que não davam bons resultados os meus trabalhos.

12 — Mas, como tornarei a haver os brilhantes e o dinheiro que me levou aquela ingrata?

13 — De forma alguma: dinheiro que caiu em mãos de aventureiras, é o mesmo que ficar encantado dentro da terra sem se conhecerem as palavras para o desencanto.

14 — Mas com todo o teu poder não farás com que eu colha as minhas joias?

15 — Não, porque ainda agora te disse que nada quero em que entre a mulher. E demais, eu não me comprometi a obrar, mas sim a aconselhar-te.

16 — Some-te da minha vista, maldito! Some-te, já que o teu poder é muito limitado!

17 E Vítor fez uma cruz no chão.

18 De repente, o demónio desapareceu.

19 Vítor ficou cismando, e no fim de alguns minutos lembrou-se da sua lanterna para tornar a adquirir o dinheiro. Quando a procurou, porém, não a encontrou. O demónio tinha-a levado consigo.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ENGUERIMANÇOS, CAPÍTULO 7

✦

1 CAPÍTULO VII

Siderol vendo-se exaurido e com pouco dinheiro, e tendo aprendido a prever o futuro nos Inguerimanços de S. Cipriano, resolveu escrever e publicar o «Feiticeiro Gaulês», em Paris, no local onde hoje é a rua de S. Jacques.

2 Um astrólogo afiançou-lhe que venderia muitas cópias por quantias avultadas, se o recheasse de coisas diabólicas.

3 Siderol tratou, pois, de escrever adivinhações do futuro, predições, dias em que haviam de morrer alguns altos personagens da igreja, e o bispo resolveu-se a mandá-lo prender por feiticeiro e preparou-lhe umas grelhas para o fazer assar pelo amor de Deus.

4 Vítor, transido de susto, chamou novamente a Lúcifer, e no fim de lhe pedir perdão das suas culpas, implorou que o salvasse daquele perigo, ao que o diabo se negou.

5 — Então, de que me serve, espírito infernal como tu és, a arte de adivinhar, se não posso fugir às perseguições que me fazem?!

6 — E dizendo-te eu onde há rios de dinheiro, para que te envolves com mulheres, e para que escreves predições em vez de ires desenterrar os tesouros? Quem te mandou jogar na loteria?

7 — E quem foi que a inventou, assim como todos os mais jogos?

8 — Fui eu; respondeu o diabo.

9 — Para quê?

10 — Para mortificar as almas viciosas, porque desta forma acabam os dias mais depressa e mais depressa tomo conta delas.

11 — Nesse caso és tu que impulsionas ao homicídio, ao parricídio e ao roubo;

12 — Quê! Tu não conheces ainda a inimiga e poderosa mão que arrasta o género humano a todos os excessos! O jogo nunca deu a felicidade a ninguém! Vai, vai escavar as terras que te indiquei e toma conta desses tesouros que são teus. Mas, para que eles te sejam úteis, não jogues nunca. Anda, marcha! Para lá da velha Toletum [Nota: Toledo.] acharás ouro sobre ouro e dirás, então, que bem te valeu tomares pacto comigo.

13 E o diabo abriu-lhe a porta da cadeia.

14 Vítor partia. Atravessou os Pirenéus e levou cinquenta e dois dias para atravessar a Barjacova.

15 Na passagem da província de Valladolid para o reino da Galiza, sentiu-se muito cansado e reparou que os sapatos já não tinham solas.

16 Chamou o seu espírito e disse-lhe:

17 — Estou descalço e tenho fome; dá-me calçado e de comer...

18 O diabo apareceu-lhe em figura, e apontando ao longe com o seu dedo indicador, perguntou-lhe:

19 — Vês acolá ao longe aquela povoação entre uns arvoredos?

20 — Vejo.

21 — Chama-se Saotiganso; entra no caminho e verás comida sobre um lascão de pedra. Enche o estômago e caminha sobre o norte, onde está a fortuna à tua espera.

22 — Mas é que não posso andar, meu Lúcifer, dá-me uns sapatos.

23 — Não.

24 — Porquê, espírito infernal! Não tens poder para arranjar coisa de tão pouca valia?

25 — Tenho.

26 — Então?

27 — Ouve-me com atenção, disse o diabo: O Deus que tu adoravas antes de te entregares a mim não disse ao género humano «que havia de ganhar o pão com o suor do rosto»?

28 — Disse, mas assim não quero eu ganhar o meu. Antes quero ir desencantar os tesouros que me apontaste.

29 — Muito bem. O teu Deus antigo é o rei dos céus e eu sou o rei dos infernos. Ele dá a lei aos seus vassalos e eu dou-a aos meus. Para que gozes a minha proteção é necessário que faças algum sacrifício. Vai ao teu destino, que para conseguires a ventura vale bem o martírio de trilhar descalço o caminho.

30 — Pois bem, deita-me a tua bênção.

31 O diabo abençoou-o e o aldeão partiu descalço.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ENGUERIMANÇOS, CAPÍTULO 8

✦

1 CAPÍTULO VII
Marchando sempre na direção do norte, alguns dias depois chegou a Bembibre. Até ali encontrou sempre que comer, invocando o nome do demónio, o possuidor da sua alma.

2 Nesta povoação, porém, por mais que o chamasse, o diabo não lhe apareceu e a fome torturava Siderol. Foi andando na direção do rio Camba e deparou com uma alta cruz de pedra, coberta de musgo e hera.

3 Ao ver aquele símbolo do sofrimento de Cristo parou e tremeu. Depois, chamou de novo o diabo e pediu-lhe de comer. Não recebendo resposta, ia já ajoelhar aos pés da cruz, quando sentia no rosto uma lufada de fogo!

4 Vítor, com o peso daquela grande dor, caiu por terra, desamparadamente. Ergueu-se passados alguns minutos, olhou em roda e não viu ninguém.

5 — É o castigo de me quereres abandonar, disse-lhe o diabo. Maldito! E com essa contrição em mim, queres chegar aos lugares dos tesouros e desencantá-los!

6 — Perdão, perdão, deus Lúcifer, eu tinha e tenho fome!

7 — Não te disse já, falso amigo, que na minha lei também é preciso ter paciência? Não te dei de comer para experimentar a tua coragem. Vai, pois, ao teu destino, não me tornes mais a atraiçoar senão...

8 O diabo desapareceu e o ex-lavrador seguiu o seu caminho a encomendar-se ao seu infernal protetor.

9 Perto da meia noute, tropeçou com uma mesa à beira do caminho, abastecida de iguarias, e tomou o seu repasto.

10 Acabada a refeição encomendou-se de novo ao diabo, contritamente, e disse:

11 — Não ter eu outra alma que a dava de boamente àquele grande senhor dos infernos...

12 O grande Lúcifer apareceu-lhe vestido e em pessoa, como em Neuilly, na ocasião em que tinha imolado a galinha preta, e dando-lhe em seguida um abraço, disse-lhe:

13 — Já que és tão meu amigo, não quero que te afadigues mais. Dize-me: tu és muito ambicioso?

14 — Não, o que desejo é um tesouro que me dê para viver sem trabalhar e nada mais.

15 — Vês aquele povoado, naquela clareira, e que se estende até um outeirinho? perguntou-lhe o demónio.

16 — Vejo, perfeitamente.

17 — Então, não precisas ir mais longe. Aquele povoado chama-se Ababides. Vai lá; procura pousada e, amanhã, por esta hora, sobe ao morro do monte e acende a tua lanterna. A essa hora picarás o dedo mendinho com este esporão córneo que aqui te entrego.

18 E Lúcifer arrancou o seu esporão, entregando-o a Siderol.

19 — E depois? perguntou este.

20 — Depois assinarás este papel com o teu próprio sangue...

21 — Mas, eu já dei a alma; que mais existe, pois, em mim que possa agradar e ser útil ao meu bondoso protetor?

22 — Ouve com atenção: Neste papel está declarada a venda da alma de teus filhos, que nascerem logo que sejas rico. Porque tu hás de casar com uma mulher muito atreita à procriação.

23 — Mas...

24 — Hesitas?... Assinas ou não?!

25 — Assinarei... mas, depois?...

26 — À meia-noite, como te disse, pousará um corvo sobre a montanha. No sítio em que ele esgravatar é que está o primeiro tesouro.

27 — Mas, com que palavras farei abrir o seio da terra?

28 — Não tas direi ainda, porque temo que se abra a terra contigo. Anda, marcha.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ENGUERIMANÇOS, CAPÍTULO 9

✦

1 CAPÍTULO IX

Vítor praticou tudo quanto o diabo, seu senhor, lhe ordenara.

2 Chegando ao monte de Ababides, à meia-noite do dia seguinte, esperou, e poucos minutos depois viu pousar sobre o rochedo o corvo negro. Esgravatou, picou o chão três vezes com o bico, mas a terra ficou conforme estava. Nem o mais leve movimento.

3 Vítor acendeu a lanterna e tudo conservou o mesmo estado. Desesperado, marchou, lentamente, na direção da ave. Aquela, vendo-o aproximar, levantou o voo e sumiu-se.

4 O nosso homem começou a apostrofar contra o diabo, e requereu-lhe que, ou lhe desse o dom de abrir a terra ou lhe entregasse a alma.

5 O diabo apareceu-lhe logo na figura de corvo e disse-lhe:

6 — O que é que nós combinámos? Não ficou assente que assinarias a esta hora a doação da alma de teus filhos futuros, com o teu próprio sangue?

7 — Perdoa, grande senhor, implorou Siderol; perdoa, que tudo se me olvidou.

8 E, ato contínuo, picou o dedo mendinho e assinou a escritura com o sangue.

9 O diabo, cheio de satisfação, disse-lhe:

10 — Aí te deixo, toma todo o ouro que desejares.

11 E dando um voo desapareceu.

12 Vítor, ficou imóvel, sem saber o que faria, olhando na direção por onde a ave se perdera na tenebrosa escuridão da noite.

13 De repente, ouviu ecoar naquela solidão estas palavras:

14 Aurea Hispania! Hiscere Gallaecos Romano!

15 Neste comenos tremeu a montanha, abriu uma enorme boca e deixou ver a Siderol uma grande adufa de moedas de ouro romanas.

16 Tomado de resolução espontânea, desceu àquela fraga que se fechou após ele.

17 Despiu o casaco para o encher de dinheiro, mas de repente, viu um grande caixote de latão, aberto, e cheio do mesmo metal. Tomou-o aos ombros, para sair e viu, então, que a montanha se tinha fechado. Ficara preso.

18 Vítor começou a chorar a sua sorte, em altos gritos, e depositou a caixa sobre uns montões de ouro.

19 — Meu S. Diabo, meu rei poderoso, dono da minha alma e dos meus filhos que hão de nascer, tira-me deste cárcere, disse ele entre lágrimas.

20 Subitamente, sentiu tremer de novo a terra, em grandes convulsões e ouviu soar na cova as seguintes palavras.

21 Hispania! Regicitur in publicum janua!

22 A grande cova tornou a abrir-se imediatamente, e o venturoso Siderol achou-se em plena montanha com o seu caixote de ouro em moeda.

23 Andou o resto da noite e ao romper da aurora achou-se na povoaçãozinha de Damil que ficava para as bandas do norte.

24 Tomou hospedagem num pobre albergue, por oito dias, e conservou-se descalço e mal enroupado, para não despertar suspeitas e evitar que lhe roubassem o seu tesouro.

25 No fim dos oito dias constou-lhe que havia nos subúrbios daquele povo uma casa para vender.

26 Chamou o diabo e consultou-o:

27 — Que te parece esta terra? Eu gosto destes vizinhos e estava capaz de ficar por aqui...

28 — É muito justo, respondeu o diabo; nem eu nem os espíritos encantados, consentiríamos que levasses todo esse ouro para um país estranho...

29 — Porquê? interrogou Siderol.

30 — Da Espanha o recebeste, na Espanha o gozarás. Há nesta região mulheres bonitas e virtuosas, muito capazes de dar lições de moralidade às francesas dos sentimentos da Rosinha que encontraste no teatro grego. E, então fica-te por aqui.

31 — Pois ficarei, respondeu Siderol.

32 — Então, eu te abençoo e serás feliz.

33 Lúcifer, depois de o abençoar, desapareceu rapidamente.

34 Siderol, tomando algumas moedas de ouro, partiu logo para a vila de Allariz, em procura de um sacerdote que trocava dinheiro antigo, voltando no dia imediato foi comprar a casa que estava para a venda e assentou ali a

sua residência.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ENGUERIMANÇOS, CAPÍTULO 10

✦

1 CAPÍTULO X

Vítor Siderol começou, então, a compreender o que era felicidade, vinda por intervenção do dinheiro, porque principiou a gozar tudo quanto lhe apetecia; e como logo correra por aqueles arredores a fama da sua riqueza, viu-se alvo das atenções, tanto de homens como de mulheres.

2 Como as mulheres haviam sido sempre o seu enlevo, começou a olhar para todas elas, com grande atenção, e o caso é que, passados poucos meses, estava casado com uma formosa donzela de Podentes.

3 Chamava-se Manuela, a interessante camponesa.

4 Decorrido um ano, havia ela dado à luz uma menina, cuja alma o diabo contou logo por sua.

5 Os pais reviam-se naquele anjinho e cada vez se amavam mais.

6 Mas, como a fortuna não é sempre verdadeiramente completa na vida, o francês achou-se um dia gravemente enfermo.

7 Uma febre violenta, acompanhada de desvario, o acometeu por tal forma, que nem lhe deu tempo para consultar o diabo.

8 Seu sogro mandou chamar dois médicos e pôs-lhe ao pé do leito o enfermeiro de mais fama que havia naqueles arredores.

9 Talvez, por este cuidado, a febre diminuiu extraordinariamente e Vítor recuperou breve todos os seus sentidos.

10 Ele, então, aproveitou esta circunstância para conhecer a sua sorte e consultar o seu diabo.

11 Chamou-o, pois, e perguntou-lhe:

12 — Meu Lúcifer, como tomaram os médicos a minha doença?

13 — Às avessas.

14 — Ela é mortal?

15 — Não.

16 — Que devo fazer para curá-la?

17 — Despedir os médicos e deixar obrar a natureza. Ela é a única que dispõe da vida de toda a humanidade.

18 Assim se fez. A natureza sarou-o, mas a convalescença foi longa. Durante ela, porém, Siderol teve ocasião de conhecer o excelente coração da linda Manuela, cuja solicitude não afrouxou nunca à sua cabeceira.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ENGUERIMANÇOS, CAPÍTULO 11

✦

1 CAPÍTULO XI

Manuela era uma donzela muito bem educada, feita como as graças e folgazã como elas. Era uma rapariga muito sensível, franca e alegre; uma mulher, enfim, como ele precisava, pois que um homem honrado e rico dá-se muito bem com uma esposa recatada e sensível.

2 Siderol, depois de completamente restabelecido da enfermidade, perguntou ao seu diabo com que pagaria a sua esposa tantos desvelos.

3 — Não lhe deste a tua mão? perguntou o demónio.

4 — Dei.

5 — Não a amas muito?

6 — Amo.

7 — Então, pagas-lhe bem.

8 Passaram-se dez anos numa harmonia nunca interrompida e Manuela havia dado à luz o seu oitavo filho.

9 Vítor embalado pelas comodidades da riqueza e pelos encantos sedutores das suas três meninas e cinco meninos, andava encantado com a sua sorte e chegou quase a esquecer-se das doações que fizera ao diabo.

10 Mas, um dia, sentindo estalar por sobre a cabeça uma enorme trovoada, por entre o fuzilar de relâmpagos, passaram-lhe pela ideia umas lembranças negras, que lhe encheram a imaginação e lhe envenenaram todos os

seus prazeres.

11 Pensou que havia comprado tão doces gozos pela sua condenação. Era pagar a ventura na terra pelo mais alto preço!

12 Dali em diante começou a andar triste e pensativo. Manuela sentia muito mais as penas do marido, pelo facto de não saber a causa delas.

13 As mais ternas carícias, os mais fervorosos rogos dela não conseguiram arrancar-lhe o segredo daquela tristeza.

14 Siderol tinha vontade de saber se a eterna fogueira se acenderia para ele só no extremo da velhice ou se a morte estaria perto.

15 Ia perguntar ao diabo quando lhe estava destinado morrer, porque perdida a alma, embora não fosse ambicioso, queria, ao menos, gozar a satisfação de ir desencantar os tesouros que o demónio lhe tinha indigitado.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ENGUERIMANÇOS, CAPÍTULO 12

✦

1 CAPÍTULO XII

Estava Siderol com estas considerações, quando inopinadamente se lhe apresentou Manuela, com as lágrimas nos olhos e o queixume nos lábios, acusando-o de que ele não lhe tinha amor, porque lhe não confiava os segredos.

2 Calar-se-ia ele acaso, se o segredo fosse doutra natureza? Não o depositaria no seio de sua esposa, que lhe adoçaria as amarguras?...

3 Decerto que não.

4 Manuela não se podia conformar com aquele silêncio e continuou a exprobá-lo com tal insistência, que Siderol via-se na dura necessidade de lhe confessar, cheio de arrependimento, que tinha pacto com o demónio.

5 Manuela, que tinha sido educada cristãmente, estremeceu e largou a fugir, dizendo que não queria mais viver com um condenado. Ela receava que a reprovação fosse um mal contagioso que se pegasse com a coabitação.

6 Nova e ingénua como era, sem experiência das coisas do mundo, foi logo participar isto a sua mãe, em quem o seu confessor lhe havia recomendado, depositasse uma confiança sem limites.

7 A mãe, que não se assustava com qualquer coisa, exclamou que não cabia no possível que um tão bondoso homem fosse danado, e que não podia acreditar que ele o estivesse.

8 A boa Manuela insistiu no seu propósito e a velha galega disse, que a ser verdade aquilo que a filha afiançava, tudo desmancharia.

9 Dito isto, resolveu que o santo cura de Campo de Moura, que era dali distante, lhe viesse pôr a sua estola sobre a cabeça e recitasse o Evangelho de S. João, porque a ponta duma estola tem um prodigioso poder. Que se lhe ajuntassem três ou quatro exorcismos e que, por vontade ou sem ela, o demónio entregaria, infalivelmente, as escrituras.

10 A velha mandou logo um criado, a cavalo, chamar o antigo cura de Cobello, o qual veio no dia imediato, para fazer as esconjurações a Siderol.

11 Mas, o diabo que está sempre alerta e não despreza interesses de tanta importância para ele, não deixa, facilmente, escapar as almas que lhe pertencem.

12 Ao ver pois, os preparos para o desapossarem do que lhe pertencia, ameaçou Siderol de que se ele se voltasse para a igreja, o despenharia no interior dos infernos!

13 A esta ameaça, Vítor desatou em altos gritos, aos quais acudiu a sogra e lhe meteu em uma algibeira das calças um pequeno vidro de água benta, com expressa ordem de não lho tirarem.

14 Manuela observou, com a sua conhecida sinceridade, que conviria se lesse, no mesmo instante, o Evangelho, pois que seria deveras incómodo para seu marido, aquele estado febril.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ENGUERIMANÇOS, CAPÍTULO 13

✦

1 CAPÍTULO XIII

Partiram para a igreja. O diabo, furioso, por se ver em perigo de perder aquela alma, girava em torno de Siderol, de quem a mágica virtude da água benta o afastava, e a sogra ria-se da sua impotente cólera.

2 Chegados à igreja, o bom do cura opôs encantos a encantos e o condenado Siderol começou a escumar e a retorcer os braços e as pernas, aproximou um tanto a boca às orelhas e após destas usuais contorções de músculos, o diabo deixou cair as escrituras aos pés do altar.

3 É porque o Anjo da Guarda de Vítor aparecera nessa ocasião, por cima da cabeça do exorcitado, com os seus cabelos louros, azuladas asas e vestes brancas.

4 O padre, no fim, confessou Vítor, pois que já tinha licença para o absolver, pelo motivo de o ter arrancado das garras de Satanás.

5 Acabada a cerimónia, voltaram para casa, Siderol, a sogra e Manuela. Esta, à noite, já não temia o contágio de seu marido e quis dormir com ele no leito onde sempre haviam descansado.

6 Continuaram vivendo riquíssimos, graças ao tesouro que Siderol tinha desencantado com o poder do diabo, a quem por fim enganou, com a proteção da Santa Igreja.

7 Siderol, ao cabo duma existência feliz, deu a alma ao Criador, numa vivenda que comprara em Sabajares, aos 109 anos de idade, deixando a esposa com sete filhos, onze netos e três bisnetos,

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ENGUERIMANÇOS, CAPÍTULO 14

✦

1 CAPÍTULO XIV

A gente da aldeia, sabendo o meio porque Siderol se fizera rico e querendo imitá-lo, dizia, às vezes, a Manuela:

2 — Ai, se eu pudesse adivinhar isto, prever aquilo, como eu seria feliz!...

3 Manuela respondia, invariavelmente:

4 — Tudo isso é bem fácil, fazendo o que fez meu marido, mas, acautelai-vos contra as astúcias do demónio.

5 — Mas ele tem muitos tesouros debaixo do seu grande poder, retorquiam várias pessoas, com bastante curiosidade.

6 — Tem, é certo, respondia Manuela. Não vos digo que não façais pacto com ele, mas logo que tenhais conseguido o vosso intento, armai-vos com água benta e lançai-vos nos braços da Santa Igreja para entrardes no reino da Glória.

7 — Mas porque não desencantou seu marido os outros tesouros? perguntavam.

8 — Porque não precisava deles. Dizia que neste país havia muita gente pobre que os podia desencantar. E, então se alguém tomar conta desses haveres, que Deus lhe perdoe o pecado de fazer pacto com Satanás.

[9] Manuela, não podendo resistir às saudades do marido, faleceu três meses depois, no dia imediato àquele em que completara 94 anos.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

OS TESOUROS DA GALIZA

✦

1 OS TESOUROS DA GALIZA
EXTRAÍDO DUM PERGAMINHO ACHADO NO SÉCULO XIX
O precioso pergaminho que vamos publicar, ignorado de todos, foi encontrado nos alicerces do castelo mourisco de D. Gutierre de Altamira, no ano de 1265, época em que D. Fernando, o Grande, rei de Leão, entregou os domínios da Galiza a seu filho Garcia.

2 Existe, atualmente, em Barcelona, na Biblioteca Académica Peninsular Catalini, de D. Gumerzindo Ruiz Castillejo y Moreno, estante n.º 76-A, onde pode ser visto pelos curiosos que o reclamarem. Damos aqui a cópia fiel do original, traduzido para o nosso idioma.

3 EXPLICAÇÃO IMPORTANTE
Todos os tesouros e encantamentos do antigo reino da Galiza acham-se depositados pelos mouros e romanos em esconderijos subterrâneos. A maior parte deles, segundo declara o pergaminho, fica a pequena distância de nascentes de água que conservam a sua afluência, mesmo durante os calores mais rigorosos.

4 Esta prevenção de mouros e romanos dá a entender que sendo expulsos daqueles territórios, depois de guerras porfiadas, levavam a esperança de voltar a estabelecer-se ali, mais tarde, e foi por isso que deixaram parte dos seus haveres escondidos, temendo que lhes fossem saqueados pelas legiões invasoras.

[5] O pergaminho citado tem partes carcomidas pelos séculos, e em alguns sítios, não se entende bem; mas, talvez, o leitor possa compreender as significações e traduzir o que a nós nos foi impossível, em razão da linguagem ser muito antiga.

[6] Contudo, nas sucessivas edições deste livro temos, pelo aturado estudo, feito correções e esclarecido pontos obscuros (não todos, infelizmente), como o leitor curioso poderá certificar-se, confrontando as edições. [Nota: Embora a lenda que se acaba de ler, figurada entre Siderol e o diabo, pareça ter uma certa relação com a cópia dos tesouros que vamos publicar, não afiançamos a veracidade, porque não possuímos a virtude de adivinhar.
Que há muitos tesouros escondidos, é facto averiguado, porque o acaso os tem descoberto em grande quantidade; mas, lembramos aos nossos leitores que estas coisas tanto podem proceder de factos consumados como de ociosidades visionárias.
Fazemos estas declarações porque, como o incrédulo discípulo de Cristo, temos por divisa: Ver e Crer.
O Coletor.]

[7] TRIÂNGULO PARA O DESENCANTO DOS TESOUROS
As orações, esconjurações, ladainhas e mais regras para se desencantarem os tesouros, estão na primeira parte desta obra.

[8] É por esse motivo que as não repetimos neste lugar.

[9] Relação dos Tesouros e Encantos
(EXTRATO DO PERGAMINHO)
1. Na encruzilhada de Lobios, a 32 passos ao Nasc., debaixo dum regueiro, de pouca fluência, ficou um covo de pedra com uma abada de ouro.

10 2. A 32 homens de Louro, Riba, dentro de rocha, a 22 mãos de fundo, depositámos 500 cunhos do ano 812.

11 3. No Louredo ficam muitas barras de prata dos cadinhos de Vimaranes.

12 4. Na revolta dos três cotovelos, da estrada de Sabajares, a três homens, estão as joias da família de Numa Caspio, e o corpo dum suevo sem a cabeça.

13 5. Queda um haver de 700 faquires de ouro, na levada do rio, ao poente de Padroso.

14 6. Na tapada do Conde Mora, cerca de Padran, ao sul, dentro dum penedo brocado, ficam dois tesouros de grandes riquezas; profundeza 2 homens.

15 7. Na Portela, no coto do outeirinho, está um azado de prata e ouro.

16 8. No refojo de Teba, residência de Frei Temudo, largámos um haver de prata em rama.

17 9. Em Bardian, testa da casa de D. Sisnando de Logronho está um boi de ouro, sem armas, a 2 homens de fundeza.

18 10. No limiar da cruz, em Padreda, entre dois troncos de pinheiro, ficaram doze palmas de mão de ouro em lâminas.

19 11. Pela banda da sombra, em Oroso, está escondido o dinheiro do Grande Homem de Altamira.

20 12. Em Longoares, debaixo da ponte, entre as passadeiras de pedra, um tinteiro de prata maciça.

21 13. No nascedouro alto da Riba da Via, batendo na coberta, ouvireis som de material de boa voz e quebrando a pedra o vereis.

22 14. Na rocha negra de Outero depositámos, em 704, três cestos de prata, sacada a um general.

23 15. A 46 passos de S. Bento, ao pé do portelo do inso, um cavalo de prata roto no lado direito, cheio de moedas velhas.

24 16. No outeirinho da Fraga, depois de três passagens da sombra, acharão um jugo de bois, feito de ouro e rendado com joias.

25 17. No socabo da Fonte Fria, mesmo no meio, um pote cheio de ouro sem formas.

26 18. Em Bouças, atrás da igreja, no pino do sol, deixámos um haver mestiço de peças de ouro.

27 19. Em Molone, dentro do veio do nascente do norte, a dois homens, encontrareis um cortiço de sobreiro com haveres fidalgos.

28 20. Na trepa do Leirado, cerca das águas, achareis uma grade de gradar terra, feita de ouro.

29 21. No caminho subterrâneo do castelo do Mondarim, a 20 passos para o nascente, dois homens de fundo, um balde de cobre cheio de medalhas do tempo dos celtas.

30 22. No Galinho, frente da Lusa, há dois cogutos de ouro, sem fogo, debaixo da cruz que fica na estrada, em frente do sol nado.

31 23. No solar dos nobres, em Angade, ao pé do tornelo, fica uma dorna de ouro destampada.

32 24. No caminho do monte, ao sair de Barbantinho para Leste, a 13 passadas do canto do paredão, deixámos pouco enterrados os anéis de D. Ramiro.

33 25. Depois de Melananha, 28 homens para o lado do sol, deixámos um alcáçar de grande preço ao pé da pedra baixa, a 13 mãos da terra.

34 26. Sobre o pico da Portela estão num fojo estreito, 243 maravilhas de ouro aletrado em Toledo.

35 27. Na Fontinha do Alariz estão 25 azados da Lusitânia numa cama de barro amassado com óleo de azeitona verde.

36 28. Debaixo da pia da igreja de Segalvo, enterrámos, a 3 homens de fundo, as custódias feitas de ouro e com diamantes.

37 29. No souto de Moniz Paio, à rateira de cima, no escuro do pôr do sol, guardámos a rede do carro de Sertorius, feita de ouro da Bética, por Álvares Torga.

38 30. No cancelo de Bertraces, ao pé de Rendo Perdilho, estão duas lançadas de ouro e uma perdiz de prata, sem asas.

39 31. Em pouca altura do nascedouro do rio de Monte do Ramo, ao bater do sol, à hora sexta de maio, fica um esconderijo com 147 pinhas de [...], lascadas, que foram tiradas ao rico Verino Guterre de Pinar.

40 32. No refojo do Prado, entre as quatro penedas redondas, deixámos 900 besteiros de Sant Iago, feitos de prata.

41 33. Na cordilheira de S. Mamede, na pontinha do Norte, ao descer, está uma herança dos fidalgos do Crisus.

42 34. No castelo de Sobogido, nas defesas de sombra, fica um cântaro de chumbo com recheio de ouro em barra.

43 35. Na comba alta de Manufe, debaixo do descanso da fonte, largámos o haver do rei mouro Mulei Sejano.

44 36. Em Farcadela, vizinha da Lusitânia, 22 homens para o sul da fonte, estão 4107 dobrados de ouro de Granada.

45 37. Junto de Quintão, na fraga terceira, existe um haver de mil maravilhas de ouro.

46 38. Na quelha esquerda de Burcia, para Leste, ao pé da nascente do povo, fica um depósito de ouro do rico homem Abduzil de Córdova.

47 39. Na estrada de Sobroso a Cobelo, deixámos à flor da terra, um vulto de prata lavrada em Leão.

48 40. Na testa da Mesquita de Confurco enterrámos palagranas do nosso rei, em ouro, cozido em barro negro.

49 41. No miradoiro da fonte de Camoz, pusemos, na fugida, um labrusco de ferro com moedas romanas, sem conta certa.

50 42. No painçal de Tornelos, a 303 passos de Mirandela, fica um sarilho de ouro com 6 homens de corda traçada, no mesmo metal.

51 43. No cruzeiro de Castro Marigo, à direita, ao Poente, dentro do chão, entre pedra branca, deitámos uma armadura de ouro com 42 malhas.

52 44. No nascente do Lara, temos um esteiro de ouro em pranchas, 1 homem de longo.

53 45. Na encosta de Vilarinho, olhando para o sol nascente na cruzeira do rego, soterrámos os haveres dos nossos vizinhos, dentro de três lapas de pedra, por baixo do rego.

54 46. Depositámos um braçado de ouro, com grande trabalho, no rasgado de Flariz, a doze homens de colo.

55 47. No chão da igreja de Pinoe, a 71 passos para o sol, debaixo da oliveira, devem estar dois almanzares de ouro com cravados de diamantes.

56 48. No lugar de Orilhe, na brecha dos três caminhos, metemos um altar de ouro, com todos os paramentos e um ídolo de prata dos reis mouros de Granada.

57 49. Na saída estreita de Podentes, pela banda do sol, dentro da raiz do chão, juncámos a cova com 25 pesadas de ouro em obra delgada.

58 50. No esgaravinho curto de Meã, para o lado das covas, depositámos, a 3 homens de fundo, as alfaias do bispo negro.

59 51. No tapado de Amorim fica a prata de Ataulfo Cerdo, solta na raiz dum medronho.

60 52. Na Fontarcada, entre a parede, a 5 lançadas, guardámos um haver de brilhantes da sacerdotisa negra.

61 53. No socalco da torre Vilaça, temos um aduar de caincas de ouro cunhadas em Logronho.

62 54. No pé do cipreste pequeno do Ninho de la Aguilla, a 2 homens, enterrámos uma cancela de ouro que servia na porta de Pelágio.

63 55. Em os Infantes Novos, no leito das areias pretas, fica um tamboril de latão cheio de falenas de prata.

64 56. No íntrimo de Ababides descansa o haver de dez ajuntamentos mouros com os ossos de três meninas mortas pelos invasores do sul.

65 57. Em Marmontelhos, a 21 passos do penedo espalmo, fica um ginete com selim e freio de ouro e ferraduras crivadas a brilhantes.

66 58. Na ponte aguda de Vila-Rei, ao pé do poço redondo, lançámos um tabuado de cepilho e enchemos a cova de prata com efígies de fosco.

67 59. No meio do Castelo de Pazos, muito fundo, fica uma mina de ouro guardada por um bezerro vivo. Se quereis o haver não toqueis no bezerro.

68 60. Na nascente de Tebra, na direção da sombra, ficou encantado o mourenim dum guerreiro e 7 pares de adagas de ouro.

69 61. Na fraga de Entrevides, ao pé do olivedo de Sotacabo, ficam os dotados da moura Zulama, esposa do rei Trafil.

70 62. Nos dois penedos de Reiril, ao descer para a ribanceira, a 104 passos do castanheiro, enterrámos um berço de prata burinhado de ouro com fumos de cortineira.

71 63. Na revolta de Banhos, na corrente do ribeiro, pouco fundo, ficou o grande haver dos reis de Segóvia e seus vassalos, misturado com sangue.

72 64. Em Becerroz, ao sudoeste, com 22 homens de longo, para o monte, acha-se um valioso encanto de ouro e homens de guerra com armaduras ricas do tempo de Crudencio.

73 65. Na infesta de S. Torquato, debaixo da ponte pequena, fica o ídolo Calmar feito de ouro de Rigo com andrajos de diamantes.

74 66. Na levada de Cruzaens, metemos debaixo de um arco de pedra branca um dote fidalgo e gravámos na coberta um braço de homem.

75 67. Ao saltar fora de Monferey, pelo nascente, ao torcer de uma corrente de água, deixámos as valias do temível de Calatrava, dentro dum bezerro de prata oco, com a perna sinistra quebrada.

76 68. Em Trás da Estrada, por baixo da ponte do cabeço alto, onde está uma mina com água, fica uma grande valia em ouro e prata.

77 69. No rio Bibey, ao pé de um cachorro de rocha negra, depositámos, em caixa fechada, os diamantes do Selva, morto na saída de Soutemór para Arenoso.

78 70. No concho de Rande, cerca da ilha onde estala a água nas pedras, à hora 41 do nascer do sol, há um grande haver entre duas enormes pedras.

79 71. No altinho da Enteza, junto ao paredão do sul, em frente de um cortelho, o haver dum mouro.

80 72. Descendo o carreiro estreito da coutada, para Martinhan, acha-se entre quatro carvalhos, a 62 passos para o norte, uma dobra de ferro tendo no interior uma cabeça de ginete de ouro e três arabelas de prata com eixos e rasgões abertos.

81 73. Entre a parede do piso de Rebordono, junto a uma cruz aberta na pedra larga, temos, muito na flor, os valores móveis de 114 vizinhos fugidos para as Astúrias em 709.

82 74. Na praça Teiroso, a 276 passos do ermideiro novo, para o nascedouro do sol, fica um azado de ouro em matucos, dentro duma gamela de pedra sem veios.

83 75. Ao cabo de Torneiros, trinta passos para o sol, ao meio-dia, temos uma abóbada de doze braças quadradas em que depositámos as deixas de todo o povo fugido.

84 76. No regueiro pequeno de Amerim, por cima das presas de pedra negra, fica um carro de duas rodas com as espaldas de latão, cheio de moedas em ouro. Neste gabeto está encantado um homem com uma vara apontada: Não o mateis se desejais sair com os valores. Dizei: «Pelo poder do ouro mourisco te rogo que te vás juntar aos mouros teus parentes, e deixa-me feliz.»

85 77. Na banda do sol do rezatório de Ouega, a quatorze passos do pontal, ficou uma partida de ouro sem contado. Da parte da sombra foram enterrados os mortos de Carabelos.

86 78. Na reborinha baixa de Peinera, no âmago de um castanheiro furado, atirámos 300 dobras de ouro com duas faces iguais.

87 79. Ao sul de Franqueira, 19 homens de longo, no pico do Altinho, está encantado no sotulho o mouro Bisnarem deitado sobre ouro e com sapatos refletidos de brilhantes da coroa de um rei godo.

88 80. Na fonteira de Chamusinhos, dentro da areia, enterrámos um emborque de prata lavrada que vale 3:000 dobras. Este emborque tem seis esquinas menores e quatro maiores cravadas de metal pouco valioso. Tem mais fundo uma astorga de metal branco.

89 81. Entre os dois penedos grandes da alta Louressa deixámos um caldeirão cheio de ouro com as fezes, tapado com pedra calcarola.

90 82. Em Unna, onde fazem cruz os dois caminhos de carro, está a 4 homens de fundo, o recheio da rainha, mulher de Beppo II.

91 83. A 1140 passadas de Mixas, no atalho para a Infesta, ficou soterrada com um marco em cima, uma caixa de segravias romanas.

92 84. Ao fundo de Requias deixámos um coberto de barro cozido, cheio de bistalos de prata e ouro.

93 85. Em Tozende, no calço do monte onde rebenta água em dezembro, ficou a riqueza dum domine de Compostela.

94 86. Na trinça de Montécel, no caminho de Gironda, em parede com muita hera, tirámos cinco pedras e metemos no fundo os escapins de mais valor que havia no ajuntamento.

95 87. Em Osono, debaixo da fonte rúbia, se depositou, a dois homens debaixo das ervas, o valor de moeda de Mirim de Lugo, na quantidade de seis mil dobras de ouro de grande preço, em caixa de tilão.

96 88. Na caminhada da Freira, a doze homens de longo da pedra quadrada, deixámos um dónim com 2:000 calvos de Lobo Bafias.

97 89. No prumo de Vilar da Velha, no direito de Canda, a vinte e cinco passos, fica o azurário dos ricos de Lanhezes, em prata fundida.

98 90. No fojo de Cadabos, a vinte homens do vale, para a serra, temos a deixa de Zupellino Castelan.

99 91. Em Santegoso, três braços a fundo, no aparte da fontela, está o ouro e as pratas do rei Pampe Raby.

100 92. No Freixo Luviano, a três mãos das urzes, temos um lasco de peranhas com 404 salas de ouro sem fogo.

101 93. No rotrazo de Pias, para o sol poente, ficou mal enterrado, com pedra em cima, um gaibo mouro com haveres de três companhias com santiguados na tampa.

102 94. No calceante de Xaguasoso, beira rio, entre dois rochinhos, ficou o haver de Lebran IV, composto de ouro em forte com mentigas rupicans de bazano sin cuentas austaas, por lá quanta si nó à manado com las manos, y si queda fusco de prudiencia estrana.

102.2 Teneémos a de más cientos de nonas oureas com blagas embarances de lo monasterio con gran toso y rumo. [Nota: Pedimos desculpa ao leitor da má interpretação desta passagem, porque não entendemos a significação de alguns termos que aparecem em vários sítios do pergaminho.]

103 95. No curto de Lobanços, ao sul, dentro da parede de musgo onde passa o regueirinho para as ervas molares, a três mãos de fundo, fica uma cerda de ouro com bacorilhos.

104 96. No escorredouro de Hermezendo temos uma caixa de adereços de diamantes, valor de quatro povos.

105 97. Em Fontes, ao passar para a província de Brácara, deixámos o legado do Restaurador, todo de ouro sem cunhos e sem fábrica. Está no cascalhoso ao bater do sol, à hora sétima.

106 98. No povo de Paramoz, na cruz do caminho de mil fontes, enterraram os nossos um grande haver de prata dentro dum pipo, arcado de loureiro.

107 99. Em Parada, 28 passos depois da igreja, para o sol, ficou um haver dum dinheiroso de Baiona.

108 100. Em S. Julião, na seguida de Oia temos o todo dum fidalgo que tudo mandava e que morreu afogado em Panjon.

109 101. No servolo de Navia, na retorta de pedra firme, montámos um haver, a um homem de fundo, e deitámos-lhe em cima canas de milho e terra.

110 102. Ao meio da cruz de Ganhado está uma azevan de ouro e duas partazanas debaixo de uma pedra que tem riscado um pé dum cavalo.

111 103. Debaixo do cruzeiro de Curul está uma sepultura de pedra cheia de ouro e a corda do rei Zolito VI.

112 104. Na descida grande, 25 homens ao longo do muro de Souto Maior, ficou uma grande deixa de ouro.

113 105. No remoinho de Caldelas fica uma talha com 260 azuares de ouro com duas faces.

114 106. Em Intrimo, no passar do castanhal, a oito passos da corrente forte, está cantando um mouro em pé, tendo aos pés o seu valor de ouro. Deixai vivo o espírito para que tomeis o encanto.

115 107. Em S. Pedro Mártir, ficou um avanço de prata na testada que olha para o nascente.

116 108. Na restrinça de Gondamar, ao pé do penedo de dois bicos, enterrámos o saque dos guerreiros celtas mortos em Antemoz.

117 109. No alto de Feis, na direção do mar, no cruzamento, ficam as valias de uma igreja rica.

118 110. A 23 homens de lonjura da casa de Febus, em Aron, para o norte, no meio das penhascas, estão 8 telhas de ouro.

119 111. Às portas de Teste, oito homens da grande pedra com letras célticas, com alizares de mármores, fica o haver dum rei e um livro árabe dos tesouros de Tolosa e Castela.

120 112. No baixo da Ramalhosa, entre os limoeiros amarelos, abrigámos o possuído de Senapio, cinco dias depois de ser queimado este bárbaro.

121 113. Entre Robiãs e Manini, terceiro lanço, ao pé dum arco de pedras e barro, fica o haver dum lusitano de Gerês, em ouro de cendra.

122 114. No oratório de Gironda, a 15 homens para a devesa menor, fica um pequeno valor.

123 115. Em Fam aguelos, nos três penedos, há uma geira de barro escuro com faianças de valia.

124 116. Ao fincado de Lorrios, entre dois marcos de pequena grandura, deixámos um banco de ouro com quatro pés.

125 117. Em Valgeras, debaixo do escoadouro ficou uma espada com sobre de prata e pegadouro de brilhantes.

126 118. Em Tabagon, no rochedo da terceira escada, a 3 homens de fundo, fica uma tabola cheia de moedas de ouro dentro de um calhau de sete braçadas.

127 119. No estreito dos Salados, no conhal de baixo, olhando para o norte, fica um barquinho enterrado, com a concha coberta de dinheiro.

128 120. No cerquilho de Gondarem, sobre a cangosta, a três homens para a sombra, metemos os haveres dos nossos de Tolho.

129 121. No benzedouro de Sendolho, na requina do paredão baixo, ficou um caixão de moedas coberto de pedernas.

130 122. No adro de Cheleiros, no cantadouro da fonte, ao pé do cipreste do norte, desterrámos riqueza numerosa.

131 123. Em o quinço de Pedorne, a dez homens da nascente das areias, está um menino mouro encantado entre tranças de diamantes de Lérida.

132 124. Na lampa de Arzua, em frente do tojaleiro, à meia volta, ficou um [...] escuras. [Nota: Neste ponto o pergaminho está ilegível.]

133 125. Na cerca de Corcubião, na vertente abaixo, no sítio em que há barro pegajento, está no chão, a 4 homens, uma cozinha de prata e cobre.

134 126. Na Saboadela, muito baixo, em uma mina com duas lapas de mármore branco, está o haver rico da princesa Urraca.

135 127. No couto, em Ortigana, na sombra finca, temos as alfaias do Renegado das Astúrias; no terceiro arco, ouve-se no chão, som oco quando chove.

136 128. Em Eunae, ao soltar o portelinho que vai para a fonte, ficou um tesouro muito espaçoso.

137 129. Na rigueira, em Cela, ficou um pequeno valor em ouros, com ribanços por fora, a três homens para a sobreda.

138 130. Na tapa, em Gormezim, ao sair para os marcos, metemos 25 espadas com rebaixos em ouro.

139 131. No caminho que vai a Meaus, junto a um ergante de lajes, ficou o haver de cinco homens guerreiros mortos em Cantábria.

140 132. Deixámos na vertente, em Feces, o nosso haver na terra branca e semeámos em cima um taleigo de landras.

141 133. No vale de Monzalvos, 2 homens de baixo, entre os cinco penedos, fica o possuído dos de Cadabos.

142 134. Entre Morisco e Castreto, no xaguar de 2 subidas a par, a 5 homens do carvalho pequeno, pusemos as joias ricas do Marquês de Urrios.

143 135. Na chã de Fonte de Rei, vindo de Mairos, a cem passos para o sol nascido e 5 homens de profundo, está uma lapa com tranças de ferro, com os tesouros da mesquita do Rosal.

144 136. Na revira de Gendelha, entre os penedos do meio, onde sai uma nascente de água com gosto de ferro, ficou um cendrilho de muita soma em moedas.

145 137. No recamo do Santo Real, na encharca, a 4 homens por baixo das caleiras, está uma caixa com os impostos em moedas pequenas.

146 138. No fuso de Guilhade, 60 passos do carreiro novo, para a sombra dos carvalhos, achareis um pequeno haver.

147 139. Na subida de Piconha, sobre a sinistra mão, num rego de areia, ficou um todo em prata escorralha, com dois cadinhos de ouro.

148 140. Ao levante de Gargamalla, no torno do caminho, deixámos a alfaia dum sacerdote novo.

149 141. No batedouro do rio Arnoia, dois homens abaixo, metemos em cava Amenil Zeta com sua mulher e o havido de ambos.

150 142. Na baixa de Comiar fica a valia de 300 dobras num caixão aberto.

151 143. Deixámos um haver de pouco preço na quebra de Gândaras. As pedras que o cercam cheiram a enxofre.

152 144. Dentro de Bouça Branca mandámos ocultar cinco haveres. Não sabemos se lá ficaram.

153 145. Em Cangas, nos quatro carvalhos, ficou um valor de cem dobras de prata. Ao partir do dia bate-lhe o sol por cima de uma pedra aguda.

154 146. Na brecha de Anceu enterrámos um haver com pouco ouro. Tem muita prata, armas brancas e louça pintada.

155 147. Tomámos a buraca de Freixo, para guardar uma [...]. [Nota: Está o pergaminho muito roído; algumas letras desapareceram totalmente. O leitor com uma pouca de meditação talvez possa resolver a significação das palavras que lhe faltam.]

156 148. Para o poente de Outeirello, num poço de 7 celeiras, defronte do penedo, ao canto, está um haver de Abdel.

157 149. Picámos a terra ao pé das escadas do cruzeiro, em Foçará, e metemos ao sul o saque de S. Lourenço.

158 150. Temos o herdado da moura Trebinka nos entornos de Moscoso. Fica na várzea do norte ao pé duma oliveira pequena e um castanho macho. [Nota: Vide no fim deste volume uma nota comprovativa.]

159 151. Nos curtos de Gulanes, junto da pedra loira, desterrámos em fundo a valia do padre Ataulfo, de Vigo.

160 152. Na [...] de Arenté, a meio sol do monte, nas duas paredes, fica uma caixa validosa.

161 153. Cavai no refoio de Teu-tão e achareis riqueza que nós largámos.

162 154. Nos dois caminhos, em Atios, debaixo do olho meirinho, fica um bom haver. Não vos importe o ferro que está em volta.

163 155. Saímos de Limia e entornámos muitos haveres na mina do penedo rachado.

164 156. Nos paços nobres de Lira ficou o haver do almoncel Zeniga. Deixai ficar uma cruz que está na topa e levai o ouro sobrante.

165 157. Na volta de Santo Adrião marchai com a cara ao sol e onde a terra cria musgo está um haver grande.

166 158. À esquerda dos bicos de pedra, ao subir o outeiro de Lanhas, por baixo duma furna abrigante, achareis o haver dos Lamazos. Rezai algumas orações por alma deles.

167 159. No encosto de Ortigueira entregámos à terra com veias brancas um pequeno valor em prata.

168 160. Sobre o teimeiro de Canedo fica o haver de Gonçalo Viegas e as armas de seu filho.

169 161. No relevo da Peneda, cerca do tapado, entre parede com seixos finos na raiz do sobreiro, está o ouro do matador Zileno.

170 162. Em o templo de Moreira, ficou soterrado um marco de ouro com maxilas em relevo.

171 163. Na trégua de Bórbem, fica ao norte, entre a pedreira, a sete homens de longo, um haver.

172 164. Em Ciervos temos uma talha de prata numerosa para três vidas.

173 165. Por encanto mau, enterrámos um haver em Requeijo. Não busqueis achá-lo sem o auxílio de espírito do inferno. Vendemos a nossa alma e não a deis vós.

174 166. Na raiz da mesquita, em Fresmo, há dois encantos com grandes haveres. Se os quereis, antes do esconjuro, fazei três vezes o sinal da cruz.

175 167. Na topa central de Cerejal pousa o sabico dos fugidos do ano volvido. Olha para o norte da falda do cerro.

176 168. A doze passadas da fonte de Caniça fica [...] à flor da terra. [Nota: Está obliterado o pergaminho.]

177 169. Tocai no centro do encalhado de Vide e logo ouvireis som de ouro. Há ali o haver dos nossos de além da serra.

178 170. Na teva do Conso ficam [...] duas [...] Não está cincado. [Nota: Idem.]

179 171. No vale de Nanceda, a fugir para a Lusitânia, entre os três marcos da esquerda, enterrámos o haver dum órfão.

180 172. Descemos a Valinha, e já sem armas, enterrámos o nosso na vala dos enxarados.

181 173. Nos entre campos de Regamão está o haver dos mortos de Padernosa.

182 174. Na cimeira, [...] vinte estados romanos. [Nota: Daqui até ao fim é impossível conhecer mais nem uma palavra. Por este motivo ficámos privados de satisfazer mais a curiosidade dos nossos leitores.]

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ESPÍRITOS DIABÓLICOS QUE INFESTAM AS CASAS

✦

1 ESPÍRITOS DIABÓLICOS

Que infestam as casas com estrondos e remédios para os evitar

CAPÍTULO I

A experiência tem mostrado que alguns lugares e casas são infestados pelos espíritos que as inquietam com estrondos, aparições e outras muitas importunidades.

2 Nem na história faltam exemplos, referidos por mui graves autores, a quem se não pode negar o devido crédito. Santo Agostinho, no livro 22, da Cidade de Deus, e no cap. VII, refere que estes espíritos davam moléstia aos animais e pessoas que habitavam em casa de um certo homem chamado Hespério que exercitava o ofício de tribuno.

3 João Diácono, na vida de S. Gregório, capítulo LXXXIX, diz que a este santo pontífice molestava muitas vezes um espírito maligno. Para este fim, quando o via em oração, lhe tirava da estrebaria os cavalos, dos quais a dois precipitou; aparecia em forma de gato a dois religiosos que estavam em casa do Santo, em modo de os querer arranhar, e outras vezes na figura de mouro, em ato de os ferir com uma lança.

4 Plutarco, na vida de Dionísio Siracusano, conta que estando este uma tarde pensativo, lhe aparecera uma mulher de extraordinária grandeza, com semblante terrível e espantoso, como se fora alguma fúria infernal, a qual se pôs mui quietamente a varrer o pavimento da sala. Assustou-se

muito com esta visita Dionísio, chamou os amigos, contou-lhes a visão e pediu-lhes que o não deixassem só naquela noite, temendo não repetisse o monstro outra vez a vinda, o que não repetiu; porém um pequeno filho de Dionísio, por ocasião pueril de pouco momento, se precipitou da parte mais alta da casa e morreu.

5 O padre Possevino, da Companhia de Jesus também refere na vida de António Barreto, senador de Tolosa, que à sua esposa, matrona mui espiritual, aparecera uma mulher de altíssima estatura, com cuja vista recebeu medo tão grande que por espaço de 24 horas esteve continuadamente tremendo, sem poder suster aquele movimento que a agitava.

6 Cardano, no livro 46, cap. LXXII de Rerum Variet, diz que a nobre e principal família dos Torrelles, em Perma, possui uma fortaleza onde se costuma ver, em determinadas ocasiões, na chaminé da casa, uma velha, que representa cem anos de idade.

7 Mais notável é a história que refere João Tritémio, na descrição do mosteiro Hirsangiense. Diz que pelo ano de [...], em um lugar da Saxónia, se deixava ver um homenzinho com seu capelo na cabeça, a quem por essa causa chamavam os saxónios Hudekin, que na língua latina quer dizer Pileatus, e devia ser dos que na nossa chamamos fradinhos de mão furada.

8 Contavam-se dele notáveis coisas, porque gostava de conversar com os homens, aos quais aparecia em trajo de camponês; outras vezes, invisivelmente, fazia deles grande mossa e pregava peças. Dava avisos importantes a pessoas mui principais, e não lhe repugnava ajudar no trabalho as criadas.

8.2 Servia na cozinha do bispo, e recomendando-lhe certo homem que lhe guardasse a mulher enquanto ele estava ausente, o servia com pontual diligência, afastando aqueles que podiam inquietar a sua honestidade. Não fazia moléstia a alguém, senão provocado, porquanto então, sentia-se e vingava-se.

9 Era servente na cozinha do bispo um moço que se tinha domesticado muito com este espírito, e com a muita confiança, lhe disse algumas injúrias. Queixou-se ele ao mestre da cozinha para que o repreendesse, mas vendo que se não emendava com advertências, o afogou e fez-lhe o corpo em postas que assou no forno, e por outro modo ofendeu o mestre da cozinha e outros criados do bispo. Onde se vê quão danosa é à alma e ao corpo qualquer familiaridade com os demónios disfarçados.

10 Alexander ab Alexandro, no cap. IX, Dierum Genialium conta que em Roma tinha um sujeito um amigo mui particular, o qual por certa enfermidade se via obrigado a ir tomar os banhos de Puzólo. Puseram-se ambos a caminho, e agravando-se a doença ao enfermo morreu em uma estalagem.

10.2 Deu o amigo sepultura ao cadáver e acabada a função do piedoso ofício continuou a sua jornada para Roma. Estando em uma venda, deitou-se na cama para dormir, e quando se achava ainda desperto, viu entrar pela casa o mesmo defunto com o semblante pálido e macilento, como no tempo da doença.

11 Atemorizado com este espetáculo perguntou-lhe quem era, porém aquela figura, sem responder, foi-se chegando ao leito, tirou os vestidos que mostrava trazer e deitou-se sobre a cama em ação de querer abraçar o amigo vivo.

11.2 Aflito este, com pavorosa angústia, o apartou de si com força, e o morto pegando outra vez nos seus vestidos e olhando para ele com aspeto carrancudo, saiu e desapareceu; mas deste acidente se seguiu ao amigo uma gravíssima e perigosa enfermidade. Afirmava, depois, que ao tocar num dos pés do defunto, quando o apartara de si, o sentira mais frio do que a neve.

12 Gordiando, sujeito conhecido do mesmo autor, caminhava com um criado para Arezzo, e perdendo-se na estrada foi dar a umas brenhas dilatadas e incultas, onde não haviam casas, choupanas ou sinal algum de vestígios humanos.

13 Vaguearam por diversos e agrestes matos, com grandíssimo pavor que lhes causava aquela medonha solidão, até que no fim da tarde, quando sentados, descansavam de tanta fadiga, lhes pareceu ouvir ao longe voz de homem, e supondo que andaria ali alguém que lhes ensinasse o caminho, chegaram-se mais perto. No cabeço do outeiro viram três figuras horríveis e de extraordinária grandeza, com túnicas negras e compridas, com os cabelos e a barba muito longos, e com semblantes espantosos.

14 Chamaram estes aparentes homens os caminhantes, os quais chegando mais de perto os divisaram em figura, grandemente agigantada, e entre eles a outro nu, que dava saltos e fazia gestos indecentes.

15 Agitados os caminhantes com excessivo medo, fugiram a toda a pressa, até que depois de correrem por várias veredas e montuosos precipícios, encontraram a choupana de um rústico onde se recolheram.

16 De si, refere este autor, que estando doente em Roma e acordando em uma ocasião, se lhe pusera diante dos olhos uma mulher de elegante presença e que ele a estivera vendo, por muito tempo, e reconsiderando consigo se seria engano da sua própria imaginação. Achando que tinha os sentidos perfeitos e vigorosos os músculos, perguntou à mulher quem era. Ela repetiu a mesma pergunta com um sorriso de zombaria e desapareceu como que por encantamento.

17 André Tiraquelo, nas notas que fez ao sobredito Alexandre, reputa essas relações por sonhos, mas não é [...] nem incrível que os demónios usem semelhantes traças, com as quais sempre procuram, disfarçadamente, o nosso dano, fazendo-nos cair em algum erro ou pecado, posto que nas suas ridicularias só mostram deleitar-se mais em afligir e prejudicar a alma das criaturas.

18 [...] diz Cassiano [...].

19 Veja-se, também, o mui douto padre Manuel Bernardes, da Congregação do Oratório, na sua «Floresta», tomo 4.º, título 10.º, onde com a sua costumada erudição trata semelhante matéria e refere vários casos de espíritos endemoninhados.

20 CAPÍTULO II

Remédios contra os espíritos

Quanto aos remédios, a gentilidade serviu-se de várias superstições inúteis e vãs, para se livrar deste trabalho, às quais cedia, talvez, o demónio, para mais confirmar as mesmas supersticiosas diligências e erros nos homens.

21 Apolónio Trianeu persuadiu-se que dizendo-se injúrias a estes espíritos, eles se ausentavam ou aquietavam, cessando com os seus impedimentos. Mas, enganou-se, porque as [...] não têm de si tal força, nem Deus lhe deu esse poder operativo, senão só àquelas de que usa a igreja nos exorcismos aptos para impetrar de Deus que causem temor aos demónios e os constranjam a obedecer ao sacerdote. [Nota: Leia-se a 1.ª parte do Grande Livro de S. Cipriano.]

22 Da mesma sorte se enganam os que pretendem expulsar estes espíritos à força de armas, como se aquelas substâncias incorporais pudessem ser maltratadas com ferro.

23 Parece que querem seguir o conselho de Sibila, a qual dizia a Eneias, quando entrou no inferno, como fabuliza Virgílio, que arrancasse a espada para se defender das Estígias sombras.

24 Outros julgaram que importava muito ter lume ou fogo aceso.

25 O lume favorece de algum modo a experiência, que mostra maltratarem mais ordinariamente estes espíritos, aos homens, nas trevas da noite, do que na luz do dia, se bem que neste tempo se referem nas histórias alguns impedimentos.

26 A favor do fogo parecem estar os sucessos que Paulino refere na Vida de Santo Ambrósio.

27 Intentou a imperatriz Justina, com vários meios, tirar a vida ao Santo doutor, e resolveu-se, por fim, a falar a um Inocêncio, feiticeiro, para que lha tirasse por arte dos demónios.

27.2 Mandou ele alguns para a execução da diligência, os quais voltaram, dizendo que nem às portas da casa do Santo puderam chegar; porquanto um fogo insuperável cercava e defendia todo o edifício, em cujas chamas se queimavam, de sorte que entenderam nada poderem obrar as suas indústrias.

27.3 Porém, este fogo podemos entender que era a proteção divina, a qual cercando a Santo Ambrósio, causava maior tormento aos demónios para que se não atrevessem a chegar-lhe nem a ofendê-lo.

28 Deixadas, pois, algumas das superstições de que usavam os antigos, que refere Alexandre e outros, os verdadeiros e eficazes remédios são os de que usa a igreja; e estes são o sinal da Santa Cruz e a invocação dos Santíssimos Nomes de Jesus e Maria, os exorcismos da mesma igreja, jejuns, orações, esconjurações, relíquias dos Santos, bênçãos das casas, aspersões de água benta e outros semelhantes.

29 Mas, advirta-se, que nem sempre são espíritos malignos os que aparecem com figuras funestas e ocasionam nas casas alguns estrondos.

30 Podem estes originar-se de outros diferentes princípios, como se vê nos dois seguintes exemplos:

31 Havia em Atenas umas casas espaçosas, porém inabitadas, pelos estrondosos rumores que nelas se sentiam.

32 Tanto que entrava o silêncio da noite, ouvia-se ali, como ao longe, o arrastar de ferros e cadeias; depois soava mais de perto, e por fim, aparecia uma sombra ou figura de um velho com aspecto esquálido, rosto macilento, barba comprida, cabelos arrepiados, as mãos atadas com cadeias e os pés com grilhões que arrastava.

33 Quando começou esta visão passavam os moradores penosas noites de vigília, e traspassados de medo, do que a alguns se lhe originava doença e a morte.

34 Por esta causa deixaram, completamente, de se habitar, mas o dono para ver se podia conseguir algum lucro, por venda ou aluguel de quem ignorasse o defeito, pôs-lhes escritos apontando nele um limitado preço. Chegou a Atenas o filósofo Atenodoro, leu o escrito e logo se lhe tornaram suspeitosas as casas. Informou-se, e sabendo o motivo, por isso mesmo se resolveu a alugá-las.

35 Metido dentro, mandou pôr no primeiro bufete tinteiro e luz, e ordenando às outras pessoas suas domésticas que se recolhessem para as casas interiores, ele com toda a aplicação do ânimo, e da vista, se pôs a escrever, para que a imaginação desocupada lhe não fingisse imagens vãs.

36 Já neste tempo tinha principiado a anoitecer, e logo começou a ouvir estrondo de ferros e arrastar de cadeias, mas nem levantou os olhos ou largou a pena, e só aplicou os ouvidos.

37 Crescia cada vez mais o estrondo e já se sentia na sala, e aqui levantou a vista Atenodoro e viu a figura que lhe disseram, a qual parando fez com a mão ação de quem o chamava.

38 Da mesma sorte ele lhe fez sinal que esperasse e inclinando-se outra vez sobre o bufete, continuou a escrever.

39 Chegou-se-lhe aquela sombra mais, fazendo-lhe maior estrondo sobre a cabeça. O filósofo levantou-se, pegou na luz e foi seguindo-lhe os passos, que ela dava vagarosos, como quem ia carregado de cadeias.

40 Tanto que chegaram a um quintal da casa, de repente desapareceu a sombra, e ajuntando o filósofo algumas ervas e folhas, as pôs, por sinal, no sítio onde a sombra desapareceu.

41 Passado algum tempo sem a visão tornar a persegui-lo, avisou o magistrado para que mandasse cavar naquele lugar, e foram achados os ossos de uma criatura, metidos em cadeias, porque a terra e o tempo tinham já consumido a carne.

42 Deu-se aos ossos pública e sagrada sepultura, e daí em diante, nunca mais houveram estrondos nas casas.

43 Refere este caso Plínio Júnior, livro 7.º; e a sua credibilidade parece confirmar outro caso.

44 Caminhava S. Germão, bispo Antisiodorense, no rigor do inverno, e avizinhando-se já a noite, buscava onde recolher-se, para descansar da jornada, que o tinha fatigado. Ficava pouco distante uma casa sem telhado, e quase de todo arruinada, onde havia muitos tempos que não habitava pessoa alguma, e por isso lhe tinha nascido já mata de abrolhos e ortigas.

45 Parecia-lhe menos mal ficar no campo que recolher-se em tal habitação, e especialmente quando dois velhos práticos do lugar lhe certificaram que naquela casa apareciam fantasmas, por cujo motivo estava desabitada.

46 Quis, contudo, o Santo prelado passar ali a noite. Mandou recolher em um daqueles tais aposentos a sua matalotagem, e deixando nele os companheiros, que tomaram uma leve colação, se foi para outro quarto, com um clérigo dos seus, a quem mandou ler em um livro espiritual.

47 Passado algum tempo, como o Santo estava fatigado do caminho e não tinha comido coisa alguma, adormeceu, e eis que logo aparece ao clérigo leitor uma horrível figura, ouvindo-se estrondo como de grandes seixos botados por aquelas paredes arruinadas.

48 Assustado o clérigo com esta aparição, deu um forte grito, ao qual despertou o Santo, que pondo-se em pé e invocando o nome de Jesus com ânimo intrépido, mandou àquela sombra que dissesse quem era e o que queria.

49 Ela, com voz humilde e própria de quem suplicava, respondeu que era a sombra ou figura de um defunto sepultado naquela casa, com outro companheiro seu, e que inquietavam as outras pessoas, porquanto eles não gozavam descanso, e que lhe pedia os quisesse ajudar com as suas orações e com os sufrágios que a igreja faz pelos defuntos.

50 Compadeceu-se o Santo, e com a luz acesa, foi seguindo a sombra para lhe mostrar onde estavam sepultados os corpos, os quais na manhã seguinte foram achados na parte apontada, com as cadeias com que os mataram quando os meteram na cova.

51 Fez dar-lhes sepultura decente, com as orações costumadas da igreja, e ficou aquela habitação quieta, sem nela se sentirem mais estrondos.

52 Refere-se este caso na Vida de S. Gusmão, que traz Súrio, a 31 de julho, cap. 7.º

53 PREVENÇÃO NECESSÁRIA

Para evitar e combater estas aparições deve-se ir todos os domingos à missa e ao entrar na igreja molhar a mão direita na pia da água benta, e persignar-se com ela, além do que fica exposto.

54 À saída do templo deve-se colher uma porção de água benta e tê-la sempre à cabeceira, lançando todas as manhãs duas gotas na água com que se lava o rosto.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

PODERES OCULTOS DO ÓDIO E DO AMOR

✦

[1] PODERES OCULTOS DO ÓDIO E DO AMOR DESCOBERTOS PELO MÁGICO JANNES E PRATICADOS POR S. CIPRIANO

I

Feitiço do mocho para as mulheres cativarem os homens

O mocho é o animal agoureiro por excelência, e por este facto não se deve evocar sem ter decorrido seis meses depois de ter morrido qualquer pessoa de família, do contrário pode-lhe aparecer a figura do parente. A mulher poderá usar desta receita, que é provada, porém deve estar no seu estado físico, isto quando lhe tiverem desaparecido as regras, pelo menos, há quatro dias.

[2] Obtém-se um mocho de papo branco e veste-se de flanela, de forma que só o pescoço fique de fora, por espaço de 13 dias, e depois no dia 13 que é fatídico, corta-se-lhe o pescoço de um só golpe, sobre um cepo e mete-se a cabeça em álcool até ao dia 13 do mês seguinte.

[3] Chegando a este dia corta-se-lhe o bico e queima-se junto com o carvão que servir para fazer a ceia da pessoa a quem se quer prender. Nesta ocasião os dois olhos do mocho devem estar ao pé do fogão ou fogareiro, um de cada lado, e a mulher que fizer tal operação deve abanar o lume com um abano feito da fralda da camisa, com a qual tenha dormido, pelo menos, cinco noites.

É necessário advertir que esta operação deve ser feita de joelhos, dizendo a seguinte oração:

«Pelas Chagas de Cristo juro que não tenho motivo de queixa de (Fulano), e se faço isto é pelo muito amor que lhe consagro e para que não tome afeição a outra mulher. P. N. A. M.»

Concluído isto deve fazer toda a diligência para que o homem não desconfie do responso e durma sossegado, para que o feitiço produza o efeito que o Santo sempre tirou dele com esta prática.

II

Mágica do ouriço-cacheiro

Quando um homem se tiver zangado com a mulher que estima, e não queira procurá-la, arranja um ouriço-cacheiro e depois de lhe tirar a pele com todos os picos, borrifa-a com sumo de erva do diabo; e trazendo-a consigo a mulher aparecer-lhe-á em toda a parte, a pedir-lhe com humildade que seja seu amiguinho, e é capaz de se sacrificar a fazer tudo quanto ele lhe pedir. O enfeitiçador, para que isto dê bom resultado, deve dizer todos os dias, ao levantar da cama, esta oração:

«Meu virtuoso S. Cipriano, eu te imploro em nome da tua grande virtude, que não desampares um mártir do amor louco, assim como tu o tiveste pela encantadora Elvira.»

Esta mágica não serve de mulher para homem.

III

Encantos da coruja preta

Agarre-se uma coruja completamente preta, e depois de bater a meia-noite, enterre-se viva no quintal, e semeie-se-lhe em cima 5 grãos de milho

branco, em forma de triângulo, isto é, um em cada canto e outro no centro. Depois de nascerem os pés de milho, regar-se-ão todos os dias antes de nascer o sol, dizendo, ao mesmo tempo, a seguinte oração:

11 «Eu (o nome da pessoa), batizado por um sacerdote de Cristo, que morreu cravado na cruz para nos remir do cativeiro em que os déspotas da terra nos tiveram encarcerados, juro sobre estes cinco troncos donde sai o pão aos sopros de Deus, e acalentado pelos raios do sol, que serei fiel a (fulano), para que ele não me deixe de amar, nem tome outros amores enquanto eu existir, pela virtude da coruja preta. P. N. A. M.»

12 Quando as maçarocas, ou espigas, estiverem maduras debulham-se as dos quatro cantos e os grãos dão-se a uma ou mais galinhas pretas que tenham esporões, evitando que os galos lhe toquem, por ter sido ao canto deste animal que o discípulo negou a Cristo. As maçarocas do pé de milho, do centro do triângulo, secam-se ao fumeiro, embrulham-se em qualquer bocado de pano que tenha suor da pessoa que se quer enfeitiçar e guardam-se, dizendo:

13 «Por Deus e pela Virgem me arrependo de todos os meus pecados. Amém.»

14 IV

Feitiço da raiz de salgueiro

A raiz de salgueiro tem uma grande virtude que poucos feiticeiros conhecem. Esta, como outras descobertas, foram achadas em Monserrate, escritas em pergaminho, dentro de um cofre de bronze, nos tempos mouriscos.

15 Cortada, pois, uma raiz de salgueiro e posta de noite num sítio muito escuro, começa a ver-se uns vapores, como que de enxofre, a evolarem-se no ar, que se parecem com labaredas. A pessoa que quer fazer mal a outra asparge-lhe uma pouca de água benta em cima, dizendo:

16 «Pelo fogo que aquece o sangue e pelo frio que o gela, quero que enquanto os fogos-fátuos desta raiz não se apagarem, que (fulano) não tenha nem um momento de satisfação.»

17 Se a mágica for para bem, deve-se dizer o contrário, acrescentando, com a mão sobre o coração:

18 «Que o coração de (fulano ou fulana) deite fagulhas de entusiasmo por mim, como as que estão saindo agora desta abençoada raiz.» [Nota: Esta raiz dura, geralmente, seis meses com estas vaporações, isto é, enquanto verde. Por isso bom será estar-se prevenido com outra, que recebe a virtude da seca logo que aquela se acaba de queimar.]

19 V

Mágica da flor de laranjeira

Quando uma menina tenha grande interesse em casar com o seu namorado e ele estiver habituado a dizer-lhe que espere mais um ano, procura furtar-lhe um lenço, com todo o cuidado, para que o indivíduo não dê por isso. Depois, logo que vá à igreja, deve ensopar o lenço na pia do batismo, e passando-o logo a ferro, dirá estas palavras, sorvendo o fumo produzido pelo ferro sobre a humidade.

20 «Água lustral, tu que possuis a virtude para nos fazer cristãos, e que nos abres o caminho do céu, faz com que (fulano) me receba por esposa no espaço de cem sóis e me dê tão grande confiança como José depositou na Vir-

gem Maria. Eu me entrego nas mãos dele, ornada da flor com que perfumei este lenço e com o qual ele limpa os lábios por onde entra a hóstia consagrada, que encerra o Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Nosso Senhor Jesus Cristo. Amém.»

21 Feito isto, deve perfumar-se o lenço com espírito de flor de laranjeira e meter-lho no bolso, ocultamente.

22 VI

Mágica dos caroços do escalheiro

Há um arbusto bravo, cheio de picos, que pertence à família da pereira e dá uns frutos pequeninos, muito acres ao paladar. No tempo das enxertas corta-se-lhe o tronco mais viçoso, e depois de rachado, mete-se-lhe um garfo de pereira ferrã barrando-se bem com terra viscosa. Depois do garfo ter pegado bem, rebentam-lhe umas hastes que dão peras no fim de dois anos. Estas peras têm um gosto excelente, mas nenhuma outra virtude.

23 Nos caroços é que está o segredo. Torrem-se em número de 24, e depois de moídos em um gral de cobre ou bronze, polvilha-se com esses pós a cabeça da pessoa querida, e enquanto este pó estiver nas viscosidades da pele, obter-se-á dessa pessoa o que se desejar.

24 Oração — «Eu te polvilho sob a graça de Deus, para que enquanto ele criar peras no escalheiro, tu não me contraries nos meus desejos nem te separes de mim.»

25 E depois de se fazer o sinal da cruz, acrescentar-se-á: «Que Deus te abençoe, pereira ferrã, que tiras mil dores e geras amores; bendita tu sejas ao sol da manhã.»

26 VII

Mágica dos coucilhos

Na província de Mato Grosso, no Brasil, morreu em 1884 um feiticeiro célebre, negro indígena que durante muito tempo operou milagres espantosos, como o segredo que vamos apontar aos leitores:

27 Uma mão cheia de coucilhos vermelhos e igual porção de erva de saião, pisada e posta esta mistura de infusão por espaço de 15 dias, e dada a beber em vinho a qualquer indivíduo, de um ou outro sexo, consegue-se que este faça tudo quanto desejar a pessoa que lha propinar.

27.2 Muitos portugueses voltaram riquíssimos daquela província, tudo devido às feitiçarias deste preto, que se chamava Piaga Ambongo. Logo que a pessoa tenha bebido as primeiras quatro doses deste líquido, deve-se-lhe deitar na quinta e última, duas gotas de sangue do pé esquerdo de um cão preto, mas que tenha muita amizade à pessoa que fizer o feitiço.

28 Oração — «Que o Deus dos cristãos me acolha, que o Tupi abençoe esta folha e que o Pajé amoleça este coração. S. R. Mãe de misericórdia, etc.»

29 VIII

Mágica do burro preto

Em Chan-Gay, na China, usa-se, desde tempos remotos a seguinte feitiçaria de que um português, chegado dali, há pouco, deu a saber o segredo:

30 Quando uma senhora foge às tentações de um homem que a requesta, este vai ao cemitério asinino e compra o testículo esquerdo de um burro que seja completamente negro. Depois frege-o para extrair-lhe as banhas e deita-lhe perfume de mil flores. Em seguida, unta com essa banha, os cabelos, e aproxima-se do objeto dos seus amores, de maneira que lhe chegue

bem ao olfato o cheiro deste preparado. Afirmam-nos que a mulher começa, então, a apaixonar-se pelo homem e não descansa enquanto se lhe não entrega.

31 Diz-nos o nosso informador, que é bom não passar próximo dos jumentos que andam com cio, porque avançam com o indivíduo e soltam orneios estridentes. Não afiançamos, porém, a veracidade desta mágica, porque não é de S. Cipriano.

32 IX

Receitas para os homens se verem obrigados a casar com as amantes

Tomem-se 26 folhas de erva de Santa Luzia e depois de cozidas em seis decilitros de água, meta-se numa garrafinha branca, bem rolhada, até que tenha no fundo alguns farrapos e sobre o gargalo dessa garrafa reza-se a seguinte oração:

33 «Ó Santa Luzia, que saras os olhos, livrai-nos de escolhos, de noite e de dia; ó Santa Luzia, bendita sejais, por seres bendita, no céu descansais.»

34 Aqui, tira-se um sete de um baralho de cartas e põe-se-lhe em cima a garrafa, dizendo: «Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo te imploro, Senhora, que assim como esta carta está segura, assim eu tenha seguro, por toda a vida, a (fulano), a quem amo de todo o coração, e peço-vos,

35 — Senhora, que façais com que ele me leve à igreja, nossa mãe, e me receba ante o Cristo Senhor nosso.»

36 Rezando em seguida uma coroa a N. Senhora, a mulher pode ter a certeza que o seu amante a leva ao altar de Deus e lhe dará as felicidades compatíveis com os seus haveres. É preciso conservar a carta debaixo da garrafa até ao dia do casamento.

37 X

Feitiço da arraia para ligar amores

Toda a mulher que tenha desejo de que um homem a ame muito, compre um peixe a que se dá o nome de «arraia», quando ela estiver com evacuações sanguíneas, porque é o único peixe que sofre esse incómodo. Este peixe, pois, cozinhado de caldeirada, com bastante colorau, açafrão e uma gota de baga de sabugueiro, com sumo de tangerina, dado a comer ao homem, faz com que ele nunca se aparte da mulher.

38 XI

Mágica do trovisco arrancado por um cão preto

Diz S. Cipriano, a pág. 23, dos Inguirimaços, que todo o homem que tiver desejo de magnetizar uma mulher, (notando que ela não deve exceder dos 50 anos), prende a cauda de um cão preto a uma haste de trovisco silvestre, e depois que ele a arranque passa-a pelo fogo, tira-lhe a casca e faz um cinto que ata à roda do corpo, sobre a pele. Para apressar mais a simpatia dessa mulher é conveniente fazer uma argola da mesma pele e trazê-la no pulso direito, porque se apertar a mão da mulher com este preparado, começa ela a apaixonar-se por ele e a conceder-lhe toda a sorte de finezas.

39 XII

Mágica do lagarto vivo, seco no forno

Tome-se um lagarto vivo, dos de lombo azul, e meta-se numa panela nova, bem tapada, e leve-se a um forno para torrar. Logo que esteja bem seco faz-se em pó e deita-se numa caixa de sândalo.

40 A mulher ou homem que deseje cativar o coração de qualquer pessoa, basta dar-lhe uma pitadinha deste pó, em vinho ou café, e terá essa pessoa sempre às suas ordens.

41 Diz Jerónimo Cortez, que este pó é maravilhoso também para tirar dentes sem dor, esfregando com ele as gengivas.

42 XIII

Mágica da palmilha do pé esquerdo

Para o marido ser fiel à mulher ou à amante, e tomar raiva às outras mulheres que o tragam desvairado, basta pegar na palmilha do pé esquerdo dele, queimá-la em lume forte com incenso, arruda e glandes de carvalho, sem casca, e deitar a cinza de tudo isto num saquinho e metê-lo no colchão da cama. Se poder ser, produz um grande efeito introduzindo porção da mesma cinza em qualquer costura do fato do indivíduo, contanto que seja do joelho para cima. A mulher obterá um resultado maravilhoso, deitando-lhe todas as sextas-feiras uma pitadinha deste feitiço sobre a espinha dorsal. Desta forma tem-no preso toda a vida.

43 XIV

Mágica da cera de brandão

Quem puder obter uma porção de cera amarela, das velas que se levam acesas ao lado dos trens mortuários, e a derreter a um fogo de lenha de cipreste, enquanto o morto não estiver enterrado, fica com uma arma poderosa para se tornar amado pelas mulheres. O homem que possuir este talismã faz com que a mulher lhe obedeça em tudo e para isto é suficiente acender um pavio com esta cera; de forma que a dama dos seus pensamentos veja essa luz.

44 Esta experiência não se deve fazer nos dias aziagos, que estão enumerados na 2.ª parte deste Grande Livro de S. Cipriano.

45 XV

Força mágica do pão de trigo

Todo o homem que tiver interesse que uma senhora lhe aceite a corte, e ela lhe ligue pouca ou nenhuma importância, espera a ocasião de se confessar, e nesse dia, ao jantar, pega num bocado de pão de trigo, que não esteja queimado pelo forno, e mastiga-o com o pensamento no Deus Criador e a alma em Jesus Cristo Vidente, dizendo:

46 «Por Deus te mastigo,
— por Deus te bendigo,
— com os dentes te amasso,
— ó pão que és de trigo.
— Pela hóstia tão ázima,
— te juro, meu Deus,
— emendar-me sempre
— dos pecados meus.
— Por bem de teu filho,
— permite, Senhor,
— que sempre (fulana)
— por mim sinta amor.»

47 Depois deste hino, deve-se chamar um gato preto, que não seja castrado, e dar-lhe a lamber o pão e, em seguida, fazer a diligência para meter na algibeira da dama dos seus pensamentos o sobredito pão mastigado, e o resultado será satisfatório.

48 A pessoa que fizer este responso não o deve dizer a ninguém, porque, segundo diz S. Cipriano, pode ter grandes misérias na vida e sofrer faltas de pão, por ter triturado, publicamente, aquele santo alimento, com ideias

libidinosas.

49 XVI

Feitiço do amor fiel

O homem que conseguir juntar o seu corpo com uma mulher, embora de má vida, e queira ser exclusivo gozador dos seus encantos, pode fazê-lo, sem o mínimo custo; basta conseguir que ela tenha um gozo material ao seu contacto. Nessa ocasião dirá, com os olhos fitos nos dela e afagando-a: «Ó S. Cipriano, amigo dos namorados infelizes e pai da mágica preta e branca, pelo Deus verdadeiro, a quem te entregaste de alma e coração, te peço que voltes esta mulher para mim, para que eu seja venturoso. A. M. G. P.»

50 Depois de fazer isto e tratar a mulher com meiguice, e fazer-lhe pequenas finezas, essa mulher não o tira mais do sentido e todos os mais homens lhe aborrecem.

51 XVII

Remédio infalível para desligar amizades

Faz-se da seguinte maneira:

52 Verbena, 2 gramas — Pevides de romã, 30 gr.
— Raiz de mil homens, 20 gr. — Mastrunços, 150 gr. — Cascas de banana verde, 100 gr.

53 Faz-se um cozimento de tudo isto, em água suficiente, numa púcara nova de barro, até ficar reduzido a um decilitro. Em seguida deita-se numa frigideira de cobre, derretendo-se-lhe em cima:

54 Tutano de carneiro, 125 gramas — Unto, sem sal, 50 gr. — [...], 20 gr.

55 Pronta que [...] esta banha, deita-se por espaço de oito dias uma pequena porção na comida da pessoa que se aborrece, dizendo: «Por bem ou por mal, e com auxílio de Deus, a quem adoro de todo o meu coração, tu hás de ir a outra parte procurar amor, longe de mim, e enquanto me não abandonares, que sejas maldito pelo poder da mágica preta carcereira.»

56 No fim dos oito dias deve-se fazer uma omeleta de ovos, com o resto da pomada e carne de carneiro, e dá-la a comer a um cão que tenha algum sinal preto na cabeça. Logo que ele acabe de comer, bate-se-lhe com um chavelho de carneiro, que esteja queimado de ambos os lados, até ele ganir três vezes. Solta-se, então, o cão e atira-se-lhe com o chavelho, dizendo estas palavras: «Que (fulano ou fulana), fuja de mim para sempre com aquela ligeireza.»

57 Arte de adivinhar o futuro pela palma das mãos
LINHAS DA MÃO
1 — Anel de Vénus.
2 — Linha do coração.
3 — Linha da cabeça.
4 — Linha da saúde.
5 — Linha da fatalidade.
6 — Linha da vida.
7 — Pulseira tríplice.

58 Explicação das linhas
1 — ANEL DE VÉNUS — Bem visível, significa: amor feliz. — Interrompido, quer dizer inconstante.
2 — LINHA DO CORAÇÃO — Quando se mostra inteira e duplicada anuncia: herança. — Simples e sem nenhuma falha: vida feliz e prolon-

gada. — Partida: falta de coração.
3 — LINHA DA CABEÇA — Direita e extensa: grande inteligência. — Com falhas: génio de invenções científicas.
4 — LINHA DE SAÚDE — Corada, significa: estado saudável. — Interrompida: enfermidade.
5 — LINHA DE FATALIDADE — Extensa, quer dizer: riqueza inesperada. — Quando termina na linha do coração afirma casamento rico.
6 — Veja-se na outra mão o meio de conhecer, antecipadamente, a duração da vida.
7 — PULSEIRA TRÍPLICE — Quando as três linhas estão bem separadas anuncia, cada uma delas, 30 anos de existência.

[59] Meio de conhecer a duração da existência
É preciso dividir, como no exemplo que apresentamos ao lado, a linha da vida em 10 partes iguais, ou graus, partindo da linha de Saturno, perpendicular ao médius.

[60] Cada um destes graus representa 10 anos de vida.

[61] O sítio onde a linha da vida termina completamente, mostra os anos de existência.

[62] Se a linha da vida, ao terminar, está voltada para o centro da mão, é bom sinal de saúde.

[63] [...]
INDICADOR
[...]
INDICADOR
ANULAR

AURICULAR

[...]

PLANÍCIE DE MARTE

[...]

64 Designação dos dedos

Polegar, dedo de Vénus.

Indicador, dedo de Júpiter.

Médius ou do meio, dedo de Saturno.

Anelar, dedo de Apolo.

Auricular ou mínimo, dedo de Mercúrio.

65 XVIII

Encontro de S. Cipriano com uma feiticeira que estava fazendo erradamente o feitiço da pele de cobra grávida, e como a ensinou

Voltando S. Cipriano duma festa do Natal, e não podendo atravessar os campos, em consequência de haver uma grande cheia no rio, por onde tinha de passar, teve de se abrigar num túnel, formado pela natureza, para ali passar a noite.

66 Embrulhou-se no seu grosseiro manto e foi encostar-se no recesso mais escuro daquela furna.

67 Próximo da meia-noite ouviu passadas e divisou uma luz. Temendo que fossem malfeitores, ocultou-se com a ponta de uma grossa pedra.

68 Pouco depois, soou naquele covão uma voz cavernosa, que dizia:

69 «Ó mágico Cipriano, meu rei dos feiticeiros, por ti aqui venho com quatro fogachos e peço-te que me ajudes a ganhar o prémio à minha apaixonada cliente.»

70 O Santo ia a levantar-se para interrogar quem assim falava, mas teve de recuar a estas palavras:

71 «Ó Lúcifer, ó poderoso governador do país do fogo, ergue-te das labaredas, vem até mim, e entra neste covão, onde venho todas as noites, e socorre o meu ofício de consolar as esposas infelizes.»

72 Depois disto, correu pelo subterrâneo um fumo aborrecido.

73 O Santo marchou na direção da voz e topou com uma velha esguedelhada, por diante, e com o cabelo rapado na nuca.

74 — O que fazes aqui, mulher, e quem é o Cipriano que agora invocaste?

75 — Era um feiticeiro que há pouco se converteu à fé cristã e que tinha o dom de obrar tudo que tinha na vontade, com o auxílio de Satanás.

76 — Mas para que o chamaste agora?

77 — Queria pedir-lhe uma recomendação para o demónio, para me ajudar numa empresa da qual depende a minha fortuna no mundo e a tranquilidade de uma senhora muito rica.

78 — Quem é essa mulher? — perguntou o santo.

79 — É a filha do conde Erverardo de Saboril, casada com o Grão-Duque de Ferrara, à qual trata muito mal por causa duma dama da corte, a quem adora com paixão. A filha do conde prometeu-me uma rasa de ouro, se eu lhe desprendesse o marido dos braços da amante.

80 — Que combustível é esse, que sufoca e tem um cheiro tão aborrecido? — perguntou o Santo.

81 — É pele de cobra com flor de suage e raiz de urze, que estou queimando em nome de Satanás, para defumar as roupas do duque a ver se o desligo daquela mulher. Esta mágica foi sempre infalível quando minha mãe a praticava debaixo de estas abóbadas em que a mão dos homens não tomou parte. Minha mãe desligou com ele mancebias de nobres e monarcas, mas eu já seis vezes a faço e o Grão-Duque, cada vez, maltrata mais a mulher.

82 — É porque lhe não deitaste o principal ingrediente, e que tua mãe te não revelou.

83 — Dizei-me o que é, pelo Deus dos idólatras.

84 — Tu és pagã? Professas a lei dos bárbaros?

85 — Sim.

86 — Nesse caso não te ensinarei o segredo. Podes estar certa que não salvarás essa menina do martírio.

87 A pobre feiticeira desatou a chorar, e deixou-se cair abandonada sobre uns ramos de árvores, que [...] para ali tinham arrastado de dia.

88 O santo levantou-a com grande caridade, e depois de lhe ter sacudido o vestido, disse:

89 — Tu eras capaz de me fazer outro tanto, se eu te houvesse caído redondamente aos pés.

90 — Não! — respondeu a feiticeira, porque julgo que não és da minha lei, e nós só amamos os nossos e temos obrigação de praticar o mal com os filhos de outras religiões.

91 — É porque a tua lei é má! A tua religião é o refugo de todas as mais!

92 A bruxa começou num tremor convulso e a espumar, como tomada de hidrofobia.

93 S. Cipriano cobriu-a com o seu manto e continuou:

94 — E a prova está aqui. Que Nosso Senhor Jesus Cristo me perdoe, por eu me tomar a mim para exemplo. Eu socorro-te, porque a minha religião que é cristã, diz que todos são filhos do mesmo Deus Omnipotente, e que não se devem perguntar as crenças ao irmão que sofre.

95 — Abençoada é ela, essa religião, mas não posso tomá-la porque os meus entregavam-me à fome e ao abandono, e eu sou sustentada pelos sumos sacerdotes gentílicos.

96 — E que importa isso? Queres converter-te, se te assegurar meios de subsistência?

97 — Quero! Mas como farás a minha felicidade, sendo tão pobre, como o denotam os teus andrajos?

98 — Como? Pois não disseste que a filha do conde Erverardo te daria uma rasa de ouro se tu lhe restituísses o amor do marido?

99 — Disse, porém...

100 — Amanhã, à hora nona, vai ter comigo ao templo dos cristãos, que eu te apresentarei ao presbítero Eugénio para que te dê as águas lustrais e logo te direi o segredo que torna essa mágica infalível.

101 — Mas, quem sois vós?

102 — Eu sou Cipriano, o antigo feiticeiro, mas logo que senti no corpo a água do batismo não posso usar mais da mágica; mas já que é para bem e alcanço uma alma para a cristandade, dir-te-ei o modo como se faz essa, que em vão tens procurado.

103 — Dizei, senhor, dizei!

104 — Espera. Só amanhã, depois de inscrita no livro dos cristãos a saberás. Fica-te em paz e lá te espero.

105 E o Santo, apesar da escuridão da noite, saiu em direção da casa de Eugénio, para lhe contar o sucedido.

106 De manhã, estando na igreja, com o presbítero, viu entrar a bruxa, que correu a beijar os pés do sacerdote.

107 Em seguida foi batizada, e no fim da cerimónia chamou-a Cipriano de parte, e deu-lhe um pergaminho quadrado, onde estava escrita a seguinte oração, fazendo-se três vezes o sinal da cruz:

108 «Ó cobra grávida, por Deus que te criou, te esfolio, pela Virgem te enterro, por seu amado Filho te queimo a pele em quatro fogareiros de barro fundido. Com flor de suage te caso, com raiz de urze te acendo, e com resina sabeia te ligo, e feita seis vezes a mágica branca, dos braços arranca da pérfida amante a (fulana), e com esta resina sabeia te incenso, tirada hoje do templo de Cristo. Amém.»

109 Logo que a feiticeira acabou de rezar esta oração e executar estas instruções, meteu-se a caminho do palácio do Grão-Duque, a algumas léguas do povoado. Na mesma ocasião em que o Duque vestiu o fato defumado pela

bruxa, prostrou-se aos pés da Duquesa a pedir-lhe perdão das suas leviandades. No dia seguinte tirou um olho à amante e desprezou-a.

110 A filha do conde mandou logo dar uma rasa de ouro cunhado à bruxa, e tomou-a para sua aia particular.

111 XIX

Receita para as mulheres se livrarem dos homens quando estiverem aborrecidas de os aturar

Quando uma senhora estiver aborrecida de aturar um homem e queira livrar-se dele, sem escândalo, e mesmo sem se expor às suas vinganças, não tem mais do que praticar o seguinte:

112 Em primeiro lugar, faz-se desmazelada no seu corpo, não se penteando nem lavando, nem tomando o mínimo interesse carnal quando ele a desafiar para atos vulgares. Logo que faça isto, deita 12 ovos de formigas, e duas malaguetas dentro de uma cebola alvarrã, furada, e põe-na dentro de uma panela de barro, bem calafetada, sobre o lume.

112.2 Deita-se a mulher e logo que o indivíduo esteja a dormir, vai destapar a boca da panela, e voltando à cama passa o braço direito pelo peito do homem, dizendo estas palavras com o pensamento:

113 «Em nome do príncipe dos infernos, a quem faço testamento da alma, te esconjuro, com cebola alvarrã, malagueta e ovos de formiga, para que ponhas o vulto bem longe de mim, porque me aborreces tanto, como a cruz aborrece ao anjo das trevas.»

114 XX

Modo de continuar a mágica precedente

Na noite seguinte e mais onze dias a fio, deve repetir esta prática e polvi-

lhar com o pó da malagueta o lado da cama, onde o homem costuma deitar-se, o que lhe produz uma aflição tamanha, que o faz tomar medo à casa e abandoná-la.

115 PREVENÇÃO IMPORTANTE

Alguns homens desconfiados, às vezes, da comichão que sentem e da sufocação produzida pelo fumo do preparado acima, costumam mandar a mulher para o seu lado. Neste caso, devem estar prevenidas, lavando todos os dias o corpo com água de aipo e roquete macho, o que evitará que sintam o mais leve incómodo.

116 Experimentem, e verão o belo resultado que tiram.

117 XXI

Receita infalível para as mulheres não terem filhos

Há diversas receitas para evitar à mulher o ter filhos; a seguinte, porém, é infalível, e dela fizeram uso algumas pessoas a quem uma pobre mulher revelou o que S. Cipriano, condoído da sua sorte, lhe ensinara, debaixo de rigoroso segredo.

118 A sua tagarelice, porém, valeu-lhe o ser acusada de feiticeira e mandada queimar por Diocleciano.

119 Mais tarde, foi esta receita abandonada porque é tal a sua eficácia, que a julgaram obra do diabo.

120 Uma tarde em que Cipriano, recolhia a casa, viu uma pobre mulher rodeada por cinco crianças, trazendo mais uma às costas, dentro de uma espécie de alforge, e outra nos braços.

121 Cipriano chegou-se a ela, dizendo:

122 — Aonde levas essas crianças, mulher? Provavelmente roubaste-las!

123 — Roubá-las, eu, meu senhor, não tinha mais que fazer, quando todos os anos tenho duas! Ai, meu senhor, pobre como sou, porque meu marido trabalha no campo e ganha pouco, calcule em que embaraços me vejo para sustentar estes filhos, fora os mais que ainda virão!

124 Cipriano, condoído, perguntou-lhe:

125 — E tu não desejavas ter mais?

126 — Eu, meu senhor, nem tantos... e emendando logo, concluiu: Agora que eles já cá estão, coitados, deixá-los crescer; mas, mais, mais é que dava alguns anos de vida para não ter.

127 E nisto aproximaram-se dum ponto donde se avistava o mar em toda a sua extensão.

128 Chegados aí, disse Cipriano:

129 — Vou ensinar-te uma receita para não teres mais filhos, mas guarda-te de a divulgares, porque te pode ser fatal.

130 — Guardarei absoluto segredo, disse a mulher.

131 Cipriano sorriu-se, porque se lembrou o que vale um segredo em boca de mulher, e continuou:

132 — Se o não guardares o mal será para ti. E indicando com o dedo uns rochedos perguntou: Vês além aquelas conchas?

133 — Vejo, disse a mulher.

134 — E junto às conchas, o que vês?

135 — Espongos, meu senhor. [Nota: Esponjas.]

136 — Pois colhe um deles, livra-o daquela matéria gelatinosa que o envolve, deixa-o secar, depois bate-o, tira-lhe a areia e algum grão que se lhe aderisse, e quando quiserdes fazer cópula, humedece-o em água, depois espreme-o, e em seguida, mete-o comprimido nos dedos na vagina, conservando-o aí enquanto durar o coito.

137 A pobre da mulher, no auge do contentamento, ia a retirar-se, sem mesmo agradecer a Cipriano, quando este a chamou.

138 — Ainda te não disse o tamanho que deve ter o espongo, e é o mais importante.

139 — É verdade, disse a mulher, com tristeza.

140 — Podia agora castigar-te pela tua falta de gratidão, porque te retiravas, sem ao menos me agradeceres, mas quero ser indulgente. O espongo, deve ter esse tamanho...

141 E riscou na areia, com uma varinha que trazia na mão, um círculo.

142 Era do tamanho da palma da mão da mulher.

143 XXII

Outra receita para não haver filhos

Procure-se alcançar uma porção de milho mastigado ou mordido por uma mula e depois deita-se num vaso de vidro com um pouco de pelo do mesmo animal, cortado na cauda, junto ao corpo.

144 Em seguida lança-se-lhe em cima o seguinte:

145 Álcool, 150 gramas — Pó de maçãs de cipreste, 26 gr. — Flores de azevim vermelhas, 50 gr.

146 Rolha-se bem o frasco, e quando a mulher estiver resolvida a entrar no ato do coito, destapa o vidro e cheira-o três vezes, dizendo:

147 «Ó mula amaldiçoada, que por teres querido matar o divino Redentor, na arribana de Belém, quando ele nasceu, foste condenada a nunca dar fruto do teu ventre, que a tua saliva que está neste frasco me defenda de ser mãe.»

148 Para conseguir os grãos de milho abocanhados pela mula, untam-se-lhe os dentes com sebo para que lhe escorreguem para a manjedoura.

149 Este preparado é fácil e dá sempre um ótimo resultado.

150 XXIII

Maneira de operar desmanchos

Logo que no primeiro mês, falte o tributo sanguíneo e a mulher desconfie que está grávida, deve meter os pés em água muito quente, o mais que possa suportar, que o desmancho se operará, vindo-lhe em seguida o tributo mensal.

151 XXIV

Feitiçaria do bolo doce para fazer mal

Esta receita é pouco conhecida, porém, muitas pessoas a têm feito com excelente resultado.

152 Quem tomar um bolo de farinha de trigo e o meter debaixo do sovaco, bem amarrado e enchumaçado, para que apanhe bem o suor, por espaço de sete dias, e o der depois a comer a qualquer pessoa, consegue dela tudo

quanto desejar.

153 Amor, dinheiro e até perdão para qualquer crime.

154 Não aconselhamos, porém, os nossos leitores a que o façam, porque diz Santo Alberto Mínimo, que depois de morrer a pessoa que comer o bolo, aparece altas horas da noite a quem lho tiver dado, e com tal insistência, que pode causar-lhe a morte.

155 XXV

Receita para aquecer as mulheres frias

Quando um homem sinta paixão por uma senhora e ela comece a desgostar-se dele, tem de fazer o seguinte:

156 Raiz de sobreiro, 20 gramas — Sementes de salva brava, uma mão cheia — Cabelos do peito, com raiz, 24 — Farinha de amendoim, 30 gram. — Cantáridas, 1 — Avelãs, 4

157 Tudo moído e bem misturado até se fazer uma bola, deixa-se ao relento, pelo tempo de três noites, evitando que lhe chova ou orvalhe. No fim deste prazo abre-se um buraco no enxergão da cama, dizendo:

158 «Pelas chagas de Cristo e pelo amor que voto a (fulana), te escondo sobreiro, ligado com saganha, com fios do peito, amendoim, cantárida e fruto de aveleira; quero, pela virtude de Cipriano, que esta mulher se ligue a mim pelo amor, e pela carne.»

159 Depois de se fazer isto, raras vezes sucede que a mulher não principie a olhar o homem com mais fogo e amor.

160 Esta receita é igualmente boa para aumentar o entusiasmo às esposas, que nos tratos amorosos, recebem os maridos com frieza.

161 XXVI

O poder da cabeça de víbora para fazer o bem e o mal

Arranjai uma cabeça de víbora e depois de seca encastoai-a numa bengala, num guarda-chuva ou num bocado de chifre e trazei-a convosco.

162 Assim armados conseguireis muitas cousas, tanto para fazer o bem como o mal.

163 Por exemplo: quereis que uma empresa não dê bom resultado? Direis assim: «Víbora, para mal te chamo.» Quereis que vá bem? Deveis dizer: «Víbora, para o bem reclamo o teu poder.»

164 Tendes vontade que um vosso inimigo vos peça misericórdia? Tendes meio de o conseguir. Basta chamar o auxílio da víbora e segredar-lhe baixinho: «Víbora, manda vir aqui (fulano) com humildade.» E essa pessoa aparecerá, ato contínuo com palavras de brandura a pedir-vos perdão.

165 Torna-se-vos necessário um favor da pessoa com quem estais indisposto? Dizei estas palavras: «Víbora, por caminhos sem fragas, manda-me (fulano) aqui, em meu socorro ou condena-o a sofrer de ciúmes toda a vida.»

166 Para o bom êxito é conveniente que tudo seja dito com o pensamento em Deus, e que mais ninguém saiba o vosso segredo; contrariamente, perde toda a magia.

167 XXVII

Mágica da coelha grávida pendurada no teto

Peguem numa coelha nova, que ainda não tenha sido castiçada, e pendurem-na, atada pelas orelhas, no teto da casa, por espaço de seis horas, dizendo:

168 «Se tu acaso não morreres, (fulano) hás de ser meu pelo poder de Lúcifer e de todos os demónios do inferno.»

169 Se durante este tempo ela não morrer, é que serve para mágica, e manda-se logo castiçar com um coelho que tenha alguma malha preta no lombo.

170 Passadas 36 horas mata-se a coelha e abrindo-a ainda quente, tiram-se-lhe os ovários da geração e deitam-se dentro de um ovo de pata brava por um orifício feito pelo lado da galadura, que se pode procurar à luz duma vela em sítio escuro.

171 Tapa-se bem o ovo com papel de seda, sobreposto com goma arábica, e mete-se debaixo de uma galinha que esteja no choco.

172 Quando saírem os pintos, aquele ovo fica inteiro com uma cor amarela; devem logo pegar nele e metê-lo num vaso de vidro, rolhado com tampo de pau cipreste amarrado com arame.

173 A pessoa que possuir este ovo conseguirá tudo em amor. O homem dominará todas as mulheres que apeteça, e a mulher todos os homens; porém, o possuidor deste talismã nunca pode possuir pessoa virgem.

174 É preciso pegar neste ovo com muito cuidado, porque se acontece quebrar-se, a pessoa que o tiver feito ficará bem arrependida da sua indiscrição.

175 Quando algum indivíduo desejar um grande mal a outro, pode executar a vingança mandando-lhe o ovo. Contudo, não o aconselhamos, porque a pessoa que o fizer vinga-se, mas os seus negócios, geralmente, não progridem.

176 XXVIII

O anel mágico e portentoso

A pessoa que deseje ser idolatrada por toda a vida, pelos indivíduos do sexo diferente do seu, deverá fazer o seguinte feitiço, que se atribui a S. Cipriano:

177 Compre um anel com um pequeno brilhante, e mandando-o desencastoar dá-lo-á a engolir a um corvo, ao bater da meia-noite, ficando com o anel no dedo mínimo, e com o qual andará até que o corvo expila o brilhante pela via excrementícia.

177.2 Logo que se dê este facto, manda-se encastoar o brilhante no anel e torna a meter-se no dedo da mão esquerda, dizendo ao mesmo tempo: «Pelo poder de Deus e pelo poder que tu tens e os brilhantes, teus irmãos, que tudo conseguem no mundo, pois têm mais poder do que o ouro, te peço que me faças conseguir tudo quanto eu desejar com referência ao amor. Amém, P. N. A. M. S. R.»

178 Como fica dito, quem trouxer este anel, sendo homem, sabendo apresentar-se, casará com a mulher que mais lhe agradar, e mesmo possuirá outras que lhe despertem desejos carnais. Sendo senhora, conseguirá os mesmos fins; mas a estas não o aconselhamos, quando queiram ser honestas, porque este talismã faz as pessoas que o trazem muito volúveis.

179 São estas as instruções dos Inguerimancos.

180 XXIX

Maneira de conhecer se a pessoa que está ausente é fiel

Faz-se na terra uma cova da profundidade de dois pés; deita-se-lhe dentro, feito em massa, o seguinte: 30 libras de enxofre em pó, igual porção de li-

malha de ferro e a suficiente quantidade de água. Sobre esta massa põe-se o retrato da pessoa ausente, envolvido em couro. À falta de retrato, pode pôr-se um papel em que se escreva o nome da pessoa. Feito isto cobre-se a cova com a mesma terra que se tirou, dizendo: «Cipriano, pelo teu saber de mágico e pela tua virtude de santo, faze com que eu saiba se (fulano), me é fiel.»

181 Passadas 15 horas a terra formará vulcão, começando a expelir de si labaredas e cinzas. Se o retrato da pessoa for respeitado pelo fogo é porque ela se conserva fiel; se for atacado é porque também queimada está essa pessoa pelo amor.

182 Se o retrato fica dentro da cova é porque a pessoa está presa em fortes laços de simpatia; se é atirado a pequena distância é porque a pessoa tenta desligar-se da sua prisão; se é atirado longe é porque a pessoa ausente, quebrando todas as ligações, parte a vir unir-se a quem a chama.

183 XXX

Modo engenhoso de saber quem são as pessoas que nos querem mal

Na ocasião em que uma pessoa sentir grande comichão na palma da mão direita, para saber se alguém lhe deseja mal e quem é que está falando em seu desabono, esfrega a parte que lhe come, quatro vezes, em cruz, dizendo esta oração de joelhos:

184 «Por Deus, pela Virgem,
Por tudo que há santo,
Se quebre este encanto
Com pedras de sal...»

185 Deitam-se umas poucas de pedras de sal no lume, e enquanto ele estala, continua a dizer-se:

186 «Não sei o motivo
Porque haja algum vivo
Que me queira mal!» [Nota: Nesta nova edição deste livro podemos corrigir este verso, que no pergaminho de onde ele é transcrito, está obliterado, o que tem dado lugar a sair incorreto nas edições transatas.]

187 Faz-se o sinal da cruz três vezes e deita-se no lume uns bagos de anilina encarnada.

188 A pessoa que tiver dito mal de nós e nos quer mal aparecerá daí a 24 horas com tantas manchas vermelhas no rosto, quantos bagos de anilina tivermos queimado; e ficamos, então, conhecendo o nosso inimigo, para nos afastarmos dele.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

ALQUIMIA, OU ARTE DE FAZER OURO

✦

1 ALQUIMIA OU ARTE DE FAZER OURO

Cecílio Rodigentio, no seu livro de Crimini falsi, refere o seguinte sobre a fabricação do ouro puro:

2 «Coisa parece inegável que se possa fazer ouro com artifício humano e diabólico, como professam os alquimistas; porquanto quem soubesse conhecer e unir os ingredientes simples, aplicando com a devida proporção Activa Passivis, sem dúvida, faria bom ouro e outros materiais de valor, melhores talvez, do que os tirados do centro da terra.

3 Não faltam nos livros, verídicos exemplos, que comprovem esta resolução.

4 Conheci há poucos anos um francês, homem pobre, mas de extrema sagacidade, que inventou o modo de fazer certa água, com a qual se separava o ouro que estivesse misturado com a prata ou com bronze, e, talvez, seria esta água a que se usa em Milão e outras terras para desligar metais.

5 Eu acredito piamente neste preparado, porque João André, sábio canonista e meu mestre, refere que um Arnoldo de Vila Nova, fabricara algumas barras de ouro as quais mostrou em Roma na corte do Papa, para que as mandasse examinar a ver se elas eram de ouro puro e fino, ou falso e aparente.

6 Não quis Raimundo Lulo persuadir-se que houvesse tal arte, e depois de disputar com Arnoldo, contra ela, concluiu este que com a experiência o desenganaria na manhã seguinte.

7 Assim o executou, com cuja prova não só se deu Raimundo por convencido, senão que se aplicou à mesma profissão, saindo nela tão famoso, que na fortaleza de Londres fabricou muitas moedas de ouro finíssimo e dos mais subidos quilates, a que chamaram Nobili Raymundi.

8 Muito mais inclinado estou a acreditar nesta arte, porque Bernardo Trevisano conseguiu, no fim de longa prática, fazer ouro pela arte de alquimia, e Guilherme Aragosio, muito versado em filosofia e medicina, visitou em Veneza a Heitor Ausónio, médico famoso, com o qual discorreu sobre a impossibilidade destes efeitos; mas Heitor logo lhe mostrou três anéis de ouro puro fabricados por um boticário de Trevegi.

9 Resolveu-se a falar com ele o Aragosio, movido de curiosidade, e foi procurá-lo a Trevegi. O boticário respondeu que um francês, a quem hospedara por alguns meses em sua casa, lhe dera certos pós para fazer ouro, e que estimando ele mais o bem público do que o cómodo particular, se fora a Veneza denunciá-lo à República; porém, ao voltar a Trevegi não encontrara já o francês, mas todas as noites lhe aparecia um grande fantasma a torturá-lo, chamando-lhe tolo.

10 Esta arte é de grande facilidade, mas está exposta a graves perigos, porque não se pode executar sem a cooperação do demónio.

11 Na Demonomania lê-se que os companheiros do famoso alquimista Constantino, não podendo saber o segredo com que o mestre fazia ouro, requereram ao diabo para que os ensinasse.

12 O diabo apareceu-lhes e disse:

13 — Tomai estes pós e fazei-me a escritura da alma se quereis ser ricos.

14 E deu-lhes uns pós, que logo direi ao leitor.

15 Depois deles assinarem a cedência da alma, começaram a trabalhar e fizeram imensas barras de ouro.

16 Um deles, porém, quando se viu muito rico, arrependeu-se de ter vendido a alma a Lúcifer, e foi confessar-se. O sacerdote que o ouviu esconjurou o espírito das trevas de tal forma que lhe fez depor aos pés a doação.

17 Quando voltou a casa e foi procurar o seu ouro não o encontrou; mas os outros companheiros socorreram-no com parte dos seus haveres.

18 Este facto despertou aos outros alquimistas o desejo de se confessarem também, e fizeram-no: mas para que o demónio lhes não levasse o ouro, ataram as barras em cruz e aspargiram-nas com água benta.

19 Desta forma conseguiram enganar o demónio e assegurarem a felicidade a suas famílias.

20 Os pós que os alquimistas empregavam para a fabricação do ouro, pós preparados pelo demónio, vem a saber-se que tinham dois metais: o argênteo vivo, o azougue e os pós de Resch. Desta mistura, metida numa caldeira sai o ouro melhor, sendo mexido com a quarta parte de cobre.

21 É, contudo, perigoso, por dois motivos: o primeiro é o pacto com o diabo, e o segundo a fraude, quando esse ouro se emprega em fabricar dinheiro, o que só ao estado é permitido.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0

A FEITICEIRA DE ÉVORA, OU HISTÓRIA DA SEMPRE NOIVA

✦

1 A FEITICEIRA DE ÉVORA
OU
HISTÓRIA DA SEMPRE NOIVA
Tirada de um manuscrito de amador prático datado em Salvaterra aos 23 de abril de 1614
Os mouros de Évora viviam alegremente com seu rei Praxadopel, e também os cristãos lhe tinham amor pelo trato que a todos fazia.

2 Muitas cousas fez o rei Praxadopel para bem da sua cidade e fora dela, como foi em Montemuro, fazer um castelo do qual hoje há só as ruínas, e se chama o castelo de Giraldo.

3 Andando-se, pois, cavando, para se fazer este castelo, achou-se a sepultura de Montemuro, e uma casa debaixo do chão, de seis varas de comprimento e quatro de largo. Era o antro onde a bruxa Lagarrona fazia os seus feitiços diabólicos.

4 No meio da casa estava uma cova da altura de um homem. Pela banda de dentro estava toda pintada em roda, de lagartos, cobras e lagartixas. Na parte de fora, pelas bordas, estavam quatro sapos de pedra tão naturais, e entre sapo e sapo umas figuras de meninos, cada um do tamanho de meio côvado, em pé. Tinham nas mãos uns molhos de varinhas com que ameaçavam os sapos.

4.2 Em um dos cantos desta casa estava a figura dum monstro que da cabeça até à cintura era homem, e da cintura para baixo serpente enroscada. Noutro canto estava uma tartaruga e em cima dela um corvo que tinha na boca um morcego, como quem o estava comendo.

4.3 Nos outros dois cantos, em cada um, uma figura de mulher, uma acordada e outra dormindo; a acordada tinha na mão esquerda uma cabeça de homem pelos cabelos, e aos pés estava um rafeiro com a boca aberta, como quem queria arremeter à cabeça, e a mulher com a mão o impedia.

5 A que dormia tinha em uma das mãos um mocho e na outra um gavião com as asas abertas desejando arremeter ao mocho. Pelas paredes da casa estavam muitas pinturas de caracóis, lesmas, rãs, vespas, zangãos, escaravelhos, carochas e outros mais bichos miúdos.

6 O chão era todo ladrilhado. Em uma parte, junto da cova, estava uma pedra muito grande com um letreiro que dizia o seguinte:

7 Quem for o primeiro que abrir esta cova
Verá grandes cousas jamais nunca vistas;
Cava por diante para que resistas
Ao grande temor com peito de prova.

8 Não temas, não temas, não mostres temor,
No fundo te mete, entra pelo centro,
Que quanto mais vires, muito mais lá dentro
Está escondida cousa de valor.

9 Acharás sucessos que hão de acontecer
Em tempos vindouros em que Portugal
Tornará a ter o pendão real

De gente esforçada que sabe vencer.

10 Quiseram tirar a pedra, para saber o mais que lá estava dentro, como dizia o letreiro, mas não puderam, por ser muito grande, e cavando, começaram a desladrilhar a casa ao longo da pedra, onde acharam a sepultura de Montemur, com ossos e caveira, tudo podre; também uns livros bolorentos nos quais pouco se pôde ler, e escrevendo-se tudo, se mandou pôr em memória na livraria da cidade, que depois tomada pelos cristãos, se acharam escritos muitos sentidos de astrólogos sobre estes encantamentos; e entupindo-se tudo com alicerces fortes, lhe fizeram em cima o castelo, que ao presente se chama de Giraldo.

11 A poucos passos deste sítio tinha el-rei Alvado uma quinta, onde mandou fazer a sua sepultura, para o enterrarem quando morresse.

12 Morava nesta quinta um homem chamado Fausto, que tinha uma filha muito formosa, da qual se enamorou um mouro que era astrólogo e mágico, por nome Matacabel, e furtando-a, a pôs em uma casa fora da cidade, onde morava uma moura, também mágica, e encantadora, que se chamava Lagarrona. Esta moura tinha um filho por nome Candabal, o qual, vendo em casa a cristã, se enamorou dela, e assim a guardava de Matacabel, o que entendendo Candabul determinou de a tirar para outra parte, o que foi causa de perder a vida, porque indo um dia com esta determinação Candabul o esperou em parte secreta e o matou, enterrando-o naquele lugar a que se ficou chamando Matacabel, e hoje se chama Matacabelo.

13 Sabendo a justiça deste caso, saiu para o prender, mas sua mãe Lagarrona o fez invisível, e desta maneira fez convencer a justiça de que ele era ausente. Lagarrona tinha alcançado por seus encantamentos que seu filho de-

sapareceria por amor de uma cristã, e entendendo ser aquela que tinha em seu poder, pretendeu fazê-la moura para que seu filho casasse com ela. A rapariga, porém, disse que só se alegraria em ver seus pais, ao que Candabul anuiu acompanhando-a, e prometendo tornar a ir buscá-la.

14 Os pais muito se alegraram de ver sua filha, e determinaram logo casá-la, antes que Candabul a tornasse a ir buscar, o qual sabendo isto foi dar parte a sua mãe Lagarrona, a qual fazendo certos feitiços, se partia Candabul com eles, feito invisível, para casa dos cristãos, e chegando ao tempo que a filha estava casada, pôs os feitiços debaixo do travesseiro dos noivos, para em se deitando dormirem profundamente. Candabul metera nas mangas do noivo, certos materiais, o qual logo que se vestiu ficou tolhido e sem fala; e acudindo-lhe todos, sem aproveitar remédio, se foi consumindo em 24 horas, até que morreu.

15 Os pais da noiva ficaram muito tristes, e determinaram de a tornar a casar; o que sabido de Candabul fez o mesmo que ao primeiro. E tornando-se a casar terceira vez, Candabul tornou a fazer outro tanto, e também morreu o noivo.

16 Já os cristãos não sabiam como casar a filha, com quem fosse feliz, e mandaram dizer ao filho da feiticeira, que viesse recebê-la, pois não tinham outro remédio, porque além de matar os noivos, fazia grande dano na fazenda dos cristãos.

17 Entretanto, disseram à justiça que viesse ali para o prender, pela morte traiçoeira que dera a Matacabel, o que se fez para alívio dos cristãos, que andavam agoirados; e assim casaram a filha com um cristão chamado Fabrício, homem rico que tinha uma herdade perto dali; e como a gente daquele

sítio, ao ver a rapariga, lhe chamou a senhora Sempre Noiva, por ser quatro vezes casada, em pouco tempo, se ficou chamando aquele lugar a Sempre Noiva, como ainda hoje se chama.

18 Candabul teve a sentença de ser enforcado e esquartejado, por ter morto Matacabel. Sabendo isto, Lagarrana, se pôs com os seus encantamentos e magia para o livrar.

19 Aconteceu, aparecerem aquela noite, na prisão, muitas sombras negras envoltas em fogo, parecendo arrasar-se a cadeia, a ponto de os guardas pretenderem abandonar o posto; e dando parte aos alcaides, vieram por desconfiar ser aquilo traçado pela mãe do preso, porque apareciam gigantes armados e animais ferozes.

20 Atando pois o preso, de pés e mãos, saíram com ele para o justiçar; mas chegando à forca começaram grandes trovões e relâmpagos, que a todos apavoraram, e logo sobrevieram umas nuvens negras, tão espessas, que se escureceu o ar e se não viam uns aos outros, e depois disto se abriu a terra, saindo muito fumo e sombras negras que andavam pelo ar, com umas cobras nas mãos, fustigando todos.

21 Depois ouvindo-se um grande baque e tremor de terra tornaram os ares a ficar claros como dantes.

22 Correram, então, os algozes a ter mão no criminoso, e lançando-lhe um braço ao pescoço o afogaram; e ao irem para o esquartejar viram-no transformado num burro, de que todos ficaram muito espantados, e logo entenderam haver ali encantamento de Lagarrona, porque o viram desaparecer, fugindo pelos campos.

23 Quando Lagarrona viu o filho, o mandou assim encantado, como estava, para Sempre Noiva, onde morava Fabrício com sua mulher, enquanto ela preparava certas cousas para o desencantar e para fazer tornar ao seu poder a esposa de Fabrício.

24 A Justiça correu a buscar Lagarrona para entregar o seu filho ou pagar por ele; mas topando a sua porta bem fechada tiveram de lhe meter os ombros e abri-la, o que ela não sentiu por estar muito embebida a fazer os feitiços.

25 Quando os da justiça entraram, estava a bruxa em pé, com a mão esquerda levantada, e com a direita, como que escrevia no ar, meneando-a duma parte para a outra. Defronte tinha um espelho em que se estava vendo; por cima do espelho uma mão de homem, aberta, que vagarosamente se ia fechando, e quando de todo se fechava, dava ela com o pé no chão, e logo se tornava a mão a abrir.

26 No chão estava pintado um signo samão, e no meio posto um pau que chegava até ao telhado, cujo pau tinha ao pé dois ratos pegados nele, e segurando-o para não cair, porque este pau sustentava uma trave grande onde estava pendurada uma pedra, como mó de moinho com um buraco no meio, a qual pedra se baixava e erguia muito devagar, até que a bruxa metia a cabeça pelo buraco, onde dizendo certas palavras, aparecia um morcego, e voando pela casa, tornava outra vez a trave a levantar a pedra. Tornava Lagarrona a fazer seus inguerimanços com as mãos e pés, e tornando a abaixar-se a pedra, e dizendo as palavras com a cabeça dentro, vinha voando outra vez o morcego.

27 As palavras que dizia a feiticeira, afirmam Galpodia, Dicanio, Zurmio e outros autores antigos, que eram as seguintes:

28 Olenta in pus, nigalao negabus. Oleolapolaó merrinhaó, merrinhao, nhão, nhán, nhão!

29 Quando a justiça chegou a vê-la, estavam dois morcegos, e detendo-se a espreitar como ela fazia os feitiços, tinham vindo dois outros morcegos; e não querendo esperar mais, entraram a prendê-la, e com a traquina fugiram os sapos que seguravam o pau, e largando-o, caiu a trave com a grande pedra, a qual dando na cabeça de Lagarrona, a matou, e desmancharam todos os feitiços.

30 A justiça a pôs naquele lugar dependurada, onde esteve até apodrecer, que era na dita casa em que ela morava, e dali por diante se ficou chamando Lagarrona, tomando o nome desta feiticeira, e mudando uma letra no correr do tempo, se chama hoje Lagarrona.

31 Os feitiços que a bruxa fazia para desencantar seu filho Candabul ficaram por acabar, pelo que ele ficou encantado, na Sempre Noiva, e ainda hoje ali anda, porque muitas vezes se ouvem pancadas de noite, naquelas casas da Sempre Noiva, onde Fabrício morou muito pacífico com sua mulher e filhos, dos quais o mais moço chamado Rodrigo, el-rei Alvado de Évora, tomou para jardineiro da sua quinta.

32 FIM DA TERCEIRA PARTE

NOTA COMPROVATIVA

Ao concluirmos a reimpressão deste volume, tivemos notícia, pelos jornais do reino vizinho, que próximo de Moscoso, um pobre lavrador de nome Simon Ariza, tinha encontrado, perto duma oliveira, enterrado um impor-

tante tesouro, pela maior parte, adornos de mulher: joias, brilhantes, pedras preciosas, etc. Movidos pela curiosidade fomos consultar este volume, na parte referente tesouros e encantos, e deparámos, na pág. 59, tesouro 150, o seguinte, que nos dá a convicção de ser o mesmo tesouro anunciado neste livro, que Simon Ariza descobriu:

33 «150 — Temos o herdado da moura Trebinka nos entornos de Moscoso. Fica na várzea do norte ao pé de uma oliveira pequena e um castanho macho.»

34 O tesouro foi avaliado em muitos milhões de duros. Só um colar que Ariza cedeu ao museu da cidade, por conselho de um arqueólogo, foi avaliado, por um joalheiro, em 30:000 duros.

35 O Editor.

Une Sacra · edição 1.3 · unesacra.com · CC BY-NC-SA 4.0